

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ISABELA CASELLATO TORRES

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM HERÓDOTO NO ÂMBITO DAS
GUERRAS: AS CONSELHEIRAS GREGAS E PERSAS (SÉCULO VI E V
A.C.)

FRANCA
2021

ISABELA CASELLATO TORRES

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM HERÓDOTO NO ÂMBITO DAS
GUERRAS: AS CONSELHEIRAS GREGAS E PERSAS (SÉCULO VI E V
A.C.)

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Área de concentração: História e Cultura Política.

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho.

FRANCA
2021

T693r

Torres, Isabela Casellato

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM HERÓDOTO NO
ÂMBITO DAS GUERRAS: : AS CONSELHEIRAS GREGAS E
PERSAS (SÉCULO VI E V A.C.) / Isabela Casellato Torres. --
Franca, 2021

190 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Margarida Maria de Carvalho

1. História de gênero. 2. Grécia Antiga. 3. Mulheres gregas e
persas. 4. Conflitos bélicos. 5. Heródoto. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ISABELA CASELLATO TORRES

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM HERÓDOTO NO ÂMBITO DAS
GUERRAS: AS CONSELHEIRAS GREGAS E PERSAS (SÉCULO VI E V
A.C.)

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Área de concentração: História e Cultura Política.

Agência Financiadora: CAPES.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho.

Banca Examinadora

Presidente: _____
Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (Orientadora)

1^a Examinadora: _____
Prof.^a Dr.^a Nathalia Monseff Junqueira (UFMS - Pantanal)

2^a Examinadora: _____
Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto (UFPR)

Franca, ____ de _____ de 2021

Dedico este trabalho a
Larissa Lages dos Santos (*in memoriam*) e ao nosso eterno só sentir.

AGRADECIMENTOS

É com muita emoção e um misto de sentimentos que escrevo os agradecimentos dessa dissertação. Finalizar um mestrado com bolsa em meio a uma pandemia e em um governo que desvaloriza a ciência é uma conquista digna de muita comemoração. Sendo assim, agradeço primeiramente ao Além, por eu ter chegado até aqui com vida e à CAPES, pelo financiamento dessa pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Gostaria de agradecer, principalmente, a minha orientadora, a Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, a querida Margô, por me introduzir à vida acadêmica. Obrigada pela paciência, orientação, pelas reuniões e sugestões preciosas desde a iniciação científica. Possuo grande admiração por você, Professora, e espero que nossa parceria continue muito além deste trabalho.

Agradeço a Profa. Dra. Nathalia Monseff Junqueira (UFMS/Pantanal) e ao Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto (UFPR), pelos comentários e sugestões concedidos na banca de qualificação e de defesa. Demonstro aqui também meus sinceros agradecimentos aos funcionários do departamento de História da UNESP/Franca, em especial, à Maísa Araújo e à Viviane Baldochi por serem sempre solícitas e por ajudarem com as burocracias.

Sou muito grata também aos membros do grupo G.Leir. Obrigada por todos os seminários de pesquisa, discussões, organizações de eventos e por proporcionarem um ambiente acadêmico tão acolhedor. Estar inserida em um grupo tão carinhoso e com trocas tão sinceras foi extremamente importante para mim. Agradeço da mesma forma aos integrantes do Grupo de Estudos de Gênero na Antiguidade Messalinas. Obrigada por serem muito mais que um grupo de estudos, a amizade de todos vocês e os bares online, com certeza, me salvaram durante muitos momentos nessa pandemia.

Nasci junto com a escola da minha família e cresci literalmente em volta de livros, professores e com os meus familiares falando da importância de estudar e perseguir meus sonhos. Agradeço todo o suporte durante a graduação e o mestrado, o caminho nem sempre foi fácil, mas eu sempre tive vocês por perto independente da distância física. Um agradecimento especial a minha mãe e ao meu pai, Adriana e Wagner. Obrigado por me incentivarem a voar alto. Agradeço também aos meus avós, Helena e Atílio, não sei o que

seria de mim sem as nossas noites de música e os abraços que me fazem sentir tão segura. Agradeço ainda à Marina, Gabriela e Carla por me lembrarem de que família é esse eterno ninho de preocupação e amor, amo todos vocês.

Talvez eu não finalizasse meu mestrado sem as desconstruções e construções feitas em terapia, dessa forma, obrigada Jeniffer, pelas longas reflexões e por me ajudar a manter minha saúde mental durante esse processo. Sou muito grata também a minha rede de apoio por estar presente durante todo esse percurso e tornar a vida mais leve, seja com as mensagens constantes, os cafés no meio do dia, as risadas compartilhadas ou as longas ligações. Victor Luiz, Ana Clara (Cocada), Alice, May, Amanda (Xuéps), Larissa (Gota), Pedro Prando e Lui, obrigada por tudo, principalmente, por deixarem a minha vida mais feliz. Agradeço a melhor roomie, Letícia (Aga Maria), por todos os cafés ruins pela manhã, pelo companheirismo constante, almoços e pelas tantas vezes que me ajudou a continuar a trabalhar e a ver a vida com alegria. Agradeço ainda à Lara, por toda a paciência e carinho na reta final da pesquisa, você me conheceu em um período lindo e sua presença foi essencial nesses momentos finais.

Há amigos que se tornam família e acompanham a nossa vida de perto. Não tenho palavras suficientes para agradecer a minha querida amiga-irmã Thais. Obrigada por ter me explicado o que era ser uma historiadora e por, desde então, me incentivar e me acompanhar de perto, obrigada por cada abraço, risada e bronca. O caminho seria muito mais difícil se eu não tivesse minha família francana, obrigada William (Quarta-Feira) e Julia por fazerem da casa de vocês a minha também. Quartinha que, para além da amizade, fez a correção gramatical dessa dissertação com muita dedicação e carinho. E Julia, por ser a amiga de toda hora, por cada discussão histórica e ligação independente do dia e da hora.

O caminho foi longo, cheio de curvas, ainda sim, belo. Meu muito obrigado a todos que me ajudaram e estiveram comigo durante a realização dessa pesquisa.

“Nada passa, nada expira
O passado é um rio que dorme
e a memória uma mentira
multiforme.”

O vendedor de passados, José Eduardo Agualusa

RESUMO

A obra *Histórias*, produzida no século V a.C. por Heródoto de Halicarnasso, é o único escrito do chamado —Pai da História que chegou até a contemporaneidade. O autor viveu entorno de 480 até aproximadamente 425 a.C, ou seja, entre o final das Guerras Greco-Pérsicas e o início da Guerra do Peloponeso. Em *Histórias*, aborda muito além das Guerras Greco-Pérsicas, cujo relato é o mais conhecido da sua obra na posteridade. A descrição sobre as Guerras começa somente no livro VI dos IX livros, os quais foram organizados posteriormente a sua época. Heródoto descreve, dentro deste contexto, as representações de atuações de mulheres gregas e persas como conselheiras de assuntos bélicos junto aos seus maridos e/ou demais personagens masculinos próximos. Nesse sentido, temos como hipótese que o autor grego coloca mulheres gregas e persas no mesmo patamar de atuação: de mantenedoras da ordem político-social. Uma perspectiva diferente da historiografia dos séculos XIX e XX, a qual analisou o feminino isolado das questões político-culturais da pólis e não valorizou as interações ocorridas entre homens e mulheres no interior dela ou mesmo das cidades persas. Acreditamos também, que independente da proveniência dessas mulheres, o autor as retrata como um veículo de alerta de conflitos bélicos e do cotidiano que ocorrem nas pólis gregas e na Pérsia. Pautado na análise da documentação, nos estudos de gênero e na historiografia já produzida sobre a temática, mapearemos e analisaremos o papel das mulheres nas guerras Greco-Pérsicas.

Palavras-chave: História de gênero; Grécia Antiga; Mulheres gregas e persas; Conflitos bélicos; Heródoto.

ABSTRACT

The *Histories*, written in the fifth century BC by Herodotus of Halicarnassus, is the only work of the so-called "Father of History" that has reached the contemporary times. The author lived around 480 to about 425 BC, between the end of the Greco-Persian Wars and the beginning of the Peloponnesian War. In writing *Histories*, he approached more than the Greco-Persian Wars his best known work in posterity. The description of the Wars begins only in Book VI of the IX books organized after his time. Herodotus describes, in this context, the actions of Greek and Persian women as war advisers for their husbands and / or other male characters. According to that, we hypothesize that the Greek author places Greek and Persian women at the same level of performance: maintainers of the social-political order. A very different view of the historiography of the nineteenth and twentieth centuries, which analyzed the feminine isolated from the cultural-political issues of the *pólis* and did not value the relationships between men and women inside it or even in the Persian cities. We also believe, regardless of the origin of these women, the author portrays them as a warning vehicle of warlike conflicts and daily life that occur in the Greek *poleis* and in Persia. Based on the analysis of documentation, gender studies and the historiography already produced on the subject, we will map and analyses the role of women in the Greco-Persian wars.

Keywords: Gender Studies; Ancient Greece; Greek and Persian women; Warfare ; Herodotus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – HERÓDOTO: SUAS <i>HISTÓRIAS</i> E SUAS MULHERES.....	20
1.1 Heródoto e suas Histórias.....	21
1.2 Heródoto polivalente: sua relação com os outros e o mundo.....	31
1.3 Como as relações entre feminino e masculino são representadas em Heródoto.....	37
CAPÍTULO 2 – POLARIDADES E ATENOCENTRISMOS: AS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS E O ENVOLVIMENTO DE MULHERES	52
2.1 Identidades gregas para além dos Atenocentrismos.....	53
2.2 Desvelando a polaridade: a identidade persa em Heródoto e seus meios de governo	66
2.3 Conceitos de Guerra e conflito: o que as Guerras Greco-Pérsicas significaram para os gregos.....	78
CAPÍTULO 3 – CATALOGAÇÃO DA <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO.....	87
CAPÍTULO 4 – ENTRE MODELOS E REALIDADES: A ATUAÇÃO DAS MULHERES GREGAS E PERSAS NAS <i>HISTÓRIAS</i>	151
4.1. As mulheres gregas do século VI e V a.C: análises possíveis.....	153
4.2. As mulheres persas de Heródoto: problemáticas e desafios	162
4.3. As mulheres gregas e persas de Heródoto: conselheiras, guerreiras e influenciadoras	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
DOCUMENTOS TEXTUAL.....	185
ESTUDOS GERAIS	186

INTRODUÇÃO

Heródoto, nomeado pelo autor romano Cícero como “pai da história”¹, nasceu entre os anos de 485 a 480 a.C. e morreu por volta de 420 a.C. Sua obra *Histórias*, composta no século V a.C., tem como objetivo principal descrever os conflitos entre gregos e persas e expor os motivos pelos quais tais povos guerrearam entre si. Entretanto, o autor transpassa os limites das guerras e discorre, durante os seus nove livros, sobre os povos e costumes que viu e ouviu durante suas viagens. Por causa deste fato, o historiador Airton Pollini considera Heródoto também como pai da etnografia e pai da geografia².

Histórias é sua única obra a chegar até a contemporaneidade, assim como é o único relato escrito sobre as Guerras Greco-Pérsicas. Apesar das guerras contra os persas serem o tema principal de Heródoto, o relato sobre o conflito só se inicia no livro VI. Nos cinco primeiros livros, encontramos a descrição de povos e culturas dos não-gregos, bem como alguns acontecimentos que antecedem as Guerras.

Durante a narrativa, tanto das Guerras contra os persas quanto dos costumes de diferentes povos, percebemos que a presença das mulheres é uma constante. Consonante com Carolyn Dewald, acreditamos que essa recorrência do feminino em *Histórias* demonstra que o autor visualiza a mulher como complementares às ações masculinas, ou seja, além das mulheres não terem sido inseridas de maneira forçada para dar ênfase às atuações, elas complementavam o papel que o homem exercia na sociedade³. Isso nos levou a pensar que essa inserção das mulheres por Heródoto constitui um reflexo de como essa categoria integrava as sociedades descritas pelo historiador antigo. Encontramos, ademais, durante a narrativa de conflitos, mulheres gregas e persas agindo juntamente a seus maridos ou personagens masculinos próximos.

Para além das mulheres gregas e persas, que são nosso objeto de análise, *Histórias* está repleta de personagens femininas pertencentes a outras regiões. Como exemplos, podemos citar as inúmeras egípcias que aparecem no livro II, as rainhas Masságetas Tomíris, Semíramis e Nitócris no livro I. 201-214, a irmã de Alexandre da Macedônia no livro V.21.

¹ Cícero. **Das Leis**, I.1.5

² POLLINI, A. Heródoto: Historiador, etnógrafo, geógrafo. In: Vargas, A.Z. et al. (Orgs.). **Heródoto e Tucídides: história e tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p.42.

³ DEWALD, C. Women and cultura in Herodotus' Histories. **Women's Studies**, v.8,p.93-127.

Encaminha-se, nessa perspectiva de que as mulheres integravam a sociedade como complementares aos homens, o propósito de nosso trabalho: acreditamos que Heródoto descreve as atuações de gregas e persas como conselheiras de assuntos bélicos junto aos seus maridos e/ou demais personagens masculinos próximos. Temos como hipótese que o autor grego representa as mulheres gregas e persas no mesmo patamar de atuação, independente das diferenças étnicas, ou seja, como mantenedoras da ordem político-social. Embora a historiadora Bárbara Alexandre Aniceto se debruce sobre outra documentação, a saber, as comédias de Aristófanes, poeta cômico do século V a.C., compartilhamos da noção do feminino mantenedor por ela defendido, na qual “as mulheres seriam portadoras das soluções políticas, porque postas em situações emergenciais e conflituosas da *pólis*”⁴. Em momentos de crises, nos quais os homens não sabem como agir, as mulheres apresentam soluções e conselhos que mantêm a ordem da sociedade, tanto no âmbito político quanto no âmbito social.

Acreditamos que, independente da proveniência dessas mulheres, assim como de seu status – temos esposas legítimas, uma escrava, esposas espartanas, uma guerreira, filhas de reis e esposas de reis persas - o autor as retrata enquanto veículos de alerta de conflitos bélicos e do cotidiano que ocorrem nas *poleis* gregas e na Pérsia. O feminino é representado atuando principalmente através da fala e do seu poder de persuasão, portanto, podem ser pensadas como um instrumento de alerta, já que aparecem diversas vezes relacionadas a conflitos. Consideramos esse conjunto de mulheres selecionadas por nós não apenas como disseminadoras de informações, mas também como agentes políticos não oficiais.

Durante a leitura historiográfica que diz respeito às Guerras Greco-Pérsicas e, conseqüentemente, sobre a obra de Heródoto, percebemos que a análise dos antecedentes e do desenvolvimento das Guerras transcorre sem menção às mulheres que se envolveram nesses conflitos. Mesmo a partir de 1980, quando, segundo François Hartog, há na historiografia herodotiana uma busca por interpretações com novas abordagens⁵, encontramos poucos trabalhos abordando as relações e influências que mulheres tiveram nas Guerras. Na maioria das vezes, quando aparece menção as suas participações, são tomadas como exceções⁶.

⁴ ANICETO, Bárbara Alexandre. **As relações de gênero em Aristófanes: um estudo das esposas legítimas na sociedade ateniense (Sécs. V-IV a.C.)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca, 2017, p.18-19.

⁵ HARTOG, F. O nome de Heródoto. In: **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 39.

⁶ Pontuamos que essa discussão será aprofundada durante o primeiro capítulo de nossa dissertação.

A partir desta ausência na historiografia, elaboramos um catálogo com as representações de atuação das mulheres gregas e persas em conflitos na obra de Heródoto. Nosso catálogo é dividido em quatro âmbitos, nos quais conseguimos visualizar a representação da atuação dessas mulheres junto de seus maridos ou personagens masculinos nos conflitos. Os âmbitos são: mulheres que atuam em conflitos a partir de sugestões masculinas; mulheres que atuam em conflitos por conta própria; representação e uso da imagem da mulher em conflitos e oráculos proferidos pela sacerdotisa Pítia que interferem em conflitos.

O critério utilizado para a escolha dos casos que compõem o catálogo foi elaborado com base na atuação dessas mulheres em conflitos que influenciaram ou que fazem parte das Guerras Greco-Pérsicas. As Amazonas, por exemplo, não entraram no catálogo pois não estão inseridas no contexto das guerras contra os persas. Na subdivisão que nomeamos como “representação e uso da imagem da mulher em conflitos”, o critério utilizado foi a recorrência de casos em que vemos a imagem feminina associada à guerra e homens vestindo-se de mulher para alcançarem um objetivo em meio a um conflito. Acreditamos que, mesmo que a mulher não esteja atuando, a representação de sua imagem em um ambiente que não é frequentemente associado ao feminino também precisa ser alvo de análise. Preferimos também elaborar um catálogo exclusivo para a sacerdotisa Pítia, de modo que possamos ter um panorama melhor de sua atuação, já que ela é uma personagem que aparece durante todos os livros de Heródoto.

Concomitantemente ao trabalho realizado na documentação, nos perguntamos como Heródoto pode ser lido através dos estudos de gênero. Uma vez que vemos que o autor considerou o feminino como essencial nas relações afetivas para falar à sociedade seus problemas e possíveis soluções, assim como, percebemos uma complementariedade entre ações de homens e mulheres. Portanto, os estudos de gênero nos auxiliam a visualizar como a sociedade grega organizava-se de acordo com o pensamento herodotiano.

Desde o século XIX, há debates sobre a presença e o *status* social da mulher na Antiguidade, mais precisamente, as mulheres gregas. Tais debates, que eram principalmente sobre o *status* social que elas ocupavam em Atenas, caracterizavam essas mulheres como submissas e sem acesso à educação e à política. A partir da década de 60 do século XX, com o resgate do lugar da mulher na história pela história social das mulheres, os documentos começaram a ser questionados e analisados como produções masculinas que dizem respeito às mulheres. No entanto, é somente com a chamada história de gênero, desenvolvida nos fins da

década de 80 do mesmo século, que se tentará compreender o problema da diferença sexual e as relações de gênero. Pedro Paulo de Abreu Funari afirma que pesquisar e escrever sobre gênero não significa o mesmo que traçar uma história das mulheres. Ainda que as diferenças sejam tênues, elas existem. A distinção, segundo ele, está justamente no tratamento privilegiado das mulheres, por contraposição à ênfase nas relações entre as identidades sexuais introduzidas pela historiografia de gênero⁷.

De acordo com Joan Scott, muitos desses estudos de gênero se basearam nas análises sociológicas e nos estudos do pós-estruturalismo, observando os papéis que eram designados às mulheres e aos homens ao longo da história. Esses trabalhos enfatizavam que só é possível estudar mulheres se elas forem definidas em relação aos homens; da mesma maneira que, para estudar os homens, é necessário diferenciá-los das mulheres. Além disso, “uma vez que o gênero foi definido como relativo ao contexto social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações com outras categorias”⁸.

Percebemos, em Heródoto, representações da mulher junto ao seu contraponto masculino, interagindo para alcançar um fim ou auxiliando durante tomadas de decisões. Portanto, nossa pesquisa enquadra-se dentro de uma perspectiva de gênero, em que o feminino é analisado juntamente ao papel masculino. É possível elencar em três níveis os motivos que nos direcionam aos estudos de gênero: o primeiro nível consolida-se a partir do momento que trabalhamos com um documento escrito por um homem que fala sobre mulheres, diante disso, devemos questionar o quê esse autor entende por mulher/feminino e homem/masculino; o segundo nível está relacionado ao lugar que Heródoto insere as mulheres gregas e as persas - como conselheiras ou influentes em contextos bélicos -, um lugar que é tido como masculino; e estando inseridas nesse local de representação, elas ainda falam diretamente aos homens.

Essas mulheres não só falam aos homens como possuem diferentes *status*. No livro I, por exemplo, Astíages, rei Medo, tem um sonho que, segundo a interpretação dos magos, significaria que seu neto assumiria o seu lugar no trono. O rei pede para um de seus familiares, Hárpago, levar o menino e encontrar uma maneira de matá-lo. Hárpago, não tendo

⁷ FUNARI, Pedro Paulo. Falos e relações sexuais. Representações romanas para além da 'natureza'. In: Pedro Paulo A Funari; Lourdes Conde Feitosa; Glaydson José da Silva. (Orgs.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade. Relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP/FAEP, 2003, p. 299-310.

⁸ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.89

coragem de matar o menino de sua família, entrega-o a um boiadeiro, e, sem lhe falar a identidade da criança, pede que a deixe no lugar mais ermo para que morra o mais rápido possível. O boiadeiro descobre, em determinado momento, que o menino é neto de Astíages. Como o boiadeiro coabitava com uma escrava de nome Cino, que também estava grávida, decide contar à mulher o ocorrido:

Assim que o boiadeiro disse isso, ele o descobriu e o mostrou para sua mulher. Quando ela viu que a criancinha era grande e de bela aparência, chorando e tocando os joelhos do marido, pediu-lhe que por arte alguma o matasse. E ele lhe disse que não era capaz de agir de outra maneira que essa mesma; pois Hárpago viria para observar e inspecionar sua ação, e que, se ele não visse a ordem cumprida, ele mesmo morreria do pior modo possível. Então, como ela não persuadiu o seu marido, pela segunda vez, a mulher disse o seguinte: "Visto que desse modo não sou capaz de te persuadir a não abandona-lo, tu fazes isto: então, se há completa necessidade de que ele seja visto exposto aos animais selvagens, pois eu também dei à luz e pari um que já estava morto, leva-o para ser exposto e a criança da filha de Astíages, como fosse nossa, vamos criar. E assim tu não serás condenado por ter cometido uma injustiça contra teus senhores, nem teremos mal deliberado sobre os assuntos; pois a que está morta terá um funeral régio e o que sobreviveu não terá a vida destruída"⁹.

A escrava é responsável por salvar a vida de Ciro, futuro rei persa que foi responsável pela expansão do império, o qual seus sucessores dariam continuidade até a tentativa de conquista da Hélade¹⁰. Instiga-nos, portanto, como Heródoto entende a organização das sociedades grega e persa e como inseriam-se as qualificações dos femininos e masculinos nessas sociedades tão diferentes. Paralelamente à teoria de gênero, trabalharemos com o conceito de representação e alteridade, através de François Hartog. Este também será um instrumento para interpretar o discurso que Heródoto construiu sobre as mulheres gregas e persas. Tentaremos através da discussão historiográfica existente e da análise de nosso documento responder tais perguntas, assim como demonstrar as relações de gênero que permeiam a obra de Heródoto.

Além dos parâmetros da teoria de gênero, essa pesquisa será norteadada por uma frente metodológica, a saber, a análise de conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin. Com o intuito de sistematizar e compreender as informações que Heródoto nos fornece sobre as conselheiras gregas e persas, como já citado, realizamos uma catalogação de todas as

⁹ **HERÓDOTO** 1.112. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

¹⁰ **HERÓDOTO**. 1.108. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*. São Paulo: EDIPRO, 2015

mulheres gregas e persas que influenciaram com suas opiniões e conselhos em conflitos bélicos e conflitos do cotidiano dentro do contexto das Guerras Greco-Pérsicas.

Bardin define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas para examinar os diferentes tipos de comunicação. Essas técnicas têm como objetivo ultrapassar a margem de incerteza para ir além de uma leitura válida do que está aparente, ou seja, busca-se um aprofundamento da leitura. Dentro das diversas técnicas desse método, destacamos a descrição analítica e a inferência. A primeira realiza procedimentos para sistematizar, objetivar e quantificar o conteúdo dos textos¹¹. O catálogo das mulheres gregas e persas se insere dentro deste aspecto da metodologia.

Já a técnica de inferência é a parte da metodologia que infere sobre o emissor do documento ou sobre o seu meio para então chegar-se, depois de uma dedução lógica, a uma interpretação mais completa dos sentidos e significados do conteúdo do documento, ultrapassando a primeira impressão de uma leitura superficial. O tratamento documental explicitando o contexto no qual o autor está inserido, a discussão historiográfica sobre a tradição dos manuscritos e análise de alguns termos gregos utilizados por Heródoto encontram-se nesta parte da metodologia.

No que concerne à organização de nossa dissertação, vamos dividi-la em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos e faremos um tratamento documental de nossa documentação, contextualizando o autor e sua obra a partir da historiografia da década de 80 do século XX, momento em que se situa o trabalho de Carolyn Dewald¹² sobre a atuação das mulheres em Heródoto e obras que questionam os *topos* da historiografia herodotiana. Discutiremos os debates historiográficos existentes e os temas mais recorrentes. Após esse levantamento, explanaremos o porquê de defendermos que Heródoto é um cidadão do mundo e como essa característica está estritamente ligada à maneira como o autor entende a identidade grega e, conseqüentemente, as mulheres e os homens que integram essa sociedade. Então, explicitaremos como o tema das mulheres gregas e persas insere-se na historiografia que versa sobre Heródoto, tanto na abordagem da história das mulheres, quanto nos estudos de gênero. Terminaremos o capítulo demonstrando como chegamos ao nosso tema de pesquisa.

¹¹ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, p.34.

¹² DEWALD, Carolyn. Biology and Politics: Women in Herodotus' "Histories". **Pacific Coast Philology**, vol.15. Oct. 1980. P. 11-18.

No segundo capítulo, faremos uma discussão a respeito das Guerras Greco-Pérsicas e sobre como o conflito foi analisado pela historiografia. No primeiro tópico do capítulo, iremos discutir a complexidade das identidades gregas abordadas por Heródoto, mostraremos como o mundo antigo era conectado e como podemos avançar nossas análises para além dos atenocentrismos. No segundo tópico, abordaremos a identidade persa e os debates relacionados à contraposição do Ocidente com o Oriente. No terceiro tópico do capítulo, situaremos as discussões sobre guerra e conflitos na Grécia Antiga, com o intuito de compreender o que as Guerras Greco-Pérsicas representaram para os gregos. Finalizaremos o capítulo buscando compreender por que as mulheres, tal como as relações de gênero, ficaram inviabilizadas nas obras que tratam deste assunto.

No terceiro capítulo, mostraremos como nosso catálogo foi elaborado. Devido a importância da catalogação de nossa documentação, percebemos a necessidade de torná-lo um capítulo de nossa dissertação, visto que, mais do que um apêndice, o catálogo é a base de nossa pesquisa. Iremos expor como a teoria de gênero, a interseccionalidade e a metodologia de análise de discurso nos auxiliaram na leitura da obra de Heródoto, assim como na sistematização dos casos das mulheres gregas e persas relacionadas a conflitos. Após a explicação, iremos expor o catálogo.

Por fim, no quarto capítulo, iniciaremos com uma discussão historiográfica sobre as mulheres gregas e persas no século V a.C. Também explicitaremos, a partir da discussão sobre o que era entendido por mulher na Grécia Antiga e na Pérsia, e quais eram os modelos relacionados aos comportamentos femininos e masculinos que permeavam essas sociedades. Na segunda parte do capítulo, discutiremos os trechos das mulheres gregas e persas por nós catalogados e os analisaremos através da perspectiva de gênero. Nas considerações finais, pretendemos retomar os assuntos trabalhados em nossos capítulos de modo a responder nossos objetivos apresentados no decorrer da Dissertação.

CAPÍTULO 1 – HERÓDOTO: SUAS *HISTÓRIAS* E SUAS MULHERES

Mesmo quase dois mil e quinhentos anos depois de *Histórias* ser composta, Heródoto permanece sendo lido pela humanidade devido à beleza de sua escrita, o curioso e o

maravilhoso que sua obra desperta e a busca para saber como o chamado primeiro historiador compôs sua história e se esta pode ser considerada como tal na contemporaneidade.

Em busca de tal resposta, no decorrer deste capítulo, dialogaremos com a historiografia especializada em Heródoto juntamente com os trabalhos da área de Letras Clássicas. Temos como objetivo elucidar a complexidade do nosso corpus documental, realizar uma discussão acerca da trajetória literária do historiador, mapear as traduções de sua obra tal como chegaram até nós e abordar os temas mais recorrentes trabalhados com a nossa documentação. A partir das análises historiográficas e literárias, aprofundaremos nossa leitura abarcando questões de forma e conteúdo que nos auxiliam a apreender como Heródoto desenvolve seu raciocínio para descrever os conflitos entre gregos e bárbaros¹³ e narrar os acontecimentos das Guerras Greco-Pérsicas.

Aprofundaremos o contexto em que nosso autor está inserido para tentarmos compreender a relação de Heródoto com seu presente e conseqüentemente as questões que o fizeram questionar o passado. Exploraremos concomitantemente o caráter viajante de Heródoto buscando demonstrar como suas viagens o tornaram um cidadão do mundo polivalente, ou seja, ao descrever os outros povos, ao mesmo tempo em que se reafirma enquanto grego, também se vê representado nas mais diversas regiões que ele perpassa.

Por fim, mostraremos como as mulheres inserem-se na obra herodotiana, como a historiografia aborda o feminino nos conflitos das *Histórias* e quais perspectivas estão sendo desenvolvidas.

1.1 Heródoto e suas Histórias

Há poucas informações bibliográficas sobre Heródoto. Segundo Maria Aparecida de Oliveira Silva, dispomos apenas de registros tardios como o do filósofo Porfírio (234-304 d.C.) e da enciclopédia *Suda* do século X, o que dificulta a averiguação das informações sobre sua vida¹⁴.

Heródoto identifica-se como pertencente à Halicarnasso no início do preâmbulo de sua obra, porém existe um debate historiográfico sobre o seu local de origem. De acordo com François Hartog, nos manuscritos medievais deparamo-nos com “Heródoto de Halicarnasso”.

¹³ O termo *bárbaros* (βάρβαρος) refere-se aqui a todos aqueles que não falavam a língua grega, no contexto de *Histórias*, principalmente os Medos e Persas.

¹⁴ **HERÓDOTO. Livro I.** Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 7.

Já a tradição indireta, composta por autores antigos que o citaram, considera o “Heródoto de Túrio”, *pólis* na qual ele teria se tornado cidadão¹⁵. Segundo Airton Pollini, a fonte mais antiga que atesta o nascimento de Heródoto em Halicarnasso vem de uma inscrição sobre a base de uma estátua que decorava a biblioteca de Pérgamo, edificada por Eumênio II na primeira metade do século II a.C.¹⁶. Os autores romanos que o citaram, Dionísio de Halicarnasso¹⁷, Estrabão¹⁸, Plutarco¹⁹, Luciano²⁰, também consideram Halicarnasso como sua cidade natal.

Sobre a possibilidade de Heródoto ser pertencente à Túrio, Pollini afirma que após suas viagens para conhecer o mundo, acredita-se que Heródoto tenha emigrado para o sul da Itália e que, provavelmente, fez parte do grupo que fundou a colônia de Túrio em 444 a.C.. Além disso, Estrabão²¹, Plutarco²², uma crônica de Lindos²³ e Aristóteles²⁴, quando faz referência a Heródoto em *Retórica*, também o identificam como pertencente a esta *pólis*²⁵. Consideraremos como local de origem de Heródoto Halicarnasso, pois, para além do debate exposto, tanto a tradução britânica que utilizamos, a saber, *Loeb Classical Library* versão bilíngue grego-inglês traduzido por Alfred Denis Godley, quanto a tradução portuguesa, escrita por Silva²⁶, apresentam o autor como “Heródoto de Halicarnasso” em seu proêmio.

A obra *Histórias* foi composta nos meados do século V a.C. e escrita em dialeto iônico. Seu texto possui expressões que demonstram que a obra passou também por uma composição oral²⁷. De acordo com David Asheri, foi na tradição dos manuscritos medievais que Heródoto foi dividido em nove livros e identificado com o nome das nove Musas, uma

¹⁵ HARTOG, F. O nome de Heródoto. In: **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Editora da UFMG, 2014, p. 34.

¹⁶ Altertumer von Pergamon, Inschr, n°199 apud POLLINI, A. Heródoto: Historiador, etnógrafo, geógrafo. In: Vargas, A.Z. et al. (Orgs.). **Heródoto e Tucídides: história e tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016.

¹⁷ **DIONÍSIO DE HALICARNASSO**. Sobre Tucídides, 5. In: PRITCHETT, W.K. (trad.). *Dionysius of Halicarnassus on Thucydides*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1975.

¹⁸ **ESTRABÃO**. XIV.2,16.

¹⁹ **PLUTARCO**. Da Malícia de Heródoto, 849E, passim; _____. On Exile, 604F. Translated by Ph. H. de Lacy and B. Einarson. Cambridge (Massachusetts); London: Harvard University Press, 1959.

²⁰ **LUCIANO**. Heródoto ou Das Causas,1; Do Lar, 20.

²¹ **ESTRABÃO**.XIV.2,16.

²² **PLUTARCO**. Da Malícia de Heródoto,868ª. Estudo, tradução e notas de M. A. de O. Silva. São Paulo: Edusp, 2012.

²³ **A Crônica do Templo de Lindos**, 29; SHAYA, 2005, p.423-442.

²⁴ **ARISTÓTELES**. *Ars Rhetorica*, 1409a 28. Oxford: Oxford University Press, 1959.

²⁵ POLLINI, A . Heródoto: Historiador, etnógrafo, geógrafo. In: Vargas, A.Z. et al (orgs.). **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, P.42-5.

²⁶ **HERÓDOTO**. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

²⁷ SILVA, M.A.D. **Histórias**. Tradução, introdução e notas de Heródoto. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 8.

divisão canônica encontrada em Hesíodo. A divisão foi atestada ao século I a.C. e provavelmente foi feita pelos bibliotecários de Alexandria no século III ou II a.C. Já os nomes das Musas - Clio, Tália, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope - foram encontrados como títulos dos livros de Heródoto antes do século II d.C.²⁸. Leandro Hecko acrescenta que, desde a Idade Média, muitas edições de seu texto se estabeleceriam por meio dos monges copistas e, naquele momento, sua obra seria estabelecida com o grego de Erasmo de Roterdam²⁹.

Sobre os manuscritos e papiros de *Histórias* que chegaram até a atualidade, a base de dados *Pinakes*, administrada pelo *l'Institut de recherche et d'histoire des textes* em Paris desde 1993 e com versão online desde 2008, reúne em um catálogo detalhado da tradição manuscrita a partir dos textos gregos, localizando em que país e cidade o manuscrito encontra-se hoje e em que século o mesmo possivelmente foi traduzido pelos copistas³⁰.

Em uma extensa e minuciosa introdução da obra de Heródoto para a coleção *Budé*, o historiador francês Phillippe-Ernest Legrand faz uma seleção dos melhores manuscritos para o estabelecimento do texto do pai da história e ressalta que tanto os manuscritos como os papiros não nos mostram todas as formas como os textos herodotianos foram lidos na Antiguidade. Sobre as variações que aparecem nos manuscritos, o autor afirma que elas atingem mais a superfície do texto, ou seja, mostram-se nas ortografias, alguns dialetos e ordem das palavras, essas modificações podem ser explicadas perante preocupações de caráter espacial (adaptações de tradução e sonoridade do texto para o local no qual que seria lido) e por equívocos cometidos pelos copistas medievais³¹.

Os manuscritos podem ser divididos em dois grupos que são chamados de família Florentina e família Romana. De acordo com Legrand, os manuscritos que são reconhecidos pela família Florentina aproximam-se mais dos papiros³². Concordamos com Matheus T. M. de Araujo ao afirmar que não existe um único Heródoto, mas sim um conjunto de manuscritos

²⁸ ASHERI, D. et al. **A commentary on Herodotus Books I-IV**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p.11.

²⁹ HECKO, L. Heródoto: “Pai da História”? In: DA SILVA, G. J., SILVA, M. A. de O da. **A ideia de história na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p.45.

³⁰ A consulta pode ser feita no portal Pinakes. Disponível em: <<https://pinakes.irht.cnrs.fr/notices/oeuvre/6860/>>. Acesso em: 02 de Agosto de 2020.

³¹ LEGRAND, Philippe-Ernest et al. (Ed.). **Hérodote: Introduction. Notice préliminaire sur la vie et personnalité d'Hérodote et sur la présente édition, par Ph.-E. Legrand**. Société d'édition "Les belles lettres", 1932. p. 185-189

³² ibidem.

e papiros que contém o texto completo ou parcial³³. Ou seja, o que conhecemos da obra do historiador antigo na contemporaneidade deriva de um processo de cópias medievais, logo, o Heródoto que temos hoje não é único, mas sim este conjunto que o compôs.

Podemos traçar como Heródoto foi analisado e lido desde a Antiguidade. Seu sucessor, Tucídides, já teria lido sua obra e enfatizado a distância que os separava do fazer histórico. A característica que distingue Heródoto de um historiador, para Tucídides, relaciona-se ao fato de Heródoto tratar sobre o passado e mesclá-lo com fábulas, o que o tornaria um contador de *mythoi*, um mentiroso³⁴. De acordo com Anderson Zalewski Vargas, Luiz Otávio de Magalhães e Maria Aparecida de Oliveira Silva, muitos estudiosos já refletiram sobre a história enquanto atividade intelectual original em Heródoto e em Tucídides e indicaram diversas possibilidades de respostas, dentre elas citamos algumas: a afirmação da necessidade de pesquisa e investigação como pré-requisito à construção do relato; a pretensão declarada de perseguição à verdade; a recusa de credibilidade ao repertório mito-poético³⁵.

De acordo com Catherine Darbo-Peschanski, considerar ou não Heródoto como o primeiro historiador depende do que conceituamos como historiografia para os gregos antigos, assim como a noção de história, já que esta não é a mesma que possuímos na contemporaneidade. Se sobrepusermos história e historicidade na historiografia, teremos reações de duas ordens: dissociação e ampliação.

A primeira reação consiste em emancipar, temporariamente, historicidade da história e da historiografia: o importante, nesse caso, seria narrar o passado e focar no desenvolvimento deste ou daquele indivíduo ou sociedade. Neste enquadramento, Heródoto não seria o primeiro historiador, e, sim, textos anteriores aos historiográficos, tal como Homero ou qualquer outro estudo/poema que discorra sobre o passado.

A segunda reação, segundo Darbo-Peschanski, não entenderia o surgimento da disciplina história como conhecemos. Em contrapartida, propõe analisar *historie* como uma atividade cognitiva e não visualizando uma história e uma historiografia. Portanto, insere Heródoto ao seu campo intelectual do século V a.C., tempo no qual a medicina, filosofia da natureza e a retórica estavam em consonância e mesclavam seus tópicos, raciocínios e

³³ ARAUJO, M. T. M. de. **O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. P.16

³⁴ HARTOG, F. O nome de Heródoto. In: **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Editora da UFMG, 2014, p.36.

³⁵ VARGAS, A. Z. MAGALHÃES, L. O. de, SILVA, M.A de O. (orgs.). Apresentação. In: **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p.11-12.

métodos argumentativos. Assim, a história herodotiana seria um esquema narrativo que integra diversos relatos até o livro V³⁶ e, a partir desses relatos, estabelece as causas em conformidade com as regras da verificação factual, fornecendo um relato racional e não-ficcional do passado³⁷. Neste contexto, Heródoto introduziria o que se chama de história.

No que diz respeito à historiografia, o século XIX é um dos principais períodos responsáveis por sistematizar o trabalho de Heródoto. Um dos principais historiadores, que foi a base para a historiografia moderna herodotiana, é o alemão Felix Jacoby (1876-1956). Em seu artigo de 1913, para uma enciclopédia alemã, Jacoby, abrange todos os aspectos de Heródoto: seu estilo, seu dialeto, suas fontes, a estrutura e o conteúdo de sua obra, a tradição do manuscrito e a influência que o autor teve na Antiguidade³⁸.

Apesar de reconhecermos a importância dos estudos do século XIX, focaremos na historiografia dos fins do século XX até o momento atual, especificamente a partir dos anos de 1980. Dois pontos foram considerados para estabelecer essa data: a nossa primeira referência de textos que trabalham com o papel das mulheres em Heródoto, a historiadora Carolyn Dewald (que mapeou trezentos e setenta e cinco casos de mulheres em *Histórias*), bem como a renovação da historiografia ligada à terceira fase da chamada “Escola dos Anais” momento em que a natureza e objetivos da história são redefinidos. A história é agora interpretada como uma retórica discursiva³⁹.

É também na década de 1980 que houve o crescimento dos estudos culturais e as aplicações antropológicas e sociológicas como modelos de análise da cultura na Grécia Antiga. É neste contexto que o livro de François Hartog, “O Espelho de Heródoto”, tem sua primeira versão publicada. Nessa obra, Hartog expõe como o homem grego compreende o outro através de um estudo da imagem que Heródoto faz em *Histórias* sobre os Cílios. Segundo o autor, a obra *Histórias* “são decerto este espelho no qual o historiador não cessou jamais de olhar, de interrogar-se sobre sua própria identidade: ele é esse que olha e é olhado,

³⁶ Ressaltamos que é necessário lembrar que Heródoto passou por uma composição oral e que a divisão em nove livros foi feita posteriormente, portanto, não sabemos a ordem que Heródoto escreveu sua obra.

³⁷ DARBO-PESCHANSKI, C. The Origin of Greek Historiography. In: MARINCOLA, J. (Ed.). **A Companion to Greek and Roman Historiography vol. I**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 27-38.

³⁸ FELIX, J. Apud DEWALD, C.; MARICOLA, J. Introdução. In: **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

³⁹ Podemos citar como representantes dessa fase e que irão influenciar nos Estudos de Heródoto nomes como: Roland Barthes, Michel Foucault e Hayden White. Ver em: BURKE, P. org. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

questionador-questionado – enfim, sempre conduzido a declinar seus títulos e suas qualidades”⁴⁰.

Hartog nos faz questionar também o nosso *corpus* documental através das técnicas que Heródoto utilizou para fazer-se crer e representar o mundo herodotiano: não podemos tomar como verdade absoluta o que Heródoto nos diz. Primeiro, esse é o único documento escrito que chegou até a contemporaneidade que diz respeito às guerras Greco-Pérsicas; segundo, há de se considerar o olhar de Heródoto sobre o que ele diz que viu ou ouviu. Não nos interessa tanto saber se Heródoto realmente viajou por todos os lugares que diz ter passado, mas, sim, compreender o modo como representou os outros no “mundo em que se conta para o mundo que se conta” e como desenvolveu neste processo toda uma retórica da alteridade, que segundo o historiador francês, baseia-se na polaridade entre dois termos “eles” e “nós”, os outros e os “gregos”⁴¹.

Dewald e Marincola identificam mais duas influências no fim do século XX que inspiraram os trabalhos sobre o pai da história. O advento dos estudos pós-colonialistas, tendo como principal representante Edward Said, iluminaram o eurocentrismo que estava intrínseco nas interpretações da cultura Grega e de seus historiadores. Dessa maneira, os estudos herodotianos passaram a interpretar as viagens de Heródoto para a Ásia e o Mediterrâneo pensando no significado que as viagens tiveram - uma maneira de entender a cultura grega de sua época e os indivíduos que faziam parte da Hélade. Podemos visualizar essa busca de Heródoto, por exemplo, em seu segundo livro, quando fala da cultura egípcia. Apesar de o autor, por diversas vezes, mostrar o egípcio como diferente/exótico, também faz algumas aproximações:

E eles evitam adotar costumes dos helenos, para dizer em uma palavra, não adotam de modo algum os costumes de nenhum dos outros homens. Portanto, os demais egípcios assim protegem-se disso. Mas há Quêmis, uma grande cidade da província de Tebas, próxima à Neapolis; nessa cidade existe um templo quadrado de Perseu, filho de Dânae, e em volta dele nasceram palmeiras; os vestíbulos do templo eram feitos de pedras muito grandes; sobre eles havia duas estátuas de pedra enormes colocadas de pé; nesse recinto sagrado existe um santuário, no qual existe uma estátua de Perseu colocado de pé. Esses quemitas dizem que Perseu aparece muitas vezes para eles nessa terra, que frequentemente ele está dentro do templo, e

⁴⁰ HARTOG, F. O nome de Heródoto. In: **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Editora da UFMG, 2014, p.40.

⁴¹ *Ibidem*.

encontram uma sandália que ele calçava, que tem o tamanho de dois côvados; que, quando ele aparece, todo o Egito se torna abundante ⁴².

A segunda influência que os autores supracitados identificam relaciona-se à maneira como os historiadores do século XX entendem os textos históricos e, na nossa concepção, como os estudos culturais e da nova história política foram aplicados nos estudos clássicos. A história da Grécia Antiga e seus historiadores passaram a ser analisados intimamente com o passado arcaico grego e conectados com o século que o documento estudado estava inserido. Contrapondo os trabalhos herodotianos anteriores que consideravam Heródoto

como um fornecedor antiquado de uma visão de mundo "arcaica", novos estudos enfatizavam suas profundas conexões com o mundo do pensamento das grandes figuras da revolução intelectual do século V a.C., como Protágoras e Górgias. Além disso, as representações políticas de seu texto foram cada vez mais incorporadas às questões emergentes em Atenas, seus inimigos e cidades de seu império dos anos que antecederam a Guerra do Peloponeso ⁴³.

Dentro desta concepção, George Cawkwell acredita que Heródoto escreve mais amostras de seu tempo do que do período das Guerras Greco-Pérsicas propriamente ditas. A fala de Xerxes (486-465 a.C.), presente no livro VII, sobre a necessidade de fazer uma campanha contra a Grécia para prevenir um ataque grego em terras persas ⁴⁴, por exemplo, não é possível de ser pensada antes do fracasso persa em 480 a.C na batalha de Salamina para Cawkwell. Em outras palavras, uma ameaça grega com diversas *póleis* unidas para conquistar e invadir a Pérsia não é real se considerarmos as diversidades de objetivos das cidades-estados do período. Assim como o autor, supomos que o relato herodotiano sobre as alternativas e decisões das guerras seria, dessa maneira, um debate da mente do homem que o escreveu, Heródoto, junto com ideias que estariam se desenvolvendo em seu tempo, um princípio do pan-helenismo ⁴⁵.

⁴² **HERÓDOTO. 2.91.** Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2016.

⁴³ DEWALD, C.; MARICOLA, J. Introdução. In: **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 6.

⁴⁴ “Se nós mantivermos a paz, eles não o farão. Certamente eles vão fazer campanha contra nossas terras... Não é possível para qualquer um de nós voltar atrás... o problema que temos diante de nós é atacar ou ser atacado... Ou tudo em nossas terras fica sob domínio dos gregos ou tudo na terra deles fica sob domínio dos Persas...”. **HERÓDOTO. 7.2.2.** In: GODLEY, A.D. (trad.) *Herodotus: The Histories*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

⁴⁵ Definimos Pan-helenismo como a união dos povos que se identificam por meio da língua grega para um mesmo fim.

O historiador Kurt A. Raaflaub complementa esse pensamento ao sugerir em seu trabalho que, quando lemos *Histórias*, percebemos um conhecimento vasto sobre medicina, geografia e um conjunto de saberes que provavelmente advém do contato com sofistas, filósofos e com ideias e métodos que eram tendências em seu tempo. Assim como existem analogias entre as obras de Tucídides e Eurípides, que indicam que um não dependia do outro, mas que ambos se baseavam em modos de pensar que eram contemporâneos de sua época, também podemos validar tal prática em Heródoto. Raaflaub afirma ainda que essa interação provavelmente foi mais intensa em Atenas, mas que certamente não se limitou àquela *pólis* ⁴⁶.

No que concerne às influências que Heródoto teve, muitos estudiosos argumentam, por exemplo, que o historiador de Halicarnasso foi um seguidor dos métodos de Hecateu de Mileto. Entretanto, Arnaldo Momigliano propõe que interpretemos Heródoto como um leitor de Hecateu que aprendeu com seus métodos e foi além “tanto na questão dos princípios quanto na questão dos interesses”⁴⁷. Um desses princípios de Heródoto era o de registrar as narrativas e não criticá-las: “Naquilo que me diz respeito, me ateno a contar aquilo que me é dito, não é meu dever acreditar; e isto vale para toda a minha narrativa” ⁴⁸.

Outro princípio que é importante ressaltar é a diferenciação do que o autor grego viu e do que ele ouviu. Hartog nomeia esse método de autópsia herodotiana, no qual o *Histor* é a testemunha. Visualizamos a correspondência desta afirmação na história de Candaules, rei Lídio, que quer convencer seu servo, Giges, da beleza de sua esposa:

Esse Candaules, então, amava apaixonadamente sua mulher. [...] Além disso elogiava em excesso a beleza de sua mulher. Não se passou muito tempo [...] ele disse para Giges o seguinte: “Giges, penso que tu não acreditas em mim quando falo sobre a beleza de minha mulher (pois sucede aos homens de os ouvidos serem mais incrédulos que os olhos) atua de modo que a veja nua” ⁴⁹.

Prosseguindo a discussão sobre o ver e o ouvir, de acordo com Nino Luraghi, Heródoto coloca-se em seu texto em dois momentos principais: para dizer de quem ouviu, contrapondo quando possível com o que viu; e como narrador personagem para emitir

⁴⁶ RAAFLAUB, K.A. Philosophy, Science, politics: Herodotus and the intellectual trends of his time. In: PRIESTLEY, J.; ZALI, V. (Orgs.). **Brill’s Companion to Classical Reception. volume 6:** Brill’s Companion to the Reception of Herodotus in Antiquity and Beyond. Boston: Brill, 2016, p. 154.

⁴⁷ MOMIGLIANO, A. **Raízes clássicas da historiografia moderna.** Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, Sp: EDUSC, 2004, p.62.

⁴⁸ **HERÓDOTO. 7.152.** In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

⁴⁹ **HERÓDOTO.1.8.** Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

opiniões sobre as informações que coletou. Partindo desses comentários que Heródoto tece em seu texto, Luraghi questiona por que não pegar os comentários e utilizá-los como evidências do método de Heródoto como pesquisador? Assim, através da concepção de meta-história, o autor analisa como *Histórias* foi composta e identifica três pilares de diferentes naturezas e relevâncias no método que Heródoto utilizou para conceber sua obra. São eles: primeiro e o mais importante, a informação oral (*akoé*); segundo, seu testemunho ocular (*ópsis*), que é mais poderoso do que o *akoé*, mas sujeito a restrições; e terceiro, o próprio raciocínio/julgamento de Heródoto (*gnome*)⁵⁰.

Luraghi explica que *ópsis* e *gnome* reforçam e complementam a atividade primária da pesquisa denominada *historie*. *Ópsis* é a base para determinar se a *akoé*, a informação coletada, é verdadeira/plausível ou não. E *gnome* é aplicado para fenômenos naturais, embora possa ser utilizado para abordar problemas históricos. Esses três elementos, em conjunto, caracterizam o método que tenta conferir confiabilidade para a obra de Heródoto. É através desse método que o autor classifica o pai da história como um historiador oral⁵¹.

Apesar de utilizar em grande medida da oralidade como fonte de informação, isso não significa que Heródoto não tenha tido contato com documentos escritos. Momigliano nos atenta que, nas regiões do Leste, Heródoto não tinha acesso às crônicas e a outros documentos por não ter conhecimento de outros idiomas senão o grego. Na Grécia, os documentos escritos, além de serem poucos, estavam em arquivos dos templos e das cidades fora do alcance de um visitante. Heródoto deve ter tido acesso, consonante ainda com Momigliano, a alguns documentos em grego sobre a taxação persa (III, 89), a estrada real persa (V, 52) e os navios persas (VII, 89; VIII, 66; VIII, 130)⁵².

Da mesma maneira que nos perguntamos se Heródoto teve contato com documentos escritos, questionamos se a sociedade da sua época conheceu sua obra e se Heródoto obteve popularidade com a difusão de *Histórias*. Steward Flory afirma que há evidências de um aumento dos níveis de alfabetização na Hélade nos fins do século V a.C. e, conseqüentemente, um público ansioso para adquirir e ler obras. Entretanto, deve-se

⁵⁰ LURAGHI, N. "Meta-historiē": method and genre in the "Histories". In: DEWALD, C., MARINCOLA, J. **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.76-91.

⁵¹ Ibidem, p.77-80.

⁵² MOMIGLIANO, A. **Raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, Sp: EDUSC, 2004, p.64.

considerar que a extensão da obra de Heródoto tornava seu papiro pesado e, portanto, de difícil circulação⁵³.

Além disso, mesmo que sua obra tenha sido recitada publicamente em um festival de Olímpia⁵⁴, Flory indaga que, apesar da recitação alcançar os iletrados que ali estivessem presentes, quanto da obra teria sido absorvido pela audiência? Quantas pessoas teriam retornado nos outros dias para escutar o restante da obra? A partir dessas considerações, o autor não acredita em uma popularidade instantânea de Heródoto. Asheri também acredita que é impossível insinuar que Heródoto tenha adquirido sucesso após escrever *Histórias*, porém é certo que versos de Sófocles, Eurípedes e Aristófanes referem-se e, por vezes, parodiam Heródoto. Assim, o autor supõe que nas últimas décadas do século V a.C. a elite literária ateniense possuía conhecimento da totalidade da obra de Heródoto, ou pelo menos de parte dela⁵⁵.

Através da exposição do debate historiográfico acerca de Heródoto e *Histórias*, pretendemos mostrar que os estudiosos de Heródoto nos últimos anos preocuparam-se, em geral, com a estrutura narrativa de *Histórias* e o estatuto histórico do autor e sua obra. Percebemos que, no Brasil e em Portugal, os estudos sobre o historiador de Halicarnasso, pelo menos nos últimos cinco anos, possuem maior ênfase na área de Letras Clássicas do que em História. Dentre esses pesquisadores, podemos citar nomes como Jacyntho Lins Brandão⁵⁶, Maria Aparecida de Oliveira Silva⁵⁷, Tatiana Oliveira⁵⁸ Ribeiro, Carmen Isabel Leal Soares⁵⁹, Leonor Santa Bárbara⁶⁰ e Adriana da Silva Moreira⁶¹.

⁵³ FLORY, S. Who Read Herodotus' Histories?. **The American Journal of Philology**, v. 101, n. 1, p. 12-28, 1980.

⁵⁴ Sobre a recitação da obra em um festival, de quatro dias, em Olímpia a informação é tida através de Luciano. In : FLORY, S. Who Read Herodotus' Histories?. **The American Journal of Philology**, v. 101, n. 1, p. 12-28, 1980. De acordo com Camila Condiolo, acredita-se que houve uma recitação da obra na boulé de Atenas por volta de 445-444 a.C. e Heródoto teria sido agraciado com uma recompensa de Péricles. CONDILO, Camila da Silva. **Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas Histórias**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de História, São Paulo, 2008, p.13.

⁵⁵ FLORY, S. Who Read Herodotus' Histories?. **The American Journal of Philology**, v. 101, n. 1, p. 12-28, 1980.

⁵⁶ BRANDÃO, J. L. Os (dois) homens que sabiam demais. In: VARGAS, A. Z. MAGALHÃES, L. O. de, SILVA, M.A de O. (orgs.). **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p.17-23.

⁵⁷ A Professora realizou a tradução de cinco livros de Heródoto, os quais utilizamos como base em nossa pesquisa, e possui diversas publicações sobre o autor grego Sua publicação mais recente sobre Heródoto é de 2018: SILVA, M. A. O.. A trilogia trágica de Heródoto. **TEATRO: CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO**, v. 6, p. 61-73, 2018.

1.2 Heródoto polivalente: sua relação com os outros e o mundo

Há muitas razões importantes que nos impedem de fazer isso, mesmo que nós o desejássemos. Primeiro e antes de mais nada, há as estátuas e templos dos deuses que foram saqueados e destruídos; é necessário vingá-los com toda nossa força, ao invés de chegar a um entendimento com o homem que o fez. Ainda assim, existe a questão da helenicidade (*hellenikon*) – isto é, nosso sangue comum (*homaimon*), língua comum (*homoglosson*), locais de culto e sacrifício comuns (*theon hidrymata...koina kai thysiai*) e costumes semelhantes (*ethea... homotropa*); não seria certo que os atenienses traíssem tudo isso⁶².

A passagem citada está localizada no livro oito de Heródoto em sua descrição sobre os eventos que ocorreram após a batalha de Plateia, em 479 a.C. Após a notícia de que o rei macedônio, Alexandre I, estava tentando convencer os atenienses a realizar uma aliança com os persas, uma delegação espartana foi enviada à Atenas para dissuadi-los da formação de tal aliança com os bárbaros. A passagem nos remete à questão de identidade grega presente na obra herodotiana e algumas das qualidades que definiam o que era ser grego para o historiador antigo. Através dos conceitos de alteridade, etnicidade e identidade, iremos desenvolver como Heródoto utilizou-se da etnografia em seu trabalho para construir um discurso de identidade e como esta não está estritamente ligada a uma única *pólis*, modificando, conseqüentemente, o olhar que ele teve para com as mulheres gregas e persas.

Para desenvolvermos todos esses pontos é necessário, antes de tudo, enfatizarmos que *Histórias*, tal como seu autor, precisa ser analisada como um conjunto. Concordamos com a historiadora Rosaria Vignolo Munson ao ressaltar que não é possível separar o discurso etnográfico de Heródoto (o que o autor escreve sobre os diversos grupos étnicos como citas, egípcios, lídios) do seu objetivo histórico (a guerra entre gregos e persas)⁶³.

⁵⁸ RIBEIRO, T. O. O proêmio das *Histórias* de Heródoto. In: VARGAS, A. Z. MAGALHÃES, L. O. de, SILVA, M.A de O. (orgs.). **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p. 85-112.

⁵⁹ SOARES, C. L. Fronteiras geo-culturais do Mundo Antigo na obra de Heródoto: Código de vida feminino versus código de vida masculino, **Cadmo. Revista de História Antiga**, 17, p. 143-158, 2008.

⁶⁰ BÁRBARA, L. S. Historiador ou contador de histórias?. In: VARGAS, A. Z. MAGALHÃES, L. O. de, SILVA, M.A de O. (orgs.). **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016

⁶¹ MOREIRA, A. da S. **Protagonismo Feminino em Heródoto: da herança épica às estruturas de poder**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2020.

⁶² **HERÓDOTO. 8.144**. In: GODLEY, A.D. (trad.) *Herodotus: The Histories*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

⁶³ MUNSON, R. V. **Telling wonders: ethnographic and political discourse in the work of Herodotus**. University of Michigan Press, 2001, p.3.

Segundo Munson, alguns pesquisadores atribuíram a diversidade do material herodotiano à sua tentativa de explicar a condição humana de maneira global a partir de todas as evidências disponíveis em seu tempo⁶⁴. Para a autora, esse reconhecimento é vago, mas não desconsidera que há um longo caminho narrativo focado nas informações sobre povos e que essas informações não estão ali apenas como curiosidades interessantes. O problema de unidade em Heródoto, portanto, está conectado aos seus objetivos, sendo fundamental que se aproximem as duas questões e indaguemos: “Qual é a relação básica entre a posição ideológica que emerge da história do conflito de Heródoto com o outro e aquela que ele transmite através de sua descrição dos vários outros?”⁶⁵.

Algumas considerações precisam ser feitas sobre o trecho citado do livro VIII para iniciarmos a discussão que nos levarão tanto a possível resposta dessa pergunta quanto à polivalência de Heródoto. De acordo com Jonathan M. Hall, a questão da helenicidade é apresentada no discurso espartano como uma reflexão tardia. A preocupação inicial é vingar os templos saqueados, ou seja, a religião e o culto ateniense aparecem como superiores a língua e aos costumes, mostrando que Heródoto estava tentando ampliar os critérios de helenicidade para além de elementos étnicos⁶⁶. Hall acrescenta que:

(...) a novidade na definição de helenicidade no Livro 8 de Heródoto é que ela relega a consanguinidade ao mesmo nível que os critérios culturais mais amplos, ou seja, promove o critério cultural (que inclui língua e religião) ao mesmo nível que o parentesco. No plano de fundo das *Histórias*, os quatro ingredientes da helenicidade parecem na verdade ser apresentados em ordem ascendente de significado, com as considerações culturais superando em última instância as noções étnicas nas definições de grupos populacionais.⁶⁷

Ou seja, apesar da língua e o parentesco serem características étnicas importantes são as diferenças de *nómoi* (o conjunto de leis e costumes que cada povo possui) que irão distinguir um povo do outro. Vemos, por exemplo, no livro I que o que diferencia os helenos dos lídios é o fato de que esses últimos prostituem as suas crianças do sexo feminino (1.94); o que distingue os lícios que são de origem Creta é o fato de que os homens são identificados através da linhagem de suas mães (1.173); os colcos são muito parecidos com os egípcios

⁶⁴ Para mais informações consultar: Immerwarhr (1966,5) e Lateiner (1989,16).

⁶⁵ MUNSON, R. V. **Telling wonders: ethnographic and political discourse in the work of Herodotus**. University of Michigan Press, 2001, p.3.

⁶⁶ HALL, J. M. From Ethnicity to culture. In: **Hellenicity: Between Ethnicity and Culture**. University of Chicago Press, 2002, p. 193.

⁶⁷ *Ibidem*, p.193.

fisicamente, o que os torna diferentes e, portanto, não egípcios, é o fato de que são os únicos dentre eles que realizam “a circuncisão de suas partes pudendas”⁶⁸. Esses são apenas alguns de tantos exemplos em que Heródoto embasa a identidade em diferenças culturais e não étnicas.

Rosalind Thomas dialoga com Hall, porém pontua que não podemos analisar suas observações e trechos de forma isolada e fora de contexto ou como reflexos diretos das visões gregas. A reflexão constante de Heródoto sobre etnia - a natureza e a origem de diversos grupos étnicos (e quem pertence a qual grupo), as características dos grupos étnicos e a etnicidade⁶⁹ helena, culminam em um ponto principal na narrativa herodotiana: como os gregos conseguiram derrotar os persas⁷⁰. A autora acrescenta que Heródoto distingue em seu discurso o que é etnia (exemplo: esses são os citas e esses são os gregos) e o que são características étnicas (as características que identificam quem são os citas). Entretanto, seu interesse parece ser maior em mostrar o que cada grupo apropriou culturalmente do outro. Vemos, dessa maneira, que os grupos não são entidades isoladas ou estáticas e que estão em constante contato, transmitindo e aprendendo uns com os outros⁷¹.

Esse processo de contato e, conseqüentemente, de criação de identidade étnica pode ser chamado de etnogênese, ou seja, o contato entre grupos étnicos que vai resultar em mudanças e mesclas culturais e, por fim, em uma nova comunidade sociopolítica⁷². De acordo com Thomas Figueira, através da ideia de etnogênese(s), é possível visualizar uma fissão da *pólis* em unidades políticas cada vez menores e formações de alianças políticas em direção à consolidação de uma *ethne* regional, bem como ao seu reconhecimento suprarregional que culminará futuramente numa noção pan-helênica. Aqui podemos citar dois exemplos onde

⁶⁸ **HERÓDOTO**. 2.104-105. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro II Euterpe*. São Paulo: EDIPRO, 2016

⁶⁹ Definimos etnicidade, a partir do trabalho de Jonathan Hall, como uma identidade subjetiva que um povo tem sobre si próprio, o que eles disseram sobre eles mesmos. Hall possui 6 critérios para definir seu conceito de etnicidade baseado no que considera como grupo étnicos (“comunidade imaginária cujos constituintes nunca conhecerão seus membros comuns, nem saberão, ou ouvirão falar deles, no entanto, na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão”). Há de se ressaltar ainda que os grupos étnicos não são monolíticos ou estáticos e que a etnicidade emerge em contexto de conflitos/ migração em momentos que há necessidade de diferenciar-se do outro. Para mais informações consultar: HALL, J.M. **Hellenicity: Between Ethnicity and Culture**. University of Chicago Press, 2002. Há também uma discussão bem completa sobre o tema no artigo: ALDROVANDI, C. E. *Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo*. São Paulo: **Labeca: MAE/USP**, 2010.

⁷⁰ THOMAS, R. *Ethnicity, genealogy, and Hellenism in Herodotus*. In: Antonaccio, C. M., Cohen, B., Gruen, E. S., & Hall, J. M. (org.) **Ancient perceptions of Greek ethnicity**, Harvard Univ Center for Hellenic 2001, p. 213.

⁷¹ *Ibidem*, p.215-216.

⁷² FIGUEIRA, T.; SOARES, C. (org.). **Ethnicity and Identity in Herodotus**. Londres: Routledge, 2020, p.2.

visualizamos em *Histórias* esse processo de etnogêneses. O primeiro caso é o dos Saurómatas de origem grega que se unem às amazonas de origem cita. Ao unirem-se, começam a compartilhar costumes e transformam-se no que Hartog nomeia de citas-gregos⁷³. Vemos essa mescla de costumes clara no capítulo 116 do livro IV:

(...) E chegaram nesse território em que agora eles habitam, e construíram casas ali. E as mulheres dos saurómatas, desde então, seguem um modo de vida antigo, e vão junto com os homens, também sem os homens, à caça e sobre cavalos, e vão à guerra e trajam a mesma vestimenta que a dos homens⁷⁴.

As amazonas, que antes não se casavam, unem-se aos gregos, e os homens, por sua vez, adaptam-se aos costumes de guerra dessas mulheres. Para Hartog, o que há de interessante nessa transformação da sociedade cita em uma quase grega é a maneira pela qual Heródoto a mostra “como se fosse indispensável fazer com que as amazonas lidassem com gregos vestidos de citas, a fim de tornar compreensível para o espectador grego a alteridade delas”⁷⁵.

O outro exemplo está presente no livro I. Após o rei lídio Cresos receber um oráculo, ele indaga quais seriam os povos mais poderosos entre os helenos. Heródoto discorre mostrando que os mais proeminentes seriam os atenienses e os lacedemônios e que esses eram de origem dórica e aqueles iônica, “sendo os lacedemônios da raça pelásgica e os atenienses da helênica. Esta jamais saiu de sua região, enquanto aquela estava intensamente em contínuo movimento”⁷⁶. O historiador antigo explana como, através das migrações, houve a transformação dos dóricos e, em seguida, associa a linguagem à identidade mostrando como os atenienses se tornaram gregos:

(...) os pelasgos eram falantes de uma língua bárbara. Se então toda essa raça era pelásgica, o povo ático, sendo pelásgico, juntamente com sua mudança para a Hélade também aprendeu a língua.(...) E a raça helênica, desde que se originou, sempre falou a mesma língua, o que me parece ser claro. Todavia quando se separou da raça pelásgica, estava em número reduzido e, desde o início, saindo de um pequeno número, cresceu até atingir uma multidão de povos, sobretudo porque muitos pelasgos e outros números povos bárbaros uniram-se a essa raça;⁷⁷.

⁷³ HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Editora da UFMG, 2014, p.255.

⁷⁴ HERÓDOTO.4.116. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV*, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

⁷⁵ HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Editora da UFMG, 2014, p.255.

⁷⁶ HERÓDOTO.1.56. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I*, Clio. São Paulo: EDIPRO, 2015.

⁷⁷ HERÓDOTO.1.57-58. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I*, Clio. São Paulo: EDIPRO, 2015.

Consoante com Thomas, entendemos que a linguagem aqui é crucial para a mudança da etnicidade, mas, como argumenta o autor, provavelmente não é suficiente por si só⁷⁸. Munson complementa que Heródoto se refere na passagem a uma única língua grega que eventualmente unificaria a etnia helena, entretanto, em outros momentos, Heródoto nos mostra as subdivisões étnicas internas, evidenciando os diferentes dialetos que existiam entre os próprios gregos no seu tempo. No capítulo 142 do livro I, por exemplo, ele diz que entre doze cidades iônicas, na região do Paniônio, os habitantes frequentam o mesmo santuário, mas que se falavam quatro dialetos diferentes⁷⁹.

Outro aspecto importante que Munson destaca é que, a partir da passagem supracitada, Heródoto está confrontando as tradições genealógicas ao dizer que Atenas descenderia dos iônios e que tal ação está longe de ser politicamente inocente se analisada no contexto que *Histórias* está inserida. Durante o século V e IV a.C., devido a Guerra do Peloponeso, os atenienses buscaram se legitimar e queriam se afastar dos Iônios da Ásia e das ilhas que foram subjugados pelos persas e que no tempo de Heródoto estavam subjugados à Atenas⁸⁰. O próprio Heródoto mostra, no capítulo 143 do livro I, que os atenienses não gostavam de ser associados aos iônios, pois consideravam que a raça iônica, por ter sido submetida aos persas, era a mais fraca dentre os helenos. A pesquisadora adiciona que o autor poderia ter escolhido utilizar a narrativa mitológica que sugere que os atenienses eram descendentes dos erecteus e, por uma identificação metafórica entre as pessoas e o rei, explicitava que os atenienses haviam nascido da Terra.

De acordo com a historiadora Camila da Silva Condilo, através da genealogia narrativa, ou seja, a combinação das informações biológicas com a contação de histórias, Heródoto confere ao seu texto autoridade e eleva seu *status*. Concordamos com Condilo ao afirmar que a genealogia feita em *Histórias* promove um relato sobre a origem de todos os personagens relevantes envolvidos no conflito entre gregos e persas. Assim, as informações

⁷⁸ THOMAS, R. Ethnicity, genealogy, and Hellenism in Herodotus. In: Antonaccio, C. M., Cohen, B., Gruen, E. S., & Hall, J. M. (org). **Ancient perceptions of Greek ethnicity**, Harvard Univ Center for Hellenic 2001, p. 224.

⁷⁹ **HERÓDOTO**.1.142-143. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

⁸⁰ MUNSON, R. V. Herodotus and ethnicity. MCINERNEY, J.(org). **A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean**, 2014, p.345.

genealógicas ultrapassam a questão biológica e, combinadas com a história, refletem a identidade não só dos indivíduos, como também da pátria⁸¹ inteira.

Para além de saber quem são os outros que a narrativa herodotiana coloca em cena, nos interessa visualizar como ela os constrói, ou seja, de que forma é desenvolvida a alteridade no texto e o que ela nos diz sobre os gregos. Dessa maneira, coadunamos com Hartog ao considerar que a etnografia presente na obra de Heródoto precisa ser interpretada como uma tradução do saber compartilhado no mundo grego. O outro é enunciado como diferente a partir dos conhecimentos que o destinatário do texto possui⁸².

Para realizar a tradução do texto herodotiano, Hartog enfatiza que primeiro é necessário questioná-lo. Neste caso, não se trata de questionar se as informações são inventadas por seu autor, mas entender que o texto não é algo inerte e que está inscrito entre um narrador e um destinatário. Deve-se elencar seus procedimentos e modalidades particulares a fim de reconhecer os conhecimentos que são partilhados por Heródoto e seus espectadores. Esses saberes estão implícitos no texto, mas sua delimitação está explícita através das intervenções do próprio narrador quando se espanta com uma estranheza, sublinha uma diferença ou explica uma ausência⁸³.

Além disso, para traduzir a diferença, o viajante utiliza-se da inversão “em que a alteridade se transcreve como um antipróprio”⁸⁴ ou o inverso do grego (como vemos, por exemplo, no livro II quando Heródoto descreve os costumes egípcios). O historiador francês pontua, entretanto, que a inversão não é suficiente para produzir toda a etnografia de Heródoto, se todos os outros fossem o inverso do grego teríamos, por fim, os mesmos *nómoi*, o que não é o caso. Há o uso da comparação e da analogia para aproximar e explicar a alteridade e aquilo que não é possível ser traduzido através da inversão não é expulso da esfera do verossímil, e sim aceito como traços em que há falta de sentido: “é a impossibilidade de capturar seus sentidos que garantem a alteridade”⁸⁵.

A alteridade de Heródoto além de demarcar o que é diferente transcreve quem são os gregos, ao falar dos outros o autor fala muito sobre si. Seguindo esse raciocínio, portanto,

⁸¹ CONDILO, C. S. Genealogia e história em Heródoto. In: M. Antikeira. (Org.). **A escrita da história na Antiguidade greco-romana**. 1ed. Curitiba: Prismas, 2016, v. , p. 1-49.

⁸² HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 50, 242.

⁸³ Ibidem, p. 51.

⁸⁴ Ibidem, p. 243.

⁸⁵ Ibidem, p. 245-247.

podemos inferir que Heródoto se reconhece em outros muito diversos⁸⁶ e, por isso, o consideramos um cidadão polivalente, que como viajante adquiriu uma experiência que o caracteriza como cidadão do mundo. Tal como Munson, acreditamos que a origem de Heródoto também influencia na sua visão sobre o seu mundo⁸⁷. Heródoto nasceu em Halicarnasso, uma cidade grega localizada na Ásia, com população diversificada que incluía persas, lídios e cários. A pesquisadora argumenta também que através da ocorrência de nomes cários (Pisindelis) e gregos (Artemísia) na dinastia que governou Halicarnasso podemos supor que havia casamentos mistos no século V a.C., fazendo com que Heródoto naturalizasse as intersecções étnicas como foi demonstrado neste tópico.

Por fim, entendemos que as descrições etnográficas nas *Histórias* são produtos de uma estrutura de suposições e valores gregos predeterminados e concordamos com Munson, no sentido que há necessidade de ir além dessa rede cultural pré-definidora. Compreendemos que Heródoto possui como destinatário os gregos e que há objetivos políticos e ideológicos em seu trabalho, porém não concordamos com Hall e Thomas ao afirmarem que esses objetivos dizem respeito à legitimação ateniense. Acreditamos que tal interpretação se associa à uma perspectiva *atenocrista*. Ou seja, uma perspectiva muito pautada nos vestígios de documentações textuais históricas que chegaram até os nossos tempos⁸⁸.

Considerando, portanto, Heródoto como um cidadão grego que não se identifica somente com uma única *pólis*, acreditamos que tal característica influencia em sua percepção sobre as atuações das mulheres e dos homens nas sociedades grega e persa nos conflitos que antecedem e acontecem durante as Guerras Greco-Persas. Desenvolveremos no próximo tópico como a historiografia aborda tais representações femininas e masculinas.

1.3 Como as relações entre feminino e masculino são representadas em Heródoto

Nota-se na historiografia que versa sobre as Guerras Greco-Persas a quase completa ausência de discussão sobre o papel das mulheres em conflitos nas *Histórias*. Em coletâneas renomadas, quando muito, nos deparamos com um capítulo dedicado às mulheres, como, por exemplo, em *Brill's Companion to Herodotus*, organizada por Egbert J. Bakker, Irene J.F. de

⁸⁶ Devido a sua extensa descrição e admiração pelos costumes estrangeiros, Plutarco acusa Heródoto de ser um filobárbaro, ou seja, um amante dos estrangeiros. **PLUTARCO**, *Moralia* 857a.

⁸⁷ MUNSON, R. V. Herodotus and ethnicity. **A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean**. 2014, p.347-348.

⁸⁸ Desenvolveremos mais a questão do atenocentrismo presente nas interpretações de Heródoto no próximo capítulo quando fizermos nossa análise da historiografia que versa sobre as Guerras Greco-Persas.

Jong e Hans van Wees, que temos o capítulo de Josine Block⁸⁹. Tanto no viés do gênero quanto no viés da história social das mulheres, a imagem feminina herodotiana apresenta-se à margem mesmo quando se discute assuntos relacionados à guerra ou ao cotidiano grego ou não-grego que podemos visualizar através da obra herodotiana.

Leanna Goodwater, em seu livro *Women in Antiquity: an annotated Bibliography*, faz um levantamento dos trabalhos sobre mulheres na Grécia Antiga para analisar qual foi o lugar que o feminino ocupou nos documentos, além de um balanço historiográfico de como a historiografia, desde o início do século XX até os anos de 1970, analisou este lugar⁹⁰. Heródoto é citado no texto apenas uma vez, e não identificamos nenhuma crítica significativa sobre nosso autor.

Sarah Pomeroy, quando diferencia a mulher representada na tragédia e aquela que considera como uma representação mais próxima da mulher ateniense clássica, cita Homero, Eurípedes, Sófocles, Ésquilo, Aristófanes para fazer aproximações e diferenciações⁹¹. No entanto, notamos que Heródoto é mencionado com ressalvas por parte da autora, pois ela defende que o feminino aparece em casos isolados e é utilizado para efeito ilustrativo. Observamos esse fenômeno da exclusão⁹² de Heródoto também em autoras como Claude Mossé⁹³, Sue Blundell⁹⁴, Nicole Louraux⁹⁵.

Josine Block propõe uma possível explicação para esse fato, comparando *Histórias* com *A História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. Se, em *Histórias*, há trezentos e setenta e cinco referências de mulheres, em Tucídides há apenas seis. De acordo com Block, a história que este último autor produz não espera que mulheres possam ser agentes históricos. Nessa perspectiva, a autora diz que Tucídides defende, portanto, um *oikos* vulnerável no

⁸⁹ EGBERT, J. BAKKER, Irene J. F. de Jong and Hans van Wees Brill's (eds.). **Companion to Herodotus**. Boston: Brill, 2002.

⁹⁰ GOODWATER, L. **Women in antiquity: an annotated bibliography**. Metuchen, N.J. : Scarecrow Press, 1975.

⁹¹ POMEROY, S. B. In:___ GOODWATER, Leanna. **Women in antiquity: an annotated bibliography**. Metuchen, N.J. : Scarecrow Press, 1975.

⁹² Termo de nossa autoria para demonstrar a ausência de Heródoto na historiografia contemporânea que discute a representação da mulher grega no século V a.C.

⁹³ MOSSE, C. **La mujer en la Grecia clásica**. Madrid: NEREA, 1990.

⁹⁴ BLUNDELL, S. **Women in Ancient Greece**. London: British Museum Press, 1995.

⁹⁵ LORAUX, N. **The experiences of Tiresias – The feminine and the greek man**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1997.

estado de guerra. Isso não justifica, porém, o porquê de trabalhos mais recentes permanecerem ignorando as tantas representações de gênero presentes em *Histórias*⁹⁶.

Analisaremos a seguir, a historiografia sobre as mulheres e as relações de gênero em Heródoto. Observamos nesta historiografia dois momentos em que o assunto obtém uma atenção maior na obra do autor grego. Um primeiro momento ocorre em 1980, damos destaque para a já citada Carolyn Dewald⁹⁷ e Rosaria Vignolo Munson⁹⁸. Um segundo momento ocorre a partir do ano de 2005 até a atualidade. Destacamos as autoras Josine Block⁹⁹, Nathalia Monseff Junqueira¹⁰⁰, Helen Tank¹⁰¹, Susana Maria Marques Carrilho¹⁰², Lynett Mitchell¹⁰³ e Adriana da Silva Moreira¹⁰⁴. Instiga-nos a grande quantidade de mulheres que aparecem em *Histórias* em contraposição a pouca produção acadêmica que não considera o olhar de Heródoto sobre essas tantas mulheres e suas relações com os homens para compreender a sociedade grega do século V a.C. As pesquisas existem, porém nos últimos quarenta anos deparamo-nos com menos de dez trabalhos sobre o tema na historiografia inglesa, norte-americana, brasileira e portuguesa na disciplina de História. Acreditamos que essa ausência se refere mais sobre as questões do presente dos historiadores que analisam Heródoto do que propriamente sobre as mulheres representadas pelo autor grego.

A fim de compreender como a historiografia interpretou o lugar das mulheres de Heródoto e quais os principais temas que foram abordados, sistematizaremos nossa discussão de acordo com o que foi dito pela história social das mulheres e como os estudos de gênero contrapuseram ou não essas análises.

⁹⁶ BLOCK, J. Women in Herodotus Histories. In: EGBERT, J. BAKKER, Irene J. F. de Jong and Hans van Wees Brill's eds. **Companion to Herodotus**. Boston: Brill, 2002, P. 225-42.

⁹⁷ Dewald, C.. "Women and culture in Herodotus' Histories." **Women's Studies: An Interdisciplinary Journal** 8.1-2, 1981.

⁹⁸ MUNSON, R.V. Artemisia in Herodotus. **Classical Antiquity**, Vol. 7, No. 1 (Apr., 1988), pp. 91-106.

⁹⁹ BLOCK, J. Women in Herodotus Histories. In: EGBERT, J. BAKKER, Irene J. F. de Jong and Hans van Wees Brill's eds. **Companion to Herodotus**. Boston: Brill, 2002, 225-42.

¹⁰⁰ JUNQUEIRA, N. J. **IMAGENS DA MULHER GREGA: HERÓDOTO E AS PINTURAS EM CONTRASTE**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.

¹⁰¹ TANK, H. **Irony and Women in Herodotus**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Wales Trinity Saint David, Instituto de Educação e Humanidades, Lampeter, País de Gales, 2012.

¹⁰² CARRILHO, S. M. M. **Representações do Feminino nas histórias de Heródoto**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra; Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2013.

¹⁰³ MITCHELL, L. Peace, War and Gender. In.: AGER, S. ed. **A Cultural History of Peace**. London: Bloomsbury, 2020.

¹⁰⁴ MOREIRA, A. da S. **Protagonismo Feminino em Heródoto: da herança épica às estruturas de poder**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2020.

Dentro da concepção de História Social das Mulheres, Nicole Loraux discute como o binário feminino/masculino pode ser compreendido na documentação do século V a.C. A autora acredita que o feminino deve ser discutido como um operador que nos permite pensar a identidade como virtualmente construída pelo outro. Além disso, quando pensamos no homem grego ou quando lemos o texto de um homem grego, devemos compreender essa operação de pensamentos e identidades de maneiras mais complexas do que um simples quadro representativo de categorias antitéticas¹⁰⁵. Embora tais considerações sejam importantes, nosso trabalho se afasta de sua concepção no momento em que Loraux propõe que há uma diferença dos sexos nítida nos documentos e que essa diferença é normalmente percebida com concepções negativas do lugar do feminino formando uma concepção positiva do masculino como dominante.

Ao discutir, ainda, o feminino e sua representação em Heródoto, Tucídides e Xenofonte, Loraux aponta que o papel do feminino, quando presente na guerra, limita-se aos momentos de crise, momentos em que qualquer anomalia¹⁰⁶ poderia intervir modificando as regras e valores da sociedade. Este papel feminino seria representado pelos antigos sempre para atacar a virilidade do homem e a natureza feminina, que, no contexto de guerra, poderia ser vislumbrada em termos de excesso, ousadia e tomada por impulsos. Principalmente quando envolvido em uma ação coletiva, o feminino seria caracterizado por uma desintegração das individualidades no momento que nela se envolve. Contrapondo-se a ação do homem vista em um coletivo como escolha espontânea, o feminino estaria imbuído de coragem para um fim e ocupariam nestes conflitos um mundo que é dos homens¹⁰⁷.

Analisando, por exemplo, o caso em que as mulheres atenienses unem-se para adquirir informações sobre seus maridos que não retornaram da guerra contra os argivos e eginetas, vemos uma união, mesmo que esta acabe com vingança e punição às mulheres:

Mesmo esse único homem, segundo se diz, não sobreviveu por muito tempo e teria perecido da seguinte maneira: de volta a Atenas ele anunciou o desastre; em face daquela notícia as mulheres cujos maridos haviam partido para Árgina, indignadas por ele ter sido o único a salvar-se entre tantos, cercaram o infeliz por todos os lados e o cortaram com os pinos dos broches de seus vestidos, cada uma perguntando-lhe onde estava seu marido. Ele morreu assim, e os atenienses consideraram o crime de

¹⁰⁵ LORAUX, N. **The experiences of Tiresias – The feminine and the greek man.** Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1997, p.4.

¹⁰⁶ Atentamos para o fato de o termo ser utilizado pela autora. LORAUX, N. *Feminine Nature in History.* In: **The experiences of Tiresias – The feminine and the greek man.** Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1997, p.231.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 246-247.

suas mulheres um fato ainda mais terrível que o seu desastre. Sem saber qual o castigo a infligir a essas mulheres, eles mudaram os trajes que elas costumavam vestir por outros iguais aos usados na Iônia¹⁰⁸.

Mitchell argumenta que sobreviver a uma batalha era quase uma traição para as mães daqueles que estavam mortos. Essa história das mulheres atenienses representava, portanto, o sentimento da comunidade¹⁰⁹. A história representa uma reação exagerada, pelo menos na medida em que reconhece que os feitos subsequentes das esposas foram piores do que a derrota da guerra contra os egípcios. Ou seja, ao contrapormos a visão das duas historiadoras, compreendemos que as mulheres se unem por um sentimento relacionado aos valores daquela sociedade, e que o exagero contribui para exemplificar sua importância e não necessariamente mostra que as mulheres eram desintegradas das suas individualidades ou tomadas por impulsos.

A mencionada Mitchell, historiadora que utiliza os estudos de gênero em seus trabalhos, exemplifica diversas mulheres representadas individualmente ou coletivamente no âmbito de guerras. Mostra-nos que geralmente é dado como certo que, tirando algumas mulheres místicas, como as amazonas, as mulheres não participavam ativamente da guerra, pelo menos não como os homens que eram guerreiros regulares. Porém, segundo a autora, sabe-se que as mulheres participavam da defesa de suas cidades e casas, além de estarem preparadas caso houvesse a necessidade de assumirem um papel de liderança em batalhas, principalmente se seus maridos ou filhos estivessem ausentes.

Mitchell demonstra essa afirmação através de Heródoto, Tucídides, Diodoro, Aristófanes e outras documentações. Complementa que embora nossas fontes literárias (escritas por homens) não forneçam muitos exemplos de mulheres trabalhando ativamente pela paz ou envolvidas em negociações de paz, existem algumas, que são ainda mais surpreendentes e notáveis porque elas existem.¹¹⁰

Vemos em Heródoto, por exemplo, Atossa interferindo em assuntos bélicos do seu marido, rei persa, para ajudar um médico grego que a curou de um tumor nos seios e precisava de uma maneira para voltar ao seu local de origem:

¹⁰⁸ **HERÓDOTO. 5.87.** In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹⁰⁹ MITCHELL, L. Peace, War and Gender. In: AGER, S. ed. **A Cultural History of Peace.** London: Bloomsbury, 2020.

¹¹⁰ Ibidem.

“Olhe”, disse Atossa, “deixe os Cítas para o presente; você pode tê-los quando quiser; Eu digo a você, marche contra Hellas. Eu ouvi falar sobre as Lacônias, as Argivas, Àticas e Coríntias e gostaria de tê-las como servas”. Dário respondeu: “Mulher, já que você acredita que devemos tentar invadir a Grécia, primeiro parece-me melhor enviar espiões persas com o homem que você mencionou que poderá nos dizer tudo o que aprenderam e observaram; e então, quando eu estiver plenamente informado eu me levantarei contra eles”¹¹¹.

Como vimos no excerto retirado do livro III de *Histórias*, Atossa é apresentada como aquela que tem o poder de influenciar seu marido através de sugestões e conselhos. Yancy Hughes Dominick expõe esse poder da mulher de Dario como o de uma agente que mudou o curso da história. Porém, apesar de visualizar Atossa como uma mulher que possuía poder de persuasão e capacidade de tomada de decisões, Dominick questiona, contudo, a real influência de Atossa e pergunta se ela agiria de tal maneira se não tivesse sido instruída pelo médico grego que a curou do tumor nos seios¹¹². O médico era prisioneiro de Dario e via no ataque à Grécia uma maneira para retornar a Hélade.

O autor, diferentemente do que estamos propondo, acredita que Heródoto trata as mulheres, mesmo nos momentos que possuem papéis importantes, mais como um instrumento de fala para chegar-se a um objetivo do que como agentes propriamente ditos. No entanto, pensamos que a partir do momento que uma mulher está falando a um homem o que deveria ser feito, essa ação já é cabível de ser pensada como pertencente a um agente ativo, principalmente se lembrarmos que este não é um lugar considerado feminino na Antiguidade.

Amélie Kuhrt, ao escrever sobre mulheres que se envolvem em conflitos no antigo oriente próximo, afirma que a guerra, mais do que qualquer outra atividade social, é uma boa circunstância para definir, classificar e sustentar os papéis tradicionais de gênero. Assim, uma das principais razões pelas quais as mulheres, muitas vezes, estão na periferia da historiografia diz respeito ao fato de não serem combatentes. Da mesma maneira, na Antiguidade, quando as mulheres aparecem como líderes de guerra ou combatentes, são analisadas como uma aberração, uma peculiaridade. Kuhrt expõe que, normalmente, na concepção clássica grega, a luta é algo que as mulheres bárbaras fazem, sendo uma atividade que classifica essas sociedades como “não civilizadas”¹¹³.

¹¹¹ HERÓDOTO. 3.134. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹¹² DOMINICK, Y. H. Atossa and Instability in Herodotus. *The Classical Quarterly*, **New Series**, Vol. 57, No. 2 (Dec., 2007), pp. 432-444.

¹¹³ Destacamos que o termo foi colocado entre aspas pela autora. KUHRT, A. Women and War. **Journal of Gender Studies in Antiquity**, v.2, 2001, p.4.

Entretanto, no Livro VII Capítulo 99, temos Artemísia que é de origem Cária, governante e comandante de Halicarnasso, participando da guerra Greco-Pérsica como aliada dos persas e não visualizamos uma descrição de aberração ou “não civilizada”. Ao fazer sua descrição, compreendemos que Heródoto dá especial atenção à esta mulher, talvez, porque além de suas participações, a esposa-guerreira seja da mesma cidade que o autor. Buscamos entender como a presença de Artemísia como comandante de cinco navios na batalha possui uma relação com o comportamento de fidelidade e lealdade da mulher casada para com o seu marido, e, portanto, uma valorização da posição por ela ocupada em um ambiente que é tido como masculino.

Ana Lúcia Amaral argumenta que a personagem se impõe, não pelos habituais atributos femininos, em particular a beleza, e, sim, pelas vestes do poder soberano assumido após a morte do marido¹¹⁴. Reveste-se, ao mesmo tempo, de um aspecto maternal, como vemos no excerto:

Não farei menção aos outros oficiais, pois isso não é necessário; mencionarei, porém, Artemisia, porquanto me causa profunda admiração o fato de essa mulher haver participado da expedição contra os helenos. Com efeito, após a morte de seu marido, embora tivesse um filho de tenra idade ela mesma passou a exercer a tirania, e obedecendo à sua coragem e à sua audácia viril incorporou-se à expedição sem ter sido compelida a isso de forma alguma¹¹⁵.

Outro aspecto destacado por Rosaria Vignolo Munson é que talvez Heródoto não tenha considerado necessário nomear os líderes do exército de Xerxes porque eles seguiam a expedição sem autoridade, apenas como meros escravos, como outros soldados. Porém, quando fala de Artemísia, ele a descreve como “obedecendo à sua coragem e à sua audácia viril incorporou-se à expedição sem ter sido compelida a isso de forma alguma”¹¹⁶. Mitchell complementa que mesmo que a coragem fosse viril e, portanto, um adjetivo masculino, essa era uma virtude cara por toda a comunidade grega, tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Era como se a coragem de seus homens e mulheres fosse compartilhada na glória grega¹¹⁷.

Através de outra menção da participação de Artemísia em *Histórias*, Kuhrt nos evidencia uma mescla de valores presentes em Heródoto. Quando Xerxes, rei persa, observa o

¹¹⁴ AMARAL, A.L. Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia. *Humanitas*, v. 46, 1994, p.30.

¹¹⁵ HERÓDOTO. 7.99. In: GODLEY, A.D. (trad.) *Herodotus: The Histories*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹¹⁶ HERÓDOTO. 7.99. In: GODLEY, A.D. (trad.) *Herodotus: The Histories*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹¹⁷ MITCHELL, L. Peace, War and Gender. In: AGER, S. ed. *A Cultural History of Peace*. Bloomsbury, 2019, no prelo.

sucesso da comandante durante a batalha, é relatado que o rei faz o seguinte comentário: “Meus homens se transformaram em mulheres e minhas mulheres em homens”¹¹⁸. A anedota contrasta com a ênfase positiva relacionada à Artemísia e, segundo Kuhrt, demonstra uma crítica grega sobre os persas para desdenhar o inimigo derrotado: o fracasso persa na Guerra estaria relacionado aos seus homens serem tão efeminados que a mais corajosa entre eles era uma mulher¹¹⁹.

Nesta passagem de Artemísia, pensamos que Heródoto talvez esteja imbuído do ideal de *mélissa*. De acordo com Marta Mega de Andrade, nos poemas *Teogonia*¹²⁰ e *Os Trabalhos e os Dias*¹²¹ de Hesíodo, onde é narrado o mito de Prometeu e Pandora, surge o conceito de “tribo dos homens” (*phûl’ antrópōn*). A partir de armadilhas que Prometeu oculta dos deuses, é criado um “incombátível ardil: um mal oculto sob a aparência sedutora de um bem”¹²², ou seja, Pandora, que representa a “raça das mulheres” (*génos gynaikôn*).

Em *Os Trabalhos e os Dias*, há outro desdobramento da fabricação da mulher. Neste, Pandora é caracterizada pelos dons que formam a mulher, portanto, tem-se a concepção do feminino. Pandora representa no feminino uma “múltipla armadilha, da múltipla prisão: trabalho, fome, doenças, mortalidade, imprevidência”¹²³, por conseguinte, equivale na dicotomia feminino/masculino ao polo negativo. O homem, por outro lado, apresenta-se como polo positivo, articulando-se e opondo-se ao feminino. Essa interpretação do feminino e masculino permeia a mentalidade de diversos autores antigos do século VI e V a.C., porém acreditamos que apesar de Heródoto estar inserido nesse contexto e, por vezes, como na passagem de Artemísia, representar a mulher simbolizando a fraqueza e concepções negativas, o autor grego afasta-se dessa interpretação ao longo de sua obra, pois visualizamos mais exemplos de mulheres representadas como agentes ativos.

A historiadora Nathalia Monseff Junqueira, ao trabalhar diversas categorias de mulheres em Heródoto e comparar com a cerâmica ática dos séculos VI e V a.C., supõe que o

¹¹⁸ **HERÓDOTO**. 8.88. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920

¹¹⁹ KUHRT, A. Women and War. **Journal of Gender Studies in Antiquity**, v.2, 2001, p.1-27.

¹²⁰ **HESÍODO**. *Teogonia*. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1999.

¹²¹ **HESÍODO**. *Os Trabalhos e os Dias*. Trad. J. A.A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

¹²² ANDRADRE, M.M de. A “**cidade das mulheres**”: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: LHIA, 2001, p.41-45.

¹²³ *Ibidem*, p. 47.

modelo da mulher-abelha está mais presente em *Histórias* do que nas cerâmicas¹²⁴. Junqueira atenta-se, principalmente, as mulheres atenienses que são representadas no relato herodotiano, pois acredita que o autor grego recitou sua obra em Atenas e, por conseguinte, sua narrativa a respeito das mulheres não poderia destoar das opiniões de seu público. Concordamos com a autora no sentido que Heródoto entende o feminino para além de vingativo, masculinizado e impulsivo e não desconsideramos que o modelo de *mélissa* permeia a mente do autor, já que *Histórias* não pode ser retirada de seu contexto histórico, mas acreditamos que existe uma contradição ao modelo. Além disso, propomos em nosso trabalho que Heródoto não se detém somente às mulheres atenienses quando representa as gregas, pois temos como hipótese que ele é um cidadão polivalente. Compreendemos que o autor antigo não se identifica com uma única *pólis*, portanto, quando fala de tantos outros também está falando de si e, por isso, possui uma concepção de cultura não relacionada necessariamente a territórios geográficos¹²⁵.

A própria Artemísia nos mostra essa contradição ao modelo nos capítulos 101 e 102 do livro VIII, quando Xerxes pede que a chamem e solicita conselhos sobre como deveria agir perante as solicitações de Mardônio, comandante persa, para negociações com a Hélade após a batalha de Salamina. Ou seja, além de possuir destaque na descrição de tropas durante a Guerra, Heródoto representa Artemísia como conselheira de um rei.

Concordamos com Helen Tank quando argumenta que Heródoto subverte os modelos propostos por Hesíodo. A autora, ao analisar em sua dissertação oito casos de mulheres representadas em *Histórias*, entende que o historiador nasceu na periferia oriental do mundo grego e viajou muito. Consequentemente, o ponto de vista de Heródoto era “ambivalente em relação a todos os lados”¹²⁶, o que justificaria a contradição nomeada por Tank como ironia, no discurso sobre o feminino. Além disso, a autora visualiza uma representação do bárbaro mais sutil do que uma polaridade direta com os costumes gregos, para ela o outro é considerado mais como diferente do que figurando um estereótipo. Consonante a perspectiva da autora, acrescentamos que essa polaridade atenuada entre gregos e bárbaros pode ser compreendida como a alteridade proposta por Hartog, funcionando como um instrumento de

¹²⁴ JUNQUEIRA, N. J. **IMAGENS DA MULHER GREGA: HERÓDOTO E AS PINTURAS EM CONTRASTE**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.

¹²⁵ Discutiremos mais sobre a nossa concepção de Heródoto como um cidadão polivalente no capítulo dois da Dissertação.

¹²⁶ TANK, H. **Irony and Women in Herodotus**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Wales Trinity Saint David, Instituto de Educação e Humanidades, Lampeter, País de Gales, 2012, p.10-11.

Heródoto para aproximar-se de seu público através da inversão de costumes gregos. Essa inversão está presente em todo o relato herodotiano, inclusive quando discorre sobre as mulheres e sua relação com a sociedade.

A partir do catálogo elaborado por Dewald e com o objetivo de analisar o protagonismo feminino em *Histórias*, Adriana da Silva Moreira analisa cinco casos de mulheres atuando em esferas políticas no livro I de Heródoto em sua dissertação. Moreira faz um paralelo entre a maneira que Heródoto relata as personagens femininas com a técnica narrativa presente nos relatos épicos de Homero. Ela acredita que Heródoto, tal como ocorre na *Ilíada* e na *Odisseia*, utiliza-se do conceito grego *arete*, cuja tradução é “‘mérito’ ou ‘qualidade’ pela qual alguém se destaca”¹²⁷, como ferramenta literária para acentuar a atuação e características de personagens. Mesmo havendo distinções entre a epopeia e a narrativa historiográfica a autora defende que o conceito grego permeia as duas narrativas quando relacionado ao reconhecimento dos feitos notáveis dos personagens sejam eles masculinos ou femininos¹²⁸. Concordamos com a classicista ao reconhecer tais similaridades, entretanto, acreditamos que é preciso cautela e a análise das *Histórias* como um todo para poder afirmar se o termo grego pode ser relacionado ou não com os diversos femininos herodotianos.

Pensando nas mulheres não gregas, principalmente as persas, Maria Brosius diz que há alguns fatores para considerarmos. Os estudos sobre as mulheres persas, principalmente as mulheres da corte real, normalmente são baseados apenas em escritos gregos. Esses escritores gregos sabiam pouco sobre essas mulheres e o que sabiam, de forma geral, eram fatos tidos como sensacionalistas e motivados politicamente pela diferença entre gregos e persas. As histórias dessas mulheres estão inseridas em um contexto específico, muitas vezes, suas histórias foram estruturadas para se adequarem a um padrão historiográfico e narrativo. Elas são ainda majoritariamente descritas como cruéis, violentas e vingativas. No caso das mulheres que pertenciam à corte persa, há uma descrição delas como poderosas e influentes perante os reis. Brosius ressalta que, tudo o que sabemos é uma seleção feita pelos gregos, além disso, é necessário considerar que essas mulheres eram analisadas pelos gregos a partir dos modelos e comportamentos que eles acreditavam ser o correto a ser seguido¹²⁹.

¹²⁷ MOREIRA, A. da S. **Protagonismo Feminino em Heródoto: da herança épica às estruturas de poder**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2020, p. 36.

¹²⁸ Ibidem, p. 36-40.

¹²⁹ BROSIUS, M. **Women in Ancient Persia**. Oxford: CLAREDON PRESS, 1998.

Concordamos com Susana Maria Marques Carrilho, que analisa a figura da mulher bárbara em Heródoto em seu ambiente cultural, social, político e religioso, tentando compreender se a mulher possui os mesmos direitos e deveres independentemente de sua área geográfico-cultural. A autora acredita que há padrões universais para o comportamento da figura feminina, seja bárbara ou grega. Propõe ainda que Heródoto não tinha uma perspectiva de um mundo dividido entre gregos e não-gregos e que aplicaria isso também para as mulheres. As atitudes das mulheres estariam relacionadas à sua posição de mulher no seio familiar mesmo se representassem um agente político, econômico ou religioso¹³⁰.

Ressaltamos que, ao afirmar haver um padrão universal feminino na narrativa herodotiana, não estamos considerando que todas as mulheres, a despeito de suas etnias, são entendidas como iguais por Heródoto. Acreditamos que quando são representadas atuando, as gregas e as persas ocupam lugares comuns: influenciam e aconselham seus maridos e personagens masculinos próximos a agirem em conflitos e os alertam de possíveis perigos. Ademais, Heródoto, ao tratar de diferentes povos, ressalta aspectos relacionados ao feminino que considera diferente ou semelhante às práticas gregas, tal atitude faz com que acreditemos que o gênero é uma categoria de análise quando o autor grego observa o outro em suas viagens.

Além dos exemplos citados, visualizamos a representação da mulher relacionando-se com o poder. Tanto as mulheres persas como as gregas com diferentes *status* sociais relacionam-se, influenciam e aconselham homens, muitos deles seus maridos, que são reis ou agentes oficiais da *pólis* ou da Pérsia (a sacerdotisa Pítia, nesse contexto, é uma das mais influentes). De acordo com Dewald, se considerássemos a quantidade de vezes que uma mesma mulher é citada em *Histórias*, Pítia seria a mais importante dentre elas, pois é citada em todos os livros, exceto no segundo, em quarenta e cinco ocasiões aconselhando reis, tiranos, aristocratas e o povo, tanto grego como bárbaro¹³¹. Devido à sua importância, realizamos um catálogo exclusivo para a sacerdotisa e dedicaremos um espaço maior à essa personagem.

A adivinhação possuiu um lugar de destaque na história do mundo antigo Grego. O sistema de crenças funcionava concomitantemente com os oráculos. Segundo Herbert William

¹³⁰ CARRILHO, Susana Maria Marques. **Representações do Feminino nas histórias de Heródoto**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra; Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2013.

¹³¹ Dewald, C.. "Women and culture in Herodotus' Histories." **Women's Studies: An Interdisciplinary Journal** 8.1-2 (1981), p.113.

Park um dos motivos do oráculo de Delfos ser tão importante relaciona-se à sua localização: a tradição grega dizia que Zeus queria definir o ponto exato do centro da Terra e Delfos ocupava nos mapas gregos este lugar¹³². A cidade tornou-se também por muito tempo o centro espiritual do mundo Helênico. Desde pessoas comuns até embaixadores oficiais, todos iam consultar o oráculo para obter respostas sobre o que deviam ou não fazer¹³³.

Dito isto, nos interessa compreender como a mulher, ocupando um papel de extrema relevância para uma sociedade, foi vista pelos seus similares, pois mesmo que transmitindo as palavras de um deus, ela permanecia sendo uma mulher. Concordamos com o argumento de Carrilho no que concerne a análise da sacerdotisa: mais do que analisar as mensagens que a Pítia proferia, nos interessa “os aspectos de reconhecimento social que esta mulher adquiria graças à condição sagrada inerente ao seu estatuto de intérprete divina” e ainda como a partir dessa posição suas mensagens, tidas como verdades, influenciaram nas guerras Greco-Pérsicas¹³⁴.

De acordo com Plutarco¹³⁵, a profetisa de Delfos teria vindo de uma família simples e não teve uma educação especializada. Uma corrente historiográfica¹³⁶ debate que isso é bem improvável, uma vez que dificilmente uma mulher sem instrução conseguiria fazer versículos em hexâmetros, já que esta não era uma fala próxima à que era usada pelo povo grego no dia a dia. Vemos no trecho abaixo que para além da métrica, há o enigmático que também se faz presente: “Mas quando um mulo torna-se rei dos medos, então, lídio, de pés delicados, pela margem do Hermo coberta de pedrinhas, fuja e não esperes, nem te envergonhes por seres um covarde.”¹³⁷.

A passagem citada pertence ao livro I de Heródoto, em um dos diversos momentos em que a sacerdotisa Pítia profere o oráculo de Delfos para Creso, rei Lídio. Nesse excerto, temos a resposta de Pítia sobre se a monarquia Lídia seria duradoura, um complemento à pergunta

¹³² PARKE, Herbert William; WORMELL, Donald Ernest Wilson. **The Delphic Oracle: Vol. 1.**The History. Blackwell: Oxford,1956.

¹³³ Uma historiografia mais recente diz que, na verdade, poucos gregos estavam em posição de consultar o oráculo de Delfos, já que qualquer consulta necessitava ser bem planejada e somente aqueles que possuíam um *status* social mais elevado teriam condições de compreender o que era transmitido nas procissões em versículos. Para saber mais ver: FLOWER, Michael. **The seer in ancient Greece**. Califórnia: University of California Press, 2008.

¹³⁴ CARRILHO, Susana Maria Marques. **Representações do Feminino nas histórias de Heródoto**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra; Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2013.

¹³⁵ PLUTARCO, Mor. 438c

¹³⁶ Para mais informações ver: Flower (2008), Bowden (2005); Fontenrose (1978).

¹³⁷ HERÓDOTO.1.55.Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

feita sobre se o povo lídio deveria fazer uma expedição militar contra os persas. O oráculo de Delfos tornou-se, na Antiguidade Clássica, um dos mais famosos por conta da sua confiabilidade na transmissão de mensagens. Mesmo no caso do trecho mencionado, em que há uma interpretação errônea por parte do rei Lídio sobre entrar em conflito com os persas, a mensagem de Pítia não é desacreditada; o que é questionado é a interpretação de quem recebeu a mensagem, e não o oráculo.

Há, em *Histórias*, apenas duas vezes em que a conduta de Pítia é questionada. A primeira está presente no livro V, quando os alcmeónidas subornam a profetisa para todas as vezes que os espartanos consultassem o oráculo sua resposta fosse favorável a Atenas. Nesse caso, Heródoto parece não acreditar totalmente na informação e não emite sua opinião explicitamente sobre o assunto (compreendemos isto a partir da expressão do autor “Então, segundo se conta em Atenas...”)¹³⁸. O segundo caso está presente no livro VI e diz respeito à legitimidade de Demáratos, rei espartano. Com intenção de afastá-lo do poder, Cleomenes, outro rei espartano, suscitou o questionamento sobre essa legitimidade e suborna o oráculo para que Pítia responda que Demáratos não era filho de Aríston:

Essa ideia de recorrer à Pítia fora premeditada por Cleomenes; este, então, obteve para a sua causa o apoio de Côbon filho de Aristôfantos, personagem muito influente em Delfos, e Côbon persuadiu a sacerdotisa Períala a dizer o que Cleomenes queria que fosse dito; assim, interrogada pelos mensageiros a Pítia declarou que Demáratos não era filho de Aríston. Essa intriga foi descoberta depois de algum tempo; Côbon teve de fugir de Delfos e a sacerdotisa Períala foi destituída de suas honrosas funções¹³⁹.

A partir de ambos os episódios de subornos em relação à figura da sacerdotisa, Carrilho aponta que Pítia, mesmo representando uma figura sagrada, não estava salvaguardada de desrespeitos masculinos e que, enquanto mulher, estava sujeita às fragilidades de caráter de outros seres humanos. Com isso, a autora pretende mostrar que apesar de ser respeitada por exercer uma função relacionada a Apolo, a sacerdotisa também é vista como uma mulher passível de erro e, dessa maneira, o discurso de Heródoto não seria

¹³⁸ **HERÓDOTO. 5.63.** In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹³⁹ **HERÓDOTO. 6.66.** In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

desprovido de controvérsia em relação à figura da mulher¹⁴⁰, vide a exposição da descrição de Artemísia.

Contudo, a autora não explicita o que considera como controverso e se está se referindo a uma caracterização negativa na representação de Pítia. A partir de tais aspectos apontados, discordamos de Carrilho, pois não vemos a posição e a imagem de Pítia sendo questionadas ou julgadas por Heródoto. Além disso, quem foi destituída do posto de sacerdotisa nesse episódio foi Períala que estava envolvida com Côbon, e não Pítia. Adiciona-se que nenhum adjetivo a respeito da figura da mulher a fim de rebaixá-la é feito por Heródoto.

No que concerne aos conselhos que Pítia profere, Dewald faz duas afirmações: primeiro que a profetisa, tal como seus conselhos, representa a intersecção da moral e da política para aqueles que a consultam, ajudando a resolver conflitos e corrigindo comportamentos, sempre para o bem da *pólis*. Entretanto, segundo Dewald, aos olhos de Heródoto, os conselhos não são dela, mas de Apolo - ela seria apenas uma intermediária do deus. Dessa maneira, neste caso, a autora considera que a mulher seria uma agente passiva na esfera dos conflitos bélicos e representaria os limites do que é considerado humano e o que seria da ordem do divino (o futuro, por exemplo) ¹⁴¹.

Embora concordemos com a historiadora sobre a profetisa ser uma intermediária de Apolo, acreditamos que a intersecção do deus com a mulher não deixa de representar um lugar de poder ocupado pelas mulheres na Antiguidade, uma questão de gênero que se opõe aos debates dos historiadores positivistas sobre o assunto. O supracitado Flower expõe que as suposições dos historiadores do século XIX versavam muito sobre se os oráculos entregues por Pítia eram inteligíveis, se suas palavras foram ordenadas por sacerdotes ou versificadores profissionais. Assim como o autor, acreditamos que esses argumentos tinham como objetivo desprivilegiar a posição ocupada por uma mulher e rejeitavam o testemunho explícito que Heródoto transmitiu das falas do oráculo de Delfos dos períodos gregos arcaico e clássico.

Retomamos, assim, que a mulher é representada por Heródoto em diversos lugares e com diferentes *status* sociais em posições que a torna conselheira e influenciadora em assuntos de conflitos. Para tentarmos compreender o porquê da historiografia raramente expor

¹⁴⁰CARRILHO, Susana Maria Marques. **Representações do Feminino nas histórias de Heródoto**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra; Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2013, p.74

¹⁴¹Dewald, C.. "Women and culture in Herodotus' Histories." **Women's Studies: An Interdisciplinary Journal** 8.1-2 (1981).

as mulheres gregas e persas como influentes nas Guerras Greco-Pérsicas, dividiremos nosso próximo capítulo em duas partes. Primeiramente, discutiremos questões relacionadas às identidades gregas e persas para termos compreender como Heródoto entende os protagonistas de sua obra. Na segunda parte do capítulo, analisaremos a historiografia recente que versa sobre as Guerras, visando entender como os conflitos entre os dois povos estão sendo analisados.

CAPÍTULO 2 – POLARIDADES E ATENOCENTRISMOS: AS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS E O ENVOLVIMENTO DE MULHERES

A produção sobre Heródoto e as Guerras Greco-Pérsicas é vasta e frequentemente revisitada. Levando em consideração essa produção, nosso recorte para análise dessa historiografia foi definido a partir de 1980, momento em que as interpretações aliaram-se à perspectiva antropológica e etnocêntrica e passaram a interpretar os persas como representação do outro, ou seja, o não-grego. Essa historiografia, como já comentado, é inspirada principalmente pelo trabalho de François Hartog e sua concepção de alteridade.

Assim, retomaremos aspectos da discussão feita no primeiro capítulo sobre a polivalência de Heródoto, com objetivo de mostrar que as questões da identidade, etnicidade e alteridade em *Histórias* são extremamente importantes para compreendermos o discurso elaborado pelo autor sobre as Guerras entre gregos e persas. Iniciaremos o segundo capítulo demonstrando como a historiografia do fim do século XX até a contemporaneidade, em especial, a francesa, britânica, norte-americana e brasileira, discutiu a representação dos gregos e dos persas do século VI e V a.C em Heródoto.

Apesar de percebermos uma mudança nas interpretações a partir de 1980, consonante com Matheus T. M. de Araujo, acreditamos que há na historiografia contemporânea uma continuidade do discurso polarizado sobre gregos e persas¹⁴². O modelo da polaridade surgiu no contexto da Segunda Guerra Mundial e no início do Pós-Guerra. Grande parte das obras sobre as Guerras Greco-Pérsicas que foram elaboradas nesse período analisaram o conflito simbolizando uma disputa entre a liberdade grega e o despotismo persa. A narrativa herodotiana, para os historiadores dessa corrente¹⁴³, defende a superioridade grega frente à depreciação de um inimigo comum, além de legitimar o surgimento do Império Ateniense.

Nosso trabalho afasta-se do modelo polarizado, pois acreditamos que tal concepção reproduz uma perspectiva *atenocentrista*, ou seja, na qual Atenas é considerada como a principal *pólis* grega e como sua melhor representante. Entretanto, isso nos diz mais a respeito dos vestígios de documentações textuais históricas que chegaram até os nossos tempos do que sobre a Antiguidade e seus pensamentos. A desconstrução da concepção atenocêntrica é uma

¹⁴² ARAUJO, Matheus Treuk Medeiros de. *Civilização e Barbárie. O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias*. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p.26.

¹⁴³ Podemos inserir nessa corrente historiográfica nomes como: Oswyn Murray (1988), Donald Lateiner (1989) e François Lefèvre (2013, 1ªed).

questão que permeia este capítulo, desde o momento da caracterização das identidades gregas e persas, até a análise da historiografia sobre as Guerras.

No nosso primeiro tópico, *Identidades gregas para além dos Atenocentrismos*, iremos explorar a complexidade das identidades gregas em Heródoto. Partindo das concepções de atenocentrismo, iremos analisar como o mundo grego era formado por redes de conexões e trocas culturais. No nosso segundo tópico, *Desvelando a polaridade: a identidade persa em Heródoto e seus meios de governo*, iremos discutir como as Guerras Greco-Persas e a obra de Heródoto foram interpretadas como símbolos das divergências do Oriente *versus* o Ocidente. Além disso, desenvolveremos nossa perspectiva acerca de como a identidade persa é abordada em *Histórias*.

No terceiro tópico, *Conceitos de Guerra e conflito: o que as Guerras Greco-Pérsicas significaram para os gregos*, iremos definir o que era guerra e conflito para os gregos e como esses conceitos movimentavam a vida dos indivíduos pertencentes àquela sociedade. Quem podia participar da guerra? Quais eram as principais motivações para iniciar um conflito? Havia períodos em que as guerras não poderiam ocorrer? Essas são algumas das questões que buscaremos responder para que possamos compreender o que o combate contra os persas pode ter significado para a sociedade grega.

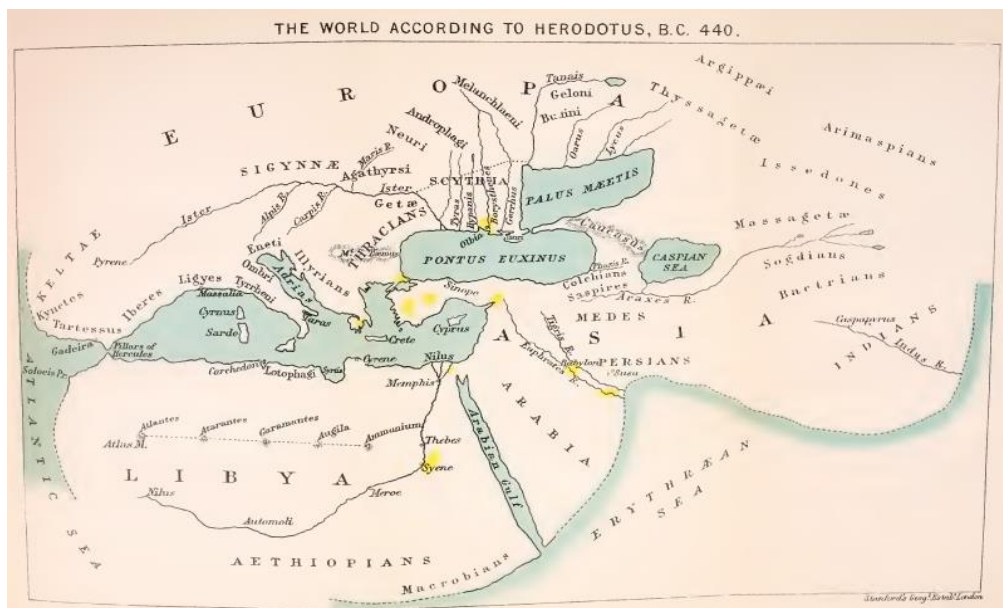
Após definição de guerra, iremos analisar a historiografia das Guerras Greco-Pérsicas e explicaremos porque preferimos denominá-las dessa maneira e não como “Guerras Médicas” ou “Guerras Persas”, como são frequentemente nomeadas.

2.1 Identidades gregas para além dos Atenocentrismos

Já explanamos um pouco no capítulo anterior a maneira pela qual acreditamos que Heródoto compreende as identidades, alteridades e etnicidades nos grupos étnicos e, consequentemente, o que nosso autor entende sobre o que significava ser heleno. Atentamos também para o fato que durante todo nosso trabalho, utilizamos os termos helenos e gregos como sinônimos, já que helenos eram, para Heródoto, aqueles que viviam na Hélade, território que compreendemos como Grécia. Reiteramos que a Grécia de Heródoto não é a Grécia que conhecemos hoje, suas delimitações e fronteiras não eram fixas e não existe ainda na Antiguidade a noção de Estado centralizado.

Os critérios para definir a helenicidade, como dito, são baseados para além do parentesco e elementos étnicos. As diferenças de *nómoi*¹⁴⁴ são critérios determinantes para distinguir um povo do outro. Ainda sim, percebemos em *Histórias* que os grupos não são entidades isoladas e frequentemente realizam trocas culturais que podem modificar, mesclar ou dar origem a um novo povo¹⁴⁵.

Nesse sentido, consideramos Heródoto polivalente: um viajante que compreende seu mundo como passível de conexões e trocas culturais e que ao descrever o outro, nos mostra muito sobre si. Diante disso, entendemos a Hélade de Heródoto como um conjunto de *poleis* com suas especificidades e identidades com traços comuns, mas não estáticos. A territorialidade grega, nesse mesmo raciocínio, não possui fronteiras fixas e perpassa a Grécia Continental, o mediterrâneo e colônias na Ásia Menor (ver mapa 1 e 2 abaixo). Vale lembrar que as colônias da Ásia Menor, de acordo com a narrativa herodotiana no livro I¹⁴⁶, estavam sob o domínio do rei Lídio Creso e, após a conquista dos persas sob a Lídia, permaneceram sob domínio persa desde o fim do século VI a.C. e até parte do século V a.C.



Mapa 1. O mundo de acordo com Heródoto. 440 a.C. In: **HERÓDOTO**. The Persians Wars. Book III - IV. Trans. Anthony D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1928.

¹⁴⁴ O termo *nómoi* (plural de *nomos*), como trabalhado no primeiro capítulo, pode ser entendido como o conjunto de leis e costumes que cada povo possui.

¹⁴⁵ THOMAS, R. Ethnicity, genealogy, and Hellenism in Herodotus. In: Antonaccio, C. M., Cohen, B., Gruen, E. S., & Hall, J. M. (org). **Ancient perceptions of Greek ethnicity**. Harvard Univ Center for Hellenic, 2001.p.215 - 216

¹⁴⁶ **HERÓDOTO.1.27**. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.



Mapa 2. Grécia com destaque para Foceia (vermelho). Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/historians/notes/phocis.html>. Acesso em: 4 de set. 2021.

A partir das considerações expostas e tendo em vista essa ampla territorialidade grega, que diferente da nossa concepção contemporânea, não possui demarcações de fronteiras rígidas, questionamos: é possível falar em uma identidade grega monolítica em Heródoto? Há um amplo debate, desde o final do século XX, o qual defende que devemos ir além do atenocentrismo construído durante o século XIX, devido aos debates sobre estados

nacionais¹⁴⁷. Porém, ainda vemos na historiografia um enfoque na posição de Atenas em *Histórias* e o argumento de que o discurso herodotiano é uma espécie de promoção do império ateniense. Se assim considerarmos, não estamos novamente reproduzindo um atenocentrismo e desconsiderando a importância e complexidade de tantos povos gregos que estão presentes na obra de Heródoto?

Para conseguirmos responder a questão sobre a identidade grega em Heródoto ser ou não monolítica, faremos o processo inverso, mostrando o que não é sua concepção sobre a Hélade. Para isso, partiremos da nossa segunda indagação sobre o protagonismo de Atenas. Primeiramente, é necessário distinguirmos de qual atenocentrismo estamos tratando. De acordo com Gilberto da Silva Francisco e Fabio Augusto Morales:

A hegemonia de fontes atenienses na tradição clássica literária, por exemplo, se diferencia da consideração de que Atenas fosse hegemônica na cultura grega, como o acreditavam diversos autores de textos daquela tradição, atenienses ou não; paralelamente, a atração exercida pelos estudos atenienses sobre os estudiosos da Antiguidade se diferencia da construção historiográfica que toma Atenas como síntese da história da Grécia¹⁴⁸.

O que propomos analisar aqui é este último sentido que tende a considerar Atenas como síntese da história da Grécia e reproduz a metomínia: “Atenas é a *pólis* grega por excelência”¹⁴⁹. Em concordância com Francisco e Morales, essa perspectiva está vinculada a concepções sociais e históricas que fundamentam a História Antiga e a História da Grécia. Há a necessidade de desconstruir, principalmente, duas questões que permeiam essas aceções: a de que a História Antiga é uma história das cidades, por oposição aos reinos teocráticos orientais; e de que a História da Grécia pode ser compreendida em termos biológicos (isto é, que cada período da História grega refere-se a um estágio biológico: nascimento – Arcaico; maturidade - Clássico e velhice – Helenístico)¹⁵⁰.

Concordamos com Maria Beatriz Borba Florenzano ao afirmar que durante muito tempo a documentação textual guiou os estudos sobre a Antiguidade, pois foram priorizados nesses documentos os elementos que atendiam a necessidade de cada época. Entretanto, Florenzano pontua que o atenocentrismo não surge no século XIX, ele surge bem antes. Para a

¹⁴⁷ Podemos ver Atenas sendo comparada como uma nação em trabalhos como: HEEREN, A. H. L. **Ancient Greece**. Boston: C.C. Little & J. Brown, 1842; DURUY, J. V. **Histoire de la Grèce ancienne**. Paris: L. Hachette et Cie, 1862; GROTE, G. **History of Greece**. v. 2. New York: Harper & Brothers Publishers, 1853.

¹⁴⁸ FRANCISCO, G da S., MORALES, F. M.. Desvelando o Atenocentrismo. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 14, 2016, p. 69.

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ Ibidem , p.69.

historiadora, os atenienses criaram uma reflexão sobre si e isso precisa ser reconhecido. Embora exista a necessidade de ir para além de Atenas, não basta somente desconstruir o atenocentrismo, é necessário reconhecê-lo para então ultrapassá-lo. Por que somente a constituição de Aristóteles sobre Atenas sobreviveu integralmente até a contemporaneidade? Acredita-se que sua escola tenha escrito mais de cem constituições, entretanto, somente a de Atenas sobreviveu à passagem dos séculos¹⁵¹. Não possuímos a resposta para a predominância de atenocentrismos já na Antiguidade, já que o passado não pode ser palpável tal qual ele foi, mas assim como Florenzano, concordamos que essa é uma questão que merece ser pontuada e analisada.

Enquanto no século XIX foi concretizado um atenocentrismo baseado na autorrepresentação de nação, no século XX, o discurso privilegia a *pólis* e a Atenas-nação é transposta para Atenas cidade-estado modelo. Com objetivo de questionar essa centralidade de Atenas, o projeto Inventário de *poleis* dos períodos Arcaico e Clássico conduzido pelo *Copenhagen PolisCentre* durante os anos de 1993 a 2003 registrou a existência de 1500 *poleis* gregas espalhadas pelo mundo antigo. Esse projeto propôs uma análise para compreender o que era a *pólis* para os seus conterrâneos e se ela realmente tinha a importância que os historiadores a relegaram¹⁵².

De acordo com Mogens Herman Hansen e Thomas Heine Nielsen, em documentos escritos dos períodos Arcaico e Clássico há mais de onze mil ocorrências do termo *pólis* e um número igual ou maior de seus derivados (*polites*, *politeia*, *polisma*, *politikos*, etc). Segundo os autores, o número elevado nos mostra que era incontornável para os gregos se referirem a assuntos públicos sem usar a palavra *pólis* e seus derivados. “O termo e o conceito por trás dele eram, portanto, de suma importância, não apenas como a designação de um fenômeno físico, mas também como um conceito chave no pensamento político grego”¹⁵³.

Deslocando o debate para a historiografia, o historiador Norberto Luiz Guarinello afirma que a comunidade acadêmica costuma entender as diferentes formas de organização social no mundo antigo através dos conceitos-chave *pólis*, cidade-estado e cidade antiga e os utilizam como se fossem sinônimos. Entretanto, Guarinello atenta-nos que os termos

¹⁵¹ CIDADES E PERIFERIAS NO MUNDO ANTIGO. Maria Beatriz Borba Florenzano. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1, 2019, p.10-14.

¹⁵² HANSEN, M. H., NIELSEN, T. H. **An inventory of archaic and classical poleis**. Oxford : Oxford University Press, 2004, p.3-4.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 12.

representam modelos distintos para pensar as sociedades antigas, pois possuem origens e significados diferentes que implicam nas interpretações sobre o passado¹⁵⁴.

O termo cidade-estado é um conceito muito amplo, já que costuma ser empregado não apenas para a Grécia, mas para outras regiões do Mediterrâneo Antigo. O problema na utilização deste conceito reside no enfoque na palavra Estado, pois não há na Antiguidade um Estado centralizado como compreendemos na contemporaneidade. De acordo com Guarinello, cidade é ainda mais amplo que o termo anterior e o mais útil conforme a perspectiva arqueológica, pois se concentra nos processos de urbanização. Há também um problema metodológico no emprego deste termo por dois motivos. Primeiramente, há uma dificuldade em delimitarmos, através das documentações, os critérios mínimos para classificarmos assentamentos como cidades. Além disso, a aplicação do termo cidade exclui, parcialmente, o território agrícola que era essencial na sociedade antiga¹⁵⁵.

Já o conceito de *pólis* tende a restringir-se ao “mundo de fala ou de cultura grega”, portanto, confere mais especificidade e limita a possibilidade de realizar comparações com outras sociedades do mediterrâneo que viviam de maneira semelhante. Tanto Guarinello como Hansen enfatizam a multiplicidade de significados que o termo *pólis* possui nas documentações textuais (fortaleza ou acrópole, centro urbano, conjunto de cidadãos), assim como concordam que o conceito refere-se a uma comunidade política¹⁵⁶. Em vista dos debates e especificações, preferimos empregar o termo *pólis* ao longo de nossa pesquisa.

Por conseguinte, na Grécia dos períodos Arcaico e Clássico, pertencer a um contexto político significava pertencer a uma *pólis*. Ainda conforme Hansen e Nielsen, para um cidadão grego, a *pólis* era a sua pátria (*patris*). Acima dela, ele poderia pertencer a uma etnia e abaixo do nível da *pólis* ele poderia pertencer a uma subdivisão cívica (um *demos* ou uma *phyle*). Porém, os autores ressaltam que o cidadão grego não se sacrificaria por sua etnia ou *demos*, já por sua *pólis*, esperava-se que ele morresse se fosse necessário¹⁵⁷.

É possível visualizar o sacrifício pela *pólis* quando necessário no livro VII de Heródoto. Os atenienses perguntam a Pítia como proceder contra a invasão persa e a sacerdotisa recomenda que os cidadãos deixem suas casa e cidade e fujam. Desolados com a

¹⁵⁴ GUARINELLO, N. L. Modelos teóricos sobre as cidades. In: FLORENZANO, M. B. B., HIRATA, E. F. V. (orgs.). **Estudos sobre a Cidade Antiga**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, Fapesp, 2009, p.109.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 116-117.

¹⁵⁶ GUARINELLO, p. 116; HANSEN, p. 12-14.

¹⁵⁷ Op.Cit, p.12.

previsão ruim, Heródoto diz que eles perguntam se há a mínima possibilidade de vencerem: “‘Senhor’ eles disseram ‘considerem misericordiosamente estes ramos suplicantes que trazemos diante de ti, e nos dê alguma resposta melhor acerca do nosso território. Caso contrário não partiremos daqui, ficaremos até a morte’”¹⁵⁸. Ou seja, eles morreriam pela cidade se fosse possível livrar o território da conquista dos persas.

Já sobre a importância de se pertencer a uma *pólis* em um momento político, percebemos esta questão no livro VIII de Heródoto. Atenas havia sido conquistada por Xerxes e parte dos atenienses havia abandonado a *pólis* e ido para Salamina. Durante o conselho de guerra antes da batalha de Salamina Adimantos, o general de Coríntio, tenta silenciar o ateniense Temístocles dizendo:

Assim disse Temístocles; mas Adimantos, o coríntio, atacou-o novamente, dizendo que um homem sem *patris* deveria se calar e que não tinha *pólis* para votar; que Temístocles (disse ele) tivesse uma *pólis* em suas costas antes de tomar parte no conselho, - zombando dele assim porque Atenas foi tomada e mantida pelo inimigo. Portanto, Temístocles falou longa e amargamente contra Adimantos e os coríntios, dando-lhes claramente a compreensão de que os atenienses tinham uma *pólis* e um território maiores que os deles, tanto que tinham duzentos navios totalmente tripulados; portanto não havia gregos que pudessem rechaçá-los¹⁵⁹.

Outra questão importante, pontuada pelos organizadores do Inventário de *Poleis*, para compreendermos a complexidade das *poleis* e, conseqüentemente, da Grécia Antiga, diz respeito às subdivisões helenas por *ethne*. Tal qual a *pólis*, cada *ethno* possuía um significado pessoal e geográfico. Cada uma dessas regiões era, portanto, habitada por uma etnia, embora esses segmentos não se configurassem como entidades étnicas como a Hélade, mas pertenciam ao mundo grego¹⁶⁰. De acordo com Mariana Figueiredo Virgolino, o *ethno* era uma “identidade ligada a uma configuração de poder de caráter regional, coletiva e mais fluída, que poderia gerar ou não uma confederação ou póleis individuais”¹⁶¹. As *ethne* tinham sua administração concentrada nos santuários, enquanto a *pólis* possuía uma vida política mais complexa. A *pólis* possuía um centro urbano mais delimitado e os *ethne* se espalhavam

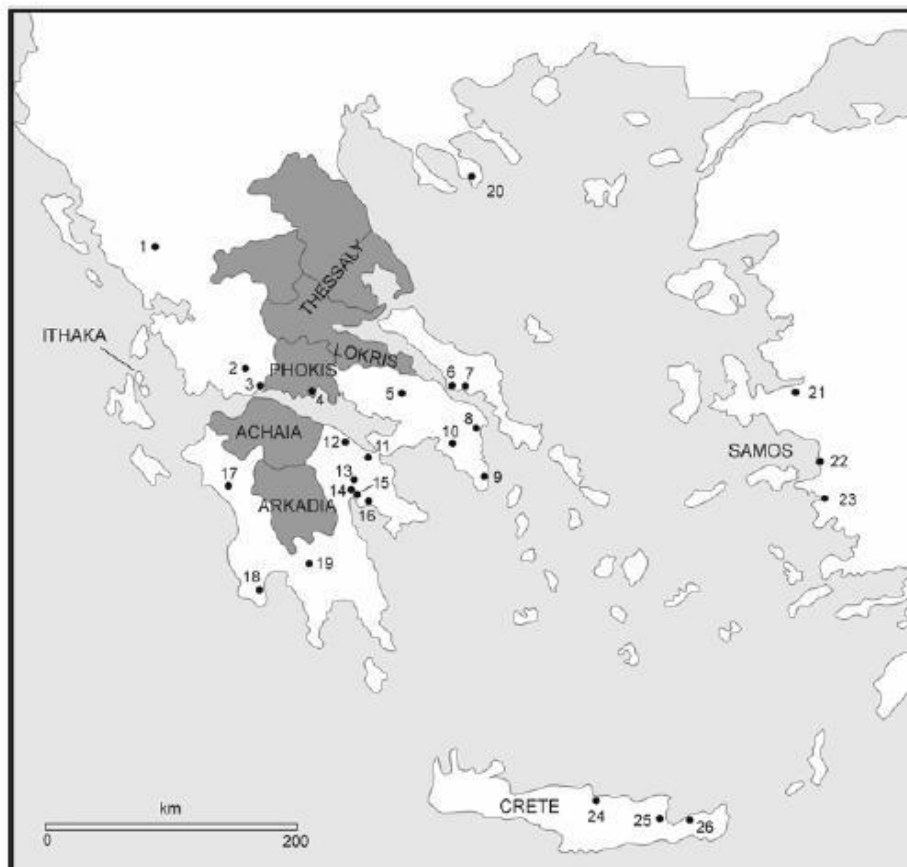
¹⁵⁸ HERÓDOTO. 7.141. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹⁵⁹ HERÓDOTO. 8.61. . In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

¹⁶⁰ Op.cit, p. 4-5.

¹⁶¹ VIRGOLINO, F. M. **Redes, stásis e Estabilidade na Grécia Antiga: um estudo em cultura política**. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018, p.45-46.

por uma extensão territorial mais ampla. No mapa abaixo, temos destacado em cinza as regiões onde houve a predominância da organização através de *ethne*.



Mapa 3. Regiões gregas onde predominaram as *ethne*. In.: MORGAN, C. **Early Greek States Beyond the Polis**. Londres: Routledge, 2003, p.19.

Ainda segundo Virgolino, as perspectivas sobre a Grécia Antiga no Brasil têm enfatizado a necessidade tanto de olharmos para as comunidades gregas de maneira mais ampla, quanto de interpretarmos a Hélade como mais conectada com as sociedades ao seu redor. No entanto, concordamos com a autora ao afirmar que, embora os historiadores brasileiros afirmem isso, grande parte das discussões ainda possuem como cerne a Atenas democrática do século V a.C., provocando um desconforto ao ressaltarem a necessidade de priorizar a heterogeneidade do Mediterrâneo, enquanto permanecem com a análise da mesma *pólis* nessa nova história da Hélade. A autora acredita que para superarmos esse *tópos* é necessário que as pesquisas abranjam a cultura material junto aos documentos textuais¹⁶².

¹⁶² Ibidem, p. 44-45. Vemos isso nos trabalhos, por exemplo, de Marta Mega de Andrade (2001), Norberto Luiz Guarinello (2009), Gilberto da Silva Francisco e Fabio Augusto Morales (2016).

Há uma tendência historiográfica recente que busca compreender as relações no mundo antigo como integradas, indo além do etnocentrismo e visualizando, dessa maneira, a História da Grécia não mais como uma história das cidades, mas como uma história em que a Grécia e os gregos compõem o mediterrâneo¹⁶³. O historiador Irad Malkin demonstra em seu livro *A Small Greek World* como o mundo helênico era complexo e etnicamente interligado através da sua teoria das redes. Malkin acredita que a sociedade grega surgiu justamente quando os gregos estavam se separando, ou seja, a sociedade grega teria surgido através e pela distância, pois foi a partir dela que se desenvolveu a conectividade de rede¹⁶⁴.

Nesse sentido, as comunidades gregas funcionavam como nós e *hubs* (concentradores), os quais partilhavam informações entre as redes nas quais estavam inseridas. Essas informações poderiam ser de diversas temáticas e não somente de caráter comercial. Ao dialogarem entre si e com os outros povos, através da diferença, as comunidades grega foram criando padrões identitários e transformando-os com a intensificação ou enfraquecimento dessas interações¹⁶⁵.

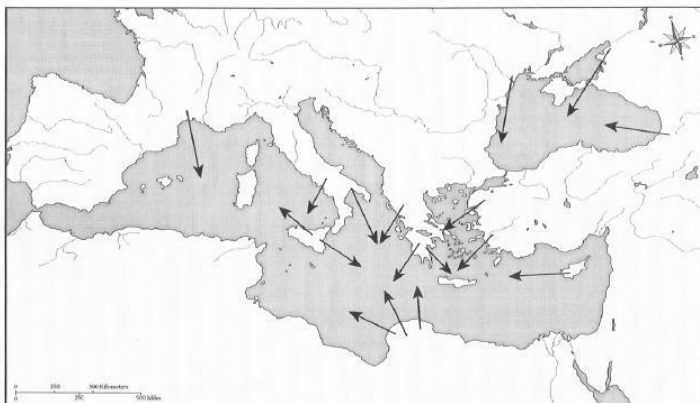
O Mediterrâneo, de acordo com Malkin, era um local de trocas e de grande circulação, seja de ideias ou de pessoas, com áreas de influências, mas sem centros fixos. Foi através do mar que os gregos migraram e fundaram novas cidades, criando identidades, transferindo cultos, mitos, convenções artísticas, artefatos, ânforas e filosofias. Dessa forma, as conexões criadas, tanto as planejadas quanto as aleatórias, reduziram a distância entre os nós da rede. Nesse sentido, concordamos com o historiador ao afirmar que o Mediterrâneo e o Mar Negro formavam um *Small World*¹⁶⁶. No mapa abaixo temos a representação das trocas com a orientação no sentido do mar para a costa, mostrando como o mar Mediterrâneo se tornou um centro virtual para a Hélade.

¹⁶³ Podemos inserir nessa historiografia, por exemplo, Maria Beatriz Borba Florenzano (2019), Norberto Luiz Guarinello (2009).

¹⁶⁴ MALKIN, I. **A small Greek world: networks in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2011. P. 3

¹⁶⁵ Ibidem, p.39-40.

¹⁶⁶ Ibidem, p.5.



Mapa 4 In : MALKIN, I. **A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p.6.

Podemos verificar essas redes de contato em *Histórias* de diversas maneiras. A fim de confrontar e demonstrar que o mundo para Heródoto não era dividido esquematicamente entre Ocidente e Oriente, os pesquisadores Elton Barker, Stefan Bouzarovski, Chris Pelling, Leif Isaksen, estudiosos das áreas de Estudos Clássicos, Geografia, Arqueologia e Humanidades Digitais, sistematizaram como o espaço geográfico foi organizado na narrativa herodotiana. O grupo chamado *Hestia* catalogou todos os nomes de lugares citados na obra de Heródoto e, utilizando tecnologias de mapeamento (GIS, Google Earth e Narrative TimeMap), mostrou como os mundos grego e persa são citados por Heródoto de maneira inter-relacionados. Ademais, evidenciou como é possível utilizar a teoria de redes para analisar Heródoto, permitindo que o espaço seja visualizado como algo vívido e experimentado¹⁶⁷.

Os pesquisadores pontuam que os mapas produzidos pelo grupo não devem ser considerados como imagens que demonstram como o mundo era conforme Heródoto, mas sim como uma ferramenta de investigação, ou seja, são mapas que proporcionam interrogações¹⁶⁸. Heródoto não acreditava na capacidade dos mapas de representar adequadamente a relação dos indivíduos com o espaço. Talvez tenha sido por isso, juntamente a sua percepção de viajante, que o autor tenha se preocupado em passar para os seus ouvintes suas percepções sobre o espaço, as distâncias e territórios de maneira tão vívida. Podemos observar tal preocupação no livro IV quando ele diz que

¹⁶⁷ Para mais informações consultar o site. Disponível em: <<https://hestia.open.ac.uk/>>. Acesso em: 08 de Set. 2021. BARKER, Elton et al. ON USING DIGITAL RESOURCES FOR THE STUDY OF AN ANCIENT TEXT: THE CASE OF HERODOTUS' HISTORIES. **Digital Classicist Supplement: Bulletin of the Institute of Classical Studies Supplement**, v. 122, p. 45-62, 2013, p.47.

¹⁶⁸ Ibidem, p.52-53.

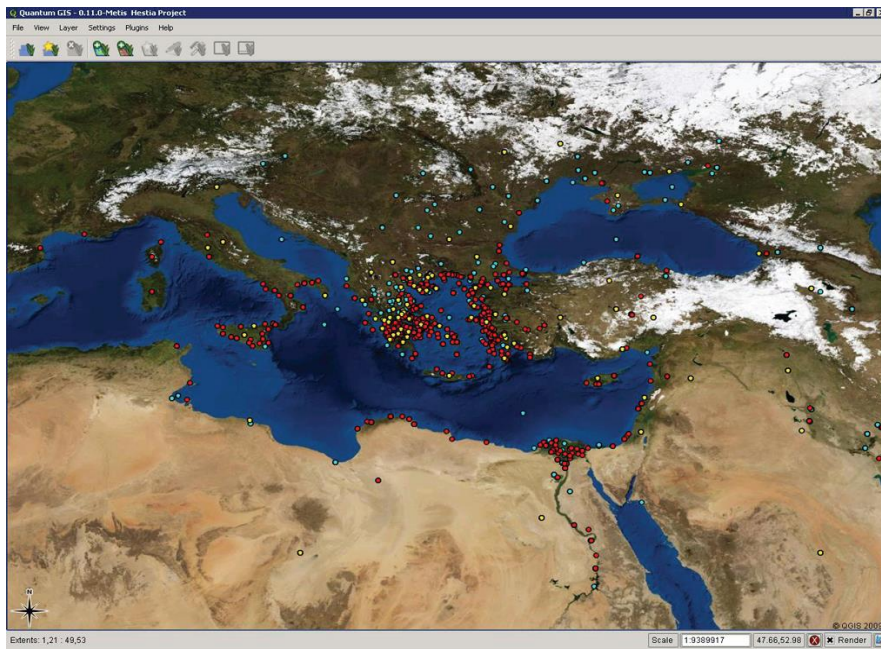
E eu dou risada de ver que muitos já traçaram mapas da terra e não prestaram atenção em nada do que estão expondo, que desenham o Oceano correndo em volta da terra, que é circular, como se feita por um compasso, e desenham a Ásia em proporção igual à Europa. Pois, em poucas palavras, eu mostrarei a extensão de cada uma delas e como se pode fazer um desenho de cada uma delas¹⁶⁹.

Portanto, acreditamos que se Heródoto tinha tamanha preocupação em demonstrar o que o espaço geográfico significava, três aspectos precisam ser considerados quando analisamos e pensamos sobre identidade em sua obra: a sua representação de mundo, a interação que gregos e persas possuíam e a fluidez das delimitações entre os povos que podem ser percebidas em suas descrições. Selecionamos 3 mapas produzidos pelo grupo *Hestia* que acreditamos ser importante para pensarmos nas concepção de mundo herodotiano e nas suas redes de contato.

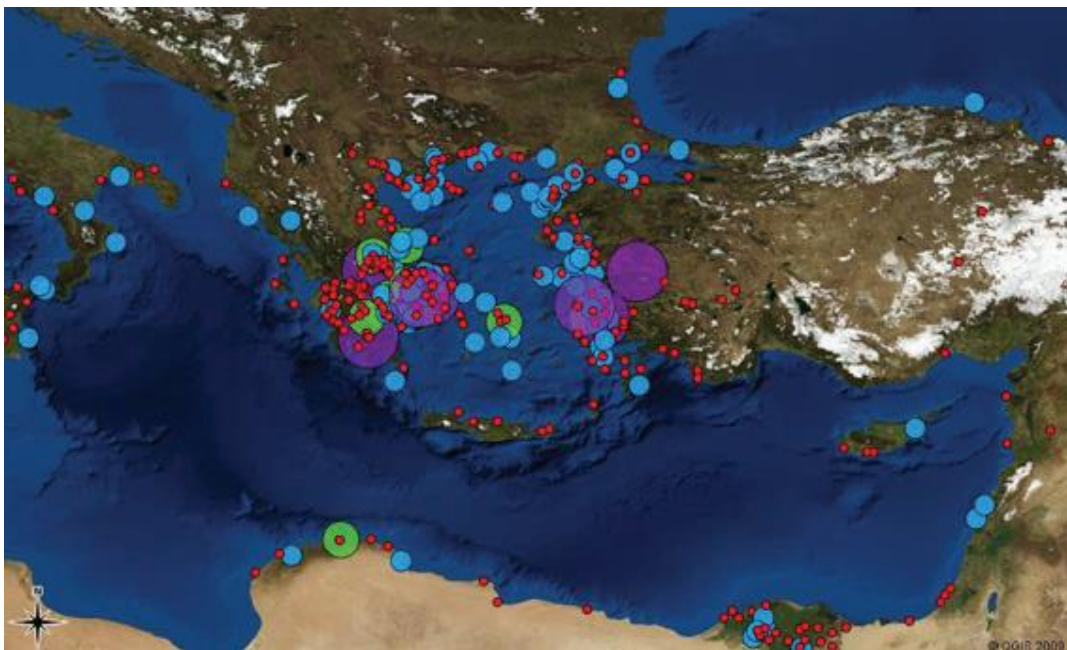
No mapa 5, podemos visualizar todos os assentamentos (em vermelho), os territórios (em amarelo) e características físicas (em azul) citadas em *Histórias*. Já no mapa 6, podemos visualizar lugares classificados pelos pesquisadores como assentamentos e escalados, de acordo com o número de referências que cada um recebe ao longo das *Histórias* (os círculos maiores mostram os que foram mencionados com mais frequência). De acordo com Barker, Bouzarovski, Pelling e Isaksen, não é uma grande surpresa que Atenas e Esparta apareçam em destaque, entretanto, os pesquisadores ressaltam que o valor deste mapa se revela quando observamos Mileto e Samos: Mileto foi o centro da Revolta Iônica (o princípio da Guerra entre gregos e persas para Heródoto) e Samos, que de acordo com os autores, parece ser importante por causa dos acontecimentos pós-história do texto, a saber, o crescimento do poder ateniense que resultou na subjugação brutal de Samos¹⁷⁰. Por último, o mapa 7 mostra a rede de assentamentos/territórios que são mencionados juntos no texto em mais de uma ocasião. Os traços em vermelho indicam as interações mais intensas, com base na quantidade de vezes que foram mencionados.

¹⁶⁹ **HERÓDOTO.4.36.** Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2019.

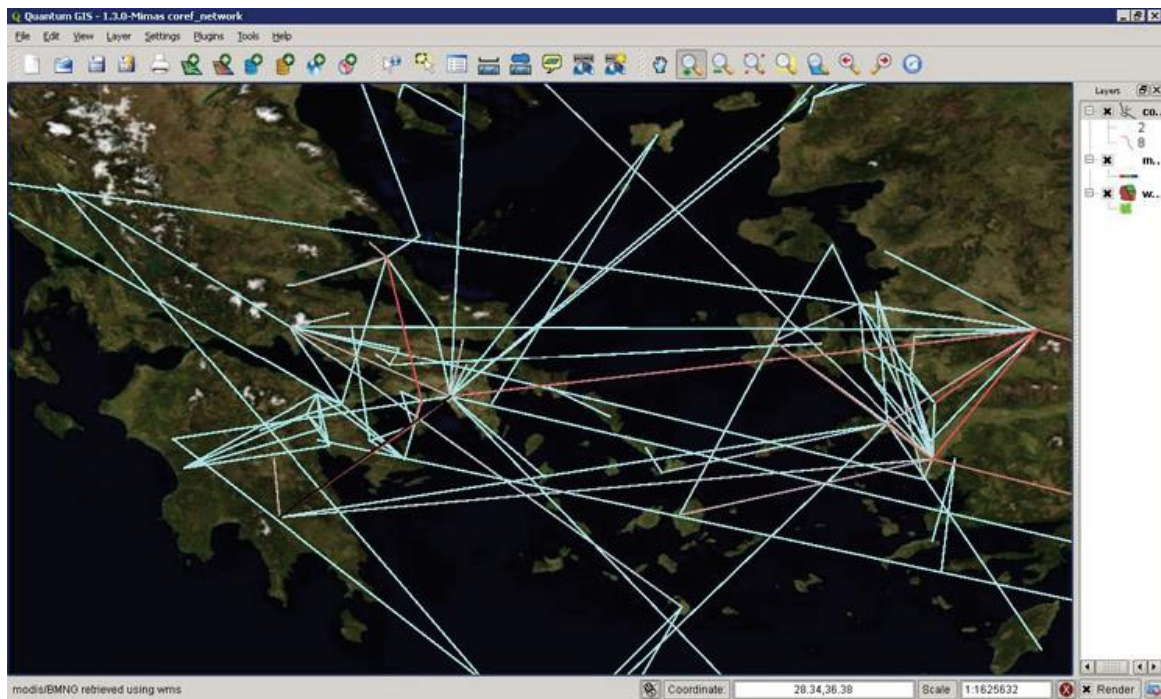
¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 54.



Mapa 5 In: BARKER, Elton et al. ON USING DIGITAL RESOURCES FOR THE STUDY OF AN ANCIENT TEXT: THE CASE OF HERODOTUS' HISTORIES. **Digital Classicist Supplement: Bulletin of the Institute of Classical Studies Supplement**, v. 122, p. 45-62, 2013, p. 53.



Mapa 6 (em QGIS) mostrando assentamentos de acordo com o número de vezes que foram citados em Histórias. As localidades mais frequentemente mencionadas (representadas pelos círculos roxos grandes) são: Esparta, Delfos, Atenas, Salamina, Samos, Mileto e Sardis. In: BARKER, Elton et al. ON USING DIGITAL RESOURCES FOR THE STUDY OF AN ANCIENT TEXT: THE CASE OF HERODOTUS' HISTORIES. **Digital Classicist Supplement: Bulletin of the Institute of Classical Studies Supplement**, v. 122, p. 45-62, 2013, p. 54.



Mapa 7 visto de perto (em QGIS) mostrando a “rede de assentamentos” durante as *Histórias*: as linhas indicam ocorrências de localidades mencionadas juntas no texto mais de uma vez; as linhas em vermelho indicam relacionamentos mais intensos, com base apenas na contagem. In: BARKER, Elton et al. ON USING DIGITAL RESOURCES FOR THE STUDY OF AN ANCIENT TEXT: THE CASE OF HERODOTUS’ HISTORIES. *Digital Classicist Supplement: Bulletin of the Institute of Classical Studies Supplement*, v. 122, p. 45-62, 2013, p. 55.

Retomando a nossa segunda questão do início deste tópico sobre a promoção do império ateniense em *Histórias*, será que essa interpretação da narrativa herodotiana não se tornou um vício da historiografia e direcionou nossa perspectiva, fazendo que ignoremos algumas observações do próprio Heródoto? Não estamos afirmando que não há um discurso que dê importância para Atenas, mesmo porque Atenas de fato participou na luta contra os persas. Mas será que não ampliamos a sua relevância nas *Histórias* como um todo?

São perguntas para as quais talvez não tenhamos todas as respostas, entretanto, não podemos ignorar que muitas vezes Heródoto não mostra a excepcionalidade de Atenas como, por vezes, a historiografia aponta. Como já pontuado no primeiro capítulo deste trabalho, Muson destaca que o “pai da História” escolhe associar a descendência de Atenas a uma raça de origem não grega (os iônios). Destacamos também que, quando associa os gregos aos iônios Heródoto diz que seus conterrâneos consideravam esse último povo os mais fracos de

todos os helenos¹⁷¹. É relevante ainda lembrar que Heródoto poderia ter reproduzido o mito da autoctonia ateniense e utilizado a narrativa mitológica que sugere que os atenienses eram descendentes dos erecteus e que haviam nascido da Terra. Mas como Heródoto atribuiu a Sólon em seu discurso ao rei Lídio Cresos: “É impossível que um homem reúna todas essas coisas, assim como *nenhuma região é completamente suficiente para prover por si mesma todos os produtos.*”¹⁷².

2.2 Desvelando a polaridade: a identidade persa em Heródoto e seus meios de governo

Com uma rica bibliografia e ampla discussão em sua tese de doutorado, Matheus Treuk Medeiros de Araujo mostra de que forma o modelo de polaridade como meio de legitimar a superioridade dos regimes gregos no contexto de enaltecimento dos Estados Nacionais tornou-se um consenso nos estudos herodotianos no período antes da Segunda Guerra Mundial e no início do Pós-Guerra. Araujo argumenta que, a partir dos anos de 1980 com os estudos etnográficos, há o desenvolvimento de outras vias de pensamento que questionam a noção de liberdade em oposição à tirania ou despotismo¹⁷³, mesmo assim, temos permanência dessa concepção ainda hoje¹⁷⁴. Indo além de um mundo bipartido entre gregos e bárbaros, o autor em seu trabalho busca demonstrar que a distinção política entre esses dois povos não tem seu âmago na questão constitucional, mas sim em um tipo de Estado:

Na verdade, é o domínio imperial de persas e seus predecessores que surge como a imaginada fronteira entre gregos e não-gregos, ainda que essa baliza seja altamente permeável e porosa. Isso porque o império, originalmente um atributo oriental, seria logo incorporado pelos atenienses, tornando-se inviável qualquer leitura essencialista da distinção. Heródoto, ao que tudo indica, jamais imaginou uma separação incontornável e genética entre gregos e bárbaros e, na verdade, subverteu noções de alteridade sedimentadas pelo senso comum, relativizando seus limites. As *Histórias* apresentam uma visão da cultura como fenômeno mutável e elástico. A percepção de que os atenienses poderiam vir a reproduzir, perigosamente, uma estrutura de dominação até então desconhecida entre os helenos, deve ter contribuído para essa perspectiva da dinamicidade cultural¹⁷⁵.

¹⁷¹ MUNSON, R. V. Herodotus and ethnicity. MCINERNEY, J.(org). **A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean**, p 2014, p.345.

¹⁷² Grifo nosso. **HERÓDOTO. 1.32**. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I Clio*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

¹⁷³ É comum na historiografia chamar essa oposição de formas de governo de teoria ou modelo de polaridade. Iremos desenvolver mais sobre essa corrente durante este tópico.

¹⁷⁴ ARAUJO, Matheus Treuk Medeiros de. *Civilização e Barbárie. O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias*. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p.26 -50.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p.23-24.

A questão da polaridade, portanto, diz muito mais sobre o contexto no qual a historiografia foi elaborada do que sobre a visão de Heródoto propriamente dita. Pois, apesar do autor grego expor a ideia de império integrado por vários *étnē* como uma especificidade oriental, progressivamente em sua narrativa, Heródoto faz uma aproximação em relação ao novo lugar ocupado por Atenas durante as últimas décadas do século V a.C.¹⁷⁶. Além disso, a narrativa herodotiana não possui como característica uma oposição simplista e esquemática. Nesse tópico, exibiremos alguns pontos para repensarmos esse modelo e demonstrar como visualizamos esses aspectos em *Histórias*.

Nesse sentido, concordamos com Kostas Vlassopoulos, uma vez que acreditamos que o conceito de *pólis* abrangeu e atendeu várias necessidades de representação e nacionalismos em uma História Eurocêntrica, além de ter servido para diferenciar os gregos (criadores da liberdade e da democracia) dos povos do oriente (com suas monarquias e despotismos). Vlassopoulos aponta que a história grega normalmente é tratada como parte da história ocidental ou europeia e que, embora faça parte do Mediterrâneo, não foi estudada a partir da perspectiva da história contínua desta área geográfica. Em seu trabalho, o autor propõe analisar a história de como a interação e a interdependência entre vários povos e grupos moldaram o passado, bem como estudar a história da Grécia sob outros referenciais¹⁷⁷.

Mudando então a perspectiva, ao invés de tomar o ocidente como referência, Vlassopoulos parte das definições do Oriente Próximo e do Mediterrâneo para questionar o *topos* historiográfico sobre o despotismo oriental versus a liberdade democrática grega. O ponto principal defendido pelo autor é que o estudo da democracia grega não pode mais ser visto como algo esplêndido e não deve ser entendido como o surgimento de um sistema desenvolvido dentro de cada *pólis*, mas sim como uma forma política que resultou da elaboração de pensamentos e mudanças no mundo em que as *poleis* gregas estavam inseridas¹⁷⁸.

Um dos principais argumentos que fundamentam a inexistência de liberdade e cidadania no Oriente Próximo diz respeito à escassez de documentação que versa sobre esses

¹⁷⁶ Ibidem, p. 320-321.

¹⁷⁷ VLASSOPOULOS, K. **Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond eurocentrism**. Cambridge, Nova Iorque, Melbourne, Madrid: Cambridge University Press, 2007, p. 1-10

¹⁷⁸ Ibidem, p. 101-122.

conceitos¹⁷⁹. Entretanto, essa não foi uma particularidade somente do Oriente, e sim, uma situação que acontecia na maioria das comunidades gregas:

Quantos decretos públicos de cidadania temos, durante o período clássico, de importantes *pólis* como Corinto, Tebas, Samos ou Esparta, sem contar no grande número de pequenas *pólis*? De fato, muito poucos. E mesmo quando os temos, com que frequência podemos estabelecer quem tinha o direito de cidadania e em que termos? De fato, a ausência desse tipo de evidência induziu os estudiosos a assumirem implicitamente, ao falar da *pólis* grega em geral, uma situação de sufrágio masculino adulto como em Atenas, apesar das claras declarações de Aristóteles mostrar o contrário¹⁸⁰.

Sobre o sufrágio masculino de Atenas tomado como exemplo, vale pontuar que vemos em Heródoto que cada *pólis* possuía suas especificidades. Por exemplo, no livro I, ao falar dos lícios, o autor menciona que os homens daquela região são identificados pelos sobrenomes de suas mães, não pelo dos pais. Diante disso, percebe-se que a cidadania dessa *pólis* é regida de acordo com a cidadania das mulheres:

Se algum outro vizinho lhe perguntar quem ele é, expõe detalhadamente sua origem por parte de mãe e enumera a partir de sua mãe as outras mães. E se uma mulher cidadã desposa um escravo, os seus filhos são considerados livres por nascimento; e se um homem cidadão, ainda que sendo o primeiro dentre eles, toma em casamento uma mulher estrangeira ou uma concubina, os filhos nascem sem os direitos dos cidadãos¹⁸¹.

Moses I. Finley afirma em seu livro *A Economia Antiga* a impossibilidade de traduzir a palavra liberdade e homem livre em qualquer idioma do Oriente Próximo, legitimando através de seu discurso a superioridade grega e romana em relação aos seus vizinhos da Ásia. O historiador acredita que as formas de poder, economia e religião do Oriente Próximo divergem em todos os aspectos do mundo greco-romano. Ademais, Finley explica o funcionamento da economia da região de maneira simplista e generalizada e, por fim, argumenta que a região só se tornou relevante para o estudo greco-romano a partir das conquistas de Alexandre III (356 a.C -323 a.C.), conhecido como Alexandre, o Grande¹⁸².

Concordamos com Vlassopoulos ao criticar o pensamento de Finley. Segundo Vlassopoulos, o fato do Oriente Próximo não ter categorizado suas relações da mesma maneira que os gregos não implicava a inexistência de relações de liberdade. Para os atenienses, a presença de realeza não excluía a existência da cidadania em territórios

¹⁷⁹ Ibidem, p. 101.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 102-103.

¹⁸¹ **HERÓDOTO**. 1.173. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I Clio*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

¹⁸² MOSES, F. I. **The Ancient Economy**. Berkeley : University of California Press, 1999, p. 27-28.

bárbaros¹⁸³. Acreditamos que é necessário analisar as formas de poder junto a realidade de cada sociedade, ao invés de aderirmos a um discurso eurocentrista que nega ou deprecia o diferente.

Otávio Luiz Vieira Pinto complementa que o governo dos persas aquemênidas era estabelecido a partir de satrapias, ou seja, “distritos provinciais que deviam obediência e tributo ao *Xšâyathiya Xšâyathiyânâm*, isto é, ao ‘Rei dos Reis’”, e que talvez “a autoridade impressionante dos aquemênidas causasse desconforto nos pensadores gregos, como Heródoto, que viam na obediência e na devoção demandada dos súditos e dos sátrapas um elemento alienígena aos formatos de governo helênicos”¹⁸⁴.

Concluimos, a partir da discussão sobre polaridade, que o mundo bipartido não é uma realidade em Heródoto. Como vimos, a discussão diz mais sobre as interpretações da obra do autor grego e como a historiografia fez uso dela. Outro ponto que deve ser lembrado é que o autor grego pode ser considerado um cidadão polivalente que se reconhece em outros muito diferentes, o que implica na sua visão de mundo sem fronteiras culturais rígidas. No entanto, devemos nos atentar que a existência do bárbaro em *Histórias* é inegável e tem como seu representante principal os persas.

É possível visualizar a polivalência de Heródoto nos diversos momentos em que o autor faz apontamentos sobre as identidades de diferentes povos¹⁸⁵. Destacaremos aqui duas instâncias principais que conseguimos perceber tal polivalência. A primeira pode ser visualizada quando o historiador apresenta ao seu público um povo e faz aproximações entre as identidades, ou quando enfatiza aquilo que determinado grupo se apropriou de outro. Acreditamos que somente compreendendo Heródoto como cidadão do mundo é possível entender a amplitude identitária que o autor expõe em sua obra e, conseqüentemente, vê refletida em seu mundo. No livro I, durante a descrição dos costumes persas, temos a seguinte passagem:

Quanto aos *costumes estrangeiros*, os persas são os que mais os seguem dentre os *homens*. Pois também usam vestimentas dos medos, considerando-as mais belas que as suas, *colocam couraças egípcias* para ir às guerras e ocupam-se com todos os tipos de prazeres sobre os quais são informados. Além disso, têm relações sexuais

¹⁸³ VLASSAPOULOS, K. **Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond eurocentrism**. Cambridge, Nova Iorque, Melbourne, Madrid: Cambridge University Press, 2007. p. 105-106.

¹⁸⁴ PINTO, O. L. V. Um Conto tão Antigo como o Tempo. Construção do Passado e Ideologia Imperial na Pérsia Sassânida. **OP SIS**, v. 18, n. 1, p. 5-20, 2018.

¹⁸⁵ Para mais exemplos retornar ao capítulo um no tópico *Heródoto polivalente: sua relação com os outros e o mundo*.

com os meninos, *porque aprenderam isso com os helenos*. E casam-se, cada um deles, com muitas mulheres legítimas e ainda adquirem muito mais concubinas¹⁸⁶.

Vemos no excerto a aproximação dos persas com três povos diferentes: os medos, egípcios e helenos. Portanto, fica clara a elasticidade da sociedade em Heródoto que o caracteriza como polivalente: os povos não são apenas passíveis de trocarem informações, mas também de apropriarem-se de características uns dos outros. Destacamos também como o gênero está sempre permeando a análise que o autor faz de sua sociedade.

A segunda instância de sua polivalência pode ser percebida quando Heródoto representa as mulheres gregas e persas no mesmo patamar de atuação em conflitos. Como veremos no próximo capítulo, tanto as gregas como as persas atuam como conselheiras, veículo de alerta e, concomitantemente, como mantenedoras dos valores e políticas das sociedades nas quais estão inseridas. Mesmo que possuam realidades e identidades distintas, o autor grego, devido a sua polivalência, consegue ultrapassar as barreiras identitárias e aproxima as mulheres gregas e persas no que acredita ser a função social do feminino.

Os persas detém a maior parte da narrativa herodotiana, de maneira geral, a estrutura de *Histórias* é construída a partir do nascimento, crescimento e estabelecimento do que se convencionou chamar de Império Persa¹⁸⁷. Segundo Pierre Briant, a palavra Império implica autoridade territorial e não temos uma correspondência exata nas línguas antigas. Entretanto, o Império Aquemênida foi marcado por grande diversidade etnocultural e por uma variedade de formas de organizações locais. O Grande Rei mantinha-se como uma figura distante e fazia-se presente nos territórios submetidos apenas a partir da perspectiva de arrecadação de tributos e recrutamento militar. Assim, para Briant, a problemática reside mais na maneira como interpretar esse Império do que utilizar o conceito em si¹⁸⁸.

Tentaremos, portanto, dar um panorama de quem foram os persas, mais especificamente os persas aquemênidas, a partir da visão dos gregos, por dois motivos principais: primeiro porque partiremos de *Histórias* para fazer essa análise e segundo porque há poucos documentos persas que possam nos ajudar a compor tal panorama.

¹⁸⁶Grifos nossos. **HERÓDOTO**. 1.135. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

¹⁸⁷ FLOWER, M. Herodotus and Persia. In: DEWALD, C.; MARICOLA, J. (orgs.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.p, 274.

¹⁸⁸ BRIANT, P. Introduction. In: BRIANT, P. **From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire**. Penn State Press, 2002, p. 1.

De acordo com o pesquisador supracitado, uma das peculiaridades da história Aquemênida é que, ao contrário da maioria dos povos conquistadores, os persas não deixaram nenhum testemunho narrativo com a sua história. Não há muitas documentações escritas e as que chegaram até nós, além de serem esparsas no espaço-tempo, dizem respeito às questões burocráticas e administrativas do Império. As documentações arqueológicas e iconográficas também não possuem essa característica narrativa que vemos na Grécia, dificultando, dessa maneira, a elaboração de uma história dos aquemênidas a partir da visão dos próprios persas. Segundo Briant, é somente a partir da conquista de Alexandre III que começam a aparecer algumas documentações escritas¹⁸⁹.

Michael Flower complementa que, na década de 1930, durante a escavação em Persépolis, a capital cerimonial persa, foram descobertas muitas tabuinhas de argila (com a escrita em elamita), porém, o autor enfatiza que os textos eram puramente financeiros e administrativos. Flower pontua também que há várias inscrições reais persas, mas poucas fornecem uma narrativa dos eventos¹⁹⁰. Temos que refletir, entretanto, sobre a maneira como cada sociedade compreende o registro de sua história e como a cultura material também pode nos fornecer uma narrativa. Pinto afirma que a compreensão do passado persa se faz a partir da narrativa oficial e que se baseia numa cultura milenar do Oriente Próximo. Portanto,

a história é, antes de tudo, uma retórica de poder, uma narrativa das vitórias e feitos do rei dos reis. Faz parte de uma cuidadosa ideologia de governo e funciona como um dos pilares de sustentação de uma mentalidade política. Ademais, esta historiografia instrumentalizada não apenas se justifica a partir de sua função política, mas também recupera – ou melhor, é tributária de – muitos séculos de tradição¹⁹¹.

Um exemplo desse tipo de documentação persa é a inscrição do rei Dario I no penhasco de Behistun. A inscrição, que fica localizada na estrada que liga Hamadã a Bagdá no noroeste do Irã a aproximadamente a 3.400 metros acima do nível do mar¹⁹², foi gravada em três línguas e grafias (elamita, acadiano babilônio e persa antigo) e é considerada por Rudiger Schmitt o documento mais importante deixado pelos reis aquemênidas. Além disso, é

¹⁸⁹ BRIANT, P. Introduction.. **From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire**. Penn State Press, 2002,p.1-10.

¹⁹⁰ Op. cit. P.279.

¹⁹¹ PINTO, O. L. V. Um Conto tão Antigo como o Tempo. Construção do Passado e Ideologia Imperial na Pérsia Sassânida. **OPSIS**, v. 18, n. 1, 2018,p.9

¹⁹² ARAUJO, M. T. M. de. O império Persa Aquemênida. In:**O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p.133.

a inscrição mais longa e com imensa importância para decifração de três tipos de escrita cuneiforme e para compreensão da língua persa antiga¹⁹³.

O nome da formação rochosa indica que o local era sagrado para os antigos, segundo Schmitt, *Bagastāna* em persa antigo significaria “o lugar do(s) deus(es)”. A inscrição, apesar de só ser acessível através de alpinismo, estava localizada em uma rota importante que ligava a Babilônia a Ectabána e nela encontramos a narrativa de ascensão ao trono do rei Dario depois da derrota do usurpador Gaumata (chamado de Esmédis por Heródoto)¹⁹⁴.

De acordo com Arnaldo Momigliano, considerando a altura que a inscrição está localizada, o relato de Dario foi restrito a poucos ou apenas aos deuses. Entretanto, ainda segundo o autor, há registros que, mais tarde, houve a circulação de cópias da inscrição. Isso nos leva, portanto, a duas reflexões: a maior parte da documentação que temos hoje sobre os persas deriva dos gregos, mas isso não significa que os persas não tinham a sua própria historiografia, mesmo que possuindo características diferentes da greco-romana; um segundo ponto é que as informações que temos sobre a ascensão de Dario e a luta contra os Magos rebeldes em *Histórias* possuem poucas divergências da inscrição de Behistun, mostrando, portanto, que “esta inscrição persa encontra-se no mesmo nível histórico em que se encontra Heródoto”¹⁹⁵.

Marcado por diversidade etnocultural, o império Aquemênida teve início com as conquistas de Ciro (559-530 a.C) e Cambises (530- 522 a.C) sobre os reinos existentes no mundo conhecido na Antiguidade (Média, Lídia, Babilônia, bem como territórios ao leste do Parsa), sendo depois expandido e reorganizado por Dario I (522-486 a.C)¹⁹⁶. Conforme Maria Brosius, os aquemênidas controlaram por mais de dois séculos uma área aproximadamente igual ao território geográfico do Oriente Médio moderno, indo da Turquia e da costa do Levante às fronteiras da Índia e das estepes russas ao Oceano Índico¹⁹⁷ (ver mapa 3 abaixo).

¹⁹³ SCHMITT, R. *The Bistun Inscription of Darius the Great. Old Persian Text*. 1991, p.16.

¹⁹⁴ *Ibidem*.

¹⁹⁵ MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru (SP): Edusc, 2004, p.22-25. Para uma discussão mais detalhada sobre a comparação entre os dois relatos ver: Jack Balcer (1987), Pierre Briant (1996), David Asheri (2007), Matt Walters (2014).

¹⁹⁶ BRIANT, P. Introduction. BRIANT, P. *From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire*. Penn State Press, 2002, p. 1.

¹⁹⁷ BROSIUS, M. *The Persians*. London: Routledge, 2006, p.8.



Mapa 3. O Império Persa. In: **HERÓDOTO**. The Persians Wars. Book III - IV. Trans. Anthony D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1928.

A narrativa sobre quem foram os persas de Heródoto começa no livro I, a partir do nascimento do Ciro e sua conquista sob os lídios em 540 a.C. Vale ressaltar que o autor grego diz conhecer três versões a respeito do nascimento de Ciro, mas que conta a que considera mais verdadeira entre os persas¹⁹⁸. Esse aspecto é importante para nós porque a história escolhida é, justamente, aquela em que há a participação e o conselho de uma escrava que salva a vida do futuro fundador do império Aquemênida.

Através da interpretação de um sonho, o rei medo Astíages acredita que seu neto (posteriormente conhecido como Ciro) irá assumir o seu lugar no trono. Quando sua filha chamada Mandane engravida de seu marido persa, o rei pede para que ela retorne a Média. Assim que seu neto nasce, Astíages encarrega um de seus familiares, Hárpago, a levar o bebê

¹⁹⁸ **HERÓDOTO**. 1.95 Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

e encontrar uma maneira de matá-lo. Hárpago não tendo coragem de matar a criança, a entrega a um boiadeiro e, sem lhe falar a identidade do menino, pede para deixá-lo no lugar mais ermo para que morra o mais rápido possível. O boiadeiro descobre, em determinado momento, que o menino é neto de Astíages e compartilha a história com sua mulher. Assim, a mulher, que era uma escrava chamada Cino e que também estava grávida, conta ao boiadeiro que a criança que estava esperando havia nascido sem vida e o convence a realizar a troca dos bebês:

E seguramente pareceu ao boiadeiro que a mulher havia argumentado bem sobre a presente situação, e imediatamente ele fez isso: levou a criança que era para ser morta, conforme as ordens recebidas. Então, entregou à mulher a que estava viva, e pegou o cadáver da que era dele e a colocou-a no cesto no lugar da outra que ele carregava; e o vestiu com todos os adornos da outra criança, levando-o para o lugar mais deserto das montanhas, ele colocou-o lá. Quando se passaram três dias que a criança estava exposta, o boiadeiro foi à cidade, deixando um de seus assistentes como vigia, e foi à casa de Hárpago e disse-lhe que estava pronto para mostrar-lhe o cadáver da criancinha. Então Hárpago enviou os seus mais confiáveis guardas-costas para que viesse por meio deles e também depois dariam o nome de Ciro, após pegá-lo, a mulher do boiadeiro criou-o, mas outro nome lhe foi dado que não o de Ciro¹⁹⁹.

A partir do trecho citado, é importante que pontuemos algumas questões. Primeiro, a presença da mulher aconselhando seu marido, em uma posição de protagonismo, não somente na história do rei persa, mas na sua sobrevivência²⁰⁰. Além disso, outro aspecto relevante diz respeito sobre as versões da história do nascimento de Ciro. Em concordância com Briant, acreditamos que a versão escolhida por Heródoto incorpora características das lendas persas, as quais possuem como objetivo principal exaltar a memória de um fundador carismático, marcado desde seu nascimento por um destino incomum²⁰¹. Destacamos que cada uma das versões existentes coloca as origens de Ciro no contexto das relações entre os poderosos medos e seus súditos persas. Isso porque é a partir da história em que Astíages mandou matar seu neto que a narrativa herodotiana justifica e legitima a conquista da Média por Ciro em 550/49 a.C..

A história nos remete ainda à perspectiva de que o império persa deriva do reino dos medos, uma característica que é recorrente em *Histórias*. Ao formular a questão “quem foi Ciro?” no Livro I, capítulo 95, Heródoto começa a contar as origens institucionais do reino

¹⁹⁹ **HERÓDOTO**. 1.113. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

²⁰⁰ Iremos aprofundar a análise e a recorrência dos conselhos/protagonismos das mulheres em Heródoto nos próximos dois capítulos.

²⁰¹ Op.Cit,p.8.

medo e a criação da realeza como um fenômeno medo²⁰², características que também utiliza para falar dos persas. A característica da expansão contínua, base da política aquemênida, aparece como algo similar em relação ao que os medos praticavam. Além disso, os generais de Ciro, Hárpagos e Mázares (responsáveis pela conquista de vários territórios) são medos²⁰³.

Segundo Rosaria Vignolo Muson, “a percepção de que a política externa persa continua a política externa meda baseia-se do fato que Heródoto e outros gregos, quando falam dos persas como uma potência conquistadora, costumam chamá-los de medos”²⁰⁴.

Entretanto, Muson alerta que a visão de Heródoto sobre a realeza meda é baseada no que os gregos sabiam sobre o Império persa em seu próprio tempo. Não temos evidências arqueológicas ou documentos escritos que comprovem a centralidade do reino medo tal como descrito em *Histórias*. Outro ponto que a historiadora ressalta é que, através do relato herodotidiano, podemos encontrar uma janela interessante para o mundo político persa contemporâneo ao autor grego. Há a ideia que a monarquia persa depois de Ciro divergiu dos valores que Heródoto chamava de genuinamente persas. Para Muson, essa reclamação poderia ser um sinal de uma polêmica que ainda era comentada no momento em que Heródoto estava escrevendo sobre o assunto. Sobre a divergência de valores entre os reis persas temos a seguinte passagem:

Pois, na época em que Ciro governava e novamente na de Cambises, não existia nenhum imposto instituído a respeito disso, mas pagava-se com presentes. Por causa dessa ordenação do tributo e de outras semelhantes a essa, os persas dizem que Dario era um mercador, e que Cambises era um déspota, e que Ciro era um pai, porque um negociava todas as coisas, o outro era intratável e indiferente, e este porque era gentil e planejava com a arte todas as coisas que lhes fossem boas²⁰⁵.

Outro fato que é necessário ressaltar sobre Dario diz respeito a sua legitimação enquanto rei dos reis através da dinastia Aquemênida. A ascensão de Dario é narrada no livro III de Heródoto e na supracitada inscrição de Behistun. Apesar de algumas divergências em ambos documentos²⁰⁶, eles narram a mesma história: Cambises teria matado seu irmão

²⁰² Para detalhes dessa narrativa ver: **HERÓDOTO**. 1.95 -102. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015

²⁰³ **HERÓDOTO**. 1.156-177. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

²⁰⁴ MUNSON, R. V. Who Are Herodotus' Persians?. **Classical World**, p. 457-470, 2009, p.460.

²⁰⁵ **HERÓDOTO**. 3.89. Livro III. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2017.

²⁰⁶ **HERÓDOTO**. 3.61-68. Livro III. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2017. Para comparações entre os relatos ver ASHERI (2007).

(Esméridis) secretamente antes de partir em campanha para o Egito. Enquanto estava ausente, um mago teria se passado pelo irmão de Cambises e se apoderado do poder imperial. Cambises teria morrido no Egito e o mago teria continuado a mascarar sua identidade. Segundo Heródoto, passado um tempo, Otanes teria desconfiado que o mago não fosse Esmerdis, o filho de Ciro, e teria contatado sua filha (Fédime), a qual era uma das esposas de Cambises e agora esposa do suposto rei, para que ela tentasse descobrir a verdade:

ela assumiu a missão dada pelo seu pai, visto que Ciro, filho de Cambises, quando estava governando, cortou as orelhas desse mago Esméridis por um motivo nada insignificante. Portanto, a essa Fédime, a filha de Otanes, cumpriu todas as instruções dadas pelo seu pai, logo que chegou a vez dela de ir junto do mago (pois, de fato, as mulheres vão uma após a outra aos homens persas); depois de ela ter chegado, deitou-se ao lado dele, e quando ele dormiu profundamente, ela apalpou as orelhas do mago. Depois de ela ter percebido, não com facilidade, mas com dificuldade, que o seu marido não tinha orelhas, tão logo o dia nasceu, ela enviou uma mensagem ao pai relatando o que havia acontecido²⁰⁷.

Tal como na história do nascimento de Ciro, vemos o protagonismo de uma mulher em um momento importante da narrativa herodotiana. Neste caso, a mulher foi instruída pelo pai acerca da maneira como deveria agir, mas mesmo assim não deixa de ter um papel fundamental no desenrolar dos acontecimentos. É a partir da mensagem enviada por Fédime a Otanes que ele comunica ao grupo que irá desvendar o mago, fazendo com que Dario assumisse a posição de rei dos reis. De acordo com Jennifer Gates-Foster, é apenas a partir do reinado de Dario que o império pode ser adequadamente caracterizado como o Império Persa Aquemênida²⁰⁸. A reafirmação do pertencimento à dinastia teria sido uma estratégia para realização singular de unificar a corte e as províncias em tal momento, além de legitimar a ligação da sua família com a de Ciro.

Gates-Foster afirma que o reinado de Dario trabalhou ativamente para transformar Ciro em uma narrativa de governo que incluía um foco maior na identidade Aquemênida como parte da ideologia real. Em três inscrições em Passárgada há a conexão de Ciro à linhagem aquemênida²⁰⁹. Essas inscrições são trilingües, no entanto, acredita-se que o persa antigo foi inserido mais tarde, justamente para conectar os monumentos imperiais de Dario que também se relacionam o clã aquemênida: “Eu (sou) Dario, o grande rei, rei dos reis, rei da

²⁰⁷ **HERÓDOTO**. 3.69. Livro III. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2017.

²⁰⁸ GATES-FOSTER, J. Achaemenids, Royal Power, and Persian Ethnicity. In : MCINERNEY, J.(org). **A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean**, p 2014, p.180-181.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 180.

Pérsia, rei de todos os territórios, o filho de Histaspes, o neto de Arsames, um Aquemênida”²¹⁰.

Portanto, vemos similaridades entre Ciro e Dario em Heródoto em dois níveis. Primeiro, pelo papel da mulher, que é crucial em ambas as histórias, uma por salvar a vida do futuro fundador do império e a outra por desmascarar o falso rei e ajudar, dessa maneira, a reestabilização do império. A segunda instância seria a ligação de sangue real, através da dinastia Aquemênida.

No que diz respeito aos costumes e à etnografia persa, vemos em Heródoto uma descrição que caracteriza os persas como se eles formassem uma unidade cultural ou étnica homogênea, entretanto, como vemos através das inscrições trilinguais encontradas em monumentos ou registros burocráticos, o império possuía grande diversidade cultural²¹¹.

Margaret C. Miller analisa a representação dos persas no imaginário grego através das iconografias de cerâmicas Áticas do século V a.C. É interessante notar que, no início daquele século, os persas são representados como oponentes que lutaram bravamente nas batalhas contra os gregos, é possível ver suas vestimentas e espadas muito parecidas com a maneira que Heródoto expôs em sua obra. Entretanto, a partir dos anos de 460 a.C a maneira como são representados muda: os persas começam a passar pelo que a autora nomeia de domesticação “em que a alteridade ameaçadora dos persas é domada por meio da atribuição de uma vida familiar com moldes gregos e através da depreciação por inversão das imagens de poder persa”²¹². De acordo com Miller, essa construção de “domesticação e efeminização dos persas não derivou da consciência de vitória grega na batalha de Maratona, mas da aguda consciência do poder persa”²¹³.

Ao contrário da iconografia, analisada pela historiadora, não identificamos esta mudança na maneira como Heródoto representa os persas. Concordamos com Flower ao afirmar que, ao contrário dos seus contemporâneos que partilhavam de um estereótipo do bárbaro como fraco, afeminado e servil, identificamos em Heródoto estratégias para miná-lo,

²¹⁰ SCHIMTT, R. The Bistun Inscription of Darius the Great. Old Persian Text, 1991.

²¹¹ Op.cit. p.182. Heródoto fala sobre os costumes persas principalmente em **HERÓDOTO**.1.130-140. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

²¹² MILLER, M. C.. Persians in the Greek Imagination. **Mediterranean Archaeology**, v.19/20, p. 109-123, 2006.

²¹³ Ibidem.

desafiá-lo, modificá-lo e subvertê-lo. Características que mostram como o historiador “pode ver o eu no outro e o outro em si mesmo”²¹⁴.

2.3 Conceitos de Guerra e conflito: o que as Guerras Greco-Pérsicas significaram para os gregos

Para que possamos compreender o que a obra de Heródoto simbolizou para seu público, é importante que se reflita sobre o que as Guerras Greco-Pérsicas significaram para os gregos, sobre quais eram os conceitos de guerra para esse povo, como isso impactava a sociedade e quais eram os possíveis motivos para que um conflito começasse. Não pretendemos com esse tópico fazer um panorama conceitual do que seria um conflito para os gregos no século V a.C., mas sim demonstrar, com o auxílio da historiografia, como os gregos entendiam a guerra e como podemos visualizar em *Histórias* uma correspondência com as principais culturas políticas²¹⁵ que diziam respeito às guerras naquele momento.

Mesmo que Heródoto descreva em *Histórias* as Guerras como Guerras Médicas ou Guerras Persas, preferimos, em nosso trabalho, nomear as batalhas que ocorreram entre gregos e persas como Guerras Greco-Pérsicas ou Guerras Greco-Persas. Assim escolhemos pois acreditamos que o conflito ocorreu entre ambos os povos e devido a inimizades de ambos os lados. Além disso, acreditamos que nomeando dessa maneira, enfatizamos a nossa visão que Heródoto procura mostrar as duas facetas do conflito, suas interações e uma percepção menos polarizada. Percebemos tal aspecto já no Prólogo de *Histórias*, quando o historiador afirma que sua exposição tem como objetivo registrar

os acontecimentos passados para que não sejam extintos entre os homens com o tempo, e para que os feitos grandiosos e maravilhosos, uns realizados por helenos e outros por bárbaros, não fiquem sem glória, e expor os motivos pelos quais guerrearam uns contra os outros.²¹⁶

²¹⁴ FLOWER, M. Herodotus and Persia. In: DEWALD, C.; MARICOLA, J. Introdução. In: **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.p.275.

²¹⁵ Uma “cultura política”, segundo Serge Berstein, é um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, tendo por componentes fundamentais uma ‘base filosófica ou doutrinal’, frequentemente colocada à disposição da maior parte de seus participantes, uma leitura comum do passado histórico, uma concepção de sociedade ideal, além de ritos e símbolos que estabelecem um plano de representação para a cultura política em questão. Ou seja, entende a cultura política como “uma espécie de código e conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas”. BERSTEIN, S. A Cultura Política. In: RIOUX, J. P. SIRINELLE, J. F. **Por uma História Cultural**. Lisboa, 1998.

²¹⁶ **HERÓDOTO. Prólogo**. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

Ou seja, enfatizamos que Heródoto pretende “expor os motivos pelos quais guerrearam uns contra os outros”, logo, supomos não fazer sentido nomear a Guerra com algo que represente somente a Pérsia. Buscamos mostrar, ao longo de nosso trabalho, como o autor grego expande seu olhar entre os povos e porque acreditamos que a polarização entre gregos e bárbaros é atenuada.

Quando pensamos em guerra na Antiguidade Clássica, Esparta é a primeira *pólis* que normalmente nos lembramos, devido aos seus altos padrões de treinamento e disciplina. Porém, de acordo com Han Van Wees, os espartanos se destacaram porque os padrões militares no resto da Grécia eram notavelmente baixos. Segundo Wees, foram as demandas da vida social, política e econômica que moldaram a guerra e não o contrário. Através de Xenofonte, o autor mostra que não houve uma extensa dedicação aos treinamentos de guerra na Hélade. Havia, na verdade, um ideal de sociedade, que chegou até nós pelas concepções de Aristóteles. Nas proposições aristotélicas, a sociedade deveria ser dividida entre a camada que poderia dedicar-se ao lazer e a política, lugar em que a guerra coincidia com as demandas de dedicação do cidadão; e a camada da sociedade que se dedicaria ao trabalho - fazendeiros (servos e escravos) que manteriam a outra camada²¹⁷.

Na prática, essa camada trabalhadora nem sempre era excluída e não só aqueles que tinham plenos direitos (ou seja, os cidadãos) eram convocados para compor o exército hoplita. Na batalha de Maratona, em 490, Wees nos questiona se os nove mil hoplitas recrutados em Atenas seriam mesmo todos cidadãos já que este número era muito alto²¹⁸. Durante o recrutamento das tropas lacedemônias para a batalha de Termópilas, em 480, no livro IX de Heródoto, quando os mensageiros de Atenas pedem ajuda e reforço militar aos espartanos, temos a seguinte passagem que endossa a presença de não-cidadãos no exército hoplita: “os representantes ficaram surpresos e puseram-se em marcha sem demora para juntar-se às tropas, e com eles seguiram mais cinco mil hoplitas escolhidos entre os *periecos* lacedemônios”²¹⁹. Os *periecos* eram um grupo de homens livres de Esparta e suas

²¹⁷ WEES, H.V. War and Society. In: SABIN, Philip et al. (Ed.). **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare**. Cambridge University Press, 2007. P.273-274.

²¹⁸ Ibidem, p. 277-278

²¹⁹ **HERODOTO. 9.11.** Atentamo-nos para o fato de que na tradução da leob que utilizamos o tradutor utiliza o termo em inglês *country-men* para referir-se ao correspondente em grego *perioikoi*. In: GODLEY, A.D. (trad.) Herodotus: The Histories. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

proximidades que não trabalhavam sob o regime de servidão e não possuíam direitos políticos.

Outro aspecto que nos faz refletir sobre o impacto que as guerras e conflitos tinham na vida dos gregos diz respeito aos períodos nos quais as guerras poderiam ocorrer. O historiador Peter Krentz afirma que, normalmente, as expedições de guerra não coincidiam com as épocas de colheitas e ocorriam, preferencialmente, durante as estações do ano mais quentes. Havia um momento de ‘trégua’ nas épocas dos festivais Olímpicos e festas sagradas. Parte dos espartanos, por exemplo, não participaram da batalha de Termópilas, o que, em partes, justifica também o envio de *periecos* para juntarem-se a batalha posteriormente, por estarem celebrando a festa de Carneia em homenagem a Apolo:

Assim, os homens com Leônidas, foram enviados antes do resto pelo espartanos, que ao vê-los com os outros aliados seriam movidos a armarem-se, e não como os outros aliar-se-iam ao lado Persa, como bem poderia ser se eles achassem que os espartanos estivessem atrasados; e eles propuseram que mais tarde, já que eles deveriam permanecer no festival de Carneia, que era o atual obstáculo deles, deixariam uma guarnição em Esparta e marchariam com toda sua força e com toda velocidade. O resto dos aliados planejara fazer o mesmo; pois um festival Olímpico coincidiu ao mesmo tempo em que essas ações; por isso, eles enviaram sua guarda de avanço, não prevendo que a guerra em Termópilas chegasse a um ponto tão rapidamente²²⁰.

Assim como diz respeito aos impedimentos para participar de um conflito, Heródoto também nos mostra as principais motivações para iniciá-lo. No livro V, durante um diálogo entre Aristágoras, tirano de Mileto, e Cleomenes, rei de Esparta, o tirano tenta persuadir o espartano a invadir a Iônia, *pólis* que estava sob domínio persa. De acordo com o argumento de Aristágoras, a invasão proporcionaria a conquista de Susa, cidade em que se concentrava o poder administrativo dos persas sobre a Ásia:

“... capture aquela cidade, e então você não precisa temer desafiar Zeus por suas riquezas. Ora! Você lutou por faixas de terra sem grande valor - lutou contra os messênios, cujas forças são iguais às vossas, contra os arcádios, contra os argivos, homens que nada têm em ouro ou prata, únicos bens cuja cobiça pode levar os homens a morrer combatendo; ainda sim, quando podem facilmente ser mestres de toda a Ásia, vocês se recusarão a tentar?”²²¹.

²²⁰ **HERÓDOTO. 7.206.** In: GODLEY, A.D. (trad.) Herodotus: The Histories. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

²²¹ **HERÓDOTO. 5.49.** In: GODLEY, A.D. (trad.) Herodotus: The Histories. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

A partir da passagem supracitada, podemos inferir que um dos motivos que faziam os gregos entrarem em batalhas contra eles mesmos ou contra os não-gregos era a busca por riquezas e aumento de poder. Consonante com Wees, acreditamos que a riqueza não era o principal motivo que inspirava os gregos a armarem-se, portanto, a fala de Aristágoras citada por Heródoto referente a travar batalhas por espaços pequenos e não tão fartos em recursos naturais e econômicos possui alguma verossimilhança. O historiador britânico afirma que em alguns conflitos de fronteira, o que parecia ser mais importante era a oportunidade de provar superioridade à *pólis* vizinha, neste caso, o principal objetivo da guerra era o *status* e não a aquisição de riqueza²²². No livro III, temos mais um trecho que nos mostra a questão da superioridade aliada ao uso da guerra como um meio para evitar possíveis rebeliões, porém, neste caso, a guerra é impulsionada pelos persas e aconselhada por uma mulher:

“– Ó rei, com tanto poder que tens, permaneces quieto, nem acrescentando nenhum povo nem aumentando o poder dos persas. E isso é natural a um homem jovem, senhor de grandiosas riquezas, mostrar que está realizando um feito admirável, a fim de que os persas percebam que são governados por um homem. Realizar essas coisas te conduzirá para dois pontos interessantes: um ponto é que os persas saberão que eles têm um homem que está à frente deles, e outro ponto é que estando extenuados pela guerra não terão tempo livre para revoltarem-se contra ti”²²³.

O excerto refere-se ao diálogo de Atossa com seu esposo e rei da Pérsia, Dario, em um momento em que ela tenta persuadi-lo a invadir a Grécia. Além do aspecto de superioridade e poder que deveria ser sempre lembrado àqueles que estivessem dominados, duas outras questões precisam ser ressaltadas: um primeiro fato é o local que a esposa se insere como conselheira, aquela que incentiva o rei a expandir seu território e aquela que traz a solução de possíveis problemas. Um segundo aspecto refere-se à demarcação de gênero e ênfase da masculinidade na passagem quando Atossa diz que somente se aumentar seu território o rei será visto por seu povo como um homem. Discutiremos no capítulo quatro a recorrência no discurso herodotiano da mulher exercendo esta função e como as questões da masculinidade e feminilidade apresentam-se tanto na guerra, quanto nesses momentos em que a mulher possui um lugar de destaque.

Para identificarmos os principais motivos que impulsionaram as Guerras Greco-Pérsicas, é necessário entender o processo que as motivou. No final do século VI a.C.,

²²² WEES, H.V. War and Society. In: SABIN, Philip et al. (Ed.). **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare**. Cambridge University Press, 2007. P. 285-286.

²²³ HERÓDOTO. 3.134. Livro III. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2017.

podemos perceber, através das narrativas de Heródoto, que os persas estavam expandindo seu território. O século V é inaugurado com os motivos que levaram Dario (521-486 a.C.) a atacar os gregos, provocando posteriormente as Guerras Greco-Pérsicas. De acordo com Peter V. Jones, os gregos do continente sabiam da ameaça da expansão persa. O reino dos Medos fora um dos conquistados, sob a liderança do rei persa Ciro (559-530 a.C.), assim como avanço para o oeste e o anexo das cidades gregas. Os sucessores de Ciro deram continuidade à conquista e avançaram para o leste do Mediterrâneo²²⁴.

A partir de 499 a.C., alguns povos começaram a se revoltar contra o poder persa, a revolta Iônica é então desencadeada. Heródoto afirma que os motivos foram circunstanciais e ligados a Aristágoras, pois este teria instaurado a isonomia em Mileto. Oswyn Murray atentamos à maneira como as Guerras Greco-Pérsicas foram relatadas pelos gregos, como uma história de esforço cooperativo entre as *poleis* para atingir um fim comum, mesmo que esta unidade desconsidere as diferenças locais da época. Murray ressalta também que as Guerras foram consideradas posteriormente, por conta desta concepção de unidade, como um símbolo de identidade para os gregos²²⁵.

O historiador Nicholas Geoffrey Lemprière Hammond tem outra percepção sobre as expedições ocorridas para submissão de povos do que viria a se chamar batalha de Maratona. Segundo ele, Heródoto se concentra tanto nos eventos maravilhosos e na vingança de Dario, que desconsidera algumas questões. Se Dario tivesse a intenção de punir Atenas e Etréia, *poleis* que ajudaram na revolta Iônica enviando navios para o ataque em Sardis, ele teria enviado emissários para a Grécia, como fez depois nas Guerras²²⁶. O trecho abaixo presente no livro V de Heródoto demonstra esse sentimento de vingança que o autor critica:

Quando foi reportado para Dario que Sardis havia sido tomada e queimada pelos Atenienses e Iônios e que Aristágoras de Mileto havia sido o líder da conspiração fazendo este plano, ele, no início, não ligou para os Iônios já que sabia que não ficariam impunes por sua rebelião. Dario, no entanto, perguntou quem eram os Atenienses e depois de ter recebido a resposta, ele pediu seu arco. Ele pegou e colocando uma flecha no arco atirou-a no céu, orando enquanto a enviava para o alto: “oh Zeus, conceda-me vingança aos Atenienses”. Ele ordenou então a um de

²²⁴ JONES, P.V.(org.). **O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.10

²²⁵ MURRAY, Oswyn. The Ionian Revolt. In: BOARDMAN, J.;HAMMOND,N.G.L. et al. **The Cambridge Ancient History: Persia, Greece and the Western Mediterranean**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.p. 466.

²²⁶ HAMMOND, N.G.L. T. The expedition of Datis and Artagnes. In: BOARDMAN,J.;HAMMOND,N.G.L. et al. **The Cambridge Ancient History: Persia, Greece and the Western Mediterranean**, 2008.p.491-517.

seus servos que falasse para ele três vezes sempre que o jantar estivesse pronto, “Mestre, lembre-se dos Atenienses”²²⁷.

Cawkwell, analisando a mesma passagem e contrapondo a interpretação de Hammond, também não considera a vingança como o motivo das invasões posteriores, mas coloca que, talvez, a presença de um servo todos os dias no jantar para lembrar Dario da existência dos Atenienses fosse mais digna de realidade do que Heródoto imaginava. De acordo com Cawkwell, o Império Persa era muito extenso e causava aos gregos muitas preocupações, o que os mantinham bastante ocupados. Os gregos eram uma pequena distração se comparados ao restante dos territórios anexados e a submissão deles seria mais um luxo do que realmente uma necessidade²²⁸.

De acordo com Maria de Fátima Silva, a Batalha de Salamina, que ocorreu em 480 a.C, tendo Xerxes como rei persa frente aos gregos, teve como motivo, no plano das razões políticas, o poder que reside na guerra. Os persas, segundo a autora, revestem a glória que viria da dominação dos povos gregos com um escudo contra um possível ataque do inimigo, como se este fosse antes um jogo de convivência necessário entre os povos²²⁹. Há também a retomada do sentimento de vingança como motivação para invasão à Grécia:

“... de acordo com as palavras dos persas mais idosos, nunca ficamos inativos desde que privamos os medos da hegemonia e Ciro depôs Astíages; (...) Quanto a mim, desde que herdei este trono tenho estado pensando num meio de não ser inferior aos meus predecessores nessa minha prerrogativa e de não acrescentar menos do que eles ao império dos persas. (...) Por essa razão reúno-vos aqui, a fim de expor-vos o que pretendo fazer: depois de lançar uma ponte sobre o Heléspontos vou conduzir o meu exército através da Europa contra a Hélade, para punir os atenienses pelo mal feito aos persas e ao meu pai. Vistes meu pai Dario ansioso também por marchar contra esses homens, mas ele morreu antes de podido vingar-se. Agindo por ele e pelos outros persas, não terei sossego enquanto não houver capturado e incendiado a cidade dos atenienses, que nos ofenderam primeiro, a mim e ao meu pai.”²³⁰.

Consonante com Silva, acreditamos que o sentimento de vingança não pode ser ignorado. A vingança tem uma funcionalidade, ela é “o que dá sentido ao nexó histórico. Os acontecimentos não são avulsos, mas sequências dentro de um plano dominado pela

²²⁷ **HERÓDOTO. 5.105.** In: GODLEY, A.D. (trad.) Herodotus: The Histories. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

²²⁸ CAWKWELL, George. **The Greek wars: the failure of Persia.** Oxford and New York: Oxford University Press, 2005.

²²⁹ SILVA, M.F. Heródoto e a Guerra. Um desafio a Sophrosyne. **Cadmo**, n19, 2009, pp. 174.

²³⁰ **HERÓDOTO. 7.8.** Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury, 2ªed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

retribuição”²³¹. Além disso, ainda de acordo com a autora, sem desvalorizar essa intenção de vingança ou a sedução de anexar o território, Xerxes centra seu discurso no *nomos* que precede a conquista. O monarca utiliza-se da questão cultural e tradição de expansão de poder que remetia a Ciro, fundador do poder persa ²³².

A partir das motivações das Guerras Greco-Pérsicas, é importante que compreendamos também a percepção que os gregos tinham dos persas como inimigos, já que Heródoto é inspirado a elaborar suas *Histórias* a partir dos motivos pelos quais gregos e persas guerrearam. Segundo Paulo Donoso Johnson, não é a língua bárbara, nem a diferença organizacional da sociedade ou a diferença de linhagem que torna o persa inimigo da Grécia. Johnson acredita que, desde a queda do reino da Lídia e da ocupação de Sardes pelos persas, parte das colônias gregas da Ásia Menor perderam sua liberdade e essa é uma das razões que os colocaram como inimigos e impele os gregos a enfrentá-los. Assim, o autor pontua que uma das definições possíveis para o inimigo persa está na visão própria do mundo helênico do século V a.C., que interpreta o mundo mediterrâneo como bipolar, caracterizando o bárbaro através do despotismo, da crueldade, do servilismo e do excesso²³³.

Entretanto, ressaltamos que não acreditamos que esta visão bipolar do mundo mediterrâneo teria delimitações rígidas, este fato fica claro através da leitura de *Histórias*, na qual Heródoto por diversas vezes elogia e ressalta o outro, não classificando o termo bárbaro como pejorativo e sempre ligado a características negativas. Não estamos propondo que não existam aspectos que coloque o bárbaro como negativo na obra herodotiana, mas como demonstrado ao longo deste capítulo, a questão é muito mais complexa e devemos tomar cuidado para não reproduzirmos uma visão já cristalizada na historiografia sem uma problematização. Definir o porquê o persa torna-se um inimigo comum para os gregos do século Va.C, nesse sentido, demanda análises mais profundas e baseadas em um número maior de documentações, portanto, não desenvolveremos essa discussão no nosso trabalho.

Não podemos deixar de analisar também a presença da mulher no início da inimizade entre gregos e persas. Nos primeiros cinco capítulos do livro I, parte que é considerada por Hartog e Asheri²³⁴ ainda como próêmio de *Histórias*, uma vez que é a partir do capítulo cinco

²³¹ SILVA, M.F. Heródoto e a Guerra. Um desafio a Sophrosyne. **Cadmo**, n19, 2009, pp. 174.

²³² Ibidem, p.174-175.

²³³ DONOSO JOHNSON, P. La noción de enemigo natural en la historiografía griega del siglo V AC. **Byzantion nea hellás**, n. 37, p. 77-98, 2018.

²³⁴ RIBEIRO, T.R. O próêmio das histórias de Heródoto. . In: Vargas, A.Z. et al. (Orgs.). **Heródoto e Tucídides: história e tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p.86

que o autor irá dizer qual será seu ponto de partida, Heródoto afirma que a inimizade entre os dois povos acontece devido ao rapto de mulheres:

Os persas, então, contam que os que são provenientes da Ásia não se importam com os raptos de mulheres, e que os helenos, por causa de uma mulher lacedemônia, reuniram um grande exército, depois partiram para a Ásia e destruíram o poder de Príamo. A partir disso, o povo helênico sempre foi considerado por eles como inimigo²³⁵.

Através da passagem acima, percebemos o uso de personagens mitológicas femininas para localizar uma possível causa da inimizade entre os povos e a diferença de tratamento das mulheres entre os helenos e os *bárbaros*. Marek Wecowski interpreta os raptos das mulheres como um “divertimento” para aqueles que ouviram a obra de Heródoto. O historiador considera que os casos de sequestro de Europa e Io formam exemplos dos casos de amor de Zeus (tema que segundo ele, era utilizado para produzir efeito cômico na literatura grega). O autor adiciona que outro fator que poderia produzir o riso entre os gregos era a questão de os transmissores persas não saberem o nome de quem raptou essas mulheres. Além disso, Wecowski nomeia de “pseudo-causalidade épica” a explicação de Heródoto para a origem de grandes guerras, entendendo isto como uma crítica do autor aos seus contemporâneos²³⁶. Hartog também analisa a mesma passagem e interpreta as versões dos doutos persas como “racionalizante, evemerista *avant la lettre*, senão irônica – as grandes narrativas (dos raptos) transformam-se em pequenas histórias”²³⁷, como se os persas se pusessem à distância das narrativas famosas e as desmistificassem. Heródoto ao continuar sua narrativa “contenta-se em estabelecer outra regra do jogo, propondo outro ponto de partida”²³⁸. Hartog insere-se na corrente historiográfica que interpreta os cinco primeiros capítulos como uma racionalização dos mitos.

Por meio da análise dos nove livros e da catalogação das passagens que se referem às gregas e as persas²³⁹, percebemos a mulher sendo representada em diversos âmbitos de *Histórias*, inclusive em meio a conflitos. Portanto, discordamos de Wecowski ao considerar os raptos de mulheres um “divertimento”, e de Hartog ao supor que o relato seria irônico.

²³⁵ HERÓDOTO. 1.4. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

²³⁶ WECOWSKI, M. The Hedghog and the fox: form and meaning in the prologue of Herodotus. **Journal of Hellenic Studies**, v.124, p. 152, 2004.

²³⁷ HARTOG, F. O nome de Heródoto. In: **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

²³⁸ Ibidem.

²³⁹ O catálogo dessas mulheres foi elaborado por nós será discutido no próximo capítulo.

Contudo, pactuamos com o estabelecimento de um novo ponto de partida que o autor francês propõe, assim como entendemos que os capítulos da obra mostram a concepção de Heródoto sobre sua sociedade, as dissonâncias entre gregos e bárbaros, e como as mulheres ali se inserem.

Acreditamos que as palavras do prólogo de Heródoto e os cinco primeiros capítulos de sua obra são significativos para entendermos a concepção que o autor pretende desenvolver no restante de suas *Histórias*. Se sua concepção de mundo fosse tão bipartida negativamente entre gregos e bárbaros, talvez sua investigação não focasse nos “feitos grandiosos e maravilhosos, uns realizados por helenos e outros por bárbaros”, mas sim somente nos feitos grandiosos de helenos. A presença de mulheres em conflitos desde os primeiros capítulos também nos mostra que a mulher era partícipe daquele ambiente, não lutando como um hoplita, mas integrando a sociedade e influenciando nas tomadas de decisões.

CAPÍTULO 3 – CATALOGAÇÃO DA *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

Ao iniciar este capítulo, é provável que o leitor se questione “por que fazer do catálogo um capítulo e não deixá-lo como um apêndice como é feito frequentemente?”. Algumas considerações são necessárias para que nossa escolha seja justificada. Quando iniciamos a leitura de *Histórias*, percebemos a quantidade de mulheres sendo representadas, atuando, nos perguntamos como nunca tínhamos ouvido sobre nenhuma dessas mulheres. Buscamos referências historiográficas para tentar compreender melhor os papéis políticos sociais que homens e mulheres desempenham no discurso herodotiano e a foi surpreendente a escassez de pesquisas sobre o assunto. Para além das obras de Carolyn Dewald²⁴⁰, Nathalia M. Junqueira²⁴¹ e Susana Maria M. Carrilho²⁴², não havia outras obras que discutissem o gênero em Heródoto e ainda sentíamos falta de uma sistematização que comparasse as gregas e as persas.

Portanto, o catálogo não apenas auxiliou na realização da pesquisa, ele foi fundamental para que ela existisse. Pois foi a partir dele que conseguimos destacar quem eram essas mulheres gregas e persas e com quem interagiram. Dito isso, justificamos a necessidade de dar mais atenção para o catálogo. Mostraremos como selecionamos os casos que vamos analisar no próximo capítulo, que frentes teóricas e metodológicas seguimos e a importância de não somente ler o documento, mas também interpreta-lo. Se há um padrão, talvez Heródoto possa nos falar muito sobre a sociedade em que viveu. Por isso, é importante ressaltar que é impossível analisar *Histórias* olhando somente para o seu conteúdo, devemos compreender também o contexto em que o autor estava inserido.

É necessário salientar que a obra foi composta em meados do século Va.C. e abarca debates pessoais da mente de Heródoto junto com as ideias que estavam se desenvolvendo em seu tempo. O contexto em que o autor estava inserido, como já explorado nos capítulos 1 e 2, deve ser levado em consideração. O seu vasto conhecimento de medicina, geografia e um conjunto de saberes provavelmente advindos do contato com sofistas e filósofos de sua

²⁴⁰ DEWALD, Carolyn. Biology and Politics: Women in Herodotus’ “Histories”. *Pacific Coast Philology*, vol.15. Oct. 1980. P. 11-18.

²⁴¹ JUNQUEIRA, N. J. **IMAGENS DA MULHER GREGA: HERÓDOTO E AS PINTURAS EM CONTRASTE**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.

²⁴² CARRILHO, Susana Maria Marques. **Representações do Feminino nas histórias de Heródoto**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra; Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2013.

época²⁴³, nos mostra que Heródoto debatia com seus pares sobre suas percepções da sociedade.

Outro ponto importante, é que no período que Heródoto compôs sua obra temos os preambulos do que viria a ser conhecido como Guerra do Peloponeso (431 a.C. – 404 a.C.). Contrariando o modelo de polaridade o qual, como já mencionado, acredita que *Histórias* privilegia um discurso que enaltece Atenas e legitima os atenienses frente aos gregos do século V a.C., concordamos com Araujo ao afirmar que ao invés de produzir uma narrativa que exalta os atenienses, Heródoto pode ter elaborado um aviso de que esta *pólis* poderia vir a reproduzir uma estrutura de dominação desconhecida pelos helenos, ou seja, a estrutura de império²⁴⁴. Nessa perspectiva, não consideramos o mundo herodotiano bipartido sistematicamente entre gregos e bárbaros, e sim um mundo integrado no qual, embora os povos possuíssem suas diferenças, tais populações vivem, adaptam-se e reagem às diferenças.

Por ser um viajante, Heródoto pode ser considerado um cidadão do mundo e tal característica se apresenta em sua obra de diversas maneiras. Neste capítulo, iremos demonstrar como realizamos a catalogação da obra *Histórias* e como essa sistematização irá permitir que nos aproximemos da percepção de Heródoto sobre sua sociedade no que diz respeito às relações de gênero e às funções sociais que as mulheres gregas e persas desenvolvem em momentos de conflitos.

Antes de explicarmos como elaboramos o nosso catálogo, vale ressaltar que trabalhamos na mesma concepção que Zainab Bahrani utiliza em seu livro *Women of Babylon: gender and representation in Mesopotamia*, ou seja, nos interessa investigar como a sexualidade e o gênero são formados, e a partir das relações de poder, como são enfatizados ou incorporados por meio de processos de diferenciação²⁴⁵. Portanto, mesmo que em nosso catálogo esteja evidenciado em quais momentos as mulheres gregas e persas aparecem, nossa abordagem afasta-se da Primeira Onda de estudos históricos feministas, a qual se propunha encontrar mulheres nos registros históricos objetivando retificar uma ausência da mulher na

²⁴³ RAAFLAUB, K.A. *Philosophy, Science, politics: Herodotus and the intellectual trends of his time*. In: PRIESTLEY, J.; ZALI, V. (Orgs.). **Brill's Companion to Classical Reception. volume 6: Brill's Companion to the Reception of Herodotus in Antiquity and Beyond**. Boston: Brill, 2016, p. 154. Sobre os saberes compartilhados em seu tempo ver também : HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 50, 242.

²⁴⁴ ARAUJO, Matheus Treuk Medeiros de. **Civilização e Barbárie. O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.p.23-24.

²⁴⁵ BAHRANI, Z. **Women of Babylon: Gender and Representation in Mesopotamia**. Londres : Routledge, 2001, p.3.

história.

Segundo a historiadora Thais Rocha da Silva, grande parte das pesquisas de gênero na Antiguidade permanecem apenas descrevendo como homens e mulheres viviam, ou o que era considerado masculino e feminino nessas sociedades. Tal como Silva, não menosprezamos os trabalhos da História Social das Mulheres, há significativas contribuições e não é um problema realizar pesquisas seguindo esta perspectiva. Entretanto, concordamos com a autora ao afirmar que é preciso ir além das descrições de como homens e mulheres viviam e se relacionavam uns com os outros, questionando, portanto, como eles constituíram o mundo em que viveram, ou seja, como as relações de gênero moldaram aquela sociedade²⁴⁶. Catalogamos a participação dessas mulheres junto aos homens em âmbitos de conflitos, a fim de compreender como eram os papéis político-sociais que ambos desenvolviam e como suas atuações organizavam a sociedade a qual pertenciam de acordo com o pensamento herodotiano.

Principalmente através da análise da arte e da iconografia, Bahrani argumenta também sobre a importância de lembrarmos sempre que a antiguidade tal qual a acessamos - seja pela documentação iconográfica, arqueológica ou textual - é uma representação do passado. De acordo com a autora, a atribuição cultural da(s) feminilidade(s) opera por meio e na representação, ou seja, o “ser mulher” / “ser homem” ou ainda a “natureza da feminilidade/masculinidade” são conceitos ideológicos, logo o registro que interpretamos não é um reflexo da(s) mulher(es)/ e do(s) homem(s) como sujeitos da experiência, mas sim a visão de Heródoto sobre aqueles indivíduos²⁴⁷. Somada à representação de Heródoto, há ainda a nossa interpretação dos dados que configuram a nossa própria representação do passado.

A narrativa, tal como a imagem, para além de mostrar uma representação da realidade, é um local de processos de construção do gênero que serve para criação de normas de gênero para aquela sociedade que está sendo descrita²⁴⁸. Assim, ao contar que as mulheres gregas e persas aconselhavam personagens masculinos, atuavam em conflitos ou alertavam que estes poderiam acontecer, Heródoto, além de representar a sua realidade, nos mostra como a sua sociedade possuía funções complementares entre homens e mulheres. Novamente, não estamos dizendo que os fatos que ele narra aconteceram daquela maneira (e talvez nem nos importe se assim foram). A questão é por que mulheres de etnias tão diferentes são postas

²⁴⁶ ROCHA DA SILVA, T. **Gender studies in Brazil and new possibilities for Ancient History**, p.9. No prelo.

²⁴⁷ Op. cit, p.30-33.

²⁴⁸ Ibidem, p.32.

em posições de atuação similares? O que Heródoto tentava mostrar aos seus conterrâneos ao dar ênfase nos conselhos de mulheres em ambientes bélicos? O que isso nos mostra sobre a sua percepção da sociedade grega?

Para abranger todos esses questionamentos, optamos por utilizar uma abordagem interseccional em nosso catálogo. Segundo as pesquisadoras Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, a interseccionalidade surge por volta das décadas de 1960 e 1970 no contexto de intenso ativismo nos Estados Unidos, principalmente com as feministas negras, como meio de enfrentar a fragmentação indenitária nos movimentos sociais. Durante os anos de 1990 a interseccionalidade começa a ser institucionalizada na academia como forma de investigação crítica e, a partir dos anos 2000, vemos o termo sendo amplamente utilizado por estudiosos de diversas áreas²⁴⁹.

A interseccionalidade como ferramenta analítica fornece uma maneira de compreender a complexidade do mundo, pois entende as relações de poder através de uma lente de construções mútuas²⁵⁰. Isso significa que as identidades são moldadas por diversas categorias, tais como status, idade, etnia, gênero, entre outros. Essas categorias constituem sistemas de poder que se entrelaçam, se constroem ou se cruzam. Ao dividirmos as colunas de nosso catálogo em: nome da mulher, *status* social, etnia, temática (contexto da atuação) e dimensão de atuação, conseguimos vislumbrar os diversos fatores que interagem na construção da narrativa herodotiana, assim, tentaremos realizar uma análise que engloba tanto a identidade quanto o gênero.

Sobre as categorias que compõem nosso catálogo é importante salientar que as etnias são baseadas no que *Histórias* nos informa. Somente no caso do livro 1 capítulos 8 ao 13 que inserimos a mulher Lídia na dimensão de conflitos gregos x gregos mesmo sabendo que os lídios não eram um povo grego e sim um povo da Ásia Menor. Consideramos os lídios dentro de tal categoria devido a aproximações culturais que Heródoto faz, o autor diz que “os lídios e helenos têm costumes quase iguais, à parte que os lídios prostituem suas crianças do sexo feminino”²⁵¹. Entendemos que cada povo possui suas peculiaridades étnicas e as aproximações são maneiras que Heródoto encontra para traduzir essas diferenças ao seu público, porém devido às influências indiretas que o caso terá nas Guerras Greco-Persas

²⁴⁹ HILL COLLINS, P., BILGE, S. **Intersectionality**. Malden, MA : Polity Press, 2016, p.63-65.

²⁵⁰ Ibidem, p. 2-5.

²⁵¹ **HERÓDOTO**.1.94. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

preferimos manter o caso no catálogo.

Ainda sobre as categorias que utilizamos, a coluna que classifica a dimensão de atuação (gregos x gregos – 22 casos/ gregos x persas – 18 casos/ persas x persas – 4 casos) nos ajudou a perceber como os conflitos estavam relacionados ao objetivo principal da obra do autor grego, ou seja, entender por que gregos e bárbaros guerreavam entre si. A coluna do *status* social nos auxiliou a entender a relação de poder e hierarquia na qual cada mulher estava inserida, enquanto a temática é o contexto da obra no qual está inserido o caso.

Como frente metodológica do nosso catálogo, utilizamos a Análise de Conteúdo da Laurance Bardin, principalmente a sua técnica de categorização. Através da diferenciação e a analogia de caracteres comuns, a operação consiste em organizar o documento por grupos²⁵². Para classificar os elementos é necessária uma investigação prévia, no caso de nosso trabalho, a leitura de todos os livros de Heródoto foi essencial para identificarmos a recorrência de mulheres auxiliando homens em momentos conflituosos. Foi neste momento que percebemos também que o segundo livro não faria parte da nossa pesquisa, já que ele se detém majoritariamente sobre a etnografia egípcia.

A partir dessa identificação, as próximas etapas que Bardin recomenda são: o inventário (momento em que se isolam os elementos), a classificação (a repartição dos casos) e a busca por uma organização das mensagens que foram selecionadas para que, dessa maneira, consigamos visualizar uma representação condensada dos dados brutos²⁵³. Depois que selecionamos os casos, percebemos que grande parte deles se relacionava a conflitos que influenciaram as Guerras Greco-Pérsicas ou que fizeram parte da guerra entre gregos e persas. Vale ressaltar que compreendemos conflito como momentos em que há oposição ou choque de interesses, situações que demandam tomada de decisões e que podem ou não resultar em combates bélicos.

Deste modo, além da necessidade da mulher atuando de alguma maneira em conflitos, sua relação à Guerra se tornou outro critério principal para definir quais casos iriam compor o catálogo. As Amazonas, por exemplo, mesmo sendo um grupo étnico no qual vemos mulheres exercendo atividades bélicas ativamente, não entraram no catálogo. Tais mulheres não são descritas em uma dimensão bélica que influencie diretamente ou indiretamente as Guerras Greco-Persas.

²⁵² BARDIN, L. A Categorização. In: BARDIN, L..**Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006 p. 117.

²⁵³ Ibidem, p. 118.

Identificamos o total de 44 casos, sendo que destes, 16 dizem respeito às mulheres gregas, 6 às mulheres persas e 22 à sacerdotisa de Delfos. Ao analisá-los, percebemos alguns padrões na maneira como aquelas mulheres e homens foram descritos por Heródoto e como eram representados atuando, assim, criamos quatro subdivisões: mulheres que atuam em conflitos a partir de sugestões masculinas (3 casos); mulheres que atuam por conta própria: conselheiras e alerta de conflitos (13 casos); representação e uso da figura da mulher em conflitos (6 casos); e Pítia, a sacerdotisa de Delfos (22 casos).

Os nomes das subdivisões são quase autoexplicativos, entretanto cabem algumas ressalvas. Em *mulheres que atuam em conflitos a partir de sugestões masculinas* temos o menor número de casos, vemos nessa divisão os homens próximos (pais e o médico da rainha persa Atossa) sugerindo o que as mulheres deveriam fazer para satisfazer seus interesses, ou seja, a mulher é representada em um papel no qual resolve um problema do homem que a aconselhou como agir. Em *mulheres que atuam por conta própria: conselheiras e alerta de conflitos* vemos mulheres agem a partir de impulsos próprios e estão em diferentes contextos. Temos casos em que as mulheres salvam seus maridos, que aconselham maridos ou governantes, questionam e exigem informações de guerras e até mesmo participam lutando em guerras. A atuação como alerta de conflitos está presente em quase todas as subdivisões, pois ao aconselhar, as mulheres também reproduzem a função de sinalizar a possibilidade da ocorrência de conflitos²⁵⁴.

Na subdivisão nomeada *representação e uso da figura da mulher em conflitos* temos casos nos quais é possível observar a imagem feminina associada à guerra ou homens que se vestem de mulher para alcançar um objetivo em meio a um conflito. Por exemplo, no livro I capítulo 60 temos a ateniense Fia, que será uma figura importante para o retorno do tirano Pisístrato para Atenas. Neste episódio, a mulher que possuía uma altura elevada e um belo aspecto foi equipada com uma panóplia e colocada dentro de um carro de guerra para fingir ser a deusa Atena e conduzir o tirano que possuía uma má reputação de volta para a *pólis*.

Por último, a subdivisão *Pítia, a sacerdotisa de Delfos*. Por termos um maior número de casos, decidimos reservar um espaço somente para ela. A sacerdotisa aparece inúmeras vezes ao longo da obra herodotiana, porém nem todas as suas atuações pertencem ao catálogo. O mesmo critério foi utilizado para selecionar as profetizações: foram catalogadas apenas as que se relacionam com as Guerras Greco-Pérsicas ou a conflitos que influenciam nas Guerras.

²⁵⁴ Esse aspecto será melhor desenvolvido no próximo capítulo quando analisarmos os casos.

As categorias dessa subdivisão do catálogo possuem algumas diferenças em relação às outras partes. Não colocamos as colunas nome da mulher, etnia e *status* social, pois esses casos sempre caracterizar-se-ão pela Pítia relacionando-se com homens. Preferimos substituir essas três colunas por *Com quem Pítia se relaciona*, e nela especificamos o nome do homem, seu *status* e sua etnia, portanto, a função é mesma, apenas agrupamos as informações em uma única coluna.

O critério utilizado para designar os casos nas subdivisões citadas foi a atuação que as mulheres, seja de maneira individual ou em grupo, desempenhavam. Destacamos que há apenas um caso que está em duas subdivisões, a saber, o caso do livro V capítulo 92, no qual temos a atuação da Pítia proferindo um oráculo sobre o futuro governante de Coríntio ser filho de uma mulher coxa e a atuação de Labda, a mulher coxa, que esconde seu filho em uma caixa para evitar que ele seja morto. Portanto, o caso pertence tanto à subdivisão reservada para a Pítia quanto à subdivisão de mulheres que atuam por conta própria.

Abaixo apresentaremos o catálogo na íntegra especificando cada passagem que foi selecionada por nós. Atentamos que os trechos que pertencem aos livros VI ao IX pertencem à tradução bilíngue grego-inglês da leob²⁵⁵ e foram traduzidos para o português pela autora.

²⁵⁵ GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

Mulheres que atuam em conflitos a partir de sugestões masculinas					
Livro/capítulo	Nome da mulher	Status Social	Etnia	Temática	Dimensão de Atuação
Livro 3 cap 53	filha de Periandro (soberano de corinto)	Filha do soberano de Corinto	Corinto, grega.	Filha é mandada para conversar com o irmão para tentar convencê-lo a voltar para Corinto, já que este estava revoltoso com o pai por ele ter matado sua mãe (Melissa).	Gregos x gregos
<p>3.53. Visto que o tempo estava avançando, Periandro já estava em idade avançada, ele reconheceu em si mesmo que não era mais capaz de observar e de conduzir os assuntos públicos, ele enviou alguém para Cócira para chamar Lícofron de volta para ocupar sua tirania; pois, de fato, ele não notava inteligência no mais velho dos seus filhos, mas ele mostrava claramente que tinha o espírito mais lento. (...) E Periandro, pressionado pelo jovem, enviou-lhe, pela segunda vez, uma mensagem pela sua própria irmã, que era sua filha, pensando que ele seria mais convencido por ela. Depois de ela ter chegado, disse: “- Ó menino, desejas mais que a tirania caia nas mãos de estranhos e a casa de nosso pai seja saqueada que tu mesmo retornes para tomar posse de seus bens? Retorna para o nosso palácio, para de punir-te com esta pena. A obstinação é uma aquisição funesta; não cures o mal com o mal. Muitos preferem a equidade à justiça. Muitos já abandonam as coisas</p>					

paternas por procurarem as maternas. A tirania é uma coisa incerta, muitos são os amantes dela, mas nosso pai já está envelhecendo e com a idade avançada; não dê os teus próprios bens a estranhos”. De fato, ela foi instruída pelo seu pai a respeito das palavras mais persuasivas que ela deveria dizer para seu irmão; mas ele, em resposta, disse que de modo algum retornaria a Corinto, enquanto ele fosse informado de que seu pai continuava vivo. Depois de ela ter anunciado ao seu pai a resposta de Lícofron, pela terceira vez, Periandro enviou um arauto determinando que ele próprio iria para Córceira, enquanto seu filho se preparava para ir a Corinto. Mas, quando os corceius souberam de cada detalhe dos fatos, a fim de que Periandro não chegasse ao seu território, eles mataram o jovem. Diante desses acontecimentos, Periandro se vingou dos corceius.

<p>Livro 3 cap.68 -69</p>	<p>Fédime</p>	<p>Filha do persa Otanes e esposa do rei Persa. Heródoto diz que Otanes “por nascimento e riqueza era semelhante ao primeiro dentre os persas.” – descendência nobre</p>	<p>Persa</p>	<p>Heródoto relata como descobriram que o rei persa que estava governando não era o filho de Ciro e sim um mago com o mesmo nome. Otanes pergunta a sua filha, Fédime, se reconhece o homem com que se deita todas as noites.</p>	<p>Persas x persas</p>
--------------------------------------	----------------------	---	---------------------	--	-------------------------------

3.68. (...) Esse Otanes foi o primeiro que suspeitou que o mago não era Esmérdis, filho de Ciro, mas quem ele certamente era, por ter compreendido quem este era porque ele não saía da acrópole, também que não chamava à sua presença nenhum dos persas mais notáveis. Porque ele tinha esta suspeita, fez as coisas que se seguem. Ele tinha uma filha que dera em casamento para Cambises, cujo nome era Fédime; de fato o mago tinha se casado com essa mesma mulher, com quem tinha relações sexuais e também com todas as outras mulheres de Cambises. Portanto, Otanes enviou uma mensagem para essa sua filha querendo saber quem era ele dentre os homens com quem se deitava, se era com Esmérdis, filho de Ciro, se com outro. Mas ela respondeu-lhe dizendo que não o conhecia; pois jamais tinha visto Esmérdis, filho de Ciro, nem conhecia qualquer outro com quem tinha relações sexuais. E Otanes enviou-lhe uma segunda mensagem perguntando: “- Se tu própria não conheceis Esmérdis, filho de Ciro, tu busques saber junto à Atossa com quem ela e tu mesma têm relações sexuais; pois, de fato, ela conhece perfeitamente que é o seu próprio irmão.”. E a filha respondeu-lhe de volta as seguintes palavras: “- Não posso nem dirigir minhas palavras para Atossa nem ver nenhuma outra das mulheres que reside comigo; pois, quando ele herdou o reino, rapidamente esse homem, quem quer que seja, determinou que nós fôssemos separadas uma das outras.”.

3.69. Enquanto Otanes ouviu essas palavras, mais a questão se tornava clara. E enviou uma Terceira mensagem para sua filha, dizendo as seguintes palavras: “ – Filha, tu deves, como uma bem-nascida, submeter-se ao perigo, ao qual seu pai te ordena assumir; pois, se de fato não é Esmérdis, filho de Ciro, mas quem eu suponho que seja, ele certamente não deve coabitar contigo e não deve ter o poder sobre os persas e escapar impunemente, mas deve sofrer uma punição. Agora, portanto, faze o seguinte: quando te deitares com ele e perceberes que ele está em sono profundo, apalpa as orelhas dele. E se ele mostrar que tem orelhas, consideres que ele é teu Esmérdis, filho de Ciro, com quem tu tens relações sexuais; mas, se ele não as tiver, tu consideres que se trata do mago Esmérdis”. E Fédime respondeu-lhe de volta dizendo que correria grande risco se ela fizesse isso; pois, de fato, se ocorresse de ele não ter as orelhas, e se fosse pega em flagrante apalpando suas orelhas ela bem sabia que ele a eliminaria; todavia, mesmo assim, ela fazia isso. De fato, ela assumiu a missão dada pelo seu pai, visto que Ciro, filho de Cambises, quando estava governando, cortou as orelhas desse mago Esmérdis por um motivo nada insignificante. Portanto, a essa Fédime, a filha de Otanes, cumpriu todas as instruções dadas pelo seu pai, logo que chegou a vez dela de ir

junto do mago (pois, de fato, as mulheres vão uma após a outra aos homens persas); depois de ela ter chegado, deitou-se ao lado dele, e quando ele dormiu profundamente, ela apalpou as orelhas do mago. Depois de ela ter percebido, não com facilidade, mas com dificuldade, que o seu marido não tinha orelhas, tão logo o dia nasceu, ela enviou uma mensagem ao pai relatando o que havia acontecido.

Livro 3 – cap. 133- 134	Atossa	Filha de Ciro e mulher do Rei dos Reis Dário.	Persa	Cumprindo a promessa que havia feito ao médico que a havia curado do tumor no seio, disse para Dário que este deveria aumentar suas conquistas e que deveria começar pela Grécia.	Gregos x persas.
------------------------------------	---------------	--	--------------	--	-------------------------

3.133. (...) Quando nasceu um tumor no seio de Atossa, filha de Ciro e mulher de Dario, depois de o tumor ter sido interrompido, ele começou a estender-se de forma crescente. Durante o tempo em que o tumor estava menor, ela o escondia e, porque tinha vergonha, não dizia nada a respeito, mas quando o tumor já estava em uma situação crítica, mandou trazer Democedes e mostrou-o para ele. E ele disse-lhe que a tornaria saudável, mas a fez prometer que ela lhe daria em troca aquilo que ele lhe pedisse, e que ele não pediria nada que pudesse lhe trazer uma vergonha.

3.134. Então, depois de Democedes tê-la tratado e de ter declarado que ela estava saudável, nesse momento, instruída por Democedes, Atossa entrou no leito nupcial de Dario e dirigiu-

lhe a seguinte fala: “- Ó rei, com tanto poder que tens, permaneces quieto, nem acrescentando nenhum povo nem aumentando o poder dos persas. E isso é natural a um homem jovem, senhor de grandiosas riquezas, mostrar que está realizando um feito admirável, a fim de que os persas percebam que são governados por um homem. Realizar essas coisas te conduzirá para dois pontos interessantes: um ponto é que os persas saberão que eles têm um homem que está à frente deles e outro ponto é que estando extenuados pela guerra não terão tempo livre para revoltarem-se contra ti. Pois agora poderias realizar uma obra admirável, porque estás na idade da tua juventude; pois, por um lado, enquanto o corpo está crescendo, cresce também a sua inteligência; por outro lado, quando ele está envelhecendo, envelhece também a sua tonicidade para realizar todas as suas ações.”. Então, ele falou isso porque tinha sido instruída por Democedes; e Dario em resposta disse-lhe: “-Mulher, tudo quanto disseste para eu fazer, eu mesmo penso em executar. Pois decidi realizar uma expedição militar contra os citas para anexar territórios, com uma ponte que vai desta planície até a outra planície. E isso será concretizado em pouco tempo.”. E Atossa disse-lhe as seguintes palavras: “- Vê, então, abandona a ideia de primeiro atacar os citas; pois esses, quando tu quiseres, será teu povo. E tu, segundo eu penso, deve realizar uma expedição militar contra a Hélade; porque fui informada em uma conversa, e desejo ter servas lacônias, argivas, áticas e coríntias. E tens o homem mais apropriado dentre todos os homens para indicar-te cada um dos territórios da Hélade e ainda guiar-te por eles, esse que curou o teu pé.”. E Dario disse-lhe em resposta: “ – Mulher, visto que assim te parece melhor, nós primeiro vamos fazer uma experiência com a Hélade; parece-me melhor que primeiro enviemos observadores com o mesmo homem que do mesmo modo que tu disseste para enviá-los, porque depois de terem apreendido e observado cada um dos territórios, eles irão nos informar a respeito de tudo; e em seguida, marcharei contra eles informado sobre tudo.”.

Mulheres que atuam em conflito por conta própria: conselheiras e alerta de conflitos					
Livro/capítulo	Nome da mulher	Status Social	Etnia	Temática	Dimensão de Atuação
Livro 1 – cap. 8-13	Mulher de Candaules	Esposa do rei	Lídia	Trama uma vingança contra o	Gregos x gregos

		Lídio		marido por tê-la envergonhado	
<p>1.10 - "E ele não podia escapar disso, ficou à sua disposição; e Candaules, depois de julgar que era a hora certa de se deitar, conduziu Giges ao quarto de dormir, e depois disso, imediatamente, também sua mulher estava presente; após ela entrar, enquanto depositava suas vestes, Giges a observava. E quando ela virou as costas, indo em direção ao leito, ele escapou sorrateiramente e caminhou para fora do quarto. Mas a mulher o viu saindo. Tendo compreendido o que havia feito seu marido, não gritou, embora estivesse envergonhada, nem demonstrou que havia percebido, porque tinha em mente vingar-se de Candules; pois entre os lídios e quase para o restante dos bárbaros, se também um homem que fosse visto -Cap 11- nu, isso lhe causaria uma grande vergonha. Então, nesse momento; assim, nada demonstrando, manteve silêncio ; e o mais rápido possível, já ao nascer do dia, no momento favorável, pôs à sua disposição os escravos que lhe eram mais confiáveis e chamou Giges. E ele, pensando que ela nada soubesse do que fora feito, veio porque foi chamado; pois estava acostumado antes a ir quando a rainha o chamava. Quando Giges chegou, a mulher disse-lhe isto: "Agora, dois caminhos se apresentam a ti Giges, dou-te a escolha para qual deles queres te dirigir; ou mata Candules e toma posse de mim e do reino da Lídia, ou tu mesmo deves imediatamente morrer, para que não obedças a Candules em tudo no futuro e vejas o que tu não deves. Mas, ou aquele que deliberou isso deve morrer, ou tu, que me viste nua e não pensaste no que estava fazendo". E Giges, por um longo tempo, ficou espantado com as coisas que lhe foram ditas; depois, suplicou-lhe que não o obrigasse à necessidade de decidir sobre tal eleição. No entanto, ele não a persuadiu, mas, diante da obrigação exposta, ou matava o seu senhor, ou ele mesmo seria morto por outros; escolheu que ele mesmo sobreviveria. Então, ele a consulta, dizendo o seguinte: "uma vez que me obrigas a matar o meu senhor, mesmo eu não querendo, vamo, ouvirei de que modo o atacaremos". E ela, tomando a palavra, disse: " A investida será do mesmo lugar de onde aquele que me exibiu nua, e o ataque será no momento em que ele estiver dormindo".</p>					
Livro 1.	Cino, conforme	Escrava	Não	Astíages manda um	Persas x
Cap.	a língua dos		especificad	boiadeiro matar o	persas
111-113	helenos e		a, mas da a	filho de sua filha, pois	
	Espaco,		entender	tem um sonho que o	

	conforme a dos medos		que é medo/persa	menino irá assumir o seu trono. O boadeiro, após contar à sua mulher que deveria matar a criança, ela o sugere que troque seu alvo com o filho que ela pariu e nasceu morto. Essa criança será Ciro, futuro rei persa.	
--	-----------------------------	--	-------------------------	---	--

1.111 - Após ouvir isso, o boiadeiro, pegando a criancinha, retornou pelo mesmo caminho e foi para a sua pequena propriedade. E ele mesmo tinha uma mulher, que estava grávida há um longo tempo então, por alguma divindade, estava dando à luz e havia saído do pasto da cidade. Ambos estavam preocupados um com o outro, ele estava apreensivo com a época do parto de sua mulher, e sua mulher porque não estava conformada que Hárpago tivesse mandado buscar seu marido. Depois de ele ter voltado, como a mulher não tinha expectativa de vê-lo, ela perguntou primeiro por que Hárpago o havia mandado buscar com prontidão. E ele respondeu: "Mulher, quando cheguei à cidade, vi e ouvi o que jamais tivesse acontecido com o nosso senhor. Toda a casa de Hárpago estava sob pranto; eu mesmo chorei quando entrei na casa. Quando rapidamente entrei, vi uma criancinha que jazia no chão, agitando-se e chorando, adornada com ouro e vestida com muitas cores, E Hárpago, quando me viu, ordenou-me que pegasse a criancinha o mais rápido possível, partisse com ela e a levasse para coloca-la em um lugar das montanhas onde houvesse mais animais selvagens, dizendo que Astíages havia proferido essa ordem para mim, ameaçando-me muito, caso eu não a cumprisse. E eu a peguei e, enquanto a trazia, pensava de qual dos familiares ela seria; pois jamais imaginaria que seria daquela casa. Estava espantado porque o vi adornado com ouro e um manto; além disso, estava chorando, colocado visível na casa de Hárpago. Então, imediatamente, fui informado pelo caminho de toda a história por um servo que me acompanhou para fora da cidade e entregou-me nas mãos o recém-nascido, que era filho de Mandane, filha de Astíages e de Cambises, filho de Ciro, e que Astíages havia me ordenado matar.

1.112 - E agora é este aqui". Assim que o boiadeiro disse isso, ele o descobriu e o mostrou para sua mulher. Quando ela viu que a criancinha era grande e de bela aparência, chorando e tocando os joelhos do marido, pediu-lhe que por arte alguma o matasse. E ele lhe disse que não era capaz de agir de outra

maneira que essa mesma; pois Hárpago viria para observar e inspecionar sua ação, e que, se ele não visse a ordem cumprida, ele mesmo morreria do pior modo possível. Então, como ela não persuadiu o seu marido, pela segunda vez, a mulher disse o seguinte: "Visto que desse modo não sou capaz de te persuadir a não abandoná-lo, tu fazes isto: então, se há completa necessidade de que ele seja visto exposto aos animais selvagens, pois eu também dei à luz e pari um que já estava morto, leva-o para ser exposto e a criança da filha de Astíages, como fosse nosso, vamos criar. E assim tu não serás condenado por ter cometido uma injustiça contra teus senhores, nem teremos mal régio e o que sobreviveu não terá um funeral régio e o que sobreviveu não terá a vida

1.113. destruída". E seguramente pareceu ao boiadeiro que a mulher havia argumentado bem sobre a presente situação, e imediatamente ele fez isso: levou a criança que era para ser morta, conforme as ordens recebidas. Então, entregou à mulher a que estava viva, e pegou o cadáver da que era dele e a colocou-a no cesto no lugar da outra que ele carregava; e o vestiu com todos os adornos da outra criança, levando-o para o lugar mais deserto das montanhas, ele colocou-o lá. Quando se passaram três dias que a criança estava exposta, o boiadeiro foi à cidade, deixando um de seus assistentes como vigia, e foi à casa de Hárpago e disse-lhe que estava pronto para mostrar-lhe o cadáver da criancinha. Então Hárpago enviou os seus mais confiáveis guardas-costas para que viesse por meio deles e também depois dariam o nome de Ciro, após pegá-lo, a mulher do boiadeiro criou-o, mas outro nome lhe foi dado que não o de Ciro.

Livro 4. cap. 146	Filhas de espartanos importantes e esposas de Minai.	Filhas de espartanos importantes	Espartanas	Com seus maridos presos pelos espartanos, as mulheres decidem ir libertá-los.	Gregos x gregos
--------------------------	---	---	-------------------	--	------------------------

4.146. E não muito tempo transcorrido, logo as múnias começaram com insolências, e solicitaram participação no poder real e cometeram outras ações ímpias. Então os lacedemônios decidiram matá-los; eles os reuniram e os colocaram em uma prisão. Os lacedemônios, quando matam os que são condenados à morte, eles os matam à noite, e não executam ninguém durante o dia. Portanto, quando iam executar a pena dos múnias, as mulheres proeminentes, pediram para entrar na prisão e que cada uma delas conversasse com

seu respectivo marido. E os lacedemônios permitiram que elas entrassem, porque pensavam que não haveria nenhum ardil da parte delas. Em seguida, elas entraram e fizeram o seguinte: elas entregaram aos seus maridos todas as vestimentas que trajavam enquanto elas pegaram as dos maridos. E os múnias trajaram as vestimentas de mulher e como mulheres saíram pela porta, e de tal modo eles escaparam e novamente se assentaram no Taígeto.

Livro 4.Cap. 162,163,164, 165,167; 200;202;205	Feretima, mãe de Arcesilau (rei de Cirene/Li bia)	Mãe do possível governante de Cirene.	Cirene e Salamina	Desde a chegada em Salamina, Feretima começa a pedir por um exército que lhe é negado por ser uma mulher. Após a morte do seu filho, ela vai para o Egito e consegue persuadir o governante, afirmando que seu filho havia morrido por ser simpatizante dos medos.	gregos x persas Persas x persas
---	--	--	------------------------------	---	--

4.162. Então, à época que esse Bato reinou, assim foram as disposições que Demônax determinou até que, durante o reinado desse seu filho Arcesilau, aconteceu muita perturbação por causa das honrarias dadas aos reis; pois Arcesilau, filho de Bato, o coxo, e de Feretima, disse que não se sustentaria conforme as disposições que o manteve Demônax determinou, mas reivindicou os privilégios dos seus antepassados. Por isso, os cireneos se revoltaram, Bato foi vencido e fugiu para Samos, enquanto sua mãe fugiu para Salamina em Cipro. E à essa época, Evelton governava sobre Salamina, e depositou como oferenda um porta-incenso que era digno de ser contemplado em Delfos, onde está localizado o tesouro dos coríntios. Ao chegar à corte dele, Feretima pediu-lhe um exército que os conduzisse até Cirene; e Evelton

dava-lhe tudo, exceto um exército. E quando ela recebia o que lhe era dado, ela dizia que isso era belo e aquilo era mais belo, e ela lhe pedia para que lhe desse um exército. E ela no momento em que recebia cada presente, dizia também isso, e finalmente, Evelton lhe enviou um presente: um fuso de ouro e uma roca, e deu-lhe ainda algodão; e depois disso Feretima disse novamente a mesma frase, e Evelton disse-lhe que as mulheres recebem presentes desse tipo, mas não um exército.

4.163. E Arcesilau, durante essa época, estava em Samos e recrutava todo tipo de homem com a promessa de distribuição de terra; enquanto Arcesilau reunia um contingente muito grande para o seu exército, preparou-se para ir a Delfos consultar o oráculo sobre o seu retorno. E a Pítia lhe respondeu o seguinte: “No tempo de quatro Batos e quatro Arcesilau, por oito gerações de homens, Lóxias lhes concede reinar em Cirene. Todavia, exorta-os a não intentar mais do que isso. No entanto, tu, fica tranquilo e retorna para a sua terra; e se encontrares o forno cheio de ânforas, não cozas as ânforas, mas deixe-as ir conforme o vento favorável; e se as cozeres, não entres em um local cercado de águas; senão, morrerás tu próprio e também o touro mais belo”.

4.164. Essas foram as palavras oraculares que a Pítia proferiu a Arcesilau. E ele reuniu os homens de Samos e desceu em direção a Cirene; porque dominava os acontecimentos, foi se esquecendo do oráculo, e ao contrário, vingou-se dos seus adversários por causa do seu exílio. E alguns deles, pelo menos, saíram do território, e outros foram subjugados por Arcesilau, que os enviou a Cipro para que fossem mortos; então, alguns cnídios os salvaram, e os mandaram para a sua terra então os enviaram para Terra. E alguns outros cireneus que haviam fugido para grande torre, propriedade de um cidadão comum, um tal Aglômaco, Arcesilau amontoou lenha em torno dela e os queimou. E depois do que havia feito com eles, compreendeu que esse fato era o relacionado ao oráculo, porque a Pítia havia lhe proibido, se encontrasse ânforas no forno, de queimá-las, ele interrompeu voluntariamente seu contato com a cidade dos cireneus, por temer a morte que lhe foi profetizada pelo oráculo e por considerar que Cirene era o lugar cercado por águas. E ele tinha como mulher uma parente sua, que era filha do rei dos barceus, cujo nome era Alazir; e foi à sua corte, e com ele estavam alguns barceus e exilados de Cirene, que quando perceberam que ele estava caminhando pela ágora, eles o mataram, e além dele, o seu sogro Alazir. Então, Arcesilau, quer voluntariamente, quer involuntariamente, ele infringiu o dito pelo oráculo e cumpriu o seu destino.

4.165. Enquanto Arcesilau vivia em Barce, depois de ter causado o seu próprio mal, sua mãe,

Feretima, ela mesma tinha privilégios por causa do seu filho em Cirene, porque administrava os demais assuntos e tinha um assento no Conselho; depois de saber que seu filho havia morrido em Barce, ela fugiu e partiu para o Egito. Em razão de Arcesilau ter prestado bons serviços a Cambises e lhe impôs o pagamento de um tributo. Ao chegar ao Egito, Faretima colocou-se como suplicante a Ariandes, pedindo-lhe que a vingasse, apresentando o pretexto de que o seu filho estava morto por ser simpatizante dos medos.

4. 167. Naquele momento, esse Ariandes teve piedade de Feretima e lhe concedeu um exército que era toda a capacidade do Egito, tanto a infantaria como a frota naval; indicou Amásis, um homem maráfio, como estrategista da infantaria e o da frota naval er Badres, que era o povo de Pasárgadas. E antes de despachar o exército, Ariandes enviou um arauto a Barces para que lhe fosse informado quem era o assassino de Arcesilau; e os barceus, todos eles, responsabilizaram-se pelo ato; pois haviam sofrido muitos males causados por Arcesilau. Depois de ter sido informado sobre isso, Ariandes logo despachou o exército junto com Feretima. Portanto, esse motivo tornou-se um pretexto para seu discurso, elele enviou o exército, como me parece, para submeter a Líbia. Pois existiram de fato muitos e diferentes povos dentre os líbios, e um pequeno número deles eram súditos do rei, enquanto a maioria em nada se preocupava com Dario.

4.200. E os persas vingadores de Feretima, depois de terem sido enviados do Egito por Ariandes, chegaram à Barca, cercaram a cidade e anunciaram que eles lhes entregassem os responsáveis pela morte de Arcesilau; porém, como todo o seu povo era cúmplice disso, eles não acolheram suas palavras. Então os persas fizeram o cerco de Barca por nove meses, enquanto cavavam fossos subterrâneos que os levavam para dentro da muralha e faziam os mais violentos ataques. (...)

4.202. Então, depois que os barceus mais culpados foram entregues a Feretima pelos persas, ela os empalou ao redor da muralha, enquanto suas mulheres tinham os seus seios cortados e pendurados em volta da muralha. E o restante dos barceus, ordenou que fossem colocados como butim aos persas, à exceção dos que eram batíadas, que não eram partícipes do assassinato; e Feretima lhes confiou a cidade.

4.205. E nem mesmo Feretima terminou bem a sua vida. Pois, depois de ter se vingado dos barceus, quando regressou da Líbia para o Egito, o mais rapidamente, morreu de um modo terrível; pois, quando ainda estava viva, ela fervilhou de vermes, como então aos homens as vinganças excessivamente fortes tornam-se odiosas aos deuses. De fato, tal e tamanha foi a

vingança de Feretima, mulher de Bato, para os barceus.

Livro 5. Cap. 51	Gorgo	Filha do rei espartano Cleômenes	Espartana	Primeira aparição de Gorgo. Filha do rei espartano Cleômenes, ainda com 8 ou 9 anos de idade, aconselha o pai a não se aliar a Aristágoras na Revolta Iônica contra os persas. Seu pai se alegra com a advertência da criança e segue o conselho.	Gregos x gregos e gregos x persas.
-----------------------------	--------------	---	------------------	--	---

5.51.Então, depois de ter dito isso, Cleômenes foi para sua casa. E Aristágoras pegou um ramo de oliveira de suplicante e foi para a casa de Cleômenes, e foi entrando na casa como suplicante, e pedia que Cleômenes prestasse atenção no que ouvisse, logo que despachasse a criança; pois a filha de Cleômenes estava em pé ao seu lado, cujo nome era Gorgo; e acontecia dela ser a sua única filha, que tinha oito ou nove anos de idade. E Cleômenes pediu-lhe que ela dissesse o que quisesse, que não se detivesse por causa da criança. Então, nessa circunstância, Aristágoras começou prometendo-lhe dez talentos, se ele cumprisse o que ele lhe pedisse. E porque Cleômenes estava recusando isso, Aristágoras avançava acrescentando dinheiro, até o ponto em que oferecia a quantia de cinquenta talentos, também a criança gritou: “Pai, o estrangeiro te corromperá se não fores para longe dele”. E então, Cleômenes se alegrou com a advertência da criança e foi para o outro recinto, e Aristágoras abandonou por completo Esparta, sem nem mesmo ter podido ainda acrescentar informações sobre o caminho de navegação de lá até a corte do Rei.

Livro 5 cap 87	Mulheres atenienses	Cidadãs atenienses	Atenienses	Episódio de mulheres atenienses	Gregos x
-----------------------	----------------------------	---------------------------	-------------------	--	-----------------

		legítimas		que, ao ficarem sabendo que apenas um homem havia escapado do conflito entre Atenenses e Eginetas, espinham-no com um grampo para que este lhe desse mais informações sobre seus maridos.	gregos
<p>5.87 Então, estes acontecimentos são contados por argivos e eginetas, e também concordado pelos atenienses, que ele foi o único dentre eles que retornou são e salvo, e aconteceu de ele ter ido para Ática; a não ser os argivos, que contam que ele foi o único a sobreviver porque eles aniquilaram a infantaria ática, enquanto os atenienses contam que foi por causa da divindade. Todavia, esse único homem nem sobreviveu, mas morreu do modo que se segue. Assim, depois de ele ter chegado em Atenas, anunciou a derrota; e quando as mulheres dos homens que haviam realizado a expedição militar contra Egina foram informados disso, fizeram algo terrível contra aquele único dentre todos que havia se salvado: elas ficaram em volta desse homem e o mataram com os alfinetes dos broches de seus mantos, enquanto cada uma delas lhe perguntava onde estava o seu marido. E desse modo, ele foi morto, e os atenienses ainda eram da opinião que o ato dessas mulheres foi algo mais terrível que a derrota. Como não tinham outro modo para que eles punissem as mulheres, então eles mudaram a vestimenta delas para o estilo da flor da Iônia; pois, antes disso, as mulheres trajavam uma vestimenta de estilo dório, que era mais semelhante ao estilo coríntio; portanto, eles mudaram para uma túnica de linho, a fim de que não utilizassem os alfinetes dos broches.</p>					
Livro 5. Cap. 92	Labda	Filha coxa do governante da pólis da oligarquia dos Baquíadas (detiveram o poder entre o século	Coríntia	Heródoto para a narrativa sobre o início da inimizade entre Atenas e Egina e discorre sobre a percepção dos lacedemônios que percebem o crescente	Gregos x gregos

		VIII e V a.C.)		<p>poder de Atenas e o mal da tirania e, para exemplificar porque a tirania é algo ruim, começa a contar o caso de Corínto. Nesse momento, temos o oráculo proferido por Pítia sobre o futuro governante de Coríntio: o filho de uma mulher coxa de nome Labda. Há uma mobilização para matar essa criança porque Labda casou-se com um homem fora da descendência dos Baquíadas (há um medo de uma criança fora do padrão da família). Quando Labda descobre que o plano de matar seu filho, ela esconde a criança em uma caixa evitando, assim, que seus parentes o assassinassem.</p>	
<p>5.92.(...) Pois os coríntios tinham estabelecido na cidade a seguinte: a oligarquia, e esses, que eram chamados Baquíadas, governaram a cidade, e davam suas filhas em casamento e desposavam as mulheres dentre eles mesmos. E naquele momento Anfíon, que era um desses homens, gerou uma filha coxa cujo nome era Labda. Porque nenhum dos Baquíadas queria se casar com ela, teve-a como mulher Etíon, o filho de Equécrates, que era do demo de Petra, mas desde a sua origem era lápita e também um Cenida. Mas ele não conseguia ter filhos gerados dessa mulher nem de outra; então, foi a Delfos para consultar o oráculo sobre sua descendência. E logo que ele entrou, imediatamente a Pítia proferiu-lhe palavras oraculares com os seguintes versos:</p> <p style="text-align: center;">Etíon, ninguém te honra, embora sejas muito honrado, Labda está grávida, mas dará à luz a um bloco de pedra</p>					

e que cairá nos homens monarcas, e fará justiça a Corinto

Esse oráculo que foi proferido a Etíon, de algum modo, também foi anunciado aos Baquíadas. O oráculo anterior que lhe havia surgido em Corínto era obscuro, e que levava para a mesma questão que a de Etíon, e que dizia desse modo isto:

Uma águia, entre rochas, dará à luz a um leão
forte e feroz; fará os joelhos de muitos perder a força.
Estai bem atento a isso, coríntios, que em torno da bela
Pirene habitais e da elevada Corinto.

De fato, esse oráculo anterior que havia surgido para esses Baquíadas era indecifrável; e naquele momento, quando foram informados sobre o que havia acontecido com Etíon, imediatamente compreenderam o primeiro oráculo que estava de acordo com o de Etíon. E após terem compreendido isso, mantiveram-se em silêncio sobre o ocorrido porque queriam matar o futuro descendente que Etíon teria. E a sua mulher deu à luz muito rápido; foi quando eles enviaram dez dos seus para o demo em que ele habitava para que matassem a criancinha de Etíon. E logo que eles chegaram a Petra, apresentaram-se no pátio da casa de Etíon e perguntaram pela criancinha; e Labda, porque não sabia nada dos motivos que tinham aqueles que chegaram e pensou que eles fizeram-lhe a pergunta por causa da amizade pelo pai, ela a trouxe e a colocou nas mãos de um deles. E então decidiram entre eles pelo caminho que aquele que a recebesse primeiro a arremessasse contra o chão. Portanto, logo que Labda a trouxe, aquele dentre os homens a recebeu, por uma imposição de sorte, a criancinha sorriu para ele, e quando percebeu isso, por piedade, algo o impediu de matá-la, e tomado de piedade a entregou a um segundo, e este a um terceiro, e desse modo, passou pelas mãos de todos os dez, foi recebida por cada um deles e ninguém quis completar a missão. Então, eles devolveram a criancinha nas mãos de quem a gerou e saíram de lá, (...), porque não agiu conforme o que havia sido determinado, até o ponto em que, decorrido um tempo, pensaram que seria melhor que todos retornassem logo e que participassem juntos do assassinato. Mas havia a necessidade de que o descendente de Etíon fizesse renascer os males em Corinto. E Labda ouviu tudo isso, porque estava de pé junto a essas portas; e porque teve medo de que mudasse de opinião e de que, durante uma segunda oportunidade, eles pegassem a criancinha para mata-la, levou-a e a escondeu no lugar em que lhe parecia mais imprevisível, em uma caixa, porque sabia que se eles retornassem e se voltassem para a sua busca, eles iriam

procura-la em todos os lugares. E, de fato, essas coisas aconteceram. E eles voltaram e a procuraram, mas como eles não a encontravam, decidiram retornar e dizer aos que lhes enviaram que fizeram tudo o que eles haviam ordenado. Então eles partiram e disseram isso. Depois disso, o filho de Etíon estava crescendo; também porque escapou desse perigo, a partir do nome da caixa foi-lhe colocado o nome de Cípselo. E quando se tornou um homem, Cípselo foi consultar o oráculo em Delfos e recebeu uma resposta oracular de duplo sentido, por isso tornou-se confiante, atacou Corinto e se aponderou dela. E o oráculo era esse:

Feliz é esse homem que à minha casa desce,
Cípselo, filho de Etíon, rei glorioso de Corinto,
ele e seus filhos, não mais os filhos dos seus filhos.

E, de fato, a resposta oracular foi essa. E depois de ter assumido a tirania, e Cípselo tornou-se um homem de tal tipo; baniu muitos coríntios, tirou as riquezas de muitos e a vida de um grande número deles. E após ter exercido seu poder durante trinta anos e ter tecido bem o fim de sua vida, e seu filho Periandro tornou-se o seu sucessor na tirania. Assim, no início, Periandro foi mais bondoso que seu pai, mas depois que, por meio de mensageiros, conversou com Trasíavulo, que na época era tirano de Mileto, tornou-se mais sanguinário que Cípselo. (...).

<p>Livro 6. Cap.134-135</p>	<p>Timo</p>	<p>Sub sacerdotisa, escrava/cativa de origem Pária</p>	<p>Pária</p>	<p>Aconselha o tirano ateniense Miltiades, depois da batalha de Maratona, a invadir Paros. Ele não é bem sucedido e quebra a perna/desloca o joelho. No capítulo 135, os</p>	<p>Gregos x gregos</p>
--	--------------------	---	---------------------	---	---------------------------------------

				<p>paros queriam punir Timo, mas mandam uma mensagem a Delfos antes de realizar a punição e a Pítia não deixa a mulher ser punida.</p>	
<p>6.134. Todos os gregos contam a mesma história até este ponto; depois disso, os próprios pários dizem que aconteceu o seguinte: como Miltíades estava em um dilema, uma mulher cativa chamada Timo, pária de nascimento e subsacerdotisa das deusas dos mortos, veio falar com ele. Perante Miltíades, ela o aconselhou, se tomar Paros fosse muito importante para ele, a fazer o que ela sugerisse. Em seguida, seguindo seu conselho, ele passou pelo morro em frente à cidade e pulou o muro do recinto sagrado de Deméter Tesmôforos, já que não teria conseguido abrir a porta. Depois de pular, ele foi até o templo, fosse para mover algo que não deveria ser movido, ou com alguma outra intenção. Quando chegou às portas, foi imediatamente tomado de pânico e rapidamente voltou pelo mesmo caminho; pulando a parede ele torceu a coxa, mas alguns dizem que ele bateu no joelho.</p> <p>6.135. Assim Miltíades voltou para casa em péssimas condições, sem trazer dinheiro para os atenienses e sem ter conquistado Paros; ele havia sitiado a cidade por 26 dias e devastado a ilha. Os parianos souberam que Timo, a subsacerdotisa das deusas, havia sido a guia de Milcíades e desejava puni-la por isso. Como agora tinham uma trégua do cerco, eles enviaram mensageiros a Delfos para perguntar se deviam condenar a sacerdotisa à morte por guiar seus inimigos à captura de seu território e por revelar a Milcíades os rituais que nenhum homem deveria conhecer. Mas a sacerdotisa Pítia os proibiu, dizendo que Timo não era a responsável: Miltíades estava condenado a ter um fim ruim, e uma aparição o levou a esses males.</p>					

Livro 7 Cap.3.	Atossa	Filha de Ciro e esposa de Dário.	Persa	Dário precisa decidir quem será seu sucessor antes de sair do território persa para a guerra, tendo em vista que tinha filhos antes de se tornar rei dos reis. Demarato, rei que foi desposado de seu trono na Lacedemônia, aconselha Xerxes em como convencer seu pai a escolhê-lo. Heródoto diz que Xerxes acabaria sendo o escolhido sem esse conselho, pois Atossa (mãe de Xerxes) tinha muita influência na corte persa.	Persas x persas
---------------------------------	---------------	---	--------------	--	------------------------

7.3. Enquanto Darius atrasava sua decisão, aconteceu que naquele momento, Demaratus filho de Ariston havia chegado em Susa, em exílio voluntário da Lacedemônia, depois de ter perdido o reinado de Esparta.[2] Sabendo da discórdia entre os filhos de Darius, esse homem, como conta a história, veio e aconselhou Xerxes a adicionar isto ao que disse: que ele havia nascido quando Darius já era rei e governante da Pérsia, mas Artobazanes, nascera quando Darius ainda era um súdito; [3] portanto não seria razoável nem justo que ninguém pudesse ter o privilégio real antes dele. Em Esparta também (Aconselhou Demaratus) era costumeiro que se houvessem filhos nascidos antes de seu pai tornar-se rei e outro filho nascido depois de seu pai tornar-se rei, a sucessão do trono pertenceria ao que nasceu por último. Xerxes seguiu o conselho de Demaratus, Darius julgou sua alegação como justa e declarou-lhe rei. Mas na minha opinião, Xerxes teria se tornado rei mesmo sem esse conselho, pois Atossa exercia completa influência.

Livro 7. Cap.9 9	Artemísia	Linhagem de Halicarnasso	Halicarnasso	Mulher comanda as tropas de Helicarna sso na batalha contra a Hélade, apoiando os persas	Gregos x persas.
<p>7.99. Não vejo necessidade de mencionar nenhum dos outros capitães, exceto Artemísia. Acho que é uma grande maravilha que uma mulher saiu na expedição contra a Hélade: depois que seu marido morreu, ela assumiu a tirania dele, embora tivesse um filho pequeno, e seguiu o exército de espírito jovem e virilidade, sem ter sido compelida a isso de forma alguma. Artemísia era seu nome e ela era filha de Ligdamis; do lado paterno, ela era de linhagem halicarnássia, e cretense pelo lado de sua mãe. Ela era a líder dos homens de Halicarnasso, Cos, Nisírios e Calidnos, e forneceu cinco navios. Seus navios eram considerados os melhores de toda a frota, depois dos navios de Sidon, e ela deu ao rei o melhor conselho de todos os seus aliados. As cidades das quais eu disse que ela era a líder são todas de origem dórica, como posso mostrar, já que os halicarnassos são de Troizene, e o restante é de Epídauros.</p>					
Livro 7 Cap.2 39	Gorgo	Esposa de Leonidas e filha do governante espartano Cleomenes	Espartana	Descobriu uma maneira de desvendar a mensagem que Demaratus havia mandado para avisar que os persas iriam atacar a Hélade, dessa	Gregos x persas

				maneira os Lacedemonios serão os primeiros a ficarem sabendo do conflito.	
<p>7.239.Volto agora para aquele lugar em minha história onde antes parei. Os lacedemônios foram os primeiros a serem informados de que o rei estava se preparando para atacar Hêlade; com este conhecimento foi que enviaram ao oráculo de Delfos, onde receberam a resposta da qual falei há pouco. Agora, a maneira como eles foram informados disso foi estranha. Demarato, filho de Aríston, exilado entre os medos, em minha opinião (a plausibilidade também é minha aliada), não queria bem os lacedemônios e deixo para imaginação se o que ele fez foi por boa vontade ou triunfo rancoroso. Quando Xerxes decidiu marchar contra Hêlade, Demarato, que então estava em Susa e tinha conhecimento disso, desejou avisar os lacedemônios. Ele, porém, temia ser descoberto e não tinha outra maneira de informá-los a não ser o seguinte ardil: - pegando uma tábua dupla, raspou a cera dela e escreveu o plano do rei na madeira. Em seguida, ele derreteu a cera de volta sobre a escrita, de modo que o portador desta placa aparentemente em branco não fosse incomodado pelos guardas do caminho. Quando a plaqueta chegou à Lacedemônia, os lacedemônios não conseguiram adivinhar seu significado, até que finalmente (como me disseram) Gorgo, filha de Cleomenes e esposa de Leônidas, descobriu o truque ela mesma e os aconselhou a raspar a cera para que eles encontrassem a escrita na madeira. Ao fazê-lo, encontraram e leram a mensagem, e logo a enviaram para o restante dos gregos. Esta é a história, tal como é contada.</p>					
Livro 8 cap 68; 69; 87; 88; 93; 101; 102; 103	Artemísia	Linhagem real de Halicarnasso	Halicarnasso	Diversas temáticas dentro do conflito e com a participação de Artemisia em 3 aspectos: dando conselho para Xerxes e mostrando sua	Gregos x Persas

				opinião; lutando no conflito e Xerxes pedindo a opinião dela para saber como deveria proceder.	
<p>8.68. Mardônio foi questioná-los, começando pelo Sidônio, e todos os outros foram unânimes, aconselhando a lutar no mar, mas Artemisia disse, “Diga ao Rei, Mardônio, que eu, que não fui das mais covardes nas batalhas marinhas da Eubéia, bem como não realizei simples feitos militares, digo isto: Mestre, apenas para eu declarar minha opinião real, o que considero ser o melhor para sua causa”. E eu lhe digo: Poupe seus navios, e não lute no mar. Os homens deles são tão mais fortes que os seus homens no mar quanto homens são mais fortes que as mulheres. Por que é tão necessário para você arriscar tudo lutando no mar? Você não possui Atenas, pela qual você enviou esta marcha, e você não possui o resto da Hélade? Ninguém está no seu caminho. Aqueles que se opuseram a você receberam o que mereciam. Eu lhe contarei como penso que os interesses dos seus inimigos vão resultar: Se você não se apressar a lutar no mar, mas manter seus navios aqui e permanecer perto da terra, ou até mesmo avançar pelo Peloponeso, então, meu senhor, você realizará o que tinha em mente quando veio para cá.</p> <p>8.69. Quando ela disse isso a Mardônio, todos aqueles que tinham boa disposição para com Artemisia lamentaram as palavras dela, pensando que ela sofreria problemas com o Rei por ter aconselhado contra lutar no mar. Aqueles que tinham ciúmes e a invejavam, pois a deram honra entre o líder de todos os aliados, ficaram felizes com a resposta, pensando que ela seria morta. Mas quando os conselhos reportaram à Xerxes, ele ficou muito satisfeito com a opinião de Artemisia. Mesmo antes disso, ele a considerava de excelente caráter, e agora ele a enaltecia muito mais. Mesmo assim, ele ordenou que a maioria fosse obedecida, pois acreditava que na Eubéia eles tinham lutado mal propositalmente porque ele não estava lá. Desta vez ele havia feito preparações para ver a batalha em pessoa.</p> <p>8.87 Eu não consigo dizer exatamente como cada um dos outros bárbaros ou Helenos lutaram, mas isto foi o que aconteceu com Artemisia, o que lhe conferiu ainda mais alta estima com o Rei: Quando o lado do Rei estava todo em confusão, naquele momento o navio de Artemisia era perseguido por um navio da Ática. Ela não pôde escapar, pois outros navios aliados</p>					

estavam na sua frente e o dela estava mais perto do inimigo. Então ela decidiu fazer algo que de fato a beneficiou: enquanto era perseguida pelo navio Ático, ela avançou e chocou-se em um navio aliado, com tripulação Calindiana e Damasithymus em pessoa, Rei dos Calindianos, a bordo. Não sei dizer se ela teve alguma desavença com ele enquanto ainda estavam no helesponto, ou se ela fez de propósito, ou se o navio dos Calindianos acabou no caminho dela por acaso. Mas quando ela bateu e afundou tal navio, ela teve a sorte de ganhar duas vantagens. Quando o capitão do navio Ático a viu bater num navio com uma tripulação bárbara, ele supôs que o navio de Artemísia era Helênico ou um desertor dos bárbaros lutando por eles, portanto ele mudou o curso para lidar com outros inimigos.

8.88. Desta maneira, ela conseguiu escapar e não ser destruída, bem como aconteceu que o ato danoso que ela cometeu a fez ganhar estima excepcional de Xerxes. É dito que o Rei, enquanto assistia à batalha, viu o navio dela bater no outro, um dos presentes disse, “Mestre, você vê quão bem Artemísia sustenta o combate e como ela afundou o navio inimigo?” Quando ele perguntou se o feito era realmente de Artemísia, eles o afirmaram, sabendo confiavelmente a marcação de seu navio, e eles supuseram que o navio arruinado fosse inimigo. Como eu havia dito, tudo isso aconteceu para trazê-la sorte, e também que ninguém do navio Calindiano sobreviveu para acusá-la. Diz-se que Xerxes respondeu o que lhe foi dito, “Meus homens se tornaram mulheres e minhas mulheres, homens.” Eles afirmam que foi isto que Xerxes disse.

8.93 Nesta batalha os Helenos com a reputação de serem os mais corajosos eram os aginetas, não os atenienses. Entre os indivíduos havia o agineta Polycritus e os atenienses Eumenes de Anagyrus e Aminias de Pallene, aquele que perseguiu Artemísia. Se ele soubesse que ela estava naquele navio, não teria parado até capturá-lo ou até ele mesmo ser capturado. Tais foram as ordens dadas aos capitães Atenienses, e havia um prêmio de dez mil dracmas oferecido a qualquer um que a capturasse viva, uma vez que eles estavam indignados que uma mulher fazia guerra contra Atenas. Mas ela escapou, como disse mais cedo, e os outros cujos navios sobreviveram também estavam em Faleros.

8.101 Quando Xerxes ouviu isso, ficou tão alegre e cheio de felicidade como um homem em sua posição pode ficar e disse à Mardônio que ele o responderia após deliberar qual dos dois planos ele seguiria. Quando ele consultou com aqueles Persas os quais havia convocado, ele decidiu mandar Artemísia também, porque ele viu que ela sozinha na última reunião havia discernido o melhor à se fazer. Quando Artemísia veio, Xerxes ordenou a todos os outros que

saíssem, tanto conselheiros como guardas Persas, e disse a ela: “É o conselho de Mardônio que eu devo seguir aqui e atacar o Peloponeso, para que os Persas, diz ele, e o exército terrestre não sejam culpados pelo nosso desastre; isto eles provariam de boa vontade. Portanto, ele me aconselha a fazer isto, ou então ele oferece escolher trezentos mil homens do exército e entregar Hélade para mim escravizada, enquanto eu mesmo, pelo seu conselho marcho para casa com o resto do anfitrião. “Agora eu lhe pergunto, vendo que você me aconselhou corretamente contra a última batalha marinha, aconselhe-me sobre qual das duas coisas seria a melhor para eu fazer.” Quando lhe foi pedido o conselho, ela respondeu: “É difícil, Ó Rei, responder seu apelo por conselho dizendo qual é o melhor, mas no atual desenrolar da situação eu penso ser melhor que você marche de volta e que Mardônio, se deseja e promete fazer o que disse, seja deixado aqui com aqueles que ele desejar. Para que ele se subjugar aqueles que oferece subjugar e prosperar em seu planejamento, a conquista, Senhor, é sua desde que serão seus servos que o conquistaram. Se, por outro lado, o resultado for contrário à expectativa de Mardônio, não seria um grande infortúnio, contanto que você e toda sua família estejam seguros; De forma que enquanto você e os membros da sua família estão a salvo, os gregos terão que lutar pelas suas vidas muitas vezes. Quanto a Mardônio, se qualquer desastre recair sobre ele, não nos importa muito, nem irá qualquer vitória dos gregos ser uma vitória real, uma vez que eles matariam apenas um servo seu. Quanto a você, estará marchando para casa após queimar Atenas, ato o qual representa o propósito da sua expedição.”.

8.103.O conselho de Artemísia agradou a Xerxes, pois aconteceu de ela falar o que ele mesmo já tinha em mente. Na verdade, eu penso que ele não teria permanecido mesmo se todos os homens e mulheres tivessem o aconselhado a fazê-lo – então ele estava apavorado. Tendo agradecido à Artemísia, ele a mandou embora para levar seus filhos à Éfeso, pois ele tinha alguns filhos bastardos com ele.

Livro 9.5	Sem nome especificado	Mulheres atenienses/esposas	Atenas	Atenas está ocupada com os persas. Lcidas fala ao conselho que deveriam aceitar o	Gregos x persas
----------------------------	--	--	---------------	--	----------------------------------

				<p>acordo com o comandante persa Mardônio. Todos ficam indignados e Lcidas é apedrejado pelo povo. As mulheres atenienses ao descobrirem os acontecimentos, juntam-se e apedrejam a mulher e filhos de Lcidas.</p>	
<p>9.5 Por esta razão ele enviou Murychides para Salamina, o qual se apresentou perante o conselho e encaminhou a eles a mensagem de Mardônio. Então, Lcidas, um dos conselheiros, disse que lhe parecia melhor receber a oferta trazida a eles por Murychides e apresentá-la ao povo. Esta foi a opinião a qual ele declarou, seja porque ele teria sido subornado por Mardônio, ou porque o plano o agradava. Os atenienses no conselho estavam, no entanto, muito irritados; bem como ficaram aqueles do lado de fora quando o ouviram. Eles fizeram um anel em volta de Lcidas e o apedrejaram até a morte. Murychides, o helesponteano, contudo, eles permitiram que partisse a salvo. Havia muito barulho em Salamina sobre os negócios de Lcidas; E quando as mulheres atenienses entenderam o que estava por vir, uma chamando a outra e pedindo que as seguissem, foram a partir do próprio ímpeto para a casa de Lcidas e apedrejaram até a morte sua esposa e seus filhos.</p>					

Representação e uso da figura da mulher em conflitos					
Livro/capítulo	Nome da mulher	Status Social	Etnia	Temática	Dimensão de Atuação
Livro 1 cap. 60	Fia	Não mencionado	Ateniense	Volta do Tirano Pisístrato para Atenas.	Gregos x gregos
<p>1.60. Depois de não muito tempo, os partidários de Mégacles e de Licurgo reuniram-se para o mesmo fim e o baniram. Assim, Pisístrato, no início, teve o domínio sobre Atenas, e porque não tinha a tirania muito enraizada, ele a perdeu, e aqueles que baniram Pisístrato novamente, em pouco tempo, provocaram dissensões uns com os outros. E Mégacles, cercado pela dissensão, enviou um arauto para anunciar a Pisístrato que, se ele quisesse tomar sua filha como esposa, ficaria à frente da tirania. Quando Pisístrato aceitou a proposta e concordou com as condições, eles tramaram, então, o mais tolo plano para que ele retornasse do exílio, como eu o avalio, em muito (visto que, desde a época mais antiga, o povo helênico destaca-se por ser mais hábil que o bárbaro, por sua boa índole, por distanciar-se do que é insensato), embora, naquele momento, esses, entre os atenienses que se intitulavam os primeiros quanto à sabedoria dos helenos, tramaram os ardis que se seguem. No demo de Peânia havia uma mulher, cujo nome era Fia, faltando três dedos para atingir a estatura de quatro côvados; além disso, ela tinha um belo aspecto. Eles equiparam essa mulher com uma panóplia e colocaram-na dentro de um carro de guerra, fazendo-a simular a imagem que fosse capaz de ela se exhibir para a cidade, enviando arautos que corriam à sua frente, os quais anunciavam suas ordens enquanto se aproximavam da cidade, dizendo as seguintes palavras: "Atenienses, recebi Pisístrato com bom sentimento, o qual a própria Atena honra mais dentre os homens, e ela mesma o conduz para acrópole". Eles, então, indo de um lado para o outro, disseram isso, e imediatamente ao anunciado, que Atena havia reconduzido Pisístrato, chegou aos demos e eles foram persuadidos de que a mulher que estava na cidade era a própria deusa e dirigiram suas preces a ela e acolheram Pisístrato.</p>					
Livro 1 cap. 61	Nome não	Cidadã	Ateniense	Expulsão do	Gregos x

	mencionado, esposa de Pisístrato (filha de Mégacles) e sua mãe.	atenienses legítimas		tirano Pisístrato de Atenas.	gregos
<p>1.61. Depois de ter retornado a tirania, do modo como relatei, Pisístrato, conforme o acordo feito com Mégacles, desposou a filha de Mégacles. Como ele tinha filhos adolecentes, e diziam que os Alcmeônidas estavam sob o peso de uma maldição, não queria ter filhos da mulher de seu recém-casamento e mantinha relações sexuais fora dos costumes com ela. No início, a mulher escondia isso, depois, quer tenha sido investigada, quer não, contou à mãe, e esta ao marido. E ele sentiu algo terrível por ter sido desonrado por Pisístrato. Pela cólera que tinha, reconsiderou sua inimizade com as facções. Quando soube das ações contrárias a ele, Pisístrato foi embora da região, partindo para Erétria, onde debateu a situação com os filhos. E Hípias venceu o debate, com a opinião de que sua tirania deveria ser reconquistada; nesse momento, levantaram doações das cidades as quais tinham algum débito de gratidão para com eles. E muitas delas proveram-lhe com grande soma de dinheiro, e os tebanos os superaram em doação. Depois disso, para não relatar uma longa história, o tempo passou e todas as coisas já estavam prontas para o retorno, pois também os mercenários argivos vieram do Peloponeso, e um homem náxio veio com eles como voluntário.</p>					
Livro 1.74.	Arienis	Filha de um rei Lídio	Lídia	Com objetivo de fazer alianças e estabelecer a paz, o rei lídio oferece sua filha em casamento ao rei medo Astiages.	Persas x gregos

1.74. (...)Depois disso, Aliates, então, não entregouos citas a Ciaxares no momento em que ele os solicitou, e a guerra entre os lídios e os medos ocorreu durante cinco anos; e nesses anos os medos, muitas vezes, venceram os lídios, e muitas vezes, os lídios venceram os medos; e, em uma batalhanoturna, realizaram alguns feitos; e eles distinguiram-se por igual durante a guerra no sexto ano do conflito, enquanto acontecia o combate; com a batalha já estabelecida, rapidamente, o dia tornou-se noite. E Tales de Mileto havia prevenido os iônios de que haveria essa mudança do dia, estabelecendo nesse dia o limite de um ano para que essa mudança ocorresse. E os lídios e os medos, em seguida, viram acontecer a noite em vez do dia; e interromperam a batalha, e ambos se apressaram um tanto mais para firmar a paz entre eles. E os que realizaram a reconciliação foram os seguintes: o cicílio Siênesis e o babilônio Labineto. Eles se apressaram para que fizessem um juramento e um compromisso recíproco de casamentos; pois entendiam que Aliates deveria dar sua filha Arienis a Astíages, filho de Ciaxares; pois, sem uma forte obrigação, eles não quereriam manter os tratados vigorosos. E esses povos fizeram os juramentos.

<p>Livro 1.175; Livro 8.104</p>	<p>Sacerdotisa de Atenas (não tem seu nome especificado)</p>	<p>Sacerdotisa</p>	<p>Ateniense</p>	<p>Heródoto está narrando os povos que foram subjugados pelos persas, quando fala sobre os pedásios, povo que habitava, segundo a descrição do autor, acima de</p>	<p>Gregos x persas</p>
---	---	---------------------------	-------------------------	---	-------------------------------

				Halicarnasso no interior da região, fala sobre essa mulher que nos parece como um veículo de alerta.	
<p>1.175- (...) E havia os pedásios, que habitavam acima de Halicarnasso, no interior da região; sempre que algo de mau agouro iria acontecer para eles, com eles mesmos ou com seus vizinhos, a sacerdotisa de Atenas ficava com uma grande barba; isso lhes aconteceu por três vezes. Esses, dentre os homens que estão na região da Cária, foram os únicos que durante algum tempo se contrapuseram a Hárpagos e lhe apresentaram muitos problemas.</p> <p>8.104. Com esses filhos, ele enviou Hermotimos como guardião. Este homem nasceu Pedasa e era o mais honrado por Xerxes de todos os seus eunucos. O povo de Pedasa mora acima de Halicarnasso. O seguinte acontece entre essas pessoas: quando algo desagradável está para acontecer àqueles que moram em sua cidade, a sacerdotisa de Atenas então deixa crescer uma grande barba. Isso já havia acontecido com eles duas vezes.</p>					
Livro 3.124-125	Filha de Polícrates	Filha do ex tirano grego da colônia de Samos	Samos (pólis grega que estava sob domínio persa)	Filha de Polícrates tem uma visão da morte do pai e o alerta. A mulher está claramente como um veículo de	Gregos x Persas

				alerta de um conflito entre o pai grego e o atual governador de Samos.	
<p>3.124. Embora muitas vezes os seus advinhos o tenham proibido e muitas vezes os seus amigos o tenham desaconselhado de ir até lá; além disso, a sua filha ainda teve uma visão em sonho, que foi a seguinte: parecia que seu pai estava no ar etéreo, sendo lavado por Zeus, e sendo ungido pelo sol. Porque ela havia tido essa visão, fez de tudo para que Polícrates não fosse encontrar-te com Orestes, além disso, quando ele estava indo para a sua nau de cinquenta remos, ela expressava-lhe funestos pressentimentos; e ele ameaçou-a, se ele não retornasse a salvo, ela permaneceria virgem por muito tempo; mas ela fez uma prece aos deuses para que essas ameaças se tornassem realidade; pois ela preferia permanecer virgem por muito tempo a ser privada do seu pai.</p> <p>3.125. E Polícrates não levou em conta todas essas advertências (...). E Polícrates, suspenso na cruz cumpriu tudo o que havia na visão de sua filha; pois ele era lavado por Zeus, porque chovia, e ungido pelo sol, que retirava do seu corpo os seus humores...</p>					
Livro 5 cap. 18 - 21	Mulheres macedônias	Não mencionado	Macedônias	Quando os Macedônios dão terra e água para os persas, forma de representar um acordo, os persas vão até a Macedônia para um	Persas x gregos

				jantar, mas acabam extrapolando com as mulheres, o que deixa o filho de Amintas irritado. Utilizando da figura feminina, ele mata os persas que estão presentes.	
--	--	--	--	---	--

5.18. Então, esses persas que foram enviados para a corte de Amintas, quando lá chegaram, foram até a presença de Amintas e reclamaram terra e água para o rei Dario. E eles lhes concedeu isso e os convidou para hospedagem, e começou a preparar um banquete magnífico e acolheu os persas com o espírito de amizade. E logo depois do banquete ter acontecido, enquanto os persas já estavam se embriagando, disseram-lhes o seguinte: “Anfitrião macedônio, nós temos um costume entre os persas, sempre que oferecemos um grande banquete, nesse momento, tanto as nossas concubinas como as nossas legítimas esposas introduzimos como partícipes. Portanto, tu, visto que nos recebes com boa vontade, e com grandiosidade nos hospedas e dás ao rei Dario a terra e a água, segues o nosso costume”. Além disso, Amintas disse: “Ó persas, nós não temos esse costume, mas ficamos separados das mulheres; e depois, porque vós sois déspotas, solicitai isso, que isso será fornecido por nós”. Após ter dito tais coisas, Amintas mandou buscar as mulheres, e as quais logo foram quando chamadas, e se sentaram umas juntas das outras diante dos persas. Nesse momento, os persas, ao virem as mulheres de belas formas, falaram com Amintas dizendo que isso que ele havia feito não tinha nada de sábio; pois melhor seria se tivesse começado sem as mulheres vindo

ou que depois de virem, não se sentassem diante deles para que lhes trouxessem sofrimentos aos seus olhos. E constrangido, Amintas ordenou que as mulheres sentassem ao lado dele; e depois que as mulheres o obedeceram, imediatamente, os persas tocaram os seios delas, porque estavam completamente embriagados pelo vinho e talvez algum também tivesse tentado beijá-las.

5.19- Amintas, ao ver isso, de fato, ficou imóvel, embora o suportasse com dificuldade, porque tinha um medo excessivo dos persas. E Alexandre, filho de Amintas, que estava presente e vendo isso, porque era jovem e inexperiente de males, não estava mais, de modo algum, sendo capaz de suportar que, por estar nesta situação difícil de suportar, disse a Amintas o seguinte: “Tu, ó pai, sê como alguém da tua idade, retira-te e vai descansar, não continues com a bebida; enquanto eu permanecerei aqui; deste modo, fornecerei tudo que for conveniente aos nossos hóspedes.” Diante dessas palavras, depois de ter compreendido que Alexandre iria realizar ações incomuns, disse: “Ó filho, pois tu estás quase ardendo de ira, compreendo tuas palavras, que queres me mandar embora para fazer algo incomum; então, eu te peço que não faças nada que nos complique com esses homens, a fim de que não nos destruas, mas contenha-te ao ver o que estão fazendo. E com relação à minha saída, eu te darei atenção.”

5.20. E porque Amintas, após ter pedido isso, havia se retirado, Alexandre disse aos persas: “Ó hospedes, vós tendes muita facilidade de ficar com essas mulheres, e se quiserdes ter relações sexuais com todas, então com qualquer uma delas. Vós mesmos dareis uma indicação sobre isso. Na verdade, já é quase a hora de se dirigir ao leito e vejo que vós estais bem de bebida; essas mulheres, se vos for agradável, irão banhar-se; depois de banhadas, retornarão e as receberéis.” Após ter dito isso, os persas estavam concords, as mulheres se retiraram e ele as enviou para o gineceu, e o próprio Alexandre preparou alguns homens ainda imberbes com a vestimenta das mulheres, em igual número ao das mulheres, deu-lhes um punhal e os introduziu no local, e enquanto ele os introduzia, dizia aos persas o seguinte: “Ó persas, vós pareceis que vos banqueteastes totalmente, sem que nada vos faltasse; pois quanto ao restante, temos o bastante, e o que nos foi possível encontrar, nós vos ofertamos, tudo foi posto para vós; além disso, e isto é o mais importante de tudo, nós vos damos livremente as nossas mães e as nossas irmãs, para que perfeitamente compreendeis que sois dignos de serem honrados por nós, e ainda anuncieis por meio de um enviado ao rei que um homem

heleno, governador da Macedônia, recebeu-vos bem tanto à mesa como ao leito.” Após ter dito isso, Alexandre colocou um homem macedônio, como uma suposta mulher, sentado ao lado de cada homem persa; e os persas que tentavam tocá-los logo em seguida eles os matavam.

5.21. E então eles foram mortos por essa forma violenta, tanto eles como a escolta deles; pois acompanhava-os também carruagens, serviçais e uma grande quantidade de todo o tipo de equipamento; de fato, tudo isso junto com todos eles desapareceu. Depois disso, não muito tempo mais tarde, uma grande investigação a respeito desses homens veio dos persas, e Alexandre os conteve com sabedoria, deu-lhes muito dinheiro e a sua própria irmã, cujo nome era Gigea; e Alexandre deu isso a Bubares, um homem persa, que era o estrategista dos que estavam procurando os desaparecidos. Então, desse modo ele foi contido e a morte desses persas foi silenciada.

Pítia – sacerdotisa de Delfos

Livro/cap.	Com quem Pítia se relaciona	Temática	Dimensão de atuação
Livro 1.13	Giges, rei da Lídia	Giges vai atrás de uma confirmação de seu reinado sob os lídios.	Gregos x gregos
<p>1.13. E ele se apoderou do reino e foi confirmado pelo oráculo de Delfos. Porque os lídios, então, consideraram terrível o sofrimento de Candaules, eles se armaram, fizeram uma revolução e colocaram-se de acordo com os partidários de Giges e o restante dos povos lídios, sobre se o oráculo pronunciasse que ele seria o rei dos lídios, ele reinaria, se não restituiria o poder aos Heraclidas. E, então, o oráculo pronunciou-se e, assim, Giges tornou-se rei. Todavia, nesse ponto, a Pítia disse que a vingança viria para os Heraclidas na quinta descendência de Giges. Os lídios e seus reis não tiveram nenhuma consideração por essa parte do oráculo, até o momento em que ele foi cumprido.</p>			

Livro 1.19	Aliates, rei Lídio	Rei lídio pede para consultar o oráculo de Delfos para saber sobre seu estado de saúde pós-guerra contra os eritreus. Na guerra, durante o incêndio em plantações de trigo, o fogo atingiu, por conta do vento, o templo de Atenas. Pítia se recusa a proferir o oráculo a Aliates até que ele reconstrua o templo de Atenas na região milésia (miletos).	Gregos x gregos
<p>1.19.(...) No décimo segundo ano, quando o campo de trigo estava sendo incendiado pelo exército, algo lhe aconteceu, o ocorrido foi o seguinte: como o campo de trigo rapidamente foi incendiado, foi levado com força pelo vento que atingiu o templo de Atena, que a chamada Assesia, que foi incendiado e completamente queimado. Nesse instante, não deu importância ao fato e, quando partiu com seu exército para Sárdis, Aliates ficou doente. Porque sua doença havia se prolongado, enviou mensageiros para consultar o Oráculo de Delfos, quer por ter sido aconselhado por alguém, quer tenha lhe parecido adequado, enviou-se para perguntar ao deus sobre sua doença. Quando eles chegaram em Delfos, a Pítia disse que não proferiria o oráculo antes que o templo de Atena fosse reconstruído, o que foi incendiado na região milésia</p> <p>Cap. 20 em Asseso.</p>			

<p>Livro 1 47,48, 54 e 55.</p>	<p>Creso (rei lídio)</p>	<p>Creso testa a confiabilidade do oráculo de Pítia e chega a conclusão que o oráculo de Delfos é o mais confiável para que possa perguntar se deve ou não entrar em confronto de poder com os persas.</p>	<p>Gregos x persas.</p>
---	---------------------------------	---	--------------------------------

1.47. Quando mandou pôr à prova esses oráculos ele deu as seguintes instruções aos lídios encarregados da missão: deveriam contar o tempo a partir do dia de sua saída de Sárdis, e no centésimo dia perguntariam aos oráculos o que estava fazendo Creso, rei da Lídia e filho de Aliates; então eles teriam de registrar por escrito cada uma das respostas dos oráculos e as trazer na volta. Ninguém revelou a resposta dada pelos demais oráculos; em Delfos, todavia, imediatamente após a entrada dos lídios no vestíbulo para interrogar o deus e a enunciação das perguntas que foram encarregados de formular, a Pítia proferiu os seguintes versos:

“Conheço o número dos grãos de areia e sei o tamanho do mar; entendo os homens mudos e posso ouvir os que não falam. Veio a mim um certo odor, aquele de uma tartaruga dotada de carcaça espessa, que se coze em caldeirões de bronze, sendo misturada com carne de carneiro; o bronze está por baixo, mas há também por cima dele o mesmo bronze”.

1.48. Tendo registrado por escrito as palavras oraculares da Pítia, os lídios se retiraram e voltaram a Sárdis. Quando os outros, que também haviam sido mandados a diversos lugares, chegaram igualmente trazendo seus oráculos, Creso abriu e examinou cada um dos registros escritos. Alguns deles não o satisfizeram absolutamente, mas quando ouviu o

oráculo vindo de Delfos ele o acolheu como exato e fez uma prece, considerando Delfos o único lugar verdadeiro de adivinhação, pois descobrira o que ele havia feito. Realmente, após mandar seus emissários aos oráculos Creso imaginou e pôs em prática no dia convencionado o seguinte procedimento, que ninguém poderia imaginar ou conjecturar: cortou as carnes de uma tartaruga e de um cordeiro e ele mesmo as cozeu em um caldeirão de bronze coberto com uma tampa também de bronze.

1.54. Quando chegaram as respostas do deus e Creso as conheceu, ele ficou satisfeitíssimo com os oráculos e inteiramente persuadido de que destruiria o reino de Ciro, e mandou novamente os seus mensageiros a Pito, para distribuir entre os délfios dois estáteres por pessoa (ele quis saber o número dos délfios). Em retribuição os délfios deram a Creso e a todos os lídios prioridade para consultar o oráculo, isenção de taxas, e os principais assentos nos festivais, além do direito perpétuo à cidadania para os lídios que a desejassem.

1.55. Depois do oferecimento desses presentes aos délfios Creso fez uma terceira consulta ao oráculo, pois queria usá-lo plenamente já que recebera dele respostas verídicas; a indagação por ele feita em sua pergunta foi se e sua soberania teria longa duração. A isso a Pítia respondeu o seguinte:

“Logo que um mulo se tornar o rei dos medos,
Para salvar a vida terás de fugir com teus pés delicados pelas margens do Hermos cheio
de pedregulhos;
Não vaciles, lídio,
Nem te envergonhes por agir como um covarde”.

<p>Livro 1.65, 66 e 67</p>	<p>Licurgo (homem notável entre os espartanos) e espartanos sem especificações/ nomes.</p>	<p>Tentativa de Esparta de se legitimar/conquistar a Arcádia, a Tégea + questão de superioridade espartana na guerra.</p>	<p>Gregos x gregos</p>
<p>1.66 : “Pedes-me a Arcádia? Pedes-me grande coisa; essa não te concederei. Há muitos homens na Arcádia que se nutrem de glandes, e eles te impedirão. Mas eu não me oponho a ti;</p>			

<p>e te concederei a Tégea, onde dançarás batendo com os pés e sua bela planície medirás com uma corda.”</p> <p>1.67: “Há uma certa Tégea em uma região plana da Arcádia, Onde dois ventos sopram, por força da necessidade, e há golpe e contragolpe, e mal sobre mal se coloca. Lá, a terra fecunda envolve o filho de Agamêmnon; Tu, quando o trouxeres, será o senhor da Tégea.”</p>			
Livro 1. 85	Creso (rei lídio)	Creso vai a procura de Pítia para saber sobre se um dia o filho falaria, já que este era mudo.	Gregos x persas
<p>1.85. “Lídio, rei de muitos povos, grande néscio Creso, Não queiras muito desejoso ouvir no palácio a voz do teu filhofalando. Isso será muito mais agradável para ti; pois ele falará primeiro em um dia funesto.”</p> <p>Então, quando a muralha foi ocupada, pois um dos persas foi, tomando Creso por outro, para mata-lo, e Creso, vendo-o avançar, foi indiferente sob o presente infortúnio, visto que em nada lhe seria diferente se morresse sendo golpeado; e esse seu filho, o mudo, quando viu o persa avançando, sob o efeito do medo e do terror soltou a voz e disse: “Homem, não mates Creso”. Então, essa foi a primeira vez que ele emitiu um som e, depois disso, já começou a falar durante todo o tempo de sua vida.</p>			
Livro 1. 91	Creso (rei Lídio)	Pítia fala das consequências de Candaules (1.8) na dinastia dos lídios.	Gregos x gregos.
<p>1.91.Quando os lídios chegaram e perguntaram as coisas que lhes foram ordenadas, conta-se que a Pítia disse o seguinte: “ É impossível, mesmo para um deus, escapar do destino estabelecido. E Creso pagou pelos erros da sua quinta geração, que era a de lanceiro dos Heraclidas, porque consentiu com um ardil feminino, assinou o seu senhor e tomou a honra daquele, que em nada lhe pertencia”.Visto que Lóxias esforçou-se intensamente para que, sob o comando dos filhos de Creso, ocorresse o sofrimento de</p>			

Sárdis, e não sob o governo de Cresos, mas não foi capaz de persuadir as Moiras. Quanto ao que elas lhe concenderam, ele conseguiu algo e interveio a seu favor; pois retardou por três anos a captura de Sárdis; e que Cresos sabia disso, que ele foi capturado três anos mais tarde do que lhe havia sido estabelecido pelo destino. (...) E ele não compreendeu o que lhe foi dito, nem inquiriu o deus novamente, e que ele declare a si mesmo culpado. (...) E a pítia respondeu isso aos lídios, e levaram essa resposta para Sárdis e anunciaram-na para Cresos. E, após ele ter ouvido isso, compreendeu que o erro havia sido dele mesmo, e não do deus.

Livro 1.167	Agilenses (habitantes da região da Etrúria), não há nome especificado.	Conquistas de Hárpagos frente a alguns territórios, nesse momento a região dos focos, agilenses e iônios são destacados.	Gregos x persas
--------------------	---	---	------------------------

1.167.(...) E com relação aos homens das naus que foram destruídas, os carquedônios e os tirsênios (...) muito numerosos, dividiram entre eles, após os obrigarem a sair do território, apedrejaram-nos até a morte. Depois disso, entre os agilenses, todas as coisas que passassem pela região na qual os focos foram apedrejados e lá jaziam, tornavam-se disformes, estropiadas ou apopléticas, igualmente rebanhos, animais de carga e homens. Os agilenses enviaram mensageiros a Delfos porque queriam reparar esse erro. E a Pítia ordenou-lhes fazer as coisas que também hoje os agilenses ainda cumprem; pois também sacrificam com grandiosidade para eles e lhes dedicam competições gímnicas e hípcas. E esses focos experimentaram tal destino. Os que dentre eles refugiaram em Régio, quando partiram de lá, conquistaram a cidade da Enótria, essa que hoje é chamada Híela. Eles colonizaram essa cidade depois de saberem por um homem de Posidônia que a Pítia lhes havia proferido um oráculo que colonizasse Cirno, por ser um dos heróis, mas não uma ilha. Então, assim foram os acontecimentos a respeito da Foceia na Iônia.

Livro 1.174-175.	Cnídios, nenhum nome foi especificado	Heródoto está narrando os povos que foram	Gregos x gregos.
-------------------------	--	--	-------------------------

		<p>subjugados por Hárpago. Quando relata sobre os cnídios, diz que esse povo cavou um fosso em seu território porque desejavam fazer uma ilha. Porém seus homens estavam machucando-se durante essa escavação e, por esse motivo, foram fazer uma consulta no oráculo de Delfos indagando se havia oposição ao trabalho.</p>	
<p>1.174. (...) Como os próprios cnídios dizem , a Pítia lhes proclamou, em versos trímeros, as seguintes palavras:</p> <p style="text-align: center;">Não fortifiqui o istmo, nem o escaveis; pois Zeus teria feito a ilha, se ele o quisesse.</p> <p>O cnídios, após a Pítia ter-lhes proclamado essas palavras, interromperam as escavações e, quando Hárpago avançou com seu exército contra eles, sem combate, 1.175 eles mesmos se entregaram a Hárpago e ao seu exército.</p>			
<p>Livro 4.150-151;155.,156, 157,159.</p>	<p>Tereus, pertencentes da região de Tera</p>	<p>Ao consultarem o oráculo, Pítia insiste aos tereus para que</p>	<p>Gregos x gregos</p>

		<p>fundassem uma colônia na Líbia. Quando os tereus não cumprem a profecia, a pólis habitada é castigada sem chuva por 7 anos.</p>	
<p>Cap.150- Então até esse ponto do meu relato, os lacedemônios contam a história conforme os tereus, e a partir deste ponto dela, somente os tereus contam os acontecimentos que se seguem. Grino, o filho de Esânio, que era rei de Tera e descendente desse mesmo Teras, chegou a Delfos trazendo um hecatombe em nome de sua cidade; acompanhavam-no também outros cidadãos, além deles, Bato, filho de Polimnesto, que era da linhagem de Eufemo, um dos mínias. E quando Grino, o rei dos tereus, estava consultando o oráculo pra outros assuntos, a Pítia disse-lhe para fundr uma cidade na Líbia. E ele se virou em resposta dizendo: “Eu, ó rei, já estou muito velho e pesado para ser escolhido; e tu, ordena isso a alguns destes mais jovens.” E ao mesmo tempo em que dizia isso, apontava para Bato. Nesse momento, isso foi o que aconteceu, e depois de eles terem partido, fizeram pouco caso do oráculo, pois não sabiam em qual terra ficava a Líbia e não ousavam enviar homens a lugar desconhecido com a missão de fundar uma colônia.</p> <p>Cap.151. Depois disso, não choveu em Tera por sete anos, e no transcorrer deste tempo, todas as árvores que tinham na ilha secaram, à exceção de uma. Os tereus consultaram o oráculo e a Pítia anunciou a questão da fundação da colônia na Líbia. Em seguida, como não havia nenhum remédio ára o seu mal, eles enviaram mensageiros a Creta para inquirir se alguém dentre os cretenses ou metecos havia chegado à Líbia. E vagavam em volta da ilha, quando eles chegaram à cidade de itano; nela eles encontraram um pescador de púrpura cujo nome era Coróbio que lhes disse que ele foi levado pelos ventos até chegar à Líbia – a Platea, uma ilha da Líbia. Com a oferta de um pagamento, eles o convenceram a ir com eles a Tera. Primeiro não foram muitos os tripulantesque navegaram de Tera; debois de Coróbio tê-los levados até essa ilha, Platea, os mensageiros deixaram Coróbio para trás, deixando víveres com ele para bastantes meses, e eles navagaram o mais rapidamente possível para anunciar aos tereus as novidades sobre a ilha.</p>			

Cap.155. (...) Transcorrido algum tempo, gerou com ela um filho de voz fraca e que gagueja, que recebeu o nome de Bato, como os tereus e os cireneus contem; todavia, como eu penso, é algum outro. Ele mudou seu nome para Bato depois que chegou à Líbia por conta do oráculo que foi proferido em Delfos e da honra que ele obteve por ser chamado por esse nome. Pois os líbios falam báttos para se referirem ao rei; e por esse motivo, penso que a Pítia, por conta do que havia profetizado, ela o chamara assim na língua líbia, porque sabia que ele seria rei na Líbia. Quando Bato se tornou um homem adulto, foi a Delfos para se informar a respeito da sua fala; e depois que ele consultou o oráculo, a Pítia lhe proferiu o seguinte:

Bato, vieste pela tua voz; mas a ti o soberano Febo Apolo à Líbia envia, rica em rebanhos, para fundar uma colônia, tal como se tivesse falado utilizando a língua helena: “Ó rei, vieste pela tua voz.” E Bato respondeu isso: “Ó soberano, eu vim a ti para consultar o oráculo sobre minha voz, mas tu me previste outras coisas impossíveis ao me ordenar que funde uma colônia na Líbia; com que poder, com qual autoridade?” Mesmo dizendo isso, não a persuadiu a lhe proferir outra coisa além disso; e como ela continuava profetizando de acordo com o que lhe foi dito antes, Bato abandonou-a no meio de sua fala e partiu para Tera.

Cap.156. Depois disso, ele próprio e os demais tereus sofreram com ressentimento do oráculo. E porque desconheciam as causas dos seus infortúnios, os tereus enviaram mensageiros a Delfos para consultar o oráculo a respeito dos presentes males; e a Pítia lhes respondeu com palavras oraculares que, se eles e Bato fundassem a colônia de Cirene na Líbia, eles passariam melhor. Depois disso, os tereus enviaram Bato com duas penteconteras. E eles navegaram para a Líbia, pois como não sabiam fazer outra coisa senão isso, eles retornaram para Tera. E os tereus, quando eles começaram a descer das naus, atiraram-lhes pedras e não permitiram que atracassem na terra, mas lhes ordenaram que navegassem de volta para lá. E eles foram forçados a zarpar em retorno e fundar a colônia numa ilha situada na Líbia, cujo nome, como também havia dito antes é Platea. (...).

Cap. 157. E habitaram nessa ilha durante dois anos, pois, como nada de útil aconteceu para eles, deixaram para trás um deles e o restante, todos zarparam em direção a Delfos; e quando chegaram, consultaram o oráculo, disseram que foram habitar na Líbia e que não estavam passando melhor lá como seus habitantes. E a Pítia lhes respondeu em palavras oraculares o seguinte:

Se tu conheces a Líbia rica em rebanhos melhor que eu,

<p>que lá não foste, mas eu fui, muito admiro tua sabedoria. E após terem ouvido essas palavras, Bato e os que estavam com ele zarparam de volta; pois o deus não os liberou da fundação da colônia enquanto não fossem à própria Líbia. (...).</p> <p>Cap.159. (...) E na época do terceiro rei Bato, chamado o Eudemo, a Pítia movimentou todos os helenos proferindo um oráculo para que navegassem até a Líbia e habitassem junto com os cireneus; pois os cireneus os convidavam com a oferta de distribuição de terra. E o oráculo proferido foi este:</p> <p style="text-align: center;">Quem à Libia muito amada tarde chegar, Com terra já distribuída, digo que um dia se arrependerá.</p>			
Livro 5 cap.79-80	Tebanos e atenienses	Contexto da revolta iônica e aumento do poder de Atenas frente às outras colônias gregas.	Gregos x gregos
<p>5.79. Portanto, eles executaram essas ações. E os tebanos, depois disso, enviaram mensageiros pra consultar o deus, porque queriam se vingar dos atenienses. E a Pítia disse-lhes que eles próprios não poderiam fazer-lhes pagar esta pena e lhes ordenou que pedissem ajuda aos que estavam mais perto deles e os conduzissem para um lugar de múltiplas vozes. Então, após os que foram consultar o oráculo terem retornado, eles convocaram uma assembleia e anunciaram a resposta ocular; assim, quando foram informados de que as palavras diziam que eles deveriam pedir ajuda aos que estivessem mais perto deles, assim que ouviram isso deles, os tebanos disseram: “Então, os que habitam mais próximos de nós são os tanageus, os coroneus e os téspios? Também eles, certamente, junto conosco sempre combatem de boa vontade e suportam a guerra. Por que devemos pedir ajuda deles? Mas, especialmente, se não foi isso o que o oráculo proferiu.”.</p> <p>5.80 (...) imediatamente eles enviaram mensageiros e eles pediram a ajuda dos eginetas, e os convocaram para ajudá-los, conforme o anunciado no oráculo, porque estavam mais perto deles; (...).</p>			
Livro 5 cap. 90	Lacedemônios	Repercussão dos oráculos da Pítia e a consideração de	Gregos x gregos

		seus oráculos antes da tomada de decisão em meio a conflitos/vinganças.	
<p>5.90.. E no momento em que eles estavam se preparando para a vingança, surgiu um empecilho por meio de uma questão levantada pelos lacedemônios. Pois os lacedemônios foram informados sobre as tramas dos Alcmeônidas urdidas para a Pítia, também as da Pítia contra eles mesmos e os Pisistrátidas, o que eles consideravam um duplo infortúnio porque, embora fossem homens com quem eles tinham laços de hospitalidade, eles os expulsaram de sua terra natal, também porque fizeram isso sem que nenhuma gratidão fosse manifestada pelos atenienses. E além desses acontecimentos, os oráculos lhes diziam que haveria muitas coisas terríveis e também hostilidades para eles vindas dos lacedemônios; antes desses acontecimentos eles os ignoravam, e souberam naquele momento porque Cleômenes os trouxe para Esparta. E Cleômenes obteve a posse dos oráculos retirando-os da acrópole dos atenienses, os que antes os Pisistrátidas detinham a sua posse, quando foram expulsos de sua terra natal, eles os deixaram no templo; e porque estavam abandonados lá, Cleômenes se apossou deles.</p>			
Livro 5 cap.92	Corintos, oligarquia dos Baquíadas que deteve o poder entre o século VIII e V a.C.	Heródoto para a narrativa sobre o início da inimizade entre Atenas e Egina e discorre sobre a percepção dos lacedemônios sobre o crescente poder de Atenas e o mal da tirania. Para exemplificarem por que a tirania é algo ruim, ele começa a	Gregos x gregos

		<p>contar o caso de Corínto. Nesse momento, temos o oráculo proferido por Pítia sobre o futuro governante de Coríntio: o filho de uma mulher coxa de nome Labda. Há uma mobilização para matar essa criança, porque Labda casou-se com um homem fora da descendência dos Baquíadas (há um medo de uma criança fora do padrão da família). Quando Labda descobre que o plano para matar seu filho, ela esconde a criança em uma caixa evitando, assim, que seus parentes o assassinassem.</p>	
<p>5.92. (...) Pois os coríntios tinham estabelecido na cidade a seguinte: a oligarquia, e esses, que eram chamados Baquíadas, governaram a cidade, e davam suas filhas em</p>			

casamento e desposavam as mulheres dentre eles mesmos. E naquele momento Anfíon, que era um desses homens, gerou uma filha coxa cujo nome era Labda. Porque nenhum dos Baquíadas queria se casar com ela, teve-a como mulher Etíon, o filho de Equécrates, que era do demo de Petra, mas desde a sua origem era lápita e também um Cenida. Mas ele não conseguia ter filhos gerados dessa mulher nem de outra; então, foi a Delfos para consultar o oráculo sobre sua descendência. E logo que ele entrou, imediatamente a Pítia proferiu-lhe palavras oraculares com os seguintes versos:

Etíon, ninguém te honra, embora sejas muito honrado,
Labda está grávida, mas dará à luz a um bloco de pedra
e que cairá nos homens monarcas, e fará justiça a Corinto

Esse oráculo que foi proferido a Etíon, de algum modo, também foi anunciado aos Baquíadas. O oráculo anterior que lhe havia surgido em Corínto era obscuro, e que levava para a mesma questão que a de Etíon, e que dizia desse modo isto:

Uma águia, entre rochas, dará à luz a um leão
forte e feroz; fará os joelhos de muitos perder a força.
Estai bem atento a isso, coríntios, que em torno da bela
Pirene habitais e da elevada Corinto.

De fato, esse oráculo anterior que havia surgido para esses Baquíadas era indecifrável; e naquele momento, quando foram informados sobre o que havia acontecido com Etíon, imediatamente compreenderam o primeiro oráculo que estava de acordo com o de Etíon. E após terem compreendido isso, mantiveram-se em silêncio sobre o ocorrido porque queriam matar o futuro descendente que Etíon teria. E a sua mulher deu à luz muito rápido; foi quando eles enviaram dez dos seus para o demo em que ele habitava para que matassem a criancinha de Etíon. E logo que eles chegaram a Petra, apresentaram-se no pátio da casa de Etíon e perguntaram pela criancinha; e Labda, porque não sabia nada dos motivos que tinham aqueles que chegaram e pensou que eles fizeram-lhe a pergunta por causa da amizade pelo pai, ela a trouxe e a colocou nas mãos de um deles. E então decidiram entre eles pelo caminho que aquele que a recebesse primeiro a arremessasse contra o chão. Portanto, logo que Labda a trouxe, aquele dentre os homens a recebeu, por uma imposição de sorte, a criancinha sorriu para ele, e quando percebeu isso, por piedade, algo o impediu de matá-la, e tomado de piedade a entregou a um segundo, e este a um terceiro, e desse modo, passou pelas mãos de todos os dez, foi recebida por cada um deles

e ninguém quis completar a missão. Então, eles devolveram a criancinha nas mãos de quem a gerou e saíram de lá, (...), porque não agiu conforme o que havia sido determinado, até o ponto em que, decorrido um tempo, pensaram que seria melhor que todos retornassem logo e que participassem juntos do assassinato. Mas havia a necessidade de que o descendente de Etíon fizesse renascer os males em Corinto. E Labda ouviu tudo isso, porque estava de pé junto a essas portas; e porque teve medo de que mudasse de opinião e de que, durante uma segunda oportunidade, eles pegassem a criancinha para mata-la, levou-a e a escondeu no lugar em que lhe parecia mais imprevisível, em uma caixa, porque sabia que se eles retornassem e se voltassem para a sua busca, eles iriam procura-la em todos os lugares. E, de fato, essas coisas aconteceram. E eles voltaram e a procuraram, mas como eles não a encontravam, decidiram retornar e dizer aos que lhes enviaram que fizeram tudo o que eles haviam ordenado. Então eles partiram e disseram isso. Depois disso, o filho de Etíon estava crescendo; também porque escapou desse perigo, a partir do nome da caixa foi-lhe colocado o nome de Cípselo. E quando se tornou um homem, Cípselo foi consultar o oráculo em Delfos e recebeu uma resposta oracular de duplo sentido, por isso tornou-se confiante, atacou Corinto e se aponderou dela. E o oráculo era esse:

Feliz é esse homem que à minha casa desce,
Cípselo, filho de Etíon, rei glorioso de Corinto,
ele e seus filhos, não mais os filhos dos seus filhos.

E, de fato, a resposta oracular foi essa. E depois de ter assumido a tirania, e Cípselo tornou-se um homem de tal tipo; baniu muitos coríntios, tirou as riquezas de muitos e a vida de um grande número deles. E após ter exercido seu poder durante trinta anos e ter tecido bem o fim de sua vida, e seu filho Periandro tornou-se o seu sucessor na tirania. Assim, no início, Periandro foi mais bondoso que seu pai, mas depois que, por meio de mensageiros, conversou com Trasíavulo, que na época era tirano de Mileto, tornou-se mais sanguinário que Cípselo. (...).

Livro 6.34-36	Povo trácio chamado de doloncos.	Heródoto descreve a conquista persa sobre alguns povos gregos na região do Helésponto. Inicia	gregos x gregos.
----------------------	---	--	-------------------------

		<p>nesse momento a narrativa de como Miltiades conquistou a tirania das cidades dessa região.</p>	
<p>6.34. Os Fenícios subjugaram todas as cidades da Quersonesos exceto Cardia. Miltiades filho de Cimon filho de Stesagoras era o tirano lá. Miltiades filho de Cipselus havia ganho o poder mais cedo da seguinte maneira: os trácios doloncos tinham posse dessa Quersonesos. Eles foram destruídos em guerra pelos Apisintios, então eles enviaram seus reis para Delfos para investigar sobre a guerra. A Pítia respondeu que eles deveriam levar para suas terras como fundador o primeiro homem que os ofereceu hospitalidade após terem partido do recinto sagrado. Mas enquanto os doloncos passavam através da Fócida e Beótia, indo pelo Caminho Sagrado, ninguém os convidou, então eles se se voltaram em direção a Atenas.</p> <p>6.35. Naquele momento em Atenas, Pisístrato obtinha todo o poder, mas Miltiades filho de Cipselus também tinha grande influência. Sua família era rica o suficiente para manter uma carruagem de quatro cavalos, e ele traçou sua descendência mais antiga até Éaco e Egina, contudo sua ancestralidade mais recente era ateniense. Fílaio filho de Ajax foi o primeiro daquela casa a ser Phoan Athenian*. Miltiades estava sentado na sua varanda quando ele viu os doloncos andando com suas roupas estrangeiras e lanças, então ele os chamou, e quando vieram, os convidou para se alojarem e ofereceu hospitalidade. Eles aceitaram, e depois dele os entreterem, eles revelaram toda a história do oráculo para ele e pediram-lhe que obedecesse ao Deus.</p> <p>6.36. A Pítia também ordenou a ele que o fizesse. Então, Miltiades filho de Cipselus, anteriormente um vencedor Olímpico na carruagem de quatro cavalos, recrutou qualquer ateniense que quisesse fazer parte da expedição, navegou com os doloncos e tomou posse do território deles. Aqueles que o trouxeram o escolheram como tirano. Seu primeiro ato foi levantar um muro no istmo da península de Quersonesos na cidade de Cardia até Pactie, de forma que os Apsinthii não seriam capazes de machucá-los invadindo seu território. O istmo tem trinta e seis estádios de comprimento, e para o sul do istmo a península mede quatrocentos e vinte estádios.</p>			

Livro 6.77	Argivos e espartanos	Pítia é consultada para ver como argivos e espartanos deveriam agir em uma guerra/conflito entre ambos	Gregos x gregos
<p>6.77 Quando ouviu isto, os Argivos vieram até a costa para batalhar com ele; e quando eles chegaram perto de Tirins e estavam no lugar chamado de Sépeia, eles acamparam contra os Lacedemônios, deixando um pequeno espaço entre os dois exércitos. Lá os argivos não tinham medo de uma luta justa, mas sim de serem <i>vencidos por engano</i>*- Pois isto era o que foi assinalado pelo oráculo o qual a sacerdotisa Pythiana deu aos argivos e milesianos em comum, que dizia assim:</p> <p style="text-align: center;"> “Quando a mulher derrotar o homem E mandar ele embora, conquistando a glória em Argos, Ela fará muitas mulheres argivas rasgar as bochechas. Pois um dia um dos homens por vir dirá: A terrível serpente enrolada três vezes morreu domada pela lança”</p> <p>A junção de todas essas coisas espalhou medo entre os argivos. No entanto eles decidiram se defender fazendo uso do arauto do inimigo, realizaram o decidido dessa forma: quando o arauto espartano sinalizava qualquer coisa aos lacedemônios, os argivos faziam a mesma coisa</p>			
Livro 6.86	Espartanos, atenienses e Egina.	Vemos Leutiíquides, um espartano, pedindo a soltura de reféns retidos em Atenas. O conflito é entre Atenas, Egina e Esparta. LeutiQUES utiliza-se de uma história para mostrar o que ocorre com aqueles	Gregos x gregos.

		<p>que não cumprem um juramento. A figura da Pítia aparece, nesse contexto, mostrando o que acontece com aqueles que não cumprem juramentos. Pítia, portanto, como mantenedora da ordem política e social.</p>	
--	--	---	--

6.86 Então quando Leutiquides veio à Atenas e exigiu que o que fora combinado fosse restaurado, E os atenienses, relutantes para fazê-lo, criaram desculpas, tendo sidos imputados de confiança por ambos os reis, julgaram ser errado restaurar para um sozinho sem o outro, - quando os atenienses se recusaram a restaurar, Leutiquides disse a eles: “Homens de Atenas, façam o que desejarem; se restaurarem, o façam corretamente, se restaurarem não o façam ao contrário; No entanto ouçam de mim o que assolou Esparta numa questão de confiança. É contado por nós espartanos que três gerações atrás havia na Lacedemônia um Glauco filho de Epicides. Este homem (como diz a história) adicionou às suas excelências uma reputação pela justiça acima de todos os homens que habitavam a Lacedemônia naquele tempo. Mas em tempo oportuno isto, como é contado, o acometeu: Veio a Esparta um certo homem de Mileto, desejando conversar com Glauco e fazer-lhe a seguinte oferta: ‘eu sou’ ele disse ‘de Mileto e cá estou eu, Glauco! Para colher as vantagens da sua justiça. Vendo que por toda a Hélade e Ionia muito se fala sobre a sua justiça, eu pensei comigo mesmo que Ionia é sempre uma terra de perigos e o Peloponeso está seguramente estabelecido, e em Ionia em lugar algum são vistos os mesmos homens com posse contínua de suas riquezas. Considerando e ouvindo conselhos sobre os referidos assuntos, resolvi me voltar à sua responsabilidade, tendo certeza de que ficará à salvo para mim sob a sua guarda. Receba você então a soma e guarde estes símbolos; e devolva o dinheiro àquele que vier com os símbolos iguais e exigi-lo de volta.’ Assim falou o estrangeiro que havia vindo de Mileto, e Glauco aceitou o trato conforme o combinado. Quando um longo tempo já havia passado, veio até Esparta os filhos do homem que havia firmado o trato; eles conversaram com Glauco, mostrando-lhe os símbolos e exigindo o dinheiro de volta. Mas Glauco os deteve com uma objeção: ‘Eu não me recordo’ ele disse ‘da situação nem tenho conhecimento de seja lá o que vocês falam; deixe-me levar isso à mente e eu farei tudo que é justo; se eu peguei o dinheiro eu o devolverei devidamente, e se eu nunca peguei o dinheiro eu lidarei com vocês de acordo com os costumes dos Gregos. Cabe a mim, portando, atrasar a decisão até o quarto mês a partir deste dia. Então os Milesianos partiram em tristeza, enquanto homens lhe roubavam

as posses; mas Glauco viajou até Delfos para questionar o oráculo. Quando ele perguntou ao oráculo se ele deveria ou não tomar posse do dinheiro sob juramento, a sacerdotisa Pítia o ameaçou nesses versos:

Glauco filho de Epicides, é mais lucrativo agora
 Cumprir seu pacto e entre apoderar-se do dinheiro.
 Juro, pois a morte espera até o homem que jura a verdade.
 Mas o pacto tem um filho, sem nome; ele não tem mãos
 Ou pés, mas ele persegue agilmente, até pegar
 E destrói a família toda e a casa inteira.
 A linha do homem que jura a verdade é melhor no futuro.

Quando Glauco ouviu isso, ele suplicou por perdão ao Deus pelo que havia dito. A sacerdotisa respondeu que tentar o Deus e fazer a ação tinha o mesmo efeito. Então Glauco convocou os estrangeiros Milesianos e lhes devolveu o dinheiro. Mas escutem agora, Atenienses, porquê eu comecei a contar-lhes esta história; não há hoje descendentes de Glauco, nem qualquer família que carregue seu nome; ele foi praticamente extirpado de Esparta. Então bom é nem pensar.

<p>Livro 6.139-140</p>	<p>Peslagos e Atenienses</p>	<p>O caso remete a uma punição aos peslagos por terem raptado mulheres atenienses e as terem feito como concumbinas. Essas mulheres ensinaram aos seus filhos a língua ática e esses não se misturam com os peslagos. Com medo desses filhos serem superiores e quererem governa- los, os peslágos os matam tornando</p>	<p>Gregos x gregos</p>
-------------------------------	---	---	-------------------------------

		<p>suas terras improdutivas. A partir desse fato, eles vão a Delfos consultar a Pítia para decidirem o que fazer.</p>	
<p>6.139. Mas quando os pelasgos assassinaram seus próprios filhos e mulheres, sua terra não produziu nenhum fruto, nem suas esposas e seus rebanhos e manadas geraram descendência como antes. Esmagados pela fome e pela falta de filhos, eles enviaram a Delfos para pedir um alívio para seus males atuais. A sacerdotisa Pítia ordenou que eles pagassem aos atenienses qualquer penalidade que os próprios atenienses julgassem. Os pelasgos foram a Atenas e se ofereceram para pagar a pena por todos os seus erros. Os atenienses colocaram em sua prefeitura um divã adornado da forma mais elegante possível e colocaram ao lado uma mesa coberta com todo tipo de coisas boas, depois ordenaram aos pelasgos que entregassem suas terras a eles nas mesmas condições. Os pelasgos responderam: “Nós o entregaremos quando um navio com vento norte realizar a viagem de seu país ao nosso em um dia”; eles supuseram que isso era impossível, já que a Ática fica bem ao sul de Lemnos.</p> <p>6.140. Na época, isso era tudo. Mas, muitos anos depois, quando o Chersonese no Helesponto foi submetido a Atenas, Miltíades filho de Cimón completou a viagem de Eleus no Chersonese para Lemnos com os ventos Etesiano então soprando constantemente; ele proclamou que os Pelasgos deveriam deixar sua ilha, lembrando-os do oráculo que os Pelasgos pensavam que nunca seria cumprido. Os heféstios obedeceram, mas os Mirinaeans não concordaram que o Chersonese era Ática e foi sitiado, até que eles também se submeteram. Assim Miltíades e os atenienses tomaram posse de Lemnos.</p>			
<p>Livro 7.140-142</p>	<p>Atenienses</p>	<p>Os atenienses perguntam à Pítia como proceder na invasão persa.</p>	<p>Gregos x persas</p>

7.140. Os atenienses haviam mandado mensagens para Delfos pedindo que um oráculo seja dado à eles, e quando estes já haviam realizado todos os devidos rituais no templo e sentado no salão interior, quando a Pítia, cujo nome era Aristonice deu-lhes esta resposta:

Desgraçados, porque permanecem aqui? Melhor fugirem de suas casas e cidade,
Fujam para os fins da terra do círculo conturbado de Atenas!
A cabeça não ficará no lugar, nem o corpo,
Nem os pés a baixo, nem as mãos, nem as partes do meio;
Mas tudo está arruinado, pois o fogo e o sangrento deus da guerra acelerando numa
carruagem Síria lhes derrubarão.
Muitas fortalezas, não apenas a vossa, ele despedaçará;
Muitos santuários dos deuses ele dará às chamas para que devorem;
Suando de medo eles ficam, e tremendo de horror do inimigo,
Correndo com vísceras como seu telhado, prevendo o estresse do seu sofrimento;
Portanto eu lhes ordeno que deixem o santuário.
Tenham coragem de amenizar vosso mal”.

7.141. Quando os mensageiros atenienses ouviram isso, ficaram muito desolados, e se renderam em função do mal previsto. Então Timon filho de Andrôbulos, um homem tão notável quanto qualquer homem de Delfos, aconselhou-os a pegar os ramos de súplica e sob o pretexto de suplicar, aproximem-se do oráculo mais uma vez. Os atenienses fizeram exatamente isso; “Senhor” eles disseram “considere misericordiosamente estes ramos suplicantes que trazemos diante de ti, e nos dê alguma resposta melhor acerca do nosso território. Caso contrário não partiremos daqui, ficaremos até a morte.” Diante de tal a sacerdotisa os deu este segundo oráculo:

“É em vão que Palas se esforça para agradar o grande Zeus do Olimpo;
Palavras de súplica são em vão, assim como são conselhos astutos de sabedoria.
Mesmo assim eu falarei novamente contigo de força inflexível.
Tudo será tomado e perdido que a fronteira sagrada de Cecrops
Mantém segura hoje, e os vales sagrados de Cithaeron;
Inda uma parede feita de madeira será cedida por Zeus que tudo vê
À Tritogênia, uma fortaleza para você e para os seus filhos.
Não esperem o hospedeiro de cavalo e pé vindo da Asia,
Nem fiquem parados, mas virem às costas e recuem do inimigo.
O dia virá em que o encontrarão cara a cara.
Divina Salamina, você trará morte aos filhos das mulheres
Quando o milho estiver escasso, ou a colheita já guardada”.

7.142. Essa resposta pareceu ser e realmente foi mais misericordiosa que a primeira, e os enviados, escrevendo-a, partiram para Atenas. Quando os mensageiros já tinham deixado Delfos e leram o oráculo perante o povo, houve muitas dúvidas acerca de seu significado, e entre as muitas opiniões que foram proferidas, duas contrárias são dignas de menção. Alguns dos homens mais velhos disseram que os deuses sinalizaram que a acrópole

deveria ser salva, pois antigamente a acrópole de Atenas foi cercada por uma parede com espinhos, a qual, segundo a interpretação deles, era a parede de madeira. Mas outros supuseram que o Deus estava se referindo aos navios deles, os quais estavam sendo equipados. Aqueles que acreditaram ser os navios a parede de madeira foram incapacitados pelos dois últimos versos do oráculo:

“Divina Salamina, você trará morte aos filhos das mulheres
Quando o milho estiver escasso, ou a colheita já guardada.”

Esses versos consternaram a opinião daqueles que disseram que os navios eram a parede de madeira, pois para os leitores de oráculos os versos significavam que caso eles propusessem uma batalha marinha perto de Salamina, seriam lá derrotados.

<p>Livro 7.148-149</p>	<p>Argivos</p>	<p>Heródoto ressalva que essa é a versão contada pelos argivos. De acordo com o que é relatado, os argivos teriam acabado de sair de um longo conflito com os espartanos e decidem perguntar à Pítia sobre o que fazer em relação aos persas: unir-se a eles ou contra eles. Pítia recomenda que eles permaneçam neutros.</p>	<p>Gregos x Persas.</p>
-------------------------------	-----------------------	--	--------------------------------

7.148. Então os espiões foram mandados de volta depois de terem visto tudo e retornaram à Europa. Depois de mandar os espiões, aqueles dos Gregos que tinham jurado aliança contra o persa depois mandaram mensageiros até Argos. Agora isto foi o que os argivos

dizem por sua parte no assunto. Eles foram informados pelo primeiro que o estrangeiro estava agitando guerra contra Hélade. Quando eles souberam que os Gregos tentariam conquistar sua ajuda contra os Persas, eles mandaram mensageiros para Delfos para indagar ao deus o que seria o melhor à ser feito, pois seis mil deles tinham sido mortos recentemente por um exército Lacedemônio com Cleomenes filho de Anaxandrides como general. Por tal razão, eles disseram, os mensageiros foram enviados. A sacerdotisa deu esta resposta à pergunta:

“Odiado pelos seus vizinhos, querido pelos imortais,

Agache com a lança em descanso, como um guerreiro cercado dentro de sua armadura

Protegendo sua cabeça da pancada, e a cabeça abrigará o corpo.”

Essa resposta já havia sido proferida pela sacerdotisa quando os enviados chegaram em Argos e entraram a câmara do conselho para falar como lhes foi ordenado. Então os argivos responderam ao que foi dito que eles fariam o que lhes foi pedido, se primeiramente fosse acordada uma paz de trinta anos com a Lacedemônia e se o comando de metade do poder aliado fosse deles. Era direito deles ter comando total, todavia ficariam contentes com metade.

7.149. Essa, dizem eles, foi a resposta do seu conselho, apesar do oráculo os terem proibido de fazer aliança com os gregos; ademais, eles, apesar do medo que tinham do oráculo, estavam ansiosos para assegurar uma paz de trinta anos para que seus filhos pudessem ter tempo nesses anos para crescerem e se tornarem homens. Caso não houvesse nenhum tratado – assim eles pensavam – então, se depois do mal que lhes tinha acontecido os Persas desferissem ainda mais um golpe, era temido por eles estarem então à mercê dos Lacedemônios. Depois, aqueles representantes que eram espartanos responderam às condições do conselho, dizendo que levariam a questão do tratado ao seu próprio governo em casa; quanto ao comando, no entanto, eles haviam sido encarregados de dizer que Esparta tinha dois reis, e os argivos apenas um. Agora era impossível privar qualquer um dos reis espartanos de seu comando, mas não havia nada que impedisse que o argivo tivesse o mesmo direito de votar quanto os outros dois tinham. Sobre isso, dizem os argivos, que decidiram que a cobiça dos espartanos havia ultrapassado o limite do suportável e que era melhor ser comandado pelos estrangeiros do que ceder aos Lacedemônios. Eles então ordenaram aos representantes enviados que partissem do território de Argos antes do pôr do sol, pois caso contrário seriam tratados como inimigos.

Livro 7.168	Cretenses	Cretenses vão perguntar à Pítia se devem se unir aos helenos contra os persas. Pítia diz que não e utiliza o caso do rapto de Helena como justificativa.	Gregos x Persas.
<p>7.168. Foi assim que a campanha na Sicília se sucedeu. Quanto aos corcíreus, sua resposta aos representantes e seus atos foram como mostrarei. Os homens que tinham ido até a Sicília também procuravam a ajuda deles, usando os mesmos argumentos que haviam usado com Gelon. Os corcíreus prometeram prontamente à enviar ajuda e proteção, declarando que eles não permitiriam que a Hélade perecesse, pois se ela caísse, no dia seguinte eles certamente também seriam escravizados. Eles teriam que ajudar condizentemente ao melhor de suas habilidades. Agora esta resposta pareceu justa o suficiente, mas quando chegou a hora de mandar ajuda, eles mudaram de ideia. Eles tripularam sessenta navios e os colocaram no mar, indo para a costa do Peloponeso. Lá, no entanto, eles ancoraram em Pilos e Tainaros no território Lacedemônio, esperando assim como os outros para ver para qual lado a guerra penderia. Eles não tinham esperanças que os gregos prevalecessem, mas pensaram que o Persa venceria uma grande vitória e seria o Senhor de toda Hélade. Seu curso de ação, portanto, tinha sido planejado sob a ótica de ter a possibilidade de dizer ao Persa, “Ó rei, nós cujo poder é tão grande quando qualquer um e que podia ter preparado tantos navios quanto qualquer estado salvo Atenas – nós, quando os Gregos tentaram ganhar nossa ajuda nesta guerra, não resistimos a você ou fizemos qualquer coisa desagradável a você.” Este apelo, eles esperavam, ganharia para eles alguma vantagem além do normal; e então, eu acredito, teria sido. Eles tinham, contudo, preparado uma desculpa a qual dar aos Gregos, e no fim os eles o fizeram; quando os gregos os culpavam por não mandar nenhuma ajuda, eles disseram que equiparam sessenta trirremes, mas que não conseguiram dar a volta no Cabo Maleia por causa dos ventos Etesianos. Foi por esta razão, eles disseram, que não puderam chegar até Salamina; não foi covardia que os fez atrasados para batalha marinha. Com tal argumento calaram os gregos.</p>			

Livro 7.220	Espartanos	Espartanos perguntam à Pítia sobre a guerra/ consequências da guerra contra os persas.	Gregos x persas.
<p>7.220. É dito que Leônidas em pessoa os mandou embora porque ele estava preocupado que eles seriam mortos, mas sentiu que não era apropriado para ele mesmo e para os espartanos desertarem o posto o qual vieram defender no começo. Eu, no entanto, tendo a acreditar que quando Leônidas percebeu que os aliados estavam desencorajados e se recusavam a assumir todos os riscos com ele, disse então para que partissem. Para si mesmo, entretanto não era bom ir embora; se tivesse ficado, ele deixaria um nome de grande fama, e a prosperidade de Esparta não seria manchada. Quando os Espartanos perguntaram ao oráculo sobre esta guerra quando ela começou, a Pítia havia previsto que ou a Lacedemônia seria destruída pelos bárbaros ou o seu rei seria assassinado. Ela os deu esta resposta em versos hexâmetros que dizia o seguinte:</p> <p style="text-align: center;">“Para vocês, habitantes da enorme Esparta, Ou sua grande e gloriosa cidade será destruída por homens persas, Ou se não isto, então toda a Lacedemônia deverá lamentar um rei morto, da linhagem de Heracles.</p> <p style="text-align: center;">O poder de touros ou leões não o restringirá com força oposta; pois ele tem o poder de Zeus.</p> <p style="text-align: center;">Eu declaro que ele não será detido até que finalmente despedace um deles.”.</p>			
Livro 8 cap.51	Atenienses e persas.	Nesse capítulo temos a interpretação do oráculo proferido por Pítia no livro 7 cap. 142 sobre o confronto entre atenienses e persas	Gregos x Persas

		na batalha de Salamina.	
<p>8.51. Desde o cruzamento do helesponto, onde os bárbaros começaram sua jornada, eles haviam gasto um mês lá entrando na Europa e em três meses estavam em Ática, quando Calíades era arconte em Atenas. Quando eles tomaram a cidade, ela estava deserta, mas no recinto sagrado eles encontraram alguns atenienses, guardiões do recinto sagrado e pessoas pobres, que se defenderam do ataque cercando a acrópole com portas e toras. Eles não haviam recuado até Salamina não só por causa da pobreza, mas também porque pensaram haver descoberto o significado do oráculo que Pítia tinha lhes dado, isto é, que a parede de madeira seria impenetrável. Eles acreditaram que segundo o oráculo isto, e não os navios, era o refúgio.</p>			
Livro 9.cap. 33	Helenos/espartanos	<p>Heródoto descreve os sacrifícios que foram realizados antes da guerra e relembra uma mensagem de Pítia para Tisamenus. Ele pode ser considerado o sacrifício dos helenos/espartanos já que foi preciso dar a cidadania a este homem porque a Pítia mencionava que ele traria grandes vitórias à Hélade.</p>	Gregos x persas
<p>9.33 No segundo dia depois de todos eles terem sido organizados de acordo com suas nações e batalhões, ambos os exércitos ofereceram sacrifícios. Foi Tisamenos quem</p>			

sacrificou para os gregos, pois acompanhava o exército como adivinho; ele era eleu de nascimento, um clitiada do clã Iamidas, e os Lacedemônios lhe deram a liberdade da cidade deles. Isto eles fizeram, pois quando Tisamenos perguntou ao oráculo sobre descendência, a sacerdotisa profetizou à ele que ele teria cinco grandes vitórias. Não entendendo o oráculo, ele engajou-se em práticas atléticas, pensando que então seria capaz de ganhar em esportes similares. Quando ele já havia treinado para o pentatlo, ele ficou à um combate de ganhar o prêmio Olímpico, numa luta contra Hieronimos de Andros. Os Lacedemônios, entretanto, consideraram que o oráculo dado a Tisamenos falava não de esportes, mas de guerras, e tentaram subornar Tisamenos para ser líder nas suas guerras com seus reis da linhagem de Heracles. Quando ele percebeu que os Espartanos tinham alta estima em sua amizade, ele aumentou seu preço, e deixou claro a eles que só faria o que lhe queriam apenas em troca de uma cidadania completa e todos os direitos do cidadão. Ouvindo isso, os Espartanos primeiramente ficaram zangados e abandonaram completamente a proposta; mas quando a terrível ameaça desse persa pairou por cima deles, eles consentiram e cederam às demandas. Quando Tisamenos percebeu que as intenções deles mudaram, ele disse que não ficaria mais contente com apenas isso; seu irmão Hegias também deveria ser feito Espartano nos mesmos termos que ele mesmo.

CAPÍTULO 4 – ENTRE MODELOS E REALIDADES: A ATUAÇÃO DAS MULHERES GREGAS E PERSAS NAS HISTÓRIAS

Antes de aprofundarmos nossa análise sobre as mulheres gregas e persas na obra Heródoto, achamos necessário explorar quais eram os ideais que foram atribuídos a elas. Uma questão que, ingenuamente, considerávamos simples sobre o que era ser uma mulher grega no século VI e V a.C. nos mostrou ser uma tarefa árdua. Já sabíamos da dificuldade de traçar um parâmetro das mulheres persas devido à escassez de documentação que versa sobre o assunto, entretanto, nos surpreendeu o fato de encontrarmos tal dificuldade também ao falar do universo grego. O problema, neste caso, não resulta da escassez de documentação, mas talvez seja fruto de questionamentos equivocados.

Ao nos perguntarmos quem eram essas mulheres, percebemos que talvez nossas perguntas não fossem passíveis de respostas ou não teriam as respostas tal qual imaginávamos. Apesar de vasta, a historiografia contemporânea, ao falar das gregas, permanece focada na mulher ateniense. Sendo assim, como tentar apreender o que era ser mulher e quais eram as expectativas de comportamentos para elas, se dentre 1500 *poleis*²⁵⁶, temos uma discussão de gênero focada majoritariamente em apenas uma *pólis*?

Compreendemos que há uma relação com a quantidade de documentos textuais produzidos em Atenas que sobreviveram até o nosso tempo. A junção desses documentos com a cultura material, talvez possa nos fornecer outros aspectos dignos de observação. Entretanto, nos indagamos se não estamos com o olhar viciado e analisando somente as mulheres atenienses que os autores citam, sem que nos atentemos para o fato que os documentos também nos contam sobre tantas outras etnias. Instiga-nos, portanto, que o mundo Grego fosse tão interligado através das suas redes de contato, como discutido no segundo capítulo, com ampla circulação de ideias no mediterrâneo e os documentos produzidos na região da Ática não citem outras localidades além de Atenas, será mesmo? E se eles realmente não citam, o que esse silêncio representa em um mundo antigo interligado?

Por se tratar de um trabalho de nível de mestrado e por não ser nosso objetivo principal neste trabalho, não ampliaremos nosso arcabouço documental para buscar essas respostas (ou mais perguntas). Mas acreditamos que tais questionamentos são importantes

²⁵⁶ Para mais informações ver a discussão feita no tópico Identidades gregas para além dos Atenocentrismos. HANSEN, M. H., NIELSEN, T. H. **An inventory of archaic and classical poleis**. Oxford : Oxford University Press, 2004, p.3-4.

para refletirmos sobre como estamos analisando a história das sociedades e dos indivíduos na Grécia Antiga, assim como para mostrarmos que Heródoto é um exemplo de documento que, apesar de ter sido lido em Atenas, nos mostra percepções para além dessa *pólis*. Nesse raciocínio de que as menções às mulheres de outras *poleis* talvez existam e não estejam sendo analisadas, podemos classificar o relato herodotiano como uma exceção ou um ponto de partida para um novo olhar sobre as relações de gênero na Grécia Antiga e como uma possível reflexão para retomarmos a outros documentos já tanto explorados.

Um segundo aspecto a ser considerado, diz respeito à maneira como os antigos refletiram sobre si e sobre o mundo ao seu redor. Não acreditamos que seja possível dividir a sociedade em uma pirâmide, como vemos em materiais didáticos, e explicar: as mulheres e os homens eram assim e faziam tais tarefas. A historiadora Sue Blundell em seu livro *Women in Ancient Greece* faz importantes considerações sobre a mulher ateniense e questiona alguns aspectos que a historiografia do século XX atribuiu a uma realidade rigorosa e permeada por leis que definiam os papéis das esposas atenienses como àquelas que não saíam do gineceu²⁵⁷. Todavia, ao descrever as atenienses, a autora divide seu capítulo em esferas e considera que todas as mulheres pertencentes a cada esfera da sociedade agiam e cumpriam os mesmos papéis. Será que é possível fazer tal afirmação baseando-se apenas em alguns documentos textuais? Como abranger as características e funções sociais femininas e masculinas do Período Clássico apenas com um tipo de recorte documental?

Ao iniciarmos essa pesquisa, imaginávamos que ao final teríamos um panorama de como as mulheres e os homens organizavam a sua sociedade de acordo com Heródoto, principalmente a sociedade grega, visto que nossa documentação é originária de lá. Porém, ao longo desse fazer histórico, percebemos que é impossível alcançar tais respostas. Ser mulher e ser homem na Antiguidade, ou em qualquer período, não é algo monolítico e sim algo muito heterogêneo. Não existiu/ não existe somente uma maneira de ser (ou atividades que só podem ser feitas por um gênero) quando estamos inseridos em uma sociedade, há de se considerar a fluidez a compõe.

Ademais, como discutido no terceiro capítulo, o que interpretamos através dos documentos no que diz respeito ao que é ser mulher ou ser homem são conceitos ideológicos, ou seja, representações do passado e não um registro de como os sujeitos da experiência

²⁵⁷ BLUNDELL, S. **Women in ancient Greece**. Harvard University Press, 1995, p. 130.

viveram²⁵⁸. Portanto, neste capítulo, através da teoria de gênero e por meio de uma análise interseccional, iremos investigar como as gregas e as persas atuaram em momentos de conflitos de acordo com Heródoto. Já exploramos no primeiro capítulo como as mulheres de Heródoto foram analisadas pela historiografia, mostraremos adiante quais eram os ideais que eram esperados na sociedade grega e na persa que podemos identificar através do discurso herodotiano. Mostraremos também como essas mulheres, catalogadas por nós, influenciaram nos conflitos e nas Guerras Greco-Pérsicas. A partir dos trechos de *Histórias*, discutiremos também o motivo pelo qual compreendemos as mulheres analisadas como veículos de alerta de tais conflitos ou como mantenedoras da ordem político-social.

O capítulo será dividido em duas partes e em três tópicos. Nos dois primeiros tópicos, faremos uma discussão, a partir da obra de Heródoto, sobre as mulheres e os homens da Grécia e da Pérsia no século VI e V a.C. Como dito, não será nosso objetivo alcançar uma definição de quem eram esses sujeitos históricos, e sim mostrar possibilidades e representações do que eles poderiam ter sido. Na segunda parte, exploraremos os trechos documentais do nosso catálogo e aprofundaremos nossa análise dos casos, tendo em vista tudo o que foi discutido em nossa dissertação.

4.1. As mulheres gregas do século VI e V a.C: análises possíveis

Heródoto de Halicarnasso, quando compôs sua obra *Histórias*, estava inserido em um tempo e um espaço, ou seja, no século V a.C. e no mundo Grego. Nos capítulos anteriores tentamos abranger o que isso significa e como isso influenciou em seu pensamento. Frisamos durante toda pesquisa a questão de pensarmos o autor e seu contexto concomitantemente, recorrendo talvez a uma repetição ao longo do texto.

Em concordância com o pensamento do historiador Pedro Paulo Abreu Funari, acreditamos que um documento, para ser bem interpretado, deve passar por uma boa análise documental. Isso significa olhar para o documento como um todo, tanto internamente, no que diz respeito ao seu conteúdo, quanto externamente. Isto é, investigar o ambiente que o autor e sua obra estavam inseridos, com quem dialogavam e para qual público a obra foi destinada²⁵⁹.

²⁵⁸ BAHRANI, Z. *Women of Babylon: Gender and Representation in Mesopotamia*. Londres : Routledge, 2001, p.30-31.

²⁵⁹ FUNARI, P.P. A. *Antiguidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos*. 2ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

Só assim poderemos apreender de maneira mais próxima qual foi seu objetivo e quem sabe nos aproximarmos daqueles que viveram em um passado que não nos é palpável.

Dessa maneira, antes de iniciarmos a análise dos trechos de *Histórias*, faremos uma breve discussão sobre os indivíduos das sociedades investigadas, com um enfoque maior naqueles que habitaram a Hélade. Pois, mesmo quando Heródoto descreve o outro, neste caso, os persas, ele está refletindo sobre a sua identidade. Como dito na introdução deste capítulo, provavelmente teremos mais indagações do que respostas ao tentarmos compreender quem foram os habitantes do mundo herodotiano.

Segundo Violaine Sebillotte Cuchet, a teoria de gênero, sendo utilizada como uma ferramenta analítica, nos permitiu questionar a ideia de que as sociedades se fundamentam necessariamente na diferenciação entre mulheres e homens como dois grupos homogêneos e radicalmente opostos. Os estudos de gênero mostraram também que esta diferenciação não é uma lei natural, e sim de caráter político e cultural²⁶⁰. Assim, consonante com Cuchet, acreditamos que “cada vez que um analista descreve uma realidade social, ele utiliza categorias de discurso e mobiliza diferenciações. Porém, cada segmentação social obedece a uma *lógica funcional*, tanto mais difícil de identificar quanto se supõe evidente e natural”²⁶¹.

Nesse sentido, o que é descrito deve ser considerado como expressões de discurso e evidências que possuem uma finalidade implícita no texto. Ao lermos *Histórias* cabe a nós historiadores indagarmos: por quais razões e em quais contextos os gregos antigos diferenciavam os homens das mulheres? Para distinguir quais homens e quais mulheres?²⁶² Tendo em mente essas questões, tentaremos compreender por que Heródoto designou determinados papéis às mulheres e aos homens da Grécia e da Pérsia e como o autor realizou este processo.

Cabe destacar também que, assim como Maria Izilda S. de Matos, entendemos que o gênero aliado a interseccionalidade nos possibilita (re)pensar os femininos e os masculinos existentes, assim como ir para além das noções de mulher e homem como identidades únicas, a-históricas e essencialistas. Entendemos mulheres e homens como identidades diversas com historicidades e compostas por suas inter-relações²⁶³. Matos ressalta que é preciso considerar

²⁶⁰ CUCHET, V.S. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero?. **Tempo**, v.21, p.281-300, 2015, P.286.

²⁶¹ Grifo nosso. Ibidem, p. 286-287.

²⁶² Ibidem, p. 286-288.

²⁶³ MATOS, M.I.S. História, mulher e poder: da invisibilidade ao gênero. In: SILVA, G.V.; NADER, M.B.; FRANCO, S.P. (Org.). **História, mulher e poder**. Vitória: EDUFES, 2006. p. 14-15.

também o caráter relacional que a análise através da teoria de gênero nos proporciona. A construção do feminino e do masculino deve ser pensada um em função do outro, pois eles são partícipes de uma mesma sociedade. Além disso, não podemos esquecer que as relações sociais integram hierarquias que são, por vezes, baseadas na distinção dos sexos, dessa forma, as relações de gênero são também relações de poder²⁶⁴.

Nesse sentido, concordamos com Jean Pierre Vernant ao afirmar que não é possível nos referirmos ao homem grego no singular e que ao analisar o homem grego do período Clássico, é preciso considerar as suas múltiplas facetas, a saber:

o grego cidadão, religioso, militar, econômico, doméstico, ouvinte e espectador, participante das diversas formas de convívio, um homem que, desde a infância até a idade adulta, segue um percurso obrigatório de provas e de etapas para se tornar homem no sentido pleno do termo, em conformidade com o ideal grego da realização do ser humano²⁶⁵.

De acordo com a pesquisadora Bárbara Alexandre Aniceto, no percurso para tornar-se cidadão na Grécia Antiga a ascendência feminina possui notável importância, já que a base da cidadania praticada pelos homens do século VI e V a.C. está ancorada no papel reprodutor da mulher, principalmente, quando falamos da mulher ateniense²⁶⁶. Ainda em concordância com Aniceto, acreditamos que os universos femininos e masculinos estavam entrelaçados. Dessa maneira, é importante tentarmos compreender como os próprios antigos identificavam-se para conseguirmos apreender como as relações de gênero organizavam as funções sociais daquela sociedade, ou melhor, para apreender como Heródoto as representou.

Assim, iniciamos a reflexão sobre as identidades femininas e masculinas em Heródoto a partir do trecho presente no livro 4. No contexto da união entre os Saurómatas de origem grega e as Amazonas de origem cita, temos o seguinte relato:

E elas lhes disseram o seguinte: “Nós não podemos habitar com vossas mulheres; pois os nossos costumes não são os mesmos que os delas. Nós atiramos com arco, lançamos dardos e cavalgamos, e não aprendemos os *trabalhos femininos*; enquanto vossas mulheres não fazem nada disso que enumeramos, mas *executam trabalhos femininos e permanecem em suas carroças, não saem à caça nem para qualquer outra atividade*. Então, nós não podemos concordar com aquelas. Mas se quiserdes nos ter como mulheres e se vós pensais que isso é o mais justo, ide até vossos pais,

²⁶⁴ Ibidem, p. 15.

²⁶⁵ VERNANT, J.P. (Org.). **O Homem Grego**. Lisboa: Presença, 1994, p.7.

²⁶⁶ ANICETO, B.A. **Pela Abstinência do Falo: um estudo das esposas atenienses na Comédia Antiga**. Curitiba: CRV, 2020, p. 72-73.

obtenhais a vossa parte dos bens e logo retornais, e nós habitaremos em nosso próprio território”.
Os jovens foram persuadidos e fizeram isso²⁶⁷.

Através do excerto citado, é possível visualizarmos como Heródoto utiliza-se do método de inversão para traduzir os comportamentos e saberes de outros povos para o público grego. Como explicado no primeiro capítulo, o autor parte de informações que os gregos partilham entre si para enunciar a alteridade²⁶⁸. Porém, diferentemente de outros momentos em que o autor apenas descreve o antipróprio, neste caso, ele enfatiza, a partir de demarcadores de gênero (trabalhos femininos), porque as Amazonas não são como as Helenas e o que as Helenas não fazem ao explicitar “*que vossas mulheres não fazem nada disso que enumeramos, mas executam trabalhos femininos e permanecem em suas carroças, não saem à caça nem para qualquer outra atividade*”²⁶⁹.

Se considerássemos somente essa passagem para compreender como as esposas gregas se comportavam de acordo com a obra herodotiana, talvez concluíssemos que Heródoto entendia o papel da esposa como algo semelhante ao ideal de *mélissa*, a boa esposa zelosa do lar. Diante disso, percebe-se a importância de analisarmos a obra como um todo, pois, quando assim o fazemos, vemos que o autor antigo exemplifica por diversas vezes o feminino atuando em diferentes âmbitos sociais e políticos (entre gregas e persas, catalogamos 44 casos, entretanto, se fossemos considerar outras etnias o número certamente seria maior).

Dessa maneira, inferimos que talvez a ênfase no que as mulheres dos Saurómatas não faziam seja uma demonstração do ideal grego que deveria ser seguido ou a expectativa de como as mulheres deveriam agir, e não necessariamente comportamentos que ocorriam em sua sociedade. Já a recorrência do feminino em ambientes bélicos aconselhando seus maridos em seu discurso teria, portanto, a função de mostrar a representação de uma realidade mais próxima em que as funções de homens e mulheres se complementavam.

É possível visualizar essa oposição entre a expectativa e a realidade referente à atuação da mulher grega em sua sociedade através de um caso presente no nosso catálogo, o qual à subdivisão *Mulheres que atuam em conflito por conta própria: conselheiras e alerta de*

²⁶⁷ Grifo nosso. **HERÓDOTO**.4.114-115. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV*, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

²⁶⁸ HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 50, 242.

²⁶⁹ **HERÓDOTO**.4.114-115. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV*, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

conflitos. No capítulo 162 do livro 4 de *Histórias*, há uma passagem sobre Feretima, mãe de Arscsilau, o governante de Cirene, uma colônia grega localizada no Norte da África que foi abalada por conflitos internos. Heródoto menciona que, por conta de seu filho, Feretima tinha privilégios em Cirene, administrava os demais assuntos da *pólis* e possuía um assento no Conselho²⁷⁰. Sabendo dos conflitos que permeavam essa *pólis* e com objetivo de retomar seu poder e do filho, ao chegar à corte de Salamina, a mulher solicita a Evelton, governante grego local, um exército que os conduzisse até sua *pólis* de origem:

e Evelton dava-lhe tudo, exceto um exército. E quando ela recebia o que lhe era dado, ela dizia que isso era belo e aquilo era mais belo, e ela lhe pedia para que lhe desse um exército. E ela no momento em que recebia cada presente, dizia também isso, e finalmente, Evelton lhe enviou um presente: *um fuso de ouro e uma roca*, e deu-lhe ainda algodão; e depois disso Feretima disse novamente a mesma frase, e Evelton disse-lhe *que as mulheres recebem presentes desse tipo, mas não um exército*²⁷¹.

Algumas considerações precisam ser feitas a respeito do trecho acima. De acordo com Carmem Leal Soares, os presentes recebidos por Feretima representam as atividades que eram desenvolvidas pelo sexo feminino no universo grego, a saber, fiar e tecer. A resposta do governante de Salamina tem como função mostrar qual era o lugar que uma mulher grega poderia ocupar. O fato de o fuso ser de ouro é um detalhe importante, uma vez que, segundo Soares, representa sua distinção social e indica que Evelton lhe diz que, apesar de ser uma rainha, isso não a distingue de suas compatriotas²⁷².

O decorrer da história é ainda mais significativo. Com a morte de seu filho, Feretima foge e recorre a Ariandes, no Egito, localidade que estava sob domínio persa. A rainha-mãe conta-lhe que seu filho havia sido morto por ser simpatizante dos medos, Arscsilau havia entregado Cirene a Cambises. Sabendo que Ariandes era um representante do poderio persa (um sátrapa), ela lhe solicita um exército para ir a Barces, região localizada na Líbia, para vingar-se daqueles que mataram seu filho. O seu pedido é concedido com o envio de uma infantaria e a frota naval disponível no Egito, entretanto, Heródoto ressalta que: “e ele enviou o exército, como me parece, para submeter a Líbia. Pois existiam de fato muitos e diferentes povos dentre os líbios, e um pequeno número deles eram súditos do rei, enquanto a maioria

²⁷⁰ HERÓDOTO.4.165. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV*, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

²⁷¹ Grifo nosso. HERÓDOTO.4.162. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV*, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

²⁷² SOARES, C.L. Fronteiras geo-culturais do mundo antigo na obra de Heródoto: código de vida feminino versus código de vida masculino. *Cadmo*, v.17, p.143-158, 2007, p.153.

em nada se preocupava com Dario.”²⁷³. Contudo, concordamos com Soares, no sentido que há diversas motivações políticas que permeiam a história da rainha grega e que ela se configura como uma das personagens trágicas de Heródoto, devido à morte que lhe é destinada como expiação pela extrema vingança cometida contra aqueles que assassinaram seu filho²⁷⁴.

Após identificar aqueles dentre os barceus que eram mais culpados pela morte do filho, Feretima os empalou e cortou os seios de suas mulheres, pendurando-os juntos com corpos de seus maridos ao redor da muralha. Seu fim, que coincide com o final do quarto livro, é relatado como uma punição dos deuses pela sede de vingança. Novamente, se analisássemos somente esse caso sem nos atentarmos para as outras mulheres gregas em *Histórias*, poderíamos incorrer em uma generalização, caracterizando as mulheres com adjetivos relacionados a excessos quando elas não cumprem com o ideal de boa esposa.

Ao considerar uma amplitude de casos, não acreditamos que Heródoto adjective as mulheres somente de maneira negativa, nem que Feretima seja uma amostra de barbarização progressiva da mulher grega, mesmo que haja uma aproximação da mesma com a mulher persa. Argumentar apenas que a imagem da mulher grega está sendo qualificada como bárbara, já que não cumpre com o ideal esperado, é recorrer a uma análise simplista. Tendo em vista que Heródoto é um cidadão do mundo e que se reconhece em outros tão diversos, acreditamos que a sua característica polivalente é exaltada nesses momentos, nos quais vemos mulheres gregas e persas sendo representadas de maneira similar. Além disso, vale lembrar que a região na qual Feretima habitava estava sob domínio persa, talvez isso tenha influenciado a maneira como Heródoto adjectiva a história.

A exigência de um exército por parte de Feretima pode ser comparada com uma passagem do livro 9. No episódio, Xerxes apaixona-se por Artaínte, esposa de seu filho, e oferece-lhe qualquer presente menos o manto que Amestris, sua esposa, lhe deu. Ao sugerir qualquer presente para Artaínte ao invés do manto, “ele lhe oferece cidades e ouro em abundância, e um exército para ninguém além dela comandar”²⁷⁵ e Heródoto complementa que “exércitos são os mais apropriados dos presentes na Pérsia”²⁷⁶.

²⁷³ **HERÓDOTO**.4.167. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV*, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

²⁷⁴ Op.cit, p. 153.

²⁷⁵ **HERÓDOTO**. 9.109. In: GODLEY,A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

²⁷⁶ **HERÓDOTO**. 9.109. In: GODLEY,A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

Se, por um lado, o governante grego ao invés de dar um exército a uma mulher dá um fuso e uma roca, o rei dos reis, por outro, para não dar a sua amante o manto que sua esposa lhe costurou oferece a uma mulher um exército. Apesar dos relatos estarem em livros não sequenciais, visto que um relato está no livro 4 e o outro no livro 9²⁷⁷, percebemos, através de ambos os casos, como o discurso herodotiano é interligado. Mesmo que as histórias não discorram sobre o mesmo aspecto, elas possuem correspondências e complementam-se de modo um pouco irônico. Pois, Feretima implorou por um exército e recebeu materiais de costura e a Artaínte foi oferecido um exército, mas o que ela desejava como presente era o manto que foi costurado, talvez com uma roca e um fuso, por Amestris. Além disso, ambas as histórias apresentam o exército como um presente a uma mulher (uma como algo absurdo e a outra com naturalidade) e a vingança como consequência (a primeira vinga-se pela morte do filho e a segunda pela traição do marido).

Sobre o caráter vingativo que, por vezes, a historiografia relaciona a adjetivos pejorativos que são característicos às mulheres, o autor antigo enfatiza que o excesso de vingança é algo ruim a ambos os gêneros, visto que “como então aos homens as vinganças excessivamente fortes tornam-se odiosas aos deuses”²⁷⁸. A afirmação relaciona-se também com a máxima grega “nada de excessos”, inscrita no templo de Apolo em Delfos²⁷⁹.

O caso de Feretima mostra ainda a heterogeneidade de papéis que a mulher grega poderia possuir, pois, além de mostrar ao governante de Salamina que nem todas as mulheres somente fiam e tecem, Feretima ocupava um lugar no Conselho e administrava uma *pólis*. De acordo com Lynett Mitchell, as mulheres governantes da Grécia Arcaica e Clássica foram personagens importantes não só em suas próprias famílias e comunidades, mas também parte de um fenômeno maior da *basileia*, o qual não era apenas característico do período helenístico e macedônico, mas algo que estava enraizado na cultura política grega²⁸⁰.

Tal como a de Feretima, Heródoto também relata a história de Artemísia que assume a tirania na *pólis* de Halicarnasso após a morte de seu marido e participa das Guerras Greco-

²⁷⁷ Como já discutido no primeiro capítulo dessa dissertação, sabemos que a divisão dos livros de Heródoto foi realizada posteriormente, mas achamos importante destacar este ponto para ressaltarmos como o discurso herodotiano possui diversas histórias parecidas que, por vezes, se correspondem.

²⁷⁸ HERÓDOTO.4.205. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). Histórias: livro IV, Melpômene, São Paulo: EDIPRO, 2019.

²⁷⁹ SOARES, C.L Fronteiras geo-culturais do mundo antigo na obra de Heródoto: código de vida feminino versus código de vida masculino. *Cadmo*, v.17, p.143-158, 2007, p.154.

²⁸⁰ MITCHELL, L. G. The Women of ruling families in archaic and classical Greece. *The Classical Quarterly*, v. 62, n. 1, p. 1-21, 2012., p. 3.

Pérsicas pelo lado persa²⁸¹, como citado no capítulo 1. Consonante com Mitchell, acreditamos que seja importante pontuar que sabemos que ambas as mulheres atuam em *Histórias* em um âmbito persa, mas não podemos esquecer que tanto Cirene como Halicarnasso eram colônias gregas²⁸². Ou seja, isso nos mostra possibilidades de atuação no mundo grego, não tão comuns, mas existentes. Ademais, assim como a historiadora defende, mesmo que as histórias relacionadas às tiranias sejam referentes ao século VI a.C., acreditamos que elas mostrem perspectivas de lugares os quais as mulheres poderiam ou não ocupar também no século V a.C., período em que o dito primeiro historiador compôs sua obra.

Para além de dessas duas mulheres que governaram *poleis* gregas, através da catalogação da nossa documentação, percebemos que a maioria das mulheres gregas que atuam como alertas de conflitos, conselheiras ou atuam diretamente em conflitos são em sua maioria esposas ou filhas de governantes de *poleis* gregas ou sacerdotisas. Sobre a ligação direta com governantes na posição de esposa ou filha, o mesmo ocorre entre as persas que estão no nosso catálogo. Há apenas duas mulheres que são escravas e tal como as esposas ou filhas atuam como conselheiras, sendo uma delas grega de origem Pária e outra de origem persa sem localidade especificada. Há ainda que pontuar que essas mulheres gregas são de *poleis* variadas, a saber: Corinto, Esparta, Atenas, Cirene, Samos, Pária e Macedônia.

As sacerdotisas responsáveis por profetizar as palavras dos deuses configuram outra categoria importante que aparece constantemente em *Histórias*, tendo como principal representante a sacerdotisa Pítia do oráculo de Delfos. Como discutido no primeiro capítulo, a confiabilidade nas mensagens transmitidas pela Pítia relaciona-se também com a localização que Delfos ocupava segundo a tradição grega, ou seja, o centro da Terra para este povo²⁸³. De acordo com Marta Mega de Andrade, a dimensão religiosa como um locus da agência política e das práticas sociais na sociedade *políade* é pouco estudada. Diante disso, limitamo-nos a abranger uma esfera importante, lugar no qual os assuntos políticos, econômicos e jurídicos também eram formulados (esse aspecto é bem visível em Heródoto, visto que a Pítia aconselha homens em diferentes âmbitos)²⁸⁴.

²⁸¹ HERÓDOTO. 7.99. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

²⁸² Op.cit. p.10-12.

²⁸³ PARKE, Herbert William; WORMELL, Donald Ernest Wilson. **The Delphic Oracle: Vol. 1.** The History. Blackwell: Oxford, 1956.

²⁸⁴ ANDRADE, M. M. de. Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga. **Revista Brasileira de História**, v. 40, 2020, p.122.

Concordamos ainda com Andrade ao afirmar que ao não aprofundarmos essa dimensão nos:

privamos de enxergar com maior clareza o âmbito em que a ação das mulheres – de diversos grupos de mulheres – era requerida, institucionalizada e muita vezes temida. Pois não havia ato político-institucional do cidadão que se confrontasse com forças sobre-humanas muito concretas, muito presentes²⁸⁵.

Portanto, o gênero feminino além de ocupar um lugar institucionalizado, no qual poderia aconselhar os homens em assuntos políticos, confrontava forças sobre-humanas que eram respeitadas na sociedade Helena.

Duas questões principais devem ser ressaltadas a partir das discussões propostas. Primeiro, que a atuação do feminino em Heródoto está estritamente relacionada com a manutenção da ordem política e social da *poleis* e da Pérsia. Como filhas e esposas de governantes, essas mulheres, segundo o discurso herodotiano, poderiam influenciar em decisões e atuar em ambientes políticos (há ainda dois grupos de esposas atenienses que não sabemos se possuíam *status* elevado). Ou seja, essas categorias de mulheres com *status* elevado atuava em esferas políticas junto a seus maridos ou pais.

Coadunamos com Aniceto ao sugerir que Aristófanes transcende a dualidade de ideais esperados das mulheres atenienses, quais sejam a *génos gunaîkon* (raça das mulheres) e a *mélissa* (a mulher-abelha). Esses ideais surgem, respectivamente, um no mito difundido por Hesíodo e no mito criado por Semônides de Amorgos, ao classificarem, as mulheres de acordo com tipos de animais em suas obras. Quando Aristófanes demonstra a importância do feminino para a perpetuação da *pólis* e suas relações democráticas, ele transcende esses ideais, pois representa as mulheres como portadoras de soluções para os problemas citadinos²⁸⁶. Visualizamos essa característica também em Heródoto, pois o autor grego, apesar de por vezes recorrer a contradições, como demonstrado neste tópico, expõe as esposas e filhas atuando em âmbitos políticos, dando conselhos aos personagens masculinos próximos.

A segunda questão, que deve ser observada, é que, por meio de *Histórias* podemos visualizar a atuação das mulheres gregas para além das atenienses, já tão exploradas pela historiografia. Reconhecemos que há importantes trabalhos que discutem a figura da mulher ateniense e suas possibilidades de atuação, repensam o *topos* historiográfico de que a esposa ateniense permanecia somente no gineceu e afirmam que, além de pertencer à cidade grega,

²⁸⁵ Ibidem, p.122-123.

²⁸⁶ ANICETO, B.A. **Pela Abstinência do Falo: um estudo das esposas atenienses na comédia antiga**. Curitiba: CRV, 2020, p.114-115.

ela era importante para organização de sua sociedade. Porém, a grande maioria das pesquisas sobre gênero na Grécia Antiga não discutem as relações de gênero, masculinidades e feminilidades de outras *poleis*.

Admite-se o atenocentrismo, mas não há uma mudança de perspectiva. Entendemos a dificuldade para elaborar um panorama das mulheres e homens para além de Atenas, principalmente das mulheres, já que não há documentações textuais de outras *poleis* gregas que se atentem, exclusivamente, aos seus comportamentos. Mas, ao nos depararmos com um relato tão diverso em *Histórias* e com um mundo tão interligado por suas redes de contato, como discutido no segundo capítulo, nos perguntamos se outros autores antigos também citam essas mulheres e somos nós pesquisadores que não estamos fazendo o mapeamento necessário para compreendermos melhor o que significava ser mulher e ser homem na Grécia Antiga. Heródoto nos mostra, portanto, uma possibilidade de repensarmos tanto o mundo grego e suas conexões, quanto as relações entre os indivíduos de diferentes *poleis*.

4.2. As mulheres persas de Heródoto: problemáticas e desafios

Da mesma maneira que, ao pensarmos as mulheres e os homens gregos, precisamos ter em mente que estamos nos referindo a uma pluralidade de categorias relacionadas aos femininos e masculinos, devemos também estar imbuídos das mesmas considerações ao analisar a sociedade persa. Há uma probabilidade maior de recorrermos a generalizações quando analisamos um povo sobre o qual temos à disposição um número menor de informações²⁸⁷. Por isso, enfatizamos que o relato que possuímos sobre os persas derivam em sua grande maioria de documentações textuais gregas e, portanto, são seleções e representações do que os gregos queriam mostrar sobre o outro aos seus conterrâneos helenos²⁸⁸ e como entendiam a si mesmos.

É preciso pontuar também que, nem todas as mulheres persas que aparecem em *Histórias* pertencem ao nosso catálogo. Como visto no terceiro capítulo, há poucas mulheres originárias diretamente da Pérsia que o compõe²⁸⁹. Diante disso, como podemos ter como

²⁸⁷ SANCISI-WEERDENBURG, Heleen. Exit Atossa: images of women in Greek historiography on Persia. *Oxford readings in Classical studies. Herodotus*, v. 2, p. 135-149, 1983, p.20-21.

²⁸⁸ BROSIOUS, M. *Women in Ancient Persia*. Oxford: CLAREDON PRESS, 1998, p.2-3.

²⁸⁹ Atentamos para o fato que consideramos as gregas da Ásia Menor ou localidades que estavam sob domínio persa como pertencente ao âmbito persa e que, portanto, possuem descrições semelhantes às persas.

hipótese principal que as mulheres gregas e persas são colocadas no mesmo patamar de atuação quando relacionadas a conflitos?

Primeiramente, vale ressaltar que a função de nosso catálogo não é quantificar o número de gregas e persas que são representadas, mas organizar o discurso herodotiano, a fim de, facilitar a visualização, bem como para saber quem são essas mulheres e como elas são representadas junto aos personagens masculinos próximos delas. Dessa maneira, pouco importa se há mais gregas do que persas, uma vez que, quando há o relato de persas atuando no âmbito bélico e político, elas são representadas agindo da mesma maneira que as helenas. Ademais, como visto no tópico anterior com a relação feita entre a grega Feretima e as persas Artainte e Amestris, há personagens persas que não foram incluídas na nossa catalogação por não influenciarem diretamente nas Guerras Grego-Pérsicas, entretanto, não deixam de possuir características parecidas com algumas mulheres gregas.

Sobre a presença de mais gregas do que persas em *Histórias* há algumas observações importantes: Heródoto é um cidadão grego, logo, não nos surpreendemos ao notar que haja uma maior quantidade de personagens helenos do que de outras etnias. Uma segunda questão que pode ter influenciado em sua narrativa diz respeito a poucos registros Aquemênidas que relatem a presença de mulheres, o que torna o relato herodotiano sobre essas mulheres baseado, principalmente, na oralidade.

De acordo com Heleen Sancisi-Weednburg, as inscrições reais Aquemênidas não mencionam mulheres mortais, citam apenas a deusa Anahita. Porém, o passado mitológico da deusa e suas funções são muito enigmáticos, logo, seria difícil rastrear aspectos da posição da mulher na sociedade iraniana a partir da sua imagem²⁹⁰. Nem mesmo nas inscrições sobre o reinado de Xerxes e nas tabuinhas do período de 509-493 a.C. há alguma informação sobre mulheres. Havia esperança de encontrar menções sobre Atossa nessas inscrições, uma vez que, segundo Heródoto, ela era filha de Ciro I, esposa do rei dos reis Dario, mãe do Grande Rei Xerxes, dessa forma, era possivelmente uma mulher que detinha muita influência na corte persa²⁹¹.

Conforme Sancisi-Weednburg ainda, nas figuras de Persépolis as imagens femininas também estão ausentes. Há apenas algumas menções às mulheres na administração do palácio de Persépolis, assim como em algumas das tabuinhas da mesma localidade, as quais

²⁹⁰ Op.cit., p. 22-23.

²⁹¹ **HERÓDOTO**. 7.3. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

informam porções de mantimentos extras para trabalhadoras após o parto como forma de prêmios. Percebe-se que essas porções possuem variações: as mães com bebês do sexo masculino recebiam o dobro do valor do que aquelas que deram à luz a bebês do sexo feminino²⁹². No entanto, a historiadora Irene Madreiter ressalta que, não há indícios que as meninas eram mortas, visto que os números registrados nas tabuinhas mostram que havia um equilíbrio entre bebês de ambos os sexos²⁹³.

Concordamos com o historiador Lloyd Llewellyn-Jones ao pontuar em seu livro que a ausência da imagem da mulher persa nas artes oficiais do palácio não deve ser confundida com uma reclusão social das esposas à sociedade. Para Llewellyn-Jones, a questão pode ser explicada através da relação de visibilidade e honra social. Por esse motivo, as mulheres não seriam vistas tão facilmente na vida real e em obras artísticas de grande escala²⁹⁴. Se não temos relatos persas que discutem os ideais que eram esperados às atitudes femininas, como relacionar essa ausência à honra social? Acreditamos que as mulheres persas circulavam em suas sociedades, porém, ressaltamos que é preciso ter cuidado para não atribuímos ao passado informações que os documentos não nos fornecem.

Segundo Pierre Briant, a invisibilidade das imagens de mulheres na arte da corte persa e nas inscrições oficiais não é algo surpreendente, visto que esses registros relacionam-se a propagandas dos governos²⁹⁵. Retomamos o argumento do Otávio Luiz Vieira Pinto, no qual o autor aponta que a história oficial do Oriente Próximo é uma narrativa da retórica de poder, de vitórias e feitos do rei dos reis, logo, a imagem do Grande Rei deveria sobressair²⁹⁶. Portanto, talvez seja por isso que suas esposas, mães e filhas não tenham sido retratadas nas inscrições reais.

Apesar da impossibilidade de traçarmos um panorama da figura feminina diretamente dos documentos persas, isso não significa que a mulher esteja completamente ausente de todos os seus documentos. Ainda de acordo com Briant, existem alguns selos e pedras

²⁹²SANCISI-WEERDENBURG, Heleen. Exit Atossa: images of women in Greek historiography on Persia. **Oxford readings in Classical studies. Herodotus**, v. 2, p. 135-149, 1983, p.23.

²⁹³MADREITER, I. Gender and Sex. **A companion to the Achaemenid Persian Empire**, v. 2, p. 1121-1137, 2021., p.5.

²⁹⁴LLEWELLYN-JONES, L. **King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BCE**. Edinburgh University Press, 2013, p. 104.

²⁹⁵BRIANT, P. **From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire**. Penn State Press, 2002, p.285

²⁹⁶PINTO, O. L. V.. Um Conto tão Antigo como o Tempo. Construção do Passado e Ideologia Imperial na Pérsia Sassânida. **OP SIS**, v. 18, n. 1, 2018, p.9.

preciosas que retratam imagens de princesas na corte Aquemênida²⁹⁷ e, mesmo que as tabuinhas de Persépolis possuam informações majoritariamente burocráticas, através delas é possível rastrear algumas percepções sobre as mulheres²⁹⁸.

Iniciamos o tópico pontuando essas problemáticas, visto que, ao discutir de sociedades diferentes, precisamos distinguir as suas particularidades para evitar generalizações e preconceções. A discussão sobre a presença das mulheres em fontes Aquemênidas - sejam elas textuais, iconográficas ou arqueológicas – não tem como objetivo desacreditar o que Heródoto registrou sobre as mulheres persas, mas contextualizar que as informações que temos são representações gregas sobre a sociedade persa, as quais transmitem mais concepções sobre a Grécia do que sobre a Pérsia propriamente dita. Além disso, ressaltamos que, por vezes, os historiadores focam tanto em rastrear o papel das mulheres na sociedade que se esquecem do caráter relacional. Para entender como um povo organizava-se é necessário que olhemos para os ideais de feminilidades e masculinidades que estavam presentes nessa sociedade.

Ao descrever a história do império persa e sua formação, Heródoto retrata os costumes mostrando o que era esperado dos homens. No entanto, ao fazer tais afirmações conseguimos entender o que era esperado também das mulheres, portanto, vemos o caráter relacional nas seguintes observações:

(...) Além disso, têm relações sexuais com os meninos, porque aprenderam isso com os helenos. E casam-se cada um deles, com muitas mulheres legítimas e ainda adquirem muito mais concubinas.

E a bravura própria é aprovada, depois ser corajoso em combate. O que é recebido favoravelmente é ter muitos filhos; para aquele que mostra a maior quantidade deles, o rei lhe envia presentes todo ano; consideram que a quantidade é um tipo de força. Educam seus filhos, começando a partir dos 5 anos até os 20 para somente três coisas: cavalgar, usar arco e flecha e dizer a verdade. Antes de atingirem os 5 anos de idade, não são levados à vista do pai, mas vivem com as mulheres; fazem isso assim, por causa disto: para que, se eles morrerem durante a criação, nenhum desgosto recaia sobre o pai.

Louvo esse costume²⁹⁹.

A partir do excerto citado, conseguimos identificar cinco aspectos importantes para serem desenvolvidos. Primeiramente, é possível perceber como Heródoto reflete sobre os

²⁹⁷ Op. cit., p.285-286. Para mais informações sobre a imagem das mulheres persas nos selos e pedras preciosas ver o trabalho de Llewellyn-Jones: LLEWELLYN-JONES, L. The big and beautiful women of Asia: Picturing female sexuality in Greco-Persian seals. In: **The World of Achaemenid Persia**. IB Tauris, 2010. p. 165-176.

²⁹⁸ MADREITER, I. Gender and Sex. **A companion to the Achaemenid Persian Empire**, v. 2, p. 1121-1137, 2021.

²⁹⁹ **HERÓDOTO**.1.135-137. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). **Histórias: livro I, Clío**, São Paulo: EDIPRO, 2015.

costumes que os gregos possuem ao falar dos outros. Não sabemos se os persas realmente aprenderam com os helenos o costume de ter relações sexuais com os meninos, ou se essa é uma reflexão do autor grego sobre seus próprios costumes. Independentemente, a relação sexual de homens com os meninos mais jovens mostra um caráter hierárquico da sociedade.

Em relação à posse de muitas mulheres e concubinas, Heródoto menciona esse costume algumas vezes durante sua obra: ao descrever uma das versões da razão pela qual os persas invadiram o Egito, são mencionadas as várias mulheres e concubinas de Ciro³⁰⁰; ao narrar como Dario tornou-se rei dos reis coloca como protagonista uma das esposas do falso rei como responsável por desmascará-lo e comenta sobre a relação de Dario com as suas outras esposas³⁰¹; e no momento que narra a declaração oficial de Dario como rei dos reis da Pérsia e de seus territórios, menciona o nome das esposas que estavam casadas com o governante anterior e que agora seriam as suas esposas:

E Dario realizou seus casamentos entre os mais importantes persas, com duas filhas de Ciro: Atossa e Artístene; Atossa havia se casado antes com seu próprio irmão Cambises, e novamente com o mago, enquanto Artístene era virgem; e ele casou-se com outra filha de Esmédis, filho de Ciro, cujo nome era Pármis; e ainda desposou a filha de Otanes, que fez a revelação sobre o mago³⁰².

Para além da descrição de um costume persa, a ênfase em possuir muitas mulheres pode ser interpretada como uma estratégia para ilustrar a onipotência do governante. Já que possuir muitas mulheres demonstra a imagem de um governante sexualmente ativo que é capaz de gerar muitos filhos³⁰³, uma das virtudes masculinas que, de acordo com Heródoto, é valorizada pelos persas.

Sobre as virtudes que eram esperadas de um homem persa, além de possuir muitos filhos, o autor heleno cita a bravura e a coragem em combate. Neste aspecto, é interessante notar que, em alguns momentos ao longo das *Histórias*, percebemos que Heródoto utiliza-se da contraposição com o sexo feminino para mostrar que o persa não tinha um bom desempenho em ambientes bélicos. O interessante é que nosso autor não expõe esses

³⁰⁰ **HERÓDOTO**.3.2-3. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro 3*, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017.

³⁰¹ **HERÓDOTO**.3.68. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro 3*, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017.

³⁰² **HERÓDOTO**.3.88. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro 3*, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017.

³⁰³ MADREITER, I. *Gender and Sex. A companion to the Achaemenid Persian Empire*, v. 2, p. 1121-1137, 2021, p.10.

comentários como a sua opinião, mas como se os personagens persas que estão presentes no relato que tivessem falado daquela maneira.

Destacamos três vezes em que vemos os persas utilizando o substantivo mulher como um adjetivo pejorativo: Xerxes diz que “Meus homens se transformaram em mulheres e minhas mulheres em homens”³⁰⁴, quando a Artemisía se destaca na Batalha de Salamina; no livro 9, também durante a Batalha de Salamina, quando a cavalaria persa avança contra os helenos e sobressai-se positivamente, esses cavaleiros chamam seus oponentes de mulheres³⁰⁵; e depois, também no livro 9, há uma fala de Masistes, filho de Dario, ao comandante Artaintes após a derrota contra os helenos, na qual Masistes diz que o comandante tinha provado ser pior do que uma mulher por ter comandado o exército daquela maneira. Heródoto complementa que “o pior dos insultos na Pérsia era ser chamado de pior do que uma mulher”³⁰⁶.

Tais falas a respeito da inferioridade feminina são feitas sempre pelos persas no discurso herodotiano. Considerando que *Histórias* foi apresentada ao público grego, instigamos qual teria sido a função de menosprezar a imagem da mulher e ao mesmo tempo mostrá-la como possuidora de tamanha influência nos ambientes bélicos. Dessa maneira, visualizamos que Heródoto diferencia como os homens gregos e os homens persas entendiam suas sociedades, pois, enquanto os persas relacionam o fato de ser uma mulher como algo inferior, não identificamos essa correspondência nas falas de homens gregos.

Sobre as virtudes femininas esperadas na sociedade persa temos menos informações expostas de maneira direta no discurso herodotiano. Além da questão da maternidade expressa como a responsabilidade da mulher de cuidar e manter os filhos vivos até os cinco anos, mencionada no trecho citado no início deste tópico, não temos muitas referências. A passagem que afirma que os filhos “não são levados à vista do pai, mas vivem com as mulheres”³⁰⁷ sugere que as esposas possuíam um espaço somente delas, Heródoto menciona algumas vezes que

³⁰⁴ **HERÓDOTO.** 8.88. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³⁰⁵ **HERÓDOTO.** 9.20. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³⁰⁶ **HERÓDOTO.** 9.107. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories.** Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³⁰⁷ **HERÓDOTO.** 1.136. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.

as esposas do rei dos reis possuíam um recinto separado³⁰⁸. Essa informação, aliada ao costume dos reis persas possuírem muitas mulheres faz com que alguns pesquisadores questionem a existência do harém no período Aquemênida.

Llewellyn-Jones argumenta que a palavra “harém” é derivada do árabe *ha'ram* e significa “proibido” ou “tabu”, referindo-se, portanto, a um espaço em que o acesso era proibido ou limitado e no qual a presença de alguns indivíduos ou certos comportamentos eram proibidos. Ao tentar achar comparativos no persa antigo o autor sugere alguns termos similares: o termo *xšapā.stāna* que significa “lugar em que se passa a noite”; o termo *viθ* usado por Dario I em suas inscrições para referir-se ao senso triplo de dinastia, casa (palácio) e família, que pode ter sido usado para descrever o harém em seu sentido de espaço e grupo de pessoas; e a palavra *tacara* que significa “suíte de quartos”. Entretanto, concordamos com o historiador ao afirmar que é impossível dizer com certeza se os termos eram correspondentes³⁰⁹. Importante frisar que Heródoto fala sobre recinto das mulheres, mas não utiliza a palavra “harém” em seu texto. No entanto, como veremos a diante, esse não é o principal problema ao utilizar o termo para nos referirmos às esposas dos Grandes Reis.

Mesmo que haja a impossibilidade de saber se os termos citados eram utilizados da mesma maneira que a palavra harém, Llewellyn-Jones defende a sua utilização para referir-se as mulheres da corte persa, pois acredita que é o termo mais apropriado para descrever a composição doméstica e a ideologia de gênero do pátio interno persa³¹⁰. A problemática da utilização do termo, porém, é a carga hipersexualizada que foi criada em torno de seu significado e sua referência a um tipo de harém característico do Império Otomano.

Dessa maneira, concordamos com a assirióloga Agnès Garcia-Ventura ao argumentar que todas as palavras possuem conotações, porém que podemos evitar o uso daquelas que são mais carregadas, tal como harém que atribui uma imagem sexual ao feminino³¹¹. Zainab Bahrani complementa que o uso do harém como instituição da Antiguidade denota uma concepção orientalista definida por Edward Said, na qual os estudiosos consideram o Oriente

³⁰⁸ **HERÓDOTO**.1.189. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.; **HERÓDOTO**.3.2-3; 3.68. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro 3, Tália*, São Paulo: EDIPRO, 2017.

³⁰⁹ LLEWELLYN-JONES, L. **King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BCE**. Edinburgh University Press, 2013, p. 96-98.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 102.

³¹¹ VENTURA-GARCIA, A. *Defining Collectives: Materialising and Recording the Sumerian Workforce in the Third Dynasty of Ur*. In: HILGERT, M. (org.). **Understanding Material Text Cultures: A Multidisciplinary View**. Berlim/Boston : Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2016, p.13-15.

Próximo como um mundo estático e imutável³¹². Levando em conta as acepções e com o intuito de abarcar a heterogeneidade das esposas, não utilizaremos tal conceito em nossas análises das mulheres persas.

Nesse sentido, percebemos que Heródoto faz algumas distinções entre as mulheres persas e as gregas, visto que, o autor não comenta, em nenhum momento, que as helenas também possuíam diversos maridos. Entretanto, mesmo com características culturais diferentes, a função social atribuída a elas é a mesma, a saber, de mantenedora da ordem política e social de suas respectivas sociedades.

Assim como acontece com as mulheres gregas que catalogamos em *Histórias*, a maioria das mulheres persas (ou as gregas que estavam em territórios dominados por persas) que analisaremos no próximo tópico são esposas, filhas ou mães de governantes persas ou no caso de Atossa e de Fédime, esposas do rei dos reis, portanto, também possuem um *status* social elevado. Há apenas um caso em que a mulher persa é uma escrava, no entanto, ela é representada atuando da mesma maneira que aquelas que estão diretamente relacionadas a governantes, a saber, aconselhando o seu marido (um boiadeiro) a salvar um bebê, o qual o boiadeiro deveria matar (o bebê se tornaria o rei dos reis Ciro)³¹³. Isso nos mostra uma função de mantenedora da ordem política social atribuída ao feminino associada, principalmente, às esposas, sejam essas mulheres gregas ou persas.

No próximo tópico, analisaremos os casos do nosso catálogo, a fim de demonstrar como as mulheres atuavam em ambientes bélicos e como visualizamos a atribuição de conselheira e mantenedora conectada à função de veículo de alerta. Dessa forma, nos momentos de conflito, são as mulheres que advertem as consequências, os perigos e desafios que o confronto oferece para *pólis* ou para o poderio persa. Tentaremos demonstrar como o discurso de um Cidadão do Mundo possui uma lógica funcional ao colocar as gregas e as persas no mesmo patamar de atuação, com o intuito de exemplificar como a sua sociedade organizava-se através da complementariedade dos gêneros.

³¹² BAHRANI, Z. **Women of Babylon: Gender and Representation in Mesopotamia**. Londres : Routledge, 2001, p.16.

³¹³ **HERÓDOTO**. 1.110-113. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.

4.3. As mulheres gregas e persas de Heródoto: conselheiras, guerreiras e influenciadoras

Com objetivo de sistematizar a análise dos casos pertencentes a nossa documentação, iremos dividir nossa interpretação por blocos de atuação, de acordo com as divisões que fizemos em nosso catálogo. Por vezes, relacionaremos casos de blocos diferentes, mas que possuem similaridades. Iniciaremos com as mulheres pertencentes ao bloco *Mulheres que atuam em conflitos a partir de sugestões masculinas*, o qual possui 3 casos que o compõe; em seguida, discutiremos os casos referentes à *Mulheres que atuam em conflitos por conta própria: conselheiras e alerta de conflitos*, no qual temos 13 casos; continuaremos com as *Representações e uso da figura da mulher em conflitos* com a análise dos 6 casos pertencentes a essa esfera; e por último, faremos uma análise dos 22 casos sobre a atuação da *Pítia – sacerdotisa de Delfos*. Visto que trabalhamos com 44 casos e os mesmos estão expostos no capítulo 3, não iremos descrever todos eles, e sim tentar demonstrar como, a partir de nossa sistematização, é possível visualizar a atuação do(s) feminino(s) em complementariedade ao masculino(s).

Mulheres que atuam em conflitos a partir de sugestões masculinas

No decorrer da obra *Histórias*, vemos diferentes tipos de atuação feminina em âmbitos bélicos. Coincidentemente ou não, os únicos casos em que temos mulheres agindo a partir de sugestões masculinas estão concentrados no livro 3. Sabemos que a divisão da obra herodotiana foi realizada posteriormente, mas achamos interessante que esses três casos estejam próximos em seu discurso. De acordo com Maria Aparecida de Oliveira Silva, o terceiro livro de Heródoto relata a história da Pérsia e pode ser dividido em três momentos distintos: o início do livro registra a expansão do Império Persa movidas pelas intenções do rei dos reis Cambises II entre 559-530 a.C., depois temos a narrativa da tomada do poder persa pelos magos persas liderados por Esmédis e, por fim, temos a reconstituição do que foi o reinado de Dario³¹⁴. Cada caso deste tópico está presente em um desses momentos, o que parece representativo para nós.

No contexto da expansão do Império Persa e dos conflitos que ocorriam concomitantemente no mundo grego, temos a atuação filha do tirano Periandro da *pólis* de Corinto. A mulher grega não é identificada através de seu nome, mas pelo o seu nível de parentesco com aquele que detém o poder (veremos que essa é uma prática comum no

³¹⁴ SILVA, M. A. de O. (trad.). Introdução. **Histórias**: livro 3, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017, p.7-25.

discurso herodotiano). O caso insere-se na dimensão de conflitos de gregos *versus* gregos, pois relata problemas internos da *pólis*, a saber, a sucessão da tirania para um dos filhos de Periandro.

A história aparece em uma digressão herodotiana sobre a guerra que os lacedemônios realizavam contra Samos, uma colônia grega, enquanto Cambises organizava uma expedição militar contra o Egito. Os coríntios intervêm no conflito contra Samos, é, neste momento, que Heródoto começa a relatar as problemáticas internas que ocorriam em Corinto, através das quais o caso analisado desenvolve-se³¹⁵. Periandro, com idade já avançada, decide reconciliar-se com o filho mais novo (Lícofron), visto que o mais velho não possuía inteligência para ocupar os assuntos políticos. O filho havia fugido para Cócira após descobrir que o pai havia matado sua mãe (Melissa). Depois de realizar diversas tentativas de contato com o filho, Periandro recorre a sua filha, pois acredita que Lícofron poderia ser convencido por ela³¹⁶.

A fala da filha que foi instruída pelo pai sobre quais “palavras mais persuasivas que ela deveria dizer para convencer seu irmão”, tem um caráter político forte sobre a permanência do poder na dinastia familiar e sobre as características da tirania:

“- Ó menino, desejas mais que a tirania caia nas mãos de estranhos e a casa de nosso pai seja saqueada que tu mesmo retornes para tomar posse de seus bens? Retorna para o nosso palácio, para de punir-te com esta pena. A obstinação é uma aquisição funesta; não cures o mal com o mal. Muitos preferem a equidade à justiça. Muitos já abandonam as coisas paternas por procurarem as maternas. A tirania é uma coisa incerta, muitos são os amantes dela, mas nosso pai já está envelhecendo e com a idade avançada; não dês os teus próprios bens a estranhos”³¹⁷.

Através do trecho supracitado, podemos ver a mulher grega atuando como conselheira. Atentamos para o fato que ao precisar de um recurso final para persuadir o filho, Periandro recorre a uma mulher. Mesmo que instruída sobre o que deveria falar, acreditamos que é muito simbólico que a figura feminina seja utilizada para realizar uma conciliação³¹⁸ e, portanto, manter a ordem política naquela *pólis*. Diferentemente da maioria dos nossos casos catalogados, a filha de Periandro não alcança o objetivo esperado, isto é, o retorno do irmão para Corinto. Visualizamos que a persuasão da mulher não foi eficiente através da

³¹⁵ HERÓDOTO.3.40-60. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). Histórias: livro 3, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017.

³¹⁶ HERÓDOTO.3.53. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). Histórias: livro 3, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017.

³¹⁷ Pontuamos que a reproduzimos as aspas estão presentes no trecho da documentação para sinalizar que a fala feminina. HERÓDOTO.3.53. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). Histórias: livro 3, Tália, São Paulo: EDIPRO, 2017

³¹⁸ Para mais exemplos de mulheres atuando como conciliadoras e em busca da paz ver: MITCHELL, L. Peace, War and Gender. In.: AGER, S. ed. **A Cultural History of Peace**. London: Bloomsbury, 2020.

continuação da história, o tirano manda um arauto dizendo que está indo ao encontro do filho em Cócira, Heródoto diz que este último já estava indo ao seu encontro, porém com a descoberta dos fatos pelos corciceus Lícofron é morto, causando a vingança de Periandro contra esse povo.

O segundo caso dessa esfera do catálogo está no âmbito de conflitos entre persas *versus* persas, pois ocorre no contexto em que Dario torna-se o Grande Rei. Fédime é apresentada, primeiramente, como filha de Otanes, um descendente da família Aquemênida e, portanto, alguém que possuía *status* social elevado na sociedade persa, uma vez que aqueles que estavam mais próximos ao rei dos reis detinham maior prestígio no Império Aquemênida³¹⁹. Otanes desconfiava que aquele que governava a Pérsia após a morte de Cambises não era o irmão do rei dos reis. Diante disso, ele decide entrar em contato com sua filha para que descobrisse quem era o homem com quem ela se deitava. Otanes havia dado Fédime em casamento a Cambises e, dessa maneira, ela havia se tornado uma das mulheres do suposto rei.

No desenrolar da história, Fédime diz não ter conhecimento se dormia com o verdadeiro ou falso Esmérdis, filho de Ciro. Assim, seu pai a instrui a perguntar à Atossa sobre o assunto, pois, ela não era apenas uma das esposas do rei dos reis, ela era também filha de Ciro. Logo, ela saberia reconhecer se o homem com o qual se relacionava era ou não o seu irmão. Ao relatar que não poderia conversar nem com Atossa nem com qualquer uma das esposas, Otanes a orienta da seguinte maneira:

“ – Filha, tu deves, como uma bem-nascida, submeter-se ao perigo, ao qual seu pai te ordena assumir; pois, se de fato não é Esmérdis, filho de Ciro, mas quem eu suponho que seja, ele certamente não deve coabitar contigo e não deve ter o poder sobre os persas e escapar impunemente, mas deve sofrer uma punição. Agora, portanto, faze o seguinte: quando te deitares com ele e perceberes que ele está em sono profundo, apalpa as orelhas dele. E se ele mostrar que tem orelhas, consideres que ele é teu Esmérdis, filho de Ciro, com que tu tens relações sexuais; mas, se ele não as tiver, tu consideres que se trata do mago Esmérdis”³²⁰.

A filha-esposa reconhece que poderia ser morta se a trama fosse descoberta, mas pelo bem da Pérsia, decide que iria agir da maneira como foi instruída e, tal como esperado por Otanes, descobre que o homem com quem dormia era o mago e não o irmão de Cambises. Neste caso, o papel feminino não é o de conselheira, mas, assim como a coríntia discutida

³¹⁹MADREITER, I. Gender and Sex. *A companion to the Achaemenid Persian Empire*, v. 2, p. 1121-1137, 2021, p. 1-2.

³²⁰HERÓDOTO.3.69.In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro 3, Tália*, São Paulo: EDIPRO, 2017.

anteriormente, visualizamos a mulher como responsável pela manutenção da ordem política e social. O *status* elevado não apenas facilita a sua influência e a possibilidade de atuar na sociedade que está inserida, mas é uma responsabilidade que ela precisa cumprir por possuir tal posição.

Como discutido no início desse capítulo e como demonstraremos ao longo da análise dos casos, na maioria das narrativas que catalogamos, as mulheres estão relacionadas a governantes e ocupam um lugar elevado na sociedade, seja grega ou persa. A partir da fala de Otanes e da semelhança entre as funções sociais realizadas por ambas as mulheres mencionadas acima, interpretamos que Heródoto nos mostra atitudes esperadas das esposas ou filhas de sua sociedade quando possuem uma posição social de destaque. Além disso, o autor grego demonstra que em um bom governo necessita da atuação do masculino e do feminino complementando-se.

O último caso que compõe esse tópico, já foi mencionado e interpretado no capítulo um de nossa dissertação, portanto, faremos aqui somente algumas observações para evidenciarmos como os três casos relacionam-se. O caso ocorre durante a reconstituição dos fatos concernentes ao reinado de Dario e tem como protagonista Atossa, uma de suas esposas, que após ser curada por um médico grego, o ajuda a retornar para Grécia. A esposa persa é instruída por seu médico e aconselha Dario a invadir a Hélade.

Diferente dos casos anteriores, a dimensão desse conflito é entre gregos *versus* persas. Embora a influência de Atossa seja enfatizada em diversos momentos, a característica do feminino como mantenedor não é tão presente. Podemos perceber a sua capacidade de persuasão de Atossa no livro 7, quando Xerxes reclama a sucessão do trono para si e Heródoto diz que, independente dos argumentos, Xerxes se tornaria rei, “pois Atossa exercia completa influência”³²¹.

Ressaltamos também que, levando em consideração que o objetivo de Heródoto é expor e compreender os motivos pelos quais gregos e bárbaros guerrearam uns contra os outros³²², acreditamos que analisar os conflitos de gregos *versus* gregos, persas *versus* persas e gregos *versus* persas, nos quais as mulheres desempenham um papel importante como conselheiras bélicas, ajuda-nos a compreender como os indivíduos de sociedades permeadas

³²¹ **HERÓDOTO**. 7.3. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³²² **HERÓDOTO**. 1.1. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). **Histórias: livro I, Clio**, São Paulo: EDIPRO, 2015.

por guerras organizavam-se. Ademais, ao relatar o que estava ocorrendo na Hélade e na Pérsia, Heródoto mostra aspectos que facilitaram ou dificultaram o desempenho de cada povo no confronto Greco-Persa. Acreditamos que Heródoto reconstrói, a partir desses relatos das problemáticas encontradas em cada região, o percurso histórico para explicar as causas do conflito principal, as falhas ou qualidades que cada etnia possuía e como elas auxiliaram para que cada povo se sobressaísse ou não nas Guerras.

Mulheres que atuam por conta própria: conselheiras e alerta de conflitos

Nesse tópico do catálogo temos mulheres que se espalham ao longo de toda *Histórias*. As conselheiras e as mulheres que desempenham a função de alerta de conflitos que atuam sem a instrução de personagens masculinos só não aparecem nos livros 2 e 3. Vale ressaltar que das 13 mulheres que compõem este bloco, 8 são gregas (a espartana Gorgo aparece duas vezes em livros diferentes), 2 são persas e 3 são gregas de *poleis* que estão sob o domínio persa, portanto, atuam em um âmbito persa (Artemísia, originária de Halicarnasso, também é catalogada duas vezes por aparecer em livros diferentes). Por serem muitos casos, nos atentaremos a dois para expormos como essas mulheres atuam, sejam gregas ou persas.

No contexto das Revoltas Iônicas no quinto livro, destacamos a conselheira espartana Gorgo. A grega é filha de Cleômenes, governante de Esparta, e segundo Heródoto, tinha por volta de oito ou nove anos de idade. Aristágoras, tirano de Mileto, convocava *poleis* para se unir a ele na Revolta Iônica contra os persas. Enquanto estavam negociando, a criança aparece e o fato é narrado da seguinte maneira:

E porque Clômenes estava recusando isso, Aristágoras avançava acrescentando dinheiro, até o ponto em que oferecia a quantia de cinquenta talentos, também a criança gritou: “Pai, o estrangeiro te corromperá se não fores para longe dele”. E então, Cleômenes se alegrou com a advertência da criança e foi para o outro recinto, e Aristágoras abandonou por completo Esparta, sem nem mesmo ter podido ainda acrescentar informações sobre o caminho de navegação de lá até a corte do Rei³²³.

Interpretamos o conselho de Gorgo para que seu pai não se una a Aristágoras também como um alerta de conflito, portanto, neste caso, temos a mulher agindo em dois âmbitos que o feminino herodotiano como mantenedor pode atuar. Interessante notar que independente da idade da mulher o que a impele a agir é a sua posição social privilegiada, novamente³²⁴.

³²³ **HERÓDOTO**. 5.51. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro V*, Terpsícore, São Paulo: EDIPRO, 2020.

³²⁴ Outro caso em que Heródoto enfatiza a posição social da mulher espartana está localizado no livro 4, as mulheres são filhas de espartanos importantes e aparecem como passíveis de agir a favor dos seus maridos que

Gorgo é também representada atuando em um momento decisivo da Guerra Greco-Persa no livro 7. Neste momento, além de ser apresentada como filha de Cleomenes, ela é narrada como a esposa de Lêonidas, um guerreiro espartano que se destaca em uma das guerras contra os persas.

Nessa segunda aparição, a filha-esposa espartana é responsável por descobrir como desvendar a mensagem que o espartano Demarato enviou enquanto estava exilado entre os medos, enviou para avisar que Xerxes decidiu marchar contra a Hélade³²⁵. A sua atuação é de proeminente importância, visto que, a partir da ação de Gorgo, os espartanos seriam os primeiros a serem informados que o Grande Rei estava preparando-se para lutar contra os gregos. Ambos os casos estão inseridos na dimensão de conflitos entre gregos *versus* persas, sendo que o primeiro pertence também no âmbito de gregos *versus* gregos, pois se refere a duas *poleis* que discutem o que fazer em relação à Revolta Iônica.

O caso de Artemísia, uma mulher grega lutando pelo lado persa, pode ser comparado com o da Gorgo em algumas esferas. A figura de Artemísia já foi explorada no primeiro capítulo, adicionamos aqui somente que, assim como Gorgo, ela aparece em dois livros e desempenha mais que uma função. A saber, a conselheira do rei recomenda a Xerxes sobre o que fazer após a Batalha da Eubéia e como proceder na Batalha de Salamina. Ademais, ela luta e comanda navios durante a Guerra e, se considerarmos que seus conselhos são relativos ao que poderia ocorrer com o poderio persa e com o próprio Grande Rei, ela também exerce a função de alerta de conflitos.

Há ainda dois casos em que as ações femininas resultam na salvação de futuros governantes. O primeiro caso está no livro 1 de *Histórias*, a mulher é apresentada como Cino (segundo a língua dos helenos) ou Espaco (conforme a dos medos). Importante destacar que, seu nome refere-se a sua estratificação social de escrava e seu conselho é responsável por salvar a vida do futuro rei persa Ciro³²⁶. O segundo caso com a mesma temática está no livro

estão presos por conta de seu status social. Para mais informações consultar no capítulo 3 o caso do livro 4. Cap. 146. inserido em *Mulheres que atuam em conflito por conta própria: conselheiras e aleta de conflito*.

³²⁵ HERÓDOTO. 7.239. In: GODLEY, A.D. (trad.) **Herodotus: The Histories**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³²⁶ O caso foi discutido com mais atenção no capítulo 2. HERÓDOTO. 1.111-113. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.

5 e refere-se a Labda, a filha coxa de um dos governantes da oligarquia dos Baquíadas de Corinto, responsável por salvar seu filho Cípselo, futuro tirano de Corinto³²⁷.

Tal como Cino, Labda tem o nome relacionado à sua situação social. De acordo com Silva, o nome Labda deriva da antiga grafia da letra lambda (λ), dessa forma, assim como a letra lambda, a mulher possuía uma perna maior que a outra³²⁸. Enquanto Cino salva Ciro através do conselho dado ao seu marido boiadeiro, Labda salva Cípselo de um possível assassinato o colocando dentro de uma caixa. A partir dos casos de Cino e Labda, em que a primeira é persa, enquanto a segunda é grega, é possível visualizar a polivalência de Heródoto, mulheres de realidades completamente diferentes, mas que são representadas no mesmo patamar de atuação.

Representação e uso da figura da mulher em conflitos

Os casos pertencentes a essa subdivisão do catálogo possuem algumas peculiaridades se comparados com os restantes. A figura feminina é utilizada por homens para que eles alcancem seus objetivos bélicos, ou seja, não temos a mulher atuando diretamente, mas a sua imagem de mantenedora, conselheira/sacerdotisa e guerreira sendo utilizada por personagens masculinos. Temos 2 casos na dimensão de gregos *versus* gregos e 4 casos na dimensão de gregos *versus* persas, portanto, é a única subdivisão que não possui casos na dimensão de persas *versus* persas.

Os dois casos da dimensão de gregos *versus* gregos complementam-se, uma vez que um diz respeito ao retorno do tirano Pisístrato a Atenas e o outro a sua expulsão de Atenas. No primeiro caso, temos o uso da figura de Fia, uma mulher ateniense sem *status* social mencionado. A ateniense é equipada com uma panóplia e colocada em um carro de guerra para simular que a deusa Atena em pessoa estava conduzindo o tirano de volta à *pólis*, da qual Pisístrato havia sido expulso³²⁹.

Vale ressaltar que essa é uma das poucas vezes que o feminino é relacionado com adjetivos concernentes à sua aparência sem que seu status social não seja revelado. Acreditamos que isso aconteça por Heródoto considerar que o plano tramado era tolo (o autor

³²⁷ **HERÓDOTO**. 5.92. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias*: livro V, Terpsícore, São Paulo: EDIPRO, 2020.

³²⁸ Referência 466 In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). **Histórias**: livro V, Terpsícore, São Paulo: EDIPRO, 2020, p.148.

³²⁹ **HERÓDOTO**. 1.60. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias*: livro I, Clio, São Paulo: EDIPRO, 2015.

deixa isso explícito em sua fala) e, sendo esse plano insensato, não há necessidade de expor quem era essa mulher, visto que ela não atua efetivamente na *pólis*. Ainda sim, achamos relevante que, mesmo que o feminino não atue de maneira ativa, sua imagem esteja relacionada com a guerra.

No episódio sobre a expulsão de Pisístrato, temos a figura de duas mulheres não nomeadas, porém com os *status* sociais definidos. No caso, Mégacles, tirano da dinastia Alcmeômida na *pólis* de Atenas, oferece sua filha em casamento para aliar-se a Pisístrato³³⁰. O último, por já possuir filhos e não querer ter filhos de descendência Alcmeômida, começa a manter relações sexuais fora do casamento. Segundo Heródoto:

no início, a mulher escondia isso, depois, quer tenha sido investigada, quer não, contou à mãe, e esta ao marido. E ele sentiu algo terrível por ter sido desonrado por Pisístrato. Pela cólera que tinha, reconsiderou sua inimizade com as facções. Quando soube das ações contrárias a ele, Pisístrato foi embora da região, partindo para Erétria³³¹.

A filha e a esposa de Mégacles são as responsáveis por repassar a informação que fará com que Pisístrato saia novamente de Atenas. Nesse sentido, mesmo que as mulheres não tenham seus nomes revelados e falas explicitadas no discurso herodotiano, elas são representadas ao lado de seu pai e marido como aquelas que podem ajudar a reestabelecer a ordem social e garantir que o tirano não seja desonrado.

Outro caso que merece destaque neste tópico diz respeito à sacerdotisa de Atenas que tem sua imagem relacionada à função de alerta de conflitos. A sacerdotisa é citada no livro 1 e no livro 8 como um fato curioso que ocorre entre os pedásios, povo que habitava uma região próxima à Halicarnasso. De acordo com Heródoto, “sempre que algo de mau agouro iria acontecer para eles, com eles mesmos ou com seus vizinhos, a sacerdotisa de Atenas ficava com uma grande barba; isso lhes aconteceu por três vezes.”³³². A imagem da sacerdotisa é um meio de avisar e preparar aqueles que habitavam a Pedasa que conflitos iriam ocorrer. Como veremos no próximo tópico, com a análise dos casos da Pítia, as sacerdotisas poderiam ocupar tanto o espaço de conselheiras quanto de alerta de conflitos na narrativa herodotiana.

³³⁰ O casamento aparece neste caso como forma de garantir uma aliança, vemos isso ocorrer também em outro caso do nosso catálogo quando o rei lídio oferece sua filha (Arienis) em casamento ao rei medo Astíages. Ver o caso no catálogo na subdivisão *Representação e uso da figura da mulher em conflitos*, livro 1 cap.74.

³³¹ **HERÓDOTO**. 1.61. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.

³³² **HERÓDOTO**. 1.175. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.

Pítia – sacerdotisa de Delfos

Já comentamos sobre a importância da dimensão religiosa e a recorrência das aparições da Pítia no primeiro capítulo. Como dito, se fôssemos considerar a quantidade de vezes que a sacerdotisa aparece durante a obra de Heródoto ela seria, sem dúvidas, a mulher mais importante nas *Histórias*³³³. Das quarenta e cinco vezes que a Pítia é citada, catalogamos vinte e duas ocorrências em que a sacerdotisa influencia diretamente nas Guerras Greco-Persas ou em conflitos anteriores às Guerras, mas que irão influenciar em seu decorrer. Dessas vinte e duas vezes, em treze vezes ela aparece sendo consultada sobre conflitos entre gregos *versus* gregos e nove sobre conflitos de gregos *versus* persas. Estrangeiros também poderiam consultar o oráculo de Delfos, entretanto, não temos casos em que persas consultam a Pítia. Outra questão importante é que as consultas eram sempre realizadas por homens. Das quarenta e seis vezes que a Pítia aparece, nenhuma vez Heródoto conta que uma mulher consultou a sacerdotisa.

Identificamos quatro circunstâncias principais relacionadas a conflitos em que a Pítia é consultada, nessas a sacerdotisa atua de maneiras semelhantes, quais sejam: conselheira dos lídios (durante o primeiro livro, vemos diversas vezes os reis lídios pedindo instruções e confirmações à sacerdotisa), problemas com o território (nesses casos, normalmente, a Pítia aparece recomendando a expansão/conquista de alguma localidade em específico); conselheira no contexto de tomada de decisões em conflitos bélicos e situações em que ela relembra quais são os valores da sociedade Helena que não devem ser transgredidos. Iremos analisar um caso de cada uma dessas dimensões.

Ao longo do primeiro livro, o rei lídio Creso recorre à Pítia para tomar diversas decisões ou confirmar informações sobre seu reinado. Antes de tornar a sacerdotisa a sua conselheira³³⁴, o rei decide testar a sua confiabilidade para saber se receberia uma resposta verdadeira quando perguntasse se deveria ou não entrar em conflito contra os persas:

Tendo registrado por escrito as palavras oraculares da Pítia, os lídios se retiraram e voltaram a Sárdis. Quando os outros, que também haviam sido mandados a diversos lugares, chegaram igualmente trazendo seus oráculos, Creso abriu e examinou cada um dos registros escritos. Alguns deles não o satisfizeram absolutamente, mas quando ouviu o oráculo vindo de Delfos ele o acolheu como exato e fez uma prece, considerando Delfos o único lugar verdadeiro de adivinhação, pois descobrira o que ele havia feito. Realmente, após mandar seus emissários aos oráculos Creso

³³³ Dewald, C.. "Women and culture in Herodotus' Histories." **Women's Studies: An Interdisciplinary Journal** 8.1-2 (1981), p.113.

³³⁴ Heródoto não afirma que o rei lídio a considera sua conselheira oficial, essa é uma aceção nossa devido à quantidade de vezes que o rei vai consultá-la.

imaginou e pôs em prática, no dia convencionado, o seguinte procedimento, que ninguém poderia imaginar ou conjecturar: cortou as carnes de uma tartaruga e de um cordeiro e ele mesmo as cozeu em um caldeirão de bronze coberto com uma tampa também de bronze³³⁵.

O excerto citado está no livro 1 no início da narrativa herodotiana. Acreditamos que essa prova de confiabilidade na parte inicial da sua obra tem como função justificar e mostrar que as palavras que a sacerdotisa irá profetizar ao longo de seu discurso têm credibilidade e devem ser levadas em consideração. Ainda que pertença a dimensão religiosa e, dessa maneira, possua um lugar institucionalizado na sociedade políade, o que a torna diferente das mulheres pertencentes à categoria de esposas e filhas, Pítia relaciona-se diretamente com governantes e também atua (com suas peculiaridades, já que fala sobre possibilidades futuras) como mantenedora da ordem político-social e como veículo de alerta de conflitos quando aconselha através de seus versículos em hexâmetros.

A ação da Pítia como mantenedora da ordem política e social relaciona-se com a valorização dos ideais e princípios que eram caros aos helenos e situações em que esses princípios não deveriam ser transgredidos. Vemos no livro 6, por exemplo, um espartano (Leutiquides) recorrer a uma história em que a Pítia punia um lacedemônio (Glauco) por ele ter sido corrupto em seus valores, para conseguir a soltura dos concidadãos de Egina em Atenas após um conflito entre espartanos, eginetas e atenienses.

Esse Glauco era conhecido por ser o mais justo entre os homens, assim, é procurado por um cidadão de Mileto para realizar um acordo: guardar uma soma de sua riqueza junto com alguns símbolos e só entregá-lo àquele que viesse reivindicá-los com os símbolos iguais e exigisse a quantia de volta. Passado um longo tempo, chegou a Esparta os filhos do homem com que Glauco havia feito o acordo, mostraram-lhe os símbolos e pediram sua riqueza de volta, contudo, Glauco fingiu não saber do que os rapazes falavam. Ele foi até o oráculo de Delfos para indagar se ele deveria ou não permanecer com a riqueza sob juramento, como resposta, Heródoto descreve que a Pítia ameaçou Glauco com os seguintes versos:

Glauco filho de Epicides, é mais lucrativo agora
Cumprir seu pacto e entre apoderar-se do dinheiro.
Juro, pois a morte espera até o homem que jura a verdade.
Mas o pacto tem um filho, sem nome; ele não tem mãos
Ou pés, mas ele persegue agilmente, até pegar
E destrói a família toda e a casa inteira.

³³⁵ **HERÓDOTO**. 1.48. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). Histórias: livro I, Clio, São Paulo: EDIPRO, 2015.

A linha do homem que jura a verdade é melhor no futuro ³³⁶.

A história termina com Leutiquídes contando que Glauco implorou perdão aos deuses, mas que a sacerdotisa o respondeu dizendo que “tentar o Deus e fazer a ação tinha o mesmo efeito”³³⁷. O lacedemônio enfatiza aos atenienses que não havia mais nenhum descendente de Glauco e que eles deveriam pensar a respeito sobre o que decidiriam fazer em relação a soltura dos eginetas. Portanto, o episódio nos mostra a relevância que as palavras da Pítia possuíam na sociedade grega, pois enfrentá-la significava enfrentar os deuses também. Ao relacionar a imagem feminina da sacerdotisa a uma conselheira mantenedora, Heródoto nos mostra a lógica funcional de seu discurso: todos os personagens que aparecem em sua *História* desempenham um papel na sociedade. Ao buscar os motivos pelos quais gregos e bárbaros guerreavam, o autor grego nos mostra como o seu mundo organizava-se através das relações de gênero.

Sobre a dimensão de conquista de territórios, Pítia aconselha diversas vezes sobre regiões que deveriam ser conquistadas ou ocupadas pelos gregos. Acreditamos que essa talvez seja uma maneira de Heródoto justificar os conflitos que ocorriam entre aqueles que pertenciam ao mundo helênico, pois quando os povos não cumpriam as palavras profetizadas eram punidos com infertilidade de seu território ou secas³³⁸.

Vale ressaltar ainda que no livro 7, o autor grego conta que a Pítia é consultada pelos atenienses, argivos, cretenses e espartanos com o intuito de saberem se deveriam ou não participar da guerra contra os persas. Acreditamos que essa passagem seja um indicativo que, mesmo que aliada à imagem do deus Apolo, quem aconselhou os homens sobre participar ou não das Guerras Greco-Pérsicas foi uma mulher.

Considerações finais do capítulo

Através da análise dos casos pertencentes às 4 subdivisões do catálogo da nossa documentação, podemos perceber a importância de analisar a obra herodotiana como um todo. *Histórias*, como discutido no capítulo 1, foi dividida no século I a.C., logo, quando foi

³³⁶ HERÓDOTO. 6.86. In: GODLEY, A.D. (trad.) *Herodotus: The Histories*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³³⁷ HERÓDOTO. 6.86. In: GODLEY, A.D. (trad.) *Herodotus: The Histories*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

³³⁸ Para mais informações consultar o caso do Livro 4 cap. 150-159 pertencente a subdivisão *Pítia – sacerdotisa de Delfos*. HERÓDOTO. 4.150-159. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV, Melpômene*, São Paulo: EDIPRO, 2019.

composta por Heródoto, não foi pensada de maneira contínua e, talvez por isso, possua tantas retomadas de tipos de comportamentos.

Independente se as mulheres gregas e persas que o autor grego relata existiram ou não, acreditamos que o discurso herodotiano não pode ser descolado de seu tempo. Portanto, analisando sua obra como um todo, somos convidados a olhar pelas frestas de suas digressões, que tal como janelas, nos mostram como um viajante cosmopolita do mundo antigo ouviu, viu e relatou o que considerava importante em sua sociedade.

Heródoto, um cidadão do mundo, ao representar as gregas e as persas atuando como conselheiras, influenciadoras, guerreiras e como alertas de conflitos nos mostra que a sua sociedade era fluida e organizava-se através da complementariedade dos gêneros femininos e masculinos. Era papel, principalmente, das esposas e filhas de governantes aconselharem e atuarem junto desses personagens masculinos próximos para garantir a ordem social e política seja da Pérsia ou da Grécia. A sacerdotisa Pítia aliada à dimensão religiosa, talvez seja a representação máxima do papel feminino na sociedade Grega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa dissertação, buscamos compreender os motivos pelos quais Heródoto representa as mulheres gregas e persas como conselheiras e veículos de alerta que influenciam as Guerras Greco-Persas. Mulheres de culturas tão diferentes que em sua obra realizam o mesmo tipo de atuação. Através de uma leitura atenta da documentação, tentamos apreender também o que o autor grego nos mostra sobre as relações de gênero na Grécia do século V a.C. Visto que sua obra é repleta de narrativas sobre outros tão diferentes, buscamos interpretar como essas narrativas alinham-se para expor o que era ser grego de acordo com as concepções herodotianas. Para tal, foi fundamental que analisássemos e catalogássemos os nove livros de *Histórias* e o contexto político em que o autor estava inserido, pois só assim foi possível abarcar a complexidade de seu discurso.

Consideramos sua obra como um discurso permeado por sua representação do mundo antigo. Ou seja, para alcançar o objetivo de registrar os feitos grandiosos e maravilhosos realizados por helenos e bárbaros, assim como para investigar os motivos pelos quais guerrearam uns contra os outros³³⁹. Heródoto, além de fazer o trabalho de investigação dos acontecimentos, elabora uma narrativa de modo que eles tenham um sentido, portanto, um discurso com uma lógica funcional: as falas dos indivíduos e suas ações possuem uma finalidade ao longo de seu relato. Pontuamos também que percebemos que Heródoto exemplifica uma mesma questão de diversas formas e com exemplos diferenciados. Isso nos mostra a importância da atuação do feminino, visto que sua recorrência em diferentes âmbitos no discurso herodotiano.

Já a representação nos ajudou a analisar as afirmações do documento como percepções do autor sobre seu tempo, assim, entendemos que *Histórias* é a representação do passado de acordo com a visão de mundo herodotiana e não um registro de como os sujeitos da experiência viveram. Ainda sim, isso não deslegitima *Histórias* de ser um relato que nos diz muitas coisas sobre a maneira como um homem grego poderia pensar sobre si e sobre o seu mundo.

Destacamos ao longo de nossa pesquisa a importância das viagens que Heródoto realizou e de considerá-lo um viajante, pois acreditamos que foi através delas que “o pai da

³³⁹ **HERÓDOTO**. Prólogo. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro I, Clio*, São Paulo: EDIPRO, 2015.

história” tornou-se um cidadão do mundo com um olhar polivalente. Ao narrar diferentes povos, Heródoto consegue visualizar-se, diferenciar-se e relacionar aspectos políticos-culturais que seus conterrâneos compartilhavam com os helenos ou entre os bárbaros. O mundo bipartido entre Ocidente e Oriente não é uma realidade herodotiana, embora isso não exclua a existência de uma divisão entre o eu e os outros em sua narrativa, sendo que como principal representante do outro temos os persas. Percebemos que esses outros possuíam similaridades com os helenos e com os povos que habitavam em suas proximidades. Por ser um viajante, Heródoto transcreve a fluidez das sociedades e, mesmo assim, consegue nos mostrar o que torna cada povo único e diferente.

O seu mundo é um mundo interligado por redes de conexões, no qual não somente Atenas representa a Hélade, pois a última está inserida no Mediterrâneo realizando trocas culturais, políticas e sociais. Por meio das citações de diversos territórios e através das descrições de como os indivíduos que os habitam relacionam-se, conseguimos apreender aspectos da identidade grega. Todas essas informações mostraram-se importantes para tentarmos compreender, sem retirar Heródoto de seu tempo, por que o autor heleno representa as gregas e as persas atuando de maneira semelhante. Acreditamos que a polivalência herodotiana fica explícita principalmente ao descrever as gregas e as persas, pois é através delas que Heródoto consegue ultrapassar as barreiras identitárias e as aproxima no que acredita ser a função social do feminino, a saber, mantenedora dos valores políticos e sociais das *poleis* e da Pérsia.

Ao analisarmos as passagens que catalogamos, percebemos que os femininos e masculinos que compõem sua obra não são categorias monolíticas e que, ao representar a sua sociedade, visualiza os gêneros como complementares, sobretudo, quando se refere àqueles que governam territórios. Portanto, apesar de termos duas escravas que integram nosso catálogo, a maioria das mulheres que analisamos são esposas ou filhas de tiranos, do rei dos reis ou de algum personagem masculino que possui uma posição social elevada na comunidade que estava inserido. Acreditamos que, quando as mulheres possuem um *status* privilegiado, Heródoto considera que é função delas auxiliar o homem a governar e tomar decisões corretas. Dessa maneira, apesar de nos mostrar que há ideais distintos sobre o que as sociedades gregas e peras esperam que seja cumprido pelas mulheres, Heródoto ultrapassa a concepção de *mélissa* e considera que a boa esposa não é aquela que é zelosa do *oikos*, mas

sim aquela que ajuda na manutenção da ordem social e política da sociedade em momentos de crise e guerras.

Além das esposas e filhas, temos as sacerdotisas, que também atuam como conselheiras de guerra e alertas de conflitos, tendo como representante principal a Pítia, a sacerdotisa de Delfos. A Pítia é representada influenciando diretamente as Guerras Greco-Persas, visto que vários governantes de diferentes *poleis* foram até o oráculo para perguntá-la se devem ou não participar do conflito contra os persas. Ao relatar a atuação da sacerdotisa, Heródoto nos mostra uma dimensão institucionalizada em que as mulheres poderiam atuar na sociedade grega. Acreditamos que a recorrência da figura da Pítia nas *Histórias* enfatiza a importância da dimensão religiosa no mundo heleno e nos mostra a representação máxima do papel feminino.

Ao ler e reler as palavras de Heródoto, encontramos um universo grego complexo e um indivíduo que afora a vontade de registrar e investigar os acontecimentos para que esses não sejam esquecidos, busca entender o seu mundo, se compreender. Talvez, seja por isso que recorremos tanto aos documentos antigos: para entender como eles se compreendiam a fim de também conseguirmos nos entendermos enquanto indivíduos inseridos em um espaço tempo com guerras, conflitos e sociedades tão iguais, porém tão distintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTOS TEXTUAL

ARISTÓTELES. *Ars Rhetorica*, 1409a 28. Oxford: Oxford University Press, 1959.

CÍCERO. *De Legibus*. Ed. Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Sobre Tucídides*, 5. Trans. W.K. Pritchett. *Dionysius of Halicarnassus on Thucydides*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1975.

HERÓDOTO. Livro I. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

HERÓDOTO. Livro II. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2016.

HERÓDOTO. Livro III. Tradução, introdução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPRO, 2017.

HERÓDOTO. *The Persians Wars. Book V-VII*. Trans. Anthony D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1922.

HERÓDOTO. Livro IV. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro IV, Melpômene*, São Paulo: EDIPRO, 2019.

HERÓDOTO. Livro V. In: SILVA, Maria Aparecida De Oliveira (trad.). *Histórias: livro V, Terpsícore*, São Paulo: EDIPRO, 2020.

HERÓDOTO. *The Persians Wars. Book VIII-IX*. Trans. Anthony D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1922.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. Trad. J. A.A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1999.

PLUTARCO. *Da Malícia de Heródoto*, 868^a. Estudo, tradução e notas de M. A. de O. Silva. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. *On Exile*, 604F. Translated by Ph. H. de Lacy and B. Einarson. Cambridge (Massachusetts); London: Harvard University Press, 1959.

STRABO. *Geography*. Translated by Horace Leonard Jones. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1923.

ESTUDOS GERAIS

AMARAL, A.L. Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia. **Humanitas**, v. 46, 1994, p.30.

ANDRADRE, M.M de. A “**cidade das mulheres**”: cidadania e alteridade feminina na **Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

_____. Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga. **Revista Brasileira de História**, v. 40, 2020.

ANICETO, B.A. **Pela Abstinência do Falo: um estudo das esposas atenienses na Comédia Antiga**. Curitiba: CRV, 2020.

ARAUJO, M. T. M. de. **O Império Aquemênida em Heródoto: identidade e política nas Histórias**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História, 2018.

ASHERI, D. et al. **A commentary on Herodotus Books I-IV**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BAHRANI, Z. **Women of Babylon: Gender and Representation in Mesopotamia**. Londres : Routledge, 2001.

BARDIN, L. A Categorização. In: BARDIN, L..**Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARKER, Elton et al. ON USING DIGITAL RESOURCES FOR THE STUDY OF AN ANCIENT TEXT: THE CASE OF HERODOTUS’HISTORIES. **Digital Classicist Supplement: Bulletin of the Institute of Classical Studies Supplement**, v. 122, p. 45-62, 2013.

BERSTEIN, S. A Cultura Política. In: RIOUX, J. P. SIRINELLE, J. F. **Por uma História Cultural**. Lisboa, 1998.

BLOCK, J. Women in Herodotus Histories. In: EGBERT, J. BAKKER, Irene J. F. de Jong and Hans van Wees Brill’s eds. **Companion to Herodotus**. Boston: Brill, 2002, P.225-42.

BLUNDELL, S. **Women in Ancient Greece**. London: British Museum Press, 1995.

BRIANT, P. **From Cyrus to Alexander: a history of the Persian Empire**. Penn State Press, 2002.

BROSIUS, M. **Women in Ancient Persia**. Oxford: CLAREDON PRESS, 1998.

_____. **The Persians**. London: Routledge, 2006

CARRILHO, S. M. M. **Representações do Feminino nas histórias de Heródoto**.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra; Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Coimbra, 2013.

CAWKWELL, George. **The Greek wars: the failure of Persia**. Oxford and New York: Oxford University Press, 2005.

CLAUDE, M.; SCHNAPP-GOURBEILLON, A. As Guerras Pérsicas e a Instauração da Hegemonia da Atenas. In: ____ **Síntese de História Grega**. Lisboa: Edições Asa, 1994.

CONDILO, C. da S. **Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas Histórias**.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de História, São Paulo, 2008.

_____. Genealogia e história em Heródoto. In: M. Antiqueira. (Org.). **A escrita da história na Antiguidade greco-romana**. 1ed. Curitiba: Prismas, 2016, v. , p. 1-49.

CUCHET, V.S. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero?. **Tempo**, v.21, p.281-300, 2015.

DARBO-PESCHANSKI, C. The Origin of Greek Historiography. In: MARINCOLA, J. (Ed.). **A Companion to Greek and Roman Historiography vol. I**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 27-38.

Dewald, C.. "Women and culture in Herodotus' Histories." **Women's Studies: An Interdisciplinary Journal** 8.1-2, 1981.

DEWALD, C.; MARICOLA, J. **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

DOMINICK, Y. H. Atossa and Instability in Herodotus. *The Classical Quarterly*, **New Series**, Vol. 57, No. 2, Dec. 2007, p. 432-444.

DONOSO JOHNSON, P. La noción de enemigo natural en la historiografía griega del siglo V AC. **Byzantion nea hellás**, n. 37, p. 77-98, 2018.

- EGBERT, J. BAKKER, Irene J. F. de Jong and Hans van Wees Brill's (eds.). **Companion to Herodotus**. Boston: Brill, 2002.
- FELIX, J. Apud DEWALD, C.; MARICOLA, J. Introdução. In: **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- FIGUEIRA, T.; SOARES, C. (org.). **Ethnicity and Identity in Herodotus**. Londres: Routledge, 2020.
- FLORENZANO, M.B. B. CIDADES E PERIFERIAS NO MUNDO ANTIGO. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1, p.10-14, 2019.
- FLORY, S. Who Read Herodotus' Histories?. **The American Journal of Philology**, v. 101, n. 1, p. 12-28, 1980.
- FLOWER, M. **The seer in ancient Greece**. Califórnia: University of California Press, 2008.
- _____. Herodotus and Persia. In: DEWALD, C.; MARICOLA, J. (orgs.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p,274.
- FRANCISCO, G da S., MORALES, F. M.. Desvelando o Atenocentrismo. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 14, 2016, p. 67-79.
- GOODWATER, L. **Women in antiquity: an annotated bibliography**. Metuchen, N.J. : Scarecrow Press, 1975.
- FUNARI, P.P. A. **Antiguidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos**. 2ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- _____. Falos e relações sexuais. Representações romanas para além da 'natureza'. In: Pedro Paulo A Funari; Lourdes Conde Feitosa; Glaydson José da Silva. (Orgs.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade. Relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP/FAEP, 2003, p. 299-310.
- GATES-FOSTER, J. Achaemenids, Royal Power, and Persian Ethnicity. In : MCINERNEY, J.(org.). **A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean**, p 2014, p.180-181.
- GUARINELLO, N. L. Modelos teóricos sobre as cidades. In: FLORENZANO, M. B. B., HIRATA, E. F. V. (orgs.). **Estudos sobre a Cidade Antiga**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, Fapesp, 2009, P. 109-120.
- HALL, J. M. **Hellenicity: Between Ethnicity and Culture**. University of Chicago Press, 2002.

- HANSEN, M. H., NIELSEN, T. H. **An inventory of archaic and classical poleis**. Oxford : Oxford University Press, 2004.
- HAMMOND, N.G.L. T. The expedition of Datis and Artaghernes. In:
BOARDMAN, J.; HAMMOND, N.G.L. et al. **The Cambridge Ancient History: Persia, Greece and the Western Mediterranean**, 2008. p.491-517.
- HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Editora da UFMG, 2014.
- HECKO, L. Heródoto: “Pai da História”? In: DA SILVA, G. J., SILVA, M. A. de O da. **A ideia de história na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p.43-61.
- HILL COLLINS, P., BILGE, S. **Intersectionality**. Malden, MA : Polity Press, 2016.
- JONES, P.V.(org.). **O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- JUNQUEIRA, N. J. **IMAGENS DA MULHER GREGA: HERÓDOTO E AS PINTURAS EM CONTRASTE**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.
- KUHRT, A. Women and War. **Journal of Gender Studies in Antiquity**, v.2, 2001, p.1-25.
- LEGRAND, Philippe-Ernest et al. (Ed.). **Hérodote: Introduction. Notice préliminaire sur la vie et personnalité d'Hérodote et sur la présente édition, par Ph.-E. Legrand**. Société d'édition " Les belles lettres", 1932.
- LLEWELLYN-JONES, L. **King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BCE**. Edinburgh University Press, 2013.
- LORAUX, N. **The experiences of Tiresias – The feminine and the greek man**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- LURAGHI, N. “Meta-historiē”: method and genre in the " Histories". In: DEWALD, C., MARINCOLA, J. **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.76-91.
- MADREITER, I. Gender and Sex. **A companion to the Achaemenid Persian Empire**, v. 2, p. 1121-1137, 2021.

MALKIN, I. **A small Greek world: networks in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

MATOS, M.I.S. História, mulher e poder: da invisibilidade ao gênero. In: SILVA, G.V.; NADER, M.B.; FRANCO, S.P. (Org.). **História, mulher e poder**. Vitória: EDUFES, 2006. p. 14-15.

MILLER, M. C.. Persians in the Greek Imagination. **Mediterranean Archaeology**, v.19/20, p. 109-123, 2006.

MITCHELL, L. Peace, War and Gender. In.: AGER, S. ed. **A Cultural History of Peace**. London: Bloomsbury, 2020.

_____. The Women of ruling families in archaic and classical Greece. **The Classical Quarterly**, v. 62, n. 1, p. 1-21, 2012.

MOMIGLIANO, A. **Raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, Sp: EDUSC, 2004.

MOREIRA, A. da S. **Protagonismo Feminino em Heródoto: da herança épica às estruturas de poder**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2020.

MOSSE, C. **La mujer en la Grecia clásica**. Madrid: NEREA, 1990.

MOSES, F. I. **The Ancient Economy**. Berkeley : University of California Press, 1999.

MUNSON, R. V. **Telling wonders: ethnographic and political discourse in the work of Herodotus**. University of Michigan Press, 2001.

_____. Artemisia in Herodotus. **Classical Antiquity**, Vol. 7, No. 1, Apr., 1988, p. 91-106.

_____. Herodotus and ethnicity. MCINERNEY, J.(org). **A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean**, p 2014.

_____. Who Are Herodotus' Persians?. **Classical World**, p. 457-470, 2009.

MURRAY, Oswyn. The Ionian Revolt. In: BOARDMAN, J.;HAMMOND,N.G.L. et al. **The Cambridge Ancient History: Persia, Greece and the Western Mediterranean**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.p. 466.

- PARKE, Herbert William; WORMELL, Donald Ernest Wilson. **The Delphic Oracle: Vol. 1. The History.** Blackwell: Oxford, 1956.
- PINTO, O. L. V. Um Conto tão Antigo como o Tempo. Construção do Passado e Ideologia Imperial na Pérsia Sassânida. **OP SIS**, v. 18, n. 1, p. 5-20, 2018.
- POLLINI, A. Heródoto: Historiador, etnógrafo, geógrafo. In: Vargas, A.Z. et al (orgs.). **Heródoto e Tucídides: História e Tradição.** Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p.41-71.
- RAAFLAUB, K.A. Philology, Science, politics: Herodotus and the intellectual trends of his time. In: PRIESTLEY, J.; ZALI, V. (Orgs.). **Brill's Companion to Classical Reception. volume 6: Brill's Companion to the Reception of Herodotus in Antiquity and Beyond.** Boston: Brill, 2016, p.149-186.
- RIBEIRO, T.R. O prêmio das histórias de Heródoto. . In: Vargas, A.Z. et al. (Orgs.). **Heródoto e Tucídides: história e tradição.** Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p.85-113.
- ROCHA DA SILVA, T. **Gender studies in Brazil and new possibilities for Ancient History.** No prelo.
- SANCISI-WEERDENBURG, Heleen. Exit Atossa: images of women in Greek historiography on Persia. **Oxford readings in Classical studies. Herodotus**, v. 2, p. 135-149, 1983.
- SCHMITT, R. **The Bistun Inscription of Darius the Great. Old Persian Text.** 1991.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SILVA, M. A. de O. (trad.). Introdução. **Histórias: livro 3, Tália**, São Paulo: EDIPRO, 2017, p.7-25
- SILVA, M.F. Heródoto e a Guerra. Um desafio a Sophrosyne. **Cadmo**, n19, p.171-179, 2009.
- SOARES, C.L Fronteiras geo-culturais do mundo antigo na obra de Heródoto: código de vida feminino versus código de vida masculino. **Cadmo**, v.17, p.143-158, 2007.

TANK, H. **Irony and Women in Herodotus**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Wales Trinity Saint David, Instituto de Educação e Humanidades, Lampeter, País de Gales, 2012.

THOMAS, R. Ethnicity, genealogy, and Hellenism in Herodotus. In: Antonaccio, C. M., Cohen, B., Gruen, E. S., & Hall, J. M. (org). **Ancient perceptions of Greek ethnicity**, Harvard Univ Center for Hellenic 2001, p.213-233.

VARGAS, A. Z. MAGALHÃES, L. O. de, SILVA, M.A de O. (orgs.). Apresentação. In: **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2016, p. 11-17.

VENTURA-GARCIA, A. Defining Collectives: Materialising and Recording the Sumerian Workforce in the Third Dynasty of Ur. In: HILGERT, M. (org.). **Understanding Material Text Cultures: A Multidisciplinary View**. Berlim/Boston : Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2016, p.13-15.

VERNANT, J.P. (Org.). **O Homem Grego**. Lisboa: Presença, 1994.

VIRGOLINO, F. M. **Redes, stásis e Estabilidade na Grécia Antiga: um estudo em cultura política**. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

VLASSOPOULOS, K. **Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond eurocentrism**. Cambridge, Nova Iorque, Melbourne, Madrid: Cambridge University Press, 2007.

WECOWSKI, M. The Hedghog and the fox: form and meaning in the prologue of Herodotus. **Journal of Hellenic Studies**, v.124, p. 152, 2004.

WEES, H.V. War and Society. In: SABIN, Philip et al. (Ed.). **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare**. Cambridge University Press, 2007. P.273-274.